

A photograph of a young couple embracing in a grassy field at sunset. The man is wearing a blue suit and the woman is wearing a light blue floral dress and brown boots. They are looking at each other and about to kiss. The background shows a sunset over a body of water and trees.

Tempt
OUR
FATE

KAT SINGLETON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Tempt
OUR
FATE



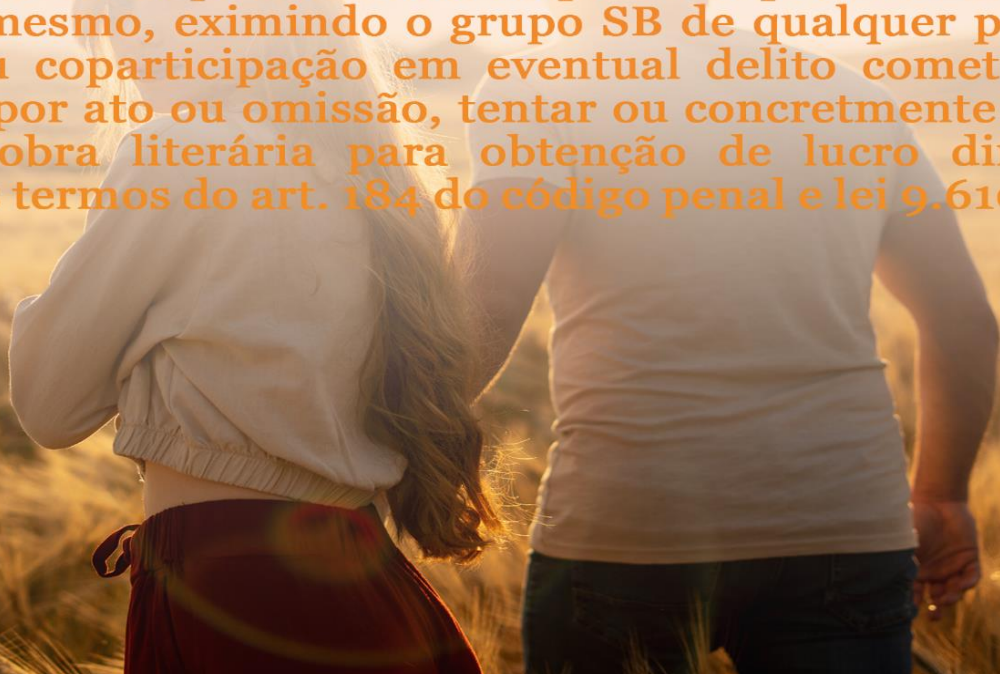
Tempt OUR FATE

A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

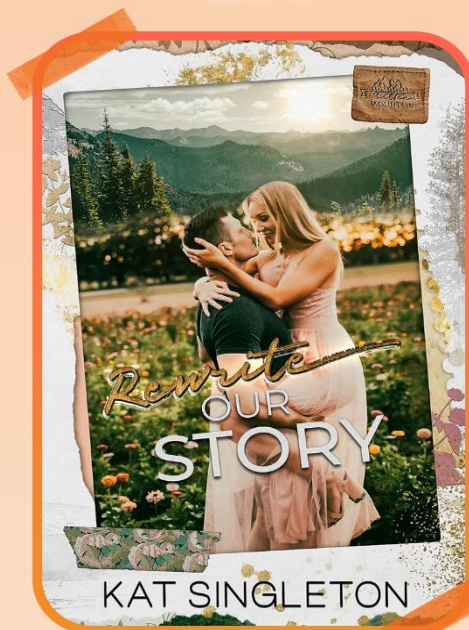


SUTTEN MOUNTAIN LANÇAMENTO



SUTTEN MOUNTAIN

UM



DOIS



Chase OUR FOREVER

A SUTTEN MOUNTAIN NOVEL
KAT SINGLETON

AG. LANÇAMENTO
12/09/2024

Tempt OUR FATE

SINOPSE

Camden Hunter não pertence aqui.

Passei minha vida inteira na pequena cidade de Suttan Mountain, onde todo mundo se conhece e você pode identificar problemas a um quilômetro de distância.

Camden é um problema.

Ele é um bilionário arrogante e egocêntrico da cidade, com muito dinheiro e poucas maneiras.

E ele acabou de abrir uma galeria de arte chique ao lado da minha padaria.

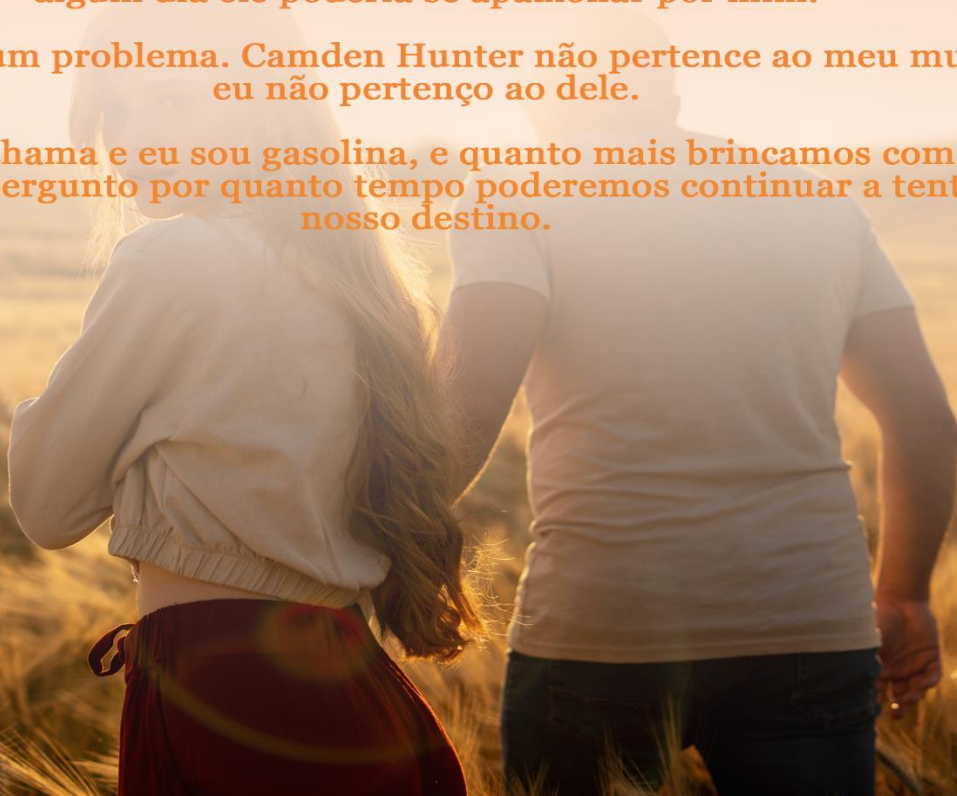
Então, quando ele vem até mim precisando desesperadamente de um favor, não posso deixar de propor um acordo: eu cuidarei de sua inauguração e em troca ele terá que passar um dia comigo como morador local – para experimentar a beleza e o talento esta cidade tem a oferecer.

Eu esperava que ele visse um lado diferente de Suttan. O que eu não esperava era ver um lado diferente dele.

Agora, em vez de querer que ele vá embora, espero que ele fique. Quanto mais o vejo se apaixonar pela cidade, mais começo a me perguntar se algum dia ele poderia se apaixonar por mim.

Há apenas um problema. Camden Hunter não pertence ao meu mundo e eu não pertenço ao dele.

Ele é uma chama e eu sou gasolina, e quanto mais brincamos com fogo, mais me pergunto por quanto tempo poderemos continuar a tentar o nosso destino.



Para minhas garotas que adoram ser chamadas de boa menina, mas desejam ser chamadas de vagabunda safada. Você está em boas mãos com Camden Hunter.



CAPÍTULO 1

Pippa



A coisa mais irritante sobre os homens é que eles sempre presumem que você realmente se importa com o que eles estão falando. Paro diante do caixa, acenando para o cliente do outro lado do balcão, na esperança de que, fingindo me importar, ele faça o pedido mais rápido.

Seu terno parece caro, mesmo que seja um pouco grande para ele. A julgar pela sua arrogância e pela maneira como ele se comporta, somado ao fato de que esta é uma cidade pequena e eu não reconheço seu rosto, meu palpite é que ele não é daqui.

— É só que acho que você realmente deveria considerar adquirir seus grãos de café de outro lugar, — ele continua, me empurrando para além do meu limite.

Eu dou a ele um sorriso doentiamente doce. — Não me lembro de ter pedido seu conselho. Lembre-me o que você gostaria de pedir de novo?

Sua boca se abre em choque. — Conheço uma cafeteria incrível em Nova York que...

Eu bato palmas. — Ótimo, então você pode pegar seu café lá! — Olho ao redor dele, apontando para a próxima pessoa na fila. — Próximo, — afirmo, tentando me livrar do cara parado na minha frente.

O cara de terno estreita as sobrancelhas espessas. — Com licença, — ele argumenta, virando-se para o cliente atrás dele. — Ainda não terminei de fazer o pedido.

Reviro os olhos. Estamos lotados e estou sem funcionário hoje devido a um problema estomacal. A última coisa que preciso é que algum turista me dê um sermão sobre de onde tiro meus grãos. Tenho orgulho do relacionamento que construí com meu fornecedor. Não estou nem um pouco interessada em comprar um novo.

Minha cafeteria e padaria são meu orgulho e alegria. Destaque para o meu. Wake and Bake é meu bebê. Dediquei meu coração e minha alma a esse negócio e não desejo deixar que algum estranho me diga como administrá-lo.

Minhas narinas se dilatam enquanto respiro fundo. Ser rude com os clientes não é algo que me agrada, mas estou cansada e há uma fila de pessoas atrás dele que preciso atender. Assim que tiver a oportunidade de me afastar da caixa registradora, também preciso colocar um novo lote de cupcakes no forno e começar a preparar todos os doces para amanhã.

Há mil coisas na minha lista de tarefas e nenhuma delas envolve a procura de novos grãos de café.

— O que posso trazer para você? — Eu pergunto, minha voz abatida.

Seus lábios franzem. Eu me preparo para ele trazer o assunto à tona novamente, mas ele não traz. — Vou tomar uma água, por favor.

Luto contra a vontade de dizer a ele que temos vários postos de água instalados ao redor da loja. Neste ponto, farei o que for preciso para tirá-lo da fila e poder ajudar a próxima pessoa. — Uma água. Entendi. Nome por favor?

— Peter.

Concordo com a cabeça, escrevendo o nome dele no copo rosa choque. — Peter, — repito. Ele parece um Peter.

Coloquei sua xícara na fila de bebidas que precisam ser preparadas. Tenho uma das minhas funcionárias, Lexi, que ainda está aqui comigo hoje, mas ela está almoçando, então fico anotando os pedidos e preparando as bebidas.

O tempo voa enquanto passamos pela correria de clientes da tarde. Felizmente, Lexi sabe o que está fazendo e, ao retornar, conseguimos atender todos os pedidos em tempo hábil. Wake and Bake meio que decolou nos últimos meses, e estou pensando em contratar um ou dois novos funcionários, especialmente antes do início da temporada de esqui e de milhares de turistas descenderem à montanha Suttan para as férias de inverno.

Estou feliz que tenha estado ocupada recentemente. Ajuda a aliviar a dor de ter perdido minha mãe inesperadamente há alguns meses. Perdê-la foi a pior dor que já passei, e lidei com a morte dela da única maneira que sabia: me jogando no trabalho.

Limpo as mãos no avental rosa brilhante, da mesma cor vibrante da parede oposta. — Isso foi uma loucura. — Suspiro, encostando-me no balcão para descansar por um minuto.

Lexi acena com a cabeça, tirando mechas de seu cabelo ruivo do rosto. — Acho que desmaiei. Isso estava *muito* mais lotado que o normal.

— Eu me pergunto por quê, — penso, tomando um gole do meu próprio café gelado. O gelo derreteu e não tem um gosto tão forte como quando o preparei, mas preciso de um café intravenoso neste momento para me manter de pé, então bebo mesmo assim.

— Alguém me disse que há um grande grupo de pessoas na cidade olhando a galeria dos Richardsons ao lado.

Meu coração afunda. — Olhando para isso?

Lexi dá de ombros. — Desde que Barb faleceu, o espaço ficou vago. Sem ninguém para administrá-lo e aparentemente sem ninguém local para alugá-lo, acho que foi a leilão. Pelo menos foi o que meu pai disse.

Eu fico olhando para ela por alguns momentos, me perguntando se Peter de antes faz parte daquele grupo. Por que as pessoas de Nova York estariam

olhando para o espaço? Perguntei sobre alugar o lugar por meses para ajudar a expandir o Wake and Bake, e sempre me disseram que não estava para alugar - nem para vender.

Eu cantarolo baixinho, irritada. Normalmente, o grupo Livingston Real Estate cuida de todas as vendas em Suttan, mas, por algum motivo, todo o nosso quarteirão pertence a alguma outra empresa de fora da cidade. Talvez o tempo todo esse espaço estivesse disponível; mas simplesmente não era uma opção para *mim*.

Chegando embaixo do balcão, retiro uma das caixas de doces para viagem. Abro, colocando o clássico guardanapo rosa que colocamos no final de cada pedido.

— Ainda temos pedidos de catering¹? — Lexi pergunta, confusa. Há pânico em seus olhos. Provavelmente porque agora estamos morrendo e ambas finalmente temos a oportunidade de respirar.

— Claro que não, — respondo, continuando minha tarefa. — Mas se há algo acontecendo na casa ao lado, sinto que preciso recebê-los da única maneira que conheço: com guloseimas.

Lexi sorri enquanto balança a cabeça para mim. — Então você está levando guloseimas para lá, mas realmente vai lá para bisbilhotar?

Eu coloco os dedos entre nós. — Isso é *exatamente* o que estou fazendo. — Nosso croissant mais popular esgotou esta manhã, mas escolho alguns outros favoritos dos clientes que ainda temos para incluir.

Assim que tenho uma dúzia de opções diferentes na caixa, esperando que seja o suficiente para qualquer tipo de multidão que esteja se reunindo ao lado, fecho-a e até adiciono um lindo adesivo Wake and Bake para selá-la.

— Podemos ter novos vizinhos para receber, Lexi. Esta é a coisa boa a fazer. — Pisco para ela, colocando a caixa sobre o balcão para que eu possa ajustar a presilha no meu cabelo.

¹ O catering é um serviço de alimentação feito por uma empresa que prepara as refeições em um local apropriado para isso e depois as serve em outro espaço, indicado pelo contratante.

Provavelmente pareço um desastre depois da longa manhã e tarde que tive, mas não me importo muito com minha aparência. Não estou tentando impressionar esses empresários turísticos - estou apenas tentando obter informações sobre por que o espaço ao lado está subitamente disponível para venda quando já me disseram várias vezes o contrário.

Enrolo as longas mechas do meu cabelo escuro em uma coque apertando as laterais da presilha e prendendo-a no cabelo. Meu cabelo está muito bagunçado para tentar usá-lo solto, mas eu retiro algumas mechas da frente para tentar estilizar um pouco mais o penteado.

— Como você ainda parece tão bem depois de uma tarde como essa? — Lexi comenta, olhando para seu avental manchado de café. Nós acidentalmente colidimos em um ponto durante o caos, derramando uma dose de café expresso fresco em nós duas. Felizmente para mim, o avental dela sofreu a maior parte dos danos.

Reviro os olhos para ela. A única coisa que fiz esta manhã foi passar rímel e um pouco de blush. Não tive tempo de fazer mais nada antes de correr para a loja para começar o dia. Eu não me descreveria como alguém bem organizada, mas servirá. Não me importo em impressionar ninguém com minha aparência, mas não me importaria se eles adorassem minhas guloseimas. Talvez se eu conseguir impressionar um dos proprietários antes que a venda seja finalizada, eles reconsiderem e vendam para mim.

Estou prestes a sair pela porta quando Lexi corre, puxando o cordão do meu avental. — Espere! — ela chama, puxando a alça do pescoço. — Talvez tirar isso primeiro?

Eu rio, olhando para a abundância de farinha e glacê cobrindo o tecido. — Sim, provavelmente deveria.

O avental faz um barulho suave quando o jogo em um dos balcões atrás de nós. — Esta camiseta também não é o traje mais profissional, — observo, meio que desejando ter usado outra coisa esta manhã.

Lexi balança a cabeça para mim. — Funciona. É melhor que o avental. Além disso, acho o produto Wake and Bake fofo. Seja dona de si, Pippa.

Meus ombros se endireitam enquanto dou uma piscadela para ela. —
Você está totalmente certa. É hora de eu ir fazer alguns amigos.



CAPÍTULO 2

Pippa



Existem vários SUVs alinhados em frente à galeria. Um homem com outro terno está parado do lado de fora da porta da frente. Ele pressiona o telefone no ouvido, sem nem me notar andando em sua direção.

— Eu simplesmente não vejo sua percepção sobre isso. Quem gostaria de vir aqui para ver arte?

Ele suspira com o que é dito na outra linha e depois faz uma careta, criando uma ruga em sua testa já enrugada. — Não, não estou questionando você, senhor. É só isso...

A pessoa do outro lado da linha deve estar chateada porque ele afasta ligeiramente o telefone do ouvido.

Minhas botas de cowboy raspam na calçada quando paro. O som chama a atenção do cara. Seus olhos percorrem meu corpo de cima a baixo. Ele grunhe, claramente descontente. — Vejo você daqui a pouco, — ele corta antes de tocar em algo na tela. Seus olhos se concentram na caixa em minhas mãos.

— Você está olhando o espaço? — Pergunto, apontando para o prédio.

Seus olhos seguem os meus. Ele coça o queixo sem jeito. — Você precisa de algo?

Eu sorrio quando ele se concentra em mim novamente.

Sim senhor. Você poderia me ajudar dizendo por que diabos os proprietários vão vender para você e não para mim.

Eu levanto a caixa de doces, sacudindo-a suavemente. — Sou dona do café ao lado e queria me apresentar. Eu não tinha certeza se você estava apenas olhando ou se era o dono. Mas eu queria dar a vocês uma recepção calorosa de qualquer maneira...

Minha tentativa de buscar mais informações não funciona. Ele me dá o menor dos sorrisos. Colocando o polegar por cima do ombro, ele dá um passo em direção à antiga galeria dos Richardsons. A placa personalizada e os toldos ainda estão pendurados no prédio, mas me pergunto quanto tempo isso vai durar. A julgar pelo comportamento do cara, minhas esperanças de alugar este espaço estão diminuindo.

Parece que já foi vendido, mas eu o sigo para dentro apenas para avaliar as coisas. Meus pés param quando vejo o interior do prédio. Eu costumava frequentar a loja dos Richardsons. Al era um dos humanos mais legais que já conheci e estava muito orgulhoso da galeria que ele e sua esposa criaram. Era o orgulho e a alegria deles. Eles trabalharam arduamente para destacar o talento dos artistas locais. Meu coração fica pesado quando olho ao redor do espaço. Costumava haver tantas variações de diferentes peças de arte aqui. Havia pinturas, esculturas, fotografias e cerâmicas. Estava cheio de vida.

Agora, parece vazio de vida. As paredes totalmente brancas contrastam com três homens de terno escuro. Os homens conversam em semicírculo, um deles olhando para mim no meio da conversa.

— Como posso ajudá-la, querida?

Tento não zombar. Tenho vinte e três anos. Eu não sou querida de ninguém. Mesmo assim sorrio porque agora estou ainda mais curiosa para saber quem comprou o espaço. Quero saber suas intenções - e talvez parte de

mim ainda queira saber se eles gostariam de vendê-lo novamente para outra pessoa... para mim.

— Ela administra o restaurante ao lado, — diz o cara de fora, — e trouxe um pouco de comida para nos receber.

— Tecnicamente, é uma padaria e cafeteria, — acrescento. — E eu trouxe doces.

Seus olhos se iluminam, os três homens vêm em minha direção. Abro a caixa rosa para eles, adorando como eles ficam distraídos com as guloseimas dentro. O cara de fora se junta a eles e todos escolhem algo para comer. Um sorriso satisfeito cruza meus lábios enquanto eles dão uma mordida, e eu aprecio seus suspiros de aprovação.

— Fiquei animada em saber que poderíamos ter novos vizinhos. — Eu não estava nem um pouco, mas eles não precisam saber disso. — Eu não sabia que este espaço estava à venda.

Um deles acena com a cabeça, abrindo a boca para falar, apesar da boca cheia de comida. — Claro que estava. O negócio foi fechado na semana passada.

Merda. Aquelles idiotas de fora do estado realmente venderam o espaço para outra pessoa, apesar das minhas perguntas.

— Interessante, — eu digo, colocando um sorriso falso no rosto quando um deles estreita os olhos para mim. — Estou muito feliz por ter vocês aqui, — acrescento em tom de cortesia.

— Estamos aqui apenas para supervisionar a inauguração, — explica ele.

Antes que eu possa falar, o cara de fora entra na conversa. — Sim, estou aqui para dizer ao Sr. Hunter que não há como isso funcionar. As pessoas aqui não têm bom gosto. — Seus olhos se arregalam, como se ele sentisse pena do insulto que acabou de lançar. — Sem ofensa, — acrescenta.

— Nenhuma foi registrada, — respondo, fechando rapidamente a caixa. — Porque sua opinião está errada.

O ar fica denso com a tensão – e não do tipo bom. O idiota de fora pigarreia desconfortavelmente. — Não é isso. Eu só quis dizer...

— Ah, eu sei o que você quis dizer. — Eu começo a sair. Não adianta eu ficar aqui e ouvir esses caras da cidade que não sabem nada sobre esta cidade e as pessoas que vivem nela. — É que você está muito, muito errado, mas tudo bem. Nem sempre podemos estar certos, não é?

Sua boca se abre. Ele se parece com os peixes dos grandes tanques de um aquário que visitei uma vez quando criança. Sua boca abre e fecha como se estivesse soprando bolhas na água.

— Talvez esta cidade não seja para você, — digo, recuando em direção à porta, levando meus doces comigo porque eles não merecem nem mesmo as menores mordidas de minhas criações. — Na verdade, talvez esta cidade não seja para você e para quem quer que seja esse Sr. Hunter. Talvez você pudesse passar essa informação para...

De repente, colido com alguma coisa - ou melhor, com alguém *do* que com alguma *coisa*.

Soltei um grito, tentando segurar a caixa em minhas mãos para não derramar os doces restantes no chão.

Virando-me, quase derrubo a caixa novamente quando vejo quem está parado na minha frente. Ele é alto, quase tendo que se abaixar para passar pelo batente baixo da porta. Ele sorri, mas não alcança seus olhos. — Estou realmente cansado de nos encontrarmos assim, — declara ele, com a voz baixa, mas suave. Eu odeio o arrepio que percorre meu corpo ao ouvir sua voz fria, mas rouca.

Agora sou eu quem parece um peixe porque estou sem palavras, de alguma forma, o destino me odeia o suficiente para trazer esse cara para minha vida novamente.

E só piora quando ele abre a boca e diz: — Passar quais informações para mim, bolinho?

CAPÍTULO 3

Camden



Já faz muito tempo que uma mulher não me encara do jeito que essa moradora local está me encarando agora. Se olhares pudessem realmente matar, ela me deixaria morto no chão.

— Eu sei que não foi meu charme que deixou você sem palavras, — eu repreendo, me perguntando que tipo de planetas se alinharam para trazê-la tragicamente de volta à minha vida mais uma vez. Pelo menos desta vez, ela não derramou nada em mim, ao contrário dos nossos dois encontros anteriores. A primeira vez que nos conhecemos foi na despedida de solteiro da minha melhor amiga Beck, quando ela derramou cerveja em mim em algum bar local esquecido por Deus. A segunda foi no casamento de Beck, quando acabei coberto de glacê de cupcake. Eu poderia ter passado minha vida inteira sem um terceiro encontro.

— Você é o Sr. Hunter? — Ela grita. Agora que recuperou a compostura, ela corre para longe de mim, colocando uma boa distância entre nós. — Por favor, não me diga que foi você quem comprou este lugar, — ela implora.

— Por favor, não me diga que comprar esta galeria significa que terei que aturar você, — retruco.

Seus olhos rolam. Em qualquer outro momento, eu ficaria incomodado se alguém tivesse a coragem de revirar os olhos para mim, mas não com ela.

— Por que eu tenho um carma tão ruim? — Ela murmura, olhando brevemente por cima do ombro para meus colegas de trabalho.

— Eu estava me perguntando a mesma coisa. — Soltei um suspiro entediado, contornando-a e entrando mais fundo no espaço da galeria. Não parece muito agora, mas amanhã, dois dos meus designers de Manhattan chegarão para preparar este espaço para a nossa inauguração no próximo fim de semana. Todas as pessoas com quem conversei me disseram, principalmente meus pais, que eu não deveria perder meu tempo abrindo algo nesta cidade. Isso só me fez querer fazer isso funcionar ainda mais.

A última coisa que eu esperava era ter que lidar com a mulher olhando para mim.

— Você pode passar quais informações você precisa passar para que eu possa voltar a planejar minha abertura?

Ela pensa em suas palavras por um momento, o que me pega de surpresa porque ela me parece alguém que diz exatamente o que está pensando no instante em que isso vem à sua mente.

— Um de seus amáveis amigos estava dizendo que achavam que as pessoas em Suttan não tinham bom gosto. Como alguém que cresceu aqui e conhecia *muito* bem os Richardsons e a arte que eles apresentavam, discordo veementemente.

— Se eu pensasse que as pessoas não têm bom gosto em Suttan, não estaria gastando dinheiro abrindo uma galeria neste local. — É uma meia verdade. Quando visitei a cidade pela primeira vez para o casamento de Beck, odiei a cidade, mas não pude negar o turismo movimentado que notei. Não demorei muito para aprender que as pessoas com dinheiro preferiam passar férias em uma cidade como esta. É mais silencioso do que outros destinos de esqui no Colorado, e o mercado imobiliário é uma mina de ouro para o que

you can get with your money. Then I saw a new niche that could explore by buying a gallery here. On the contrary of my gallery in New York, that depends a lot on exhibitions of the work of an artist, I want that it shows the best works of the most talented artists that I know.

As pessoas gastam dinheiro nas férias. Eles entrarão aqui e ficarão sentimentais ao comprar arte porque *todos* se divertem nas férias.

Olho para Daly, alguém que conheço há quase toda a minha vida. Ele é colega dos meus pais e, no momento em que quis abrir minha própria galeria, soube que precisava da ajuda dele. Ele tem um bom olho, apesar de sua personalidade sem brilho, mas não gosto que ele fale mal desta cidade para uma moradora local, mesmo que isso seja para a ruína da minha existência.

— Peça desculpas, — eu corto, meu tom não deixando espaço para discussão. Pelo menos pensei que não havia espaço para discussão, mas aparentemente Daly decidiu se comportar mal porque se atreve a abrir a boca e discordar.

— Eu só quis dizer isso como...

— Você foi muito claro com o que quis dizer. Não há muito o que interpretar mal quando se diz que uma cidade inteira não tem bom gosto. Já ouviu falar de generalização? — Ela atira nele. Droga, ela é tagarela.

Eu tusso, tentando esconder uma risada de seu atrevimento. É meio engraçado quando não é direcionado para mim. Isso não faz com que eu goste menos dela, mas é um pouco divertido, pelo menos.

— De qualquer forma, eu não ouço metade das coisas que saem da boca dele. Ele conhece arte. Todo o resto é discutível, — digo a ela.

Ela estreita os olhos, mantendo-os voltados para mim. O que quer que esteja passando por sua mente não suaviza suas feições. Uma pequena ruga aparece em sua testa, bem entre as sobrancelhas escuras.

Deixei meu olhar percorrer seu corpo, focando na caixa em suas mãos. Felizmente para mim, desta vez, o conteúdo da caixa não está espalhado por todo o meu terno caríssimo. — O que há na caixa, bolinho?

Ela zomba, revirando os olhos para mim mais uma vez. Porra. Por que eu quero encontrar outra maneira de fazer com que ela os jogue para mim? — Eca, *bolinho*? Meu nome é Pippa, *não é bolinho*, mas você nem precisa me chamar assim. É melhor não falarmos nada. Que tal isso, Sr. Hunter?

O sorriso em meus lábios não é forçado. — Eu não me importo com o seu nome, *bolinho*. Vou chamá-la do jeito que eu quiser. O apelido combina. — Eu a olho de cima a baixo. Preciso ter pelo menos um palmo a mais do que ela, e acho que o pequeno par de botas de cowboy rosa que ela usa generosamente lhe dá alguns centímetros. A parte do bolo é só para diversão. Combina com ela. Duas das três vezes que tive o desprazer de vê-la, ela estava com bolo. O pequeno bolo bordado em sua camiseta apenas selou o acordo para o apelido. — Mas, para que conste, o Sr. Hunter é meu pai, e prefiro não falar sobre ele. Eu sou Camden. Camden Hunter.

Daly limpa a garganta. Ele nunca se sentiu confortável com a maneira como falo sobre meu pai, mas normalmente não me importo com o que as pessoas sentem. Talvez eu tivesse feito isso se meus pais se importassem mais comigo, mas eles não se importam. Então ele pode ficar desconfortável. Tenho certeza de que não demorará muito até que ele relate ao meu pai tudo o que aconteceu hoje, de qualquer maneira.

— Eu preferiria chamar você de idiota furioso. Ou idiota, se estou me sentindo brincalhona.

— Bonitinho.

— Não, o que é bonito é o dano que vou causar a você se você me chamar de bolinho de novo.

Rolo meu lábio inferior entre os dentes. — Não me tente.

Ela solta um grunhido de desgosto. Deixando uma distância enorme entre nós, ela anda ao meu redor e volta para a porta mais uma vez, desta vez conseguindo não colidir comigo.

— Não vai compartilhar? — Aceno em direção à caixa em suas mãos.

Uma risada sarcástica escapa de seus lábios. — Absolutamente não. Já me arrependo de tê-los dado aos seus amigos esnobes e...

— Colegas, — interrompo.

Parece que ela poderia me bater por interrompê-la. — Eu não acho que vocês iriam gostar deles, não que algum de vocês mereça meu trabalho duro de qualquer maneira. Nós, moradores da cidade, não temos bom gosto, lembra? — Desta vez, o olhar mordaz não está voltado para mim; é direcionado a Daly. Olho para ele por cima do ombro, rindo da expressão petrificada em seu rosto.

Droga. Ela pode assustá-lo mais do que eu.

Minhas mãos encontram meus bolsos enquanto eu realmente olho para a mulher saindo pela porta. — Espero ver você nunca, bolinho.

— O sentimento é muito mútuo, — ela rebate, abrindo a porta. — No entanto, se acontecer de você vir até a porta ao lado, saiba que o desconto que eu costumava dar aos Richardsons não se aplica a você. Você pagará o preço total. Talvez o dobro.

— Não tenho intenção de ir para a porta ao lado.

Ela solta um suspiro longo e frustrado. Se ela está tentando esconder como está se sentindo, está fazendo um péssimo trabalho. — Perfeito. Eu não tinha intenção de servir você de qualquer maneira.

Dou de ombros descuidadamente. — Então está resolvido.

Ela olha para mim. Eu não odeio o jeito que ela demora me olhando de cima a baixo antes que seus olhos castanhos parem no meu rosto. — Está acordado.

— Adeus, então, bolinho.

Suas narinas se dilatam, mas ela não diz nada ao sair. Pelo menos ela não usa palavras. Mas o dedo médio no ar enquanto seus passos atingem a calçada me diz o suficiente.

Sua colisão com minha vida mais uma vez apenas tornou esse novo empreendimento muito mais interessante.

CAPÍTULO 4

Pippa



Estou ocupada dobrando massa folhada para meus pastéis de salsicha e cheddar quando a campainha da porta da padaria toca. Lexi está me ajudando a abrir o café hoje, mas acabei de receber uma mensagem dela há alguns minutos dizendo que ela estava atrasada esta manhã. Não tem como ser ela entrando, mas também estamos fechados, então não sei quem poderia estar entrando pela porta, a menos que eu a tenha deixado destrancada acidentalmente.

Limpo as mãos no avental, tentando terminar de dobrar a massa às pressas antes de arrombar as portas da cozinha.

— Sinto muito, nós... — Meus pés param a poucos metros do balcão quando vejo a pessoa parada na frente da caixa registradora.

— *Você.* — O tom doce que normalmente uso com os clientes desapareceu. Em seu lugar está algo muito mais próximo de um rosnado.

Camden enfia as mãos nos bolsos da calça. São apenas cinco da manhã e ele está vestido como se estivesse prestes a ir para algum tipo de reunião de negócios chique. — Bom dia, — ele diz, sua voz afiada e fria.

— Não é um bom dia se eu tiver que ver você antes do sol nascer.

Seus lábios se contorcem com humor. É o único movimento do seu corpo; o resto dele permanece imóvel como uma estátua. Exceto pelos olhos dele, eles viajam pelo meu corpo, parando no meu rosto. — Confie em mim, você não foi minha primeira escolha. Na verdade, você foi minha última. Mas não há nada aberto aqui que tenha café.

— Há um Starbucks a cerca de 25 quilômetros de distância. Você deveria tentar.

— Tomo isso todos os dias desde que cheguei. Minha assistente vai até lá e busca para mim, mas acordou com febre esta manhã e não tenho tempo de ir até lá.

— Que chatice para você. — Eu dou de ombros. Enche-lo de cafeína não é problema meu. Ele pode descobrir. — Não estamos abertos. — Aponto para o gigantesco letreiro de neon rosa que fica na janela. — Caso você não entenda como funciona, normalmente se um lugar está aberto, a placa fica acesa. A placa de fechado na porta *também* é um ótimo indicador de que, você sabe... — Aponto para o espaço vazio ao nosso redor. — Não estamos abertos.

— Achei que você poderia fazer um favor a um amigo.

Eu engasgo com minha própria saliva. Sons estranhos saem da minha garganta enquanto tento recuperar a compostura. Eu finalmente me recomponho, sendo capaz de finalmente engolir sem causar outro ataque de tosse. — Eu sei que você simplesmente não me chamou de *amiga*.

Ele dá um passo mais perto, seus olhos fixos no cardápio atrás de mim. — Eu chamei. O gosto horrível saiu da minha boca, mas valeu a pena tentar.

Eu olho para ele em estado de choque. Minha boca fica aberta enquanto tento descobrir o que diabos está acontecendo. Ainda estou sonhando? Já se passaram alguns dias desde a última vez que nos falamos na porta ao lado. Achei que tínhamos um acordo: ele ficou do lado dele da linha divisória e eu fiquei do meu. Ele veio para território inimigo e seu ar de superioridade o torna tão arrogante que ele presumiu que eu o receberia de braços abertos.

De jeito nenhum.

— Camden, vá embora, — exijo. — Eu não estou servindo café para você.

Tudo o que ele faz é olhar para mim. Isso me deixa desconfortável. Seus olhos azuis gelados olham *profundamente*. Os homens não deveriam ter cabelos tão escuros, mas olhos tão claros. É como se ele pudesse ver através de mim, e eu odeio isso com cada fibra do meu ser.

— Olá? — Eu pressiono, tentando preencher o silêncio. Quero-o fora da minha padaria e, francamente, fora desta cidade, mas isso pode ser um pouco dramático. Apenas mandá-lo de volta para sua propriedade bastará por enquanto. — Estou bastante preocupada com a sua compreensão da palavra *nunca*. Lembro-me vividamente de você dizendo que nunca mais queria me ver. O sentimento era muito mútuo.

Ele solta um pequeno gemido. Está tão quieto que quase sinto falta. É a primeira emoção real que vejo nele. Na primeira vez, seu comportamento rígido caiu, pelo menos por um momento. — Olha, eu disse isso pensando que haveria outro lugar para tomar uma xícara de café. Mas nada está aberto e estou com uma dor de cabeça terrível que me fez recorrer a perguntar a você. Tudo o que você precisa fazer é sobreviver e nunca mais me verá. Trisha deve estar de volta e recuperada amanhã, e vamos fingir que isso nunca aconteceu. Ok? — Ele aperta o nariz perfeitamente reto entre o polegar e o indicador, massageando para aliviar a dor.

Eu mordo meu lábio. Camden não parece o tipo de pessoa que desiste se quiser alguma coisa. E eu realmente preciso voltar a cozinhar para deixar tudo pronto antes da loja abrir. Eu poderia simplesmente deixá-lo aqui...

Suspiro, sabendo que ele teria a audácia de me seguir até lá. A escolha mais fácil é aquela que eu odeio — acho que poderia me livrar dele se apenas fizesse aquela maldita xícara de café.

— Só estou fazendo isso porque quero me livrar de você, — digo a ele, fixando-o com um olhar furioso.

— Só estou aqui porque estou desesperado. — Ele sorri. Na verdade sorri. Por que parece tão bom? Não parece natural para ele sorrir. Ele não deveria ficar bem fazendo isso.

Eu giro nos calcanhares imediatamente, não querendo olhar para ele por mais um segundo. Seus dentes são muito retos e perfeitos, e as longas covinhas que se formam em ambos os lados dos lábios virados para cima são muito profundas – muito atraentes.

Um homem com covinhas é minha maldita fraqueza. Elas não deveriam ficar bem em um homem tão frio como Camden.

— Como você prefere o seu café? — Pergunto, falando para a parede em vez de olhar para ele.

Ele limpa a garganta. — Branco liso. Quente. Tão grande quanto você puder fazer com baunilha e leite de aveia.

Eu rio, ligando a máquina de café expresso. Congratulo-me com o assobio da máquina enquanto ela ganha vida, porque preenche o silêncio cheio de tensão entre nós.

— Algo engraçado? — Ele pergunta assim que as bebidas começam a sair.

Eu olho para cima, fazendo contato visual com ele através do espelho na parede. — Seu pedido simplesmente não era o que eu esperava.

— Algo errado com meu pedido?

— Você me parece um cara do tipo café preto. Talvez um americano.

— Passei algum tempo na França quando tinha vinte e poucos anos. Eu gosto apenas de uma dose de café expresso de vez em quando.

Eu não respondo a ele. Quero perguntar-lhe mais sobre a França, como era. Sempre quis ir para França. Está no topo da minha lista de desejos. Eu gostaria de ir a uma pâtisserie francesa. Todos os meus sonhos se tornariam realidade só de estar na presença de confeitheiros com tanto talento e delicadeza.

Nenhum de nós fala enquanto termino de fazer seu café. A certa altura, ele atende uma ligação, mas não dura muito. Após uma breve troca, ele fica em silêncio novamente.

Virando-me, coloquei duas xícaras grandes para viagem na frente dele. Ele olha de mim para as xícaras de café e para mim novamente. Suas

sobrancelhas escuras se juntam na testa. — Só pedi *um* café. — Alcançando o paletó, ele tira uma elegante carteira preta. Ele me entrega seu cartão de crédito, e até o cartão dele parece caro. É pesado e metálico e muito mais sofisticado do que meu cartão de plástico amassado, que tenho certeza que expira em alguns meses.

— Só tem um café, — respondo, de repente me sentindo constrangida com a outra bebida que preparei para ele. Foi mais por hábito do que qualquer outra coisa, mas é tarde demais para voltar atrás, então agora só preciso assumir.

— Ok, — ele fala lentamente, arrastando a palavra como se estivesse confuso.

— Uma é a bebida que você pediu; o outro é um chá. Com camomila, mel e alguns ingredientes secretos. Sempre tive enxaquecas e minha mãe fazia isso para mim. Achei que poderia ajudar... — Minhas palavras falham porque agora parece ridículo. Este homem gritou comigo várias vezes por coisas que foram um acidente total. Eu não deveria ser legal com ele. Não sei o que me deu para preparar a bebida para ele, mas agora me arrependo.

— Isso é, ah...

Claramente, nenhum de nós sabe o que dizer sobre o gesto. Eu rapidamente passo seu cartão e praticamente o jogo de volta para ele, querendo terminar com ele e essa interação. Minha mãe não me criou para ser rude com as pessoas. Como alguém que sofreu muitas enxaquecas, só queria ajudar.

Mesmo que fosse por ele, o idiota de terno que testa até a última gota da minha paciência.

— Eu não queria ouvir você reclamar, — digo correndo. — Não poderia deixar o *Sr. Fancy Art Gallery* ficar com dor de cabeça.

— Sim. — Ele me estuda por um segundo. Olho de volta para ele, embora minhas bochechas queimem de vergonha por ter estendido um ramo de oliveira ao inimigo número um.

— Não pense muito sobre isso. Você já é idiota o suficiente. Eu não queria que ninguém tivesse que lidar com você se você também estivesse com dor de cabeça.

Ele pega as duas xícaras, manuseando-as com cuidado. As xícaras rosa-choque parecem deslocadas em suas mãos grandes. Não fico por aqui para dizer mais nada. As coisas voltaram a ser inimigas entre nós como deveriam ser. Eu culpo o fato de que é muito cedo para lidar com ele.

Corro de volta para a cozinha, me confortando por estar sozinha e fazendo a tarefa estúpida de dobrar a massa. A campainha acima da porta toca alguns momentos depois, e só então posso respirar fundo.

Hoje já está estranho e o sol ainda nem nasceu.

Fica ainda mais estranho quando saúdo Lexi mais tarde pela manhã e encontro uma nota novinha de cem dólares cuidadosamente colocada em nosso pote de gorjetas.

CAPÍTULO 5

Camden



— Você só pode estar brincando comigo. — Minha voz ecoa pelo espaço, a raiva envolvendo todos na sala.

Daly dá alguns passos para trás até quase se esconder atrás de uma grande galeria de fotos. — Bem, Sr. Hunter ...

Eu resmungo, odiando o som do nome. Minha mão balança no ar com desdém enquanto olho dele para Trisha.

— Eles realmente cancelaram?

Ela assente. Trisha é a única pessoa que nunca se encolhe diante das minhas mudanças de humor. Pode ser porque ela tem idade suficiente para ser minha mãe e foi a primeira funcionária que contratei. Meu tom elevado não parece detê-la nem um pouco. — Tentei ligar para alguns lugares locais. Não há muitas opções, mas continuarei tentando encontrar algo, senhor.

Respiro fundo, olhando para o espaço ao meu redor. A galeria está praticamente pronta para a inauguração hoje à noite, exceto pelo fato de que não tenho um maldito bufê para esta noite.

— Nós os usamos inúmeras vezes. Eu não entendo por que eles estão cancelando de repente agora, — eu digo, agarrando-me a qualquer coisa, porque tudo esta noite tem que ser *perfeito*.

Muitas pessoas que conheço já vieram de Nova York para passar a noite. A notícia se espalha rapidamente e a notícia da inauguração esta noite está se espalhando de uma família rica para outra. Espero que até mesmo as pessoas que estão de férias aqui ou por perto venham ver.

Tudo deveria ser perfeito. E deveria ser um grande foda-se para meu pai, que me disse que esta seria a pior mudança de carreira da minha vida se eu abrisse algo aqui.

Mas não posso ter uma sala cheia de gente rica e entediada e não ter nada para atendê-los.

— E se corrêssemos até a loja e comprássemos coisas para servir? Eles não saberiam de nada diferente, — Daly oferece, seu tom cauteloso.

Lanço um olhar mordaz em sua direção. Esta noite deveria ser imaculada. Não estou servindo bandejas de vegetais comprados em lojas e carnes baratas, não importa o quão desesperadora seja a situação em que me encontrei. — Por cima do meu cadáver, — rosno, a ideia é absurda.

Dentro de uma hora, a primeira leva de pessoas deverá chegar. É verdade que são alguns dos artistas que trouxe para conhecer o espaço, mas não quero tentar resolver tudo isso com eles aqui.

Olho de volta para Trisha. — Seus voos deveriam chegar ontem à noite, então eles tiveram o dia todo para se preparar. Eles estão nos contando agora?

— Sim, — responde Trisha.

— Isso é incrivelmente pouco profissional, — eu respondo.

— Algo sobre como eles receberam a oferta de um evento diferente. Muito maior, não poderiam dizer não...

Meu suspiro alto diz a ela que já ouvi o suficiente. Eles nunca mais conseguirão meu negócio e vou me certificar de que ninguém mais que conheço em meu círculo social os use. Esse tipo de profissionalismo é

inaceitável em minha opinião e não será tolerado. Eu os reservei no momento em que a venda foi concluída, chegando ao ponto de reservar suas passagens de avião e pedir a Trisha que lhes fornecesse tudo o que precisavam para esta inauguração.

Meus passos são pesados enquanto atravesso a galeria até meu pequeno escritório nos fundos do prédio. A porta bate contra a parede quando eu a empurro com raiva.

Trisha me segue, deixando todos para trás. De qualquer forma, suas ideias são inúteis.

— Temos que descobrir isso, — digo a ela, minha voz mais suave agora que somos só nós dois. Não é culpa dela que eles cancelaram repentinamente no último minuto. Ela fez tudo o que deveria fazer. Não seria justo descontar minha raiva nela.

— Acho que a resposta é encontrar alguém localmente.

Meus dedos se unem sob meu queixo. Não consegui exatamente explorar a cidade desde que cheguei na semana passada. Estive na galeria desde o início da manhã até tarde da noite, sobrevivendo com qualquer comida que Trisha me obrigasse a comer. Não sei por onde começar sobre o que comer e com que rapidez posso conseguir isso deles, mas na verdade não tenho muitas outras opções.

A inauguração é daqui a quatro horas e, de alguma forma, tenho que começar a alimentar as pessoas logo depois disso. Não tenho o luxo do tempo ao meu lado.

— E a pequena padaria ao lado? — Trisha oferece. — Você me fez pegar suas bebidas lá todas as manhãs. Tenho certeza de que poderíamos conseguir alguns petiscos para servir.

Meus olhos se voltaram para ela imediatamente. Era para ser nosso pequeno segredo que eu fiz com que ela fosse até a porta ao lado em vez de viajar para o Starbucks. Estivemos ocupados e eu precisava dela aqui. Era apenas mais conveniente assim.

— Tenho certeza de que temos outras opções, — eu corto. Meu telefone vibra no bolso, mas eu ignoro. Nada é mais importante do que lidar com essa situação do serviço de bufê e resolvê-la rapidamente.

— Bem, claro, mas não sei se há algo melhor do que a loja fofa ao lado. Ela parece trabalhar muito e sempre tem muito em mãos. Se você simplesmente fosse até lá e perguntasse com educação, talvez...

— Trisha, tem que haver outro lugar. Não há outra padaria aqui? Ou um bom restaurante? Onde as pessoas comem?

Ela me encara por um longo tempo, com uma leve carranca nos lábios. — Existem outros lugares para comer; Só não tenho certeza se há lugares que possam fazer a comida elegante que procuramos nesta inauguração. A última coisa que as pessoas querem fazer é bagunçar as coisas enquanto se movimentam e comem lanches. Pequenos pastéis seriam perfeitos.

Eu gemo, passando as mãos para cima e para baixo no meu rosto. — A garota lá me odeia, — admito. — Ela odeia tudo o que tem a ver com esta galeria. Acho que ela era amiga dos proprietários anteriores. Ela não parece ser do tipo que gosta do fato de termos feito a pequena galeria mais...

— Moderna? — Trisha termina.

Eu concordo. — Sim. Isso.

— Então vá até ela e diga que, embora esta não seja a galeria com a qual eles estão acostumados, você aprecia os pequenos negócios e adoraria mostrar sua comida deliciosa na inauguração.

Trisha cruza os braços sobre o peito, fixando-me com um olhar que não deixa muito espaço para discussão. Ela está certa. A pequena padaria de Pippa seria perfeita para a bagunça em que me encontrei, mas prefiro montar o horrível touro mecânico em um dos bares desta cidade do que pedir ajuda a ela.

— Ela é muito esperta, — comento espontaneamente. — Não há fumaça suficiente para que eu possa explodir a bunda dela e fazê-la acreditar em todo o discurso das pequenas empresas. É muito de última hora. Ela estaria atrás de mim imediatamente.

— Que tal eu perguntar a ela? — Trisha oferece. — Ninguém pode dizer não a uma senhora idosa. — Ela agita os cílios, me fazendo rir.

— Você não é velha, — digo a ela, sentando-me na cadeira.

Ela sorri. — Boa resposta. De qualquer maneira, vou usar meu charme de velhinha.

Trisha não diz mais nada. Ela sai voando pela porta e, enquanto a observo sair, já sei qual será a resposta de Pippa. Só espero estar errado.

CAPÍTULO 6

Pippa



— Não, — digo à mulher que está na minha frente. Ela esteve aqui todas as manhãs recentemente, e agora com seu pedido para ajudar Camden, estou me perguntando se aquele idiota sorrateiro está bebendo meu café.

— Acho que pode ser uma ótima exposição para você, — ela continua, aparentemente não se incomodando com minha resposta.

Limpo a mesa à minha frente, tentando limpar todas as superfícies antes de fechar o café durante a noite. Foi mais um dia agitado e tudo que quero fazer é chegar em casa, tirar os sapatos, fazer o jantar e sentar no sofá o resto da noite. Há vários novos episódios de alguns dos meus programas de TV favoritos esta noite, e eu tenho uma garrafa de vinho que sonhei em abrir o dia todo.

— Sinto muito, não estou tentando ser rude, mas a resposta é não, — digo a ela novamente. Muitas vezes sou péssima com nomes, mas acho que ela disse que seu nome era Trisha e que era assistente do dono da galeria ao lado. Considerando que há apenas uma galeria ao lado e que há apenas um proprietário, pelo que eu sei, tenho certeza de que a doce mulher atrás de mim tem que trabalhar para Camden Hunter.

— Camden me disse que você diria isso, — ela diz. Isso chama minha atenção. Eu olho para ela por cima do ombro, meu interesse despertado.

— Ele disse?

— Claro que sim. Na verdade, ele me disse para não vir aqui. Mas provavelmente só há mais uma pessoa nesta Terra mais teimosa do que ele, e essa pessoa sou eu. — Ela encolhe os ombros, um sorriso brincando em seus lábios. — Então aqui estou.

— Ele parece o tipo de homem que demitiria um assistente por não atender aos seus pedidos.

Isso a faz rir. Uma risada longa e estridente que me pega de surpresa. Faço contato visual com Bri, outra funcionária minha, tentando entender o que está acontecendo aqui. — Ele realmente parece um idiota pomposo, eu sei. Mas ele não é tão ruim. Muito latido, mas pouca mordida.

— Agora, acho que esse comentário realmente faria com que você fosse demitida, — murmuro baixinho.

Por que essa mulher parece gostar tanto dele? Certamente existem pessoas melhores para trabalhar.

A mulher suspira, seus olhos vagando pela sala. Só fechamos dentro de uma hora, mas normalmente não recebemos muitos clientes tão tarde do dia. Teremos alguns retardatários querendo comprar pão para acompanhar o jantar ou uma sobremesa para a noite, mas na maioria das vezes, ficamos bem vazios quando o final da tarde se transforma em noite.

— Estamos realmente em apuros. — Sua voz fica mais suave, mas ainda há um toque de preocupação nela.

Coloquei o pano na mesa atrás de mim, virando-me com um grande suspiro. — Olha, mesmo que eu quisesse ajudar, não há tempo suficiente. Desculpe.

Ela balança a cabeça, já olhando para a porta com uma expressão triste no rosto. — Vou dizer ao Sr. Hunter que você sente muito.

— Oh, eu não sinto muito por ele. Só lamento que você tenha que lidar com ele.

— Ele realmente não é tão ruim.

Eu rio. — Sim. Ele é pior.

— E se ele viesse e perguntasse a você pessoalmente?

— Ele não seria pego no inferno vindo me pedir ajuda, — aponto. Mal conheço o homem, mas deduzi isso dele. Ele parece o tipo de pessoa que não pede ajuda, muito menos pede ajuda a alguém que disse que nunca mais queria ver.

— Mas se ele vier? Se ele viesse aqui e implorasse por sua ajuda, você nos ajudaria então?

Eu sorrio, tentando colocar a imagem mental dele na minha cabeça. Seria muito bom ouvi-lo implorar e rastejar. Talvez eu pudesse encontrar uma maneira de fazer isso funcionar se ele simplesmente se ajoelhasse...

— Claro, — eu digo, principalmente como uma piada. Não tem como ele vir aqui e implorar. Ele é bom demais para isso, mas me dá uma desculpa para não sentir que estou sendo rude com essa mulher legal. Ela me lembra minha mãe de certa forma. Há um tipo tranquilo de confiança nela. Aquela que não aceita besteiras, mas ainda é uma das pessoas mais legais que você conhece.

Trisha levanta um dedo no ar enquanto começa a recuar. — Não se mova.

— Não vou prender a respiração, — eu grito atrás dela. Não tem como ele passar pela porta, mas eu não estouro a bolha dela.

— Ele pode simplesmente surpreender você.

Tento não revirar os olhos com a declaração dela. Camden nunca poderia me surpreender. O que você vê parece ser o que você obtém. E o que vejo é um idiota.

Sem Trisha, viro-me para Bri. — Agora que isso acabou, vou terminar algumas coisas lá atrás.

Estou ocupada preparando um pote de glacê para amanhã, quando a porta da cozinha é aberta. — Que merda! — Eu grito, deixando cair

acidentalmente um frasco de corante alimentício. Ele respinga no chão, tinta vermelha explodindo aos meus pés.

— Eu realmente não acho que conheci um humano mais bagunceiro.

Eu faço uma careta, dando a ele meu olhar mais sujo. — O que você está fazendo aqui?

Camden olha para o chão. Parece uma cena de crime com a quantidade de tinta vermelha espalhada por todo o ladrilho. Ele sobe no meu jeans, estragando o par que comprei há algumas semanas. Eu gemo, me perguntando se conseguirei tirar as manchas. Meu tamanho está sempre esgotado online e eles se ajustam melhor ao meu corpo do que qualquer par anterior.

— Estou aqui para pedir ajuda.

— Você teria ajudado muito mais se não tivesse estragado meu jeans novo.

— Vou comprar um novo par para você se você me ajudar esta noite.

Limpo o corante alimentício com um pano, mas tudo o que consigo fazer é espalhá-lo ainda mais por toda parte.

— Nós temos um acordo? — Ele empurra.

Eu zombo, olhando para as manchas vermelhas por todo o jeans claro.

— Não, não temos um acordo. Elas demoram uma eternidade para voltar ao estoque.

— Estou em um verdadeiro dilema agora. — Ele ferve, sua voz firme e baixa, a areia provocando arrepios na minha espinha. — Vou encontrar o jeans. Eu compro dez para você. Só preciso de comida nesta inauguração e preciso agora.

Camden Hunter parece vulnerável.

Em que universo alternativo estou?

Suspiro, batendo o pano no balcão. Costumava ser bege. Agora está quase vermelho, realmente parecendo algo que eles manteriam como prova em um caso de assassinato. — A que horas é a abertura?

Ele limpa a garganta e olha para um relógio caro em seu pulso. É tão brilhante que reflete a luz do teto, quase me cegando quando ele gira o pulso de uma certa maneira.

— Tecnicamente, os artistas chegam dentro de uma hora. Os convidados estarão aqui em alguns instantes.

— E o que aconteceu com seus fornecedores sofisticados? Claramente, eu não fui sua primeira escolha.

Ele ri. Parece um pouco menos frio do que nas vezes em que o ouvi rir antes. — Não, você não estava, bolinho. No entanto, aqui estamos.

Minhas sobrancelhas se levantam enquanto agarro as bordas do balcão. — Estou esperando.

— Esperando pelo quê?

— Você me dizer que talvez escolhas sofisticadas e arrogantes nem sempre sejam a melhor opção.

— Não vai acontecer.

Dou de ombros, voltando à minha tarefa anterior, antes que ele me assustasse pra caralho. — Então parece que você não precisa tanto de ajuda.

— Não vou me rebaixar e dizer isso até pelo menos saber que você tem tempo para criar algo adequado para a noite.

— Não é se rebaixar quando é a verdade.

— Só porque uma empresa de Nova York tem princípios comerciais de merda não significa que tudo aqui nesta cidade sombria seja melhor do que Manhattan.

— Chame Sitten de sujo de novo e você receberá uma joelhada em sua masculinidade. — Sorrio docemente para ele, lembrando-me da segunda vez que nos encontramos, literalmente. Eu brinquei sobre o tamanho dele e como parecia que ele estava compensando demais. Ele não aceitou bem.

A expressão em seu rosto me diz que ele também pode não aceitar muito bem minha ameaça agora.

Ele solta um suspiro longo e agravado, chegando ao ponto de arrastar os dedos pelo rosto perfeitamente esculpido.

É realmente uma pena que ele seja um idiota porque é facilmente um dos homens mais bonitos que já vi. Tudo em suas características é perfeitamente proporcional. As sobrancelhas deveriam ser irmãs, não gêmeas, mas as dele são clones uma da outra. Sobrancelhas retas com um leve arco nas pontas emolduram os olhos mais claros e azuis que já vi. Para completar, o homem tem cílios grossos e escuros.

Eu o odeio. Por muitas razões. Por ser um idiota. Por comprar o espaço no qual eu queria expandir meu negócio. Por estragar meu jeans. Por ser abençoado com uma aparência tão bonita quando tem uma personalidade tão terrível.

— Não tenho tempo para ficar indo e voltando com você, — ele confessa. Ele parece agitado, mas não necessariamente comigo pela primeira vez. Mais como nas circunstâncias.

— Parece que você não tem muito tempo para nada, considerando que talvez precise pegar um avental emprestado e preparar alguma comida para seus convidados.

— Isso não será necessário se você me ajudar.

— Grande ênfase em *se*. A loja fecha em breve e tenho um encontro com uma garrafa de vinho e alguns reality shows.

— O que você quiser, eu farei. Apenas diga sim. Me ajude. Estou implorando.

— Qualquer coisa que eu queira? — Pergunto, minha mente se enchendo de tantas coisas terríveis que eu poderia obrigá-lo a fazer se concordasse com isso.

Uma única mecha de cabelo com gel cai em seu rosto, fazendo-o parecer um pouco mais... normal.

— Sim, qualquer coisa.

CAPÍTULO 7

Camden



Ela sorri para mim. Seu sorriso é tão largo e vibrante que meu estômago embrulha ao vê-lo.

Provavelmente é porque esse sorriso não pode ser bom para mim. Mas sou um homem desesperado. Se ela me disser não, terei que servir batatas fritas ao Lay's com molho de creme de leite, porque não tenho outra opção. Ou as malditas asas quentes do bar sujo da rua.

Recuso-me a recorrer a qualquer uma dessas opções. O que significa que todos os meus ovos estão na mesma cesta – a cesta da Pippa. A mulher que me odeia – por um bom motivo. A mulher que me irrita muito, mas de alguma forma, a única pessoa que preciso agora. A única que pode me tirar do meu dilema atual.

É irônico. Ela é a última pessoa que quero ter nesta cidade e, ainda assim, é a única que pode me ajudar.

— Então, qualquer coisa, qualquer coisa? — Pippa estimula. Sua voz é vertiginosa e cheia de diversão. Isso não pode ser bom.

Limpo a garganta, tentando pensar se tenho outra opção além de concordar com qualquer ideia estúpida e trágica que esteja passando pela cabeça dela.

— Sim, qualquer coisa. Mas, por favor, seja profissional.

— Você disse qualquer coisa. Você não disse profissional.

Meu gemido ricocheteia pelo pequeno espaço da cozinha. — Tudo bem, — eu corto, ficando mais frustrado a cada segundo. — Mas a oferta expira em dois segundos porque não tenho mais tempo para fazer isso com você. Preciso de comida e preciso dela agora.

Ela morde o lábio inferior carnudo de excitação. Pelo brilho nos olhos dela, sei que desprezarei o que quer que esteja prestes a sair de sua boca.

Sentindo-me nervoso, tiro minha carteira e abro. — Por que você simplesmente não indica seu preço? De qualquer forma, isso parece mais profissional.

Um bufo alto e dramático sai de sua boca. Ela balança a cabeça, mechas de seu cabelo caindo em seus olhos com o movimento. Ela coloca uma das mechas perdidas atrás da orelha, olhando para mim como se eu fosse o cara mais engraçado que ela conhece. O que eu sei que não é o caso porque não sou um cara particularmente engraçado. Especialmente em circunstâncias como esta.

— Importa-se de me dizer o que há de tão engraçado?

Suas bochechas estão coradas em um rosa perfeito por causa de sua risada. Até o nariz dela fica rosa. Desvio os olhos, percebendo que estou prestando muita atenção ao tom perfeito que se espalha por sua pele.

— Sinto muito, — ela chia, pressionando a mão no peito. Ela respira fundo, tentando recuperar a compostura. — É hilário você pensar que eu quero o seu maldito dinheiro.

Meus olhos se estreitam. — Todo mundo tem um preço. O engraçado é que você não sabe disso.

Ela incha as bochechas enquanto solta o ar pela pequena abertura de seus lábios franzidos. — Eu não.

— Respeitosamente, não acredito em você.

— Porque você é um idiota rico e intitulado, — ela responde, um pouco alegre demais. — Desrespeitosamente.

Folheio as notas de cem dólares em minha carteira, me perguntando se ela, vendo que estou bem com isso, vai fazê-la mudar de ideia.

Isso não acontece. Ela apenas me encara com humor estampado em seu rosto.

Respiro fundo. Porra, ela sabe como esgotar cada grama da minha paciência. Qualquer outra pessoa, eu já estaria fora da maldita porta, sem vontade de aturar as travessuras. Mas eu preciso dela, então meus pés ficam plantados.

— Mostrar-me seu dinheiro não vai me fazer mudar de ideia. Mas há uma coisa que você pode fazer para que eu concorde em preparar um pouco de comida para você esta noite.

Um raio de esperança brilha no fundo do meu peito. — O que é?

— Dê-me um dia.

— Eu não tenho um dia. Preciso de comida agora.

— Não, você me dá um dia. Do seu tempo. Nesta cidade. Acho que se você realmente passasse algum tempo nesta comunidade, entenderia porque eu amo tanto ela. Não seria mais uma cidade sombria para você.

As palavras não vêm até mim. Eu apenas fico olhando para ela, tentando decidir se ela está falando sério. — Isso envolveria que tivéssemos que passar algum tempo juntos.

— Vou tentar não matar você.

Não desejo passar mais tempo nesta cidade do que o necessário. Não comprei a galeria para me tornar um morador local. Não há razão para eu conhecer a cidade. A galeria é para atender quem visita a cidade, mas não mora

aqui. Os artistas são pessoas que já conheço, nenhum dos quais mora em Sutzen.

— Não vejo razão para fazer isso. — Minha voz fica mais nítida, mas não consigo evitar. Parece uma forma de tortura passar um dia inteiro com ela. Nesta cidade.

Quando Beck e Margo se casaram aqui, eles me obrigaram a fazer todas as atividades turísticas com eles. Eu não gostei. E eu realmente gosto de Beck. Eu não gosto da Pippa. Nem um pouco.

Ela dá de ombros com desdém. Ninguém nunca me dispensou do jeito que ela faz. Ela volta a limpar a pequena cozinha, fingindo que não estou aqui.

Meu corpo está congelado quando ela começa a cantarolar sozinha. Puta merda. Ela está falando *sério*.

Ela se vira, deixando escapar um suspiro irritado por eu ainda estar na presença dela. — Pare de ficar boquiaberto. Você terá rugas.

Devo ser péssimo em esconder meus pensamentos no momento porque ela abre a boca para falar novamente. — Dois podem jogar este jogo, Camden. Não vejo razão para lhe fazer um favor se você nem está disposto a dar uma chance à Sutzen. Se você não quer abraçar esta cidade, tudo bem. Mas não espere que eu te ajude. Se você não está disposto a me dar um dia, então espero que esta abertura falhe epicamente e você seja forçado a nos deixar em paz.

Essa. Mulher.

Normalmente, as pessoas não têm coragem de falar comigo do jeito que ela fala, especialmente se for um estranho. Talvez meus amigos, mas mesmo isso é demais.

Minha mente corre com minhas opções. Ela deixou sua posição clara como o dia. Agora cabe a mim decidir se quero realmente concordar com a ideia estúpida e inútil dela.

Realmente é apenas um dia.

Mas um dia do meu tempo vale muito dinheiro. Tempo é dinheiro, e cada um dos meus dias é planejado com perfeita precisão. Eu gosto de números. Eu

gosto de coisas legais. A ordem me excita, e olhar para Pippa manchada de vermelho me lembra de uma coisa: Pippa é tudo, menos organizada. Ela é exatamente o oposto, e um dia com ela pode me levar à beira da insanidade.

Só há uma coisa que me levará ainda mais à beira da insanidade. Esta galeria falhar. Eu não vou deixar isso acontecer.

E uma maneira de garantir que esse negócio floresça é uma abertura bem-sucedida.

Eu preciso dela, e ela sabe disso. Estou à mercê dela, e mesmo que eu odeie isso, tenho que concordar com seu pedido bobo.

— Tudo bem, — eu digo, a palavra com gosto de ácido na minha garganta.
— Um dia. É seu.

Seus olhos grandes e redondos se arregalam em estado de choque. — Seriamente?

Dou-lhe um breve aceno de cabeça, colocando as mãos nos bolsos, porque estou ansioso sobre o que diabos acabei de concordar. E eu já me arrependo.

— Como posso saber que você não vai desistir de mim? Parece injusto que eu tenha que fazer tudo esta noite e você possa me dizer para ir me foder amanhã.

Suas palavras são insultuosas. Sei que ela não sabe nada sobre mim e com certeza não dei a ela nenhum motivo para querer me conhecer, mas se eu disser que vou fazer alguma coisa, farei. — Sou um homem de palavra. — Estou chateado por ela pensar o contrário.

— Não sei se acredito em você.

Meu corpo se move por conta própria, encurralando-a contra o balcão por causa da frustração que corre em minhas veias. — Ouça com atenção, bolinho.

Seu peito sobe e desce enquanto sua respiração acelera. — Pare de me chamar assim.

— Manter-me fiel à minha palavra é muito importante para mim. Eu odeio mentirosos. Eu odeio desculpas. Então, *bolinho*... — Eu pronuncio o apelido porque é divertido irritá-la. — Vou dizer isso de novo, e então nunca mais vou me repetir. Sou um homem de palavra. Você impressiona meus convidados com sua culinária esta noite, e eu sou seu por um dia, então você pode falhar em tentar me impressionar com esta cidade.

Nenhum de nós fala. Estamos muito ocupados olhando nos olhos um do outro. O ar está iluminado por uma eletricidade raivosa e crepitante ao nosso redor. Se eu me inclinasse mais perto, cada uma de suas exalações empurraria seu peito contra mim.

— Mexa-se então, — Pippa consegue dizer. A voz dela baixou uma oitava, soando sensual demais para o meu gosto. Parecia bom demais saindo de sua boca. Imagino como ela soaria se eu...

Balanço a cabeça, livrando-me da imagem mental. *Não, não, não*. Esse pensamento nunca deveria ter passado pela minha cabeça. Eu a desprezo e o sentimento é muito mútuo. Não tenho nada que imaginar como ela soaria se eu deixasse meus dedos roçarem em seus mamilos duros, que lutam contra o tecido de sua camiseta.

Como um morcego saído do inferno, me afasto dela, precisando da distância entre nós.

O que diabos *aconteceu*?

— Você realmente não é um homem de muitas palavras, — observa Pippa, aparentemente imperturbável.

Limpo a garganta, tentando me recompor. Já estou aqui há muito mais tempo do que esperava. Trisha fez com que parecesse um acordo fechado; Eu só tinha que entrar e dizer pessoalmente a Pippa que precisava de ajuda. Mas eu deveria saber que ela resistiria mais. — Tenho que voltar para a abertura.

Ela balança a cabeça, mas assim que me pergunto se ela vai esquecer seu pedido anterior, ela estende a mão entre nós, as unhas pintadas de rosa balançando na frente dela. — Mexa-se. Dê-me sua palavra de que você concordará e eu vou surpreender todos os seus amigos de terno.

Não tendo outras opções, estendo minha mão e envolvo meus dedos nos dela. Minha mão é maior do que a dela, mas ela recebe bem o calor. Minha pele está fria e seca contra sua palma macia e quente.

— Então está resolvido, — diz ela, com a voz ofegante novamente.

— Sim, — eu corto, soltando para não ter que sentir sua pele nua contra a minha por mais um segundo. Meu pai sempre me disse para nunca ser o primeiro a quebrar um aperto de mão, mas tempos desesperadores exigem medidas desesperadas. Não posso tocá-la, com esses pensamentos que não deveriam ter preenchido minha cabeça, e sei que me arrependeria de cada um deles que passasse pela minha mente se eu agisse de acordo com eles. — Traga a comida quando estiver pronta. Também precisarei de sua ajuda para servi-la.

— Espere o quê? — Ela questiona, raiva brilhando em seus olhos.

Um sorriso aparece em minhas bochechas. — Te vejo daqui a pouco. Não me decepcione.

— Te odeio! — Ela grita.

Eu rio, parando na frente da porta. — Não tanto quanto eu odeio você, bolinho.

CAPÍTULO 8

Pippa



— Não sei se serei capaz de sentir meus pés depois disso, — Lexi choraminga ao meu lado. Eu recrutei a ajuda dela e de Bri no momento em que Camden saiu da minha cozinha, sabendo que precisaria de mais apoio para executar meu plano daquela noite. Eu odiei pedir a Bri para ficar depois do fechamento, mas precisávamos de ajuda e ela estava animada com o dinheiro extra.

Nós duas trabalhamos torcendo a massa em mini pretzels macios. A massa foi enriquecida com alho e alecrim de uma forma que deixa os assados mais luxuosos. A inauguração da galeria de Camden começou oficialmente há uma hora, mas temos servido alguns petiscos diferentes por vez para nos permitir oferecer uma variedade de opções.

Até agora, as pessoas parecem estar gostando da comida, mas concordo com Lexi. Estou exausta.

— Pelo menos você teve o dia de folga, — respondo, pincelando manteiga misturada com alecrim em cada um dos pretzels modelados. — Estou de pé desde as quatro da manhã e há uma grande possibilidade de meus pés caírem.

Lexi ri, pegando uma panela cheia de pretzels pré-cozidos em cada mão e levando-os até um dos nossos fornos. Conseguimos ligar para Lauren também, e ela e Bri estão ocupadas na galeria, servindo a comida e garantindo que tudo corra bem lá.

Com os pretzels no forno, passo para os rolinhos de muçarela com pesto que estão esfriando na grade. Coloquei minha mão sobre eles, satisfeita com a temperatura a que esfriaram. — Ok, vou dar uma olhada nisso, — digo a Lexi. É a minha vez de distribuí-los, mesmo que eu realmente não queira ir para a porta ao lado, porque estou muito mais interessada em assistir Camden em seu ambiente do que deveria. Eu não posso evitar. O cara é um idiota furioso — provavelmente o maior que já conheci. Mas caramba, não sei como ele ativa o charme quando trabalha. É intrigante ver todos ao seu redor gravitarem em torno dele. Eles comem na palma da mão. É fascinante.

— Boa sorte aí. Essas pessoas são ferozes pela comida, — alerta Lexi.

Não posso deixar de rir do comentário dela. As pessoas em sua inauguração estão famintas por tudo que fizemos esta noite. Estamos fazendo o possível para suprir a fome deles, mas, caramba, gastar dinheiro aparentemente deixa as pessoas morrendo de fome.

Antes de ir, olho meu reflexo na geladeira de aço inoxidável. Minhas bochechas estão coradas de tanto trabalhar, e meu cabelo liso de mais cedo desapareceu. Deixado em seu rastro está uma bagunça frisada. Suspirando, levo dois segundos para tentar domesticá-lo. Tento prendê-lo em um coque chique e penteado para trás. Mas não parece tão chique quanto eu imaginava.

— Você prefere que eu faça esta rodada? — Lexi pergunta atrás de mim.

— Não. — Suspiro, limpando um pouco de farinha da testa. — Isso vai ter que funcionar.

— Eu acho que você está quente como o inferno. O coque parece bom.

— Eu não tenho que parecer gostosa. Eu só não quero parecer que acabei de ser eletrocutada enquanto ando em volta de um grupo de pessoas com dinheiro.

— Honestamente, eles poderiam ter uma aparência melhor. Eu me sinto mal por eles estarem pagando um bom dinheiro para ter o cabelo assim.

Eu rio porque ela tem razão. — Eu só queria não parecer que estou prestes a ir à igreja com essa roupa. — Felizmente, guardo uma roupa extra na loja para o caso de ter um evento que esqueci. Infelizmente para mim, esqueci que minha roupa extra é um vestido que não acentua meu corpo em nada. Está apertado em volta dos meus seios, e o tecido me abraça estranhamente em outros lugares. É como usar um saco de papel mal ajustado. Apenas mais uma razão pela qual me sinto totalmente deslocada com a estreia estúpida de Camden.

Mas as pessoas de lá provavelmente nem me darão uma segunda olhada enquanto eu as sirvo, então isso realmente não importa. Pelo menos é o que digo a mim mesma enquanto pego uma bandeja e a coloco no ombro. Cada pessoa no evento sente que não pertence a isso, e eu odeio isso. Quero que as salas fiquem cheias de moradores locais, pessoas que possam dizer quem faz a melhor lasanha da cidade ou quem está dormindo com quem, apesar de ser casado com outras pessoas.

Era assim quando os Richardsons ainda eram os donos. Claro, as pessoas em férias passavam por aqui. Mas ainda assim parecia um pedacinho de Sitten. O que Camden criou não parece um lar. Nem um pouco.

Lexi me segue para fora da cozinha, mantendo a porta aberta enquanto caminho até a galeria. O toldo é preto com letras maiúsculas enfadonhas. Parece engraçado perto do meu toldo rosa brilhante. Tenho vegetação na frente, trepadeiras subindo pela luminária para deixar o ambiente ainda mais aconchegante.

Ao meu lado fica a floricultura da Sra. Lori. Também é cheio de vida e cor. A porta de Camden se destaca ao lado de nossos prédios como uma ferida no polegar.

Uma lufada de ar quente me atinge quando entro pela porta aberta da galeria. Com todas as luzes brilhando sobre a arte e todas as pessoas, parece muito mais quente aqui do que lá fora. É parte da razão pela qual joguei meu

cabelo para cima, precisando dele fora do pescoço enquanto carrego a bandeja e sirvo as pessoas.

Essas pessoas ricas são abutres famintos. No momento em que me veem com uma bandeja com comida nova, eles vêm direto para mim, todos pegando a comida da bandeja antes mesmo que eu tenha a chance de dizer o que é.

— São sem glúten? — Pergunta uma das mulheres, olhando para os pães como se estivesse morrendo de fome.

— Uh, não, — eu respondo.

Ela faz beicinho, projetando o lábio inferior tanto que deixa uma mancha de batom na fenda do queixo. — Deveria haver opções sem glúten aqui, — ela diz à amiga. Tudo o que sua amiga faz é acenar com a cabeça, a boca cheia demais da bola de muçarela para dizer qualquer outra coisa.

Afasto-me delas, na esperança de deixar a conversa para trás. Tem muita gente que não se importa com o que tem na comida e come sem fazer perguntas.

Eu não sabia que a arte poderia deixar as pessoas com tanta fome.

Parei ao lado de um grande grupo de pessoas que querem dar uma volta, e deixei meus olhos vagarem pelo espaço. Parece tão... limpo aqui. As paredes são brancas, o concreto foi pintado de branco e os únicos toques de cor são a arte.

E mesmo grande parte da arte não tem cor. É carvão ou tinta preta e branca. O pouco de cor nas paredes chama minha atenção. Há uma seção com três pinturas diferentes que são vivas. Se eu não tivesse um enxame de pessoas ao meu redor, daria um passo mais perto e daria uma olhada. Nem uma única obra de arte nas paredes chamou minha atenção esta noite, exceto estas.

Só então, vejo uma figura grande aparecer na minha linha dos olhos. Ele está com outras duas pessoas, os três olhando para as mesmas peças que eu estava admirando de longe.

Camden é magnético. Não consigo desviar o olhar. Eu credito isso ao fato de ele parecer tão diferente esta noite. Ele parece realmente encantador. Ele

fala com um casal, mas a mulher parece não querer nada com o homem que está ao lado dela, apesar de sua tentativa de puxá-la para mais perto dele, passando o braço em volta dela.

Ela não percebe; ela está atenta a cada palavra que Camden diz enquanto olha para a arte à sua frente. Ele é apaixonado por arte, isso eu posso dizer. Mas isso parece algo mais. Ele parece falar sobre arte da mesma forma que falo sobre Wake and Bake. Como se ele tivesse colocado seu coração e alma nisso.

Eu odeio isso, mas não posso deixar de pensar que talvez ele seja diferente do que parece. Pelo menos ele está esta noite. Tenho certeza que perto de mim ele voltará à sua verdadeira personalidade de ser um idiota. Mesmo que eu possa dizer que minha bandeja está vazia e que eu deveria ir buscar outra rodada de comida, não consigo tirar os olhos dele enquanto me pergunto... qual é a sua verdadeira personalidade? É o idiota furioso que encontrei algumas vezes? Ou é este homem esta noite? Aquele que realmente abre um sorriso quando a mulher pergunta claramente algo sobre a peça que estão olhando.

Provavelmente nunca saberei com certeza. Nosso relacionamento foi estabelecido, mas é divertido imaginar.

Estou tão perdida observando-o fazer suas coisas que não noto os três homens que se aproximam de mim.

— Você está sem comida, — diz um homem, seu tom um tanto rude. Sua voz me pega de surpresa, me fazendo pular e perder o controle da bandeja por um momento.

— Parece que sim. — A bandeja está completamente vazia, exceto por uma triste bola de muçarela que foi desenrolada, o pesto pingando por toda a bandeja.

— Então você vai conseguir mais ou vai ficar aqui parecendo sem noção? Meu queixo se fecha. Ah, não, ele não fez isso.

O cara que estou tentada a colocar em seu lugar olha para os amigos. Ele ri, passando a mão pela barriga saliente. Eles riem com ele, mesmo que pareça forçado e ambos pareçam bastante desconfortáveis com suas palavras duras.

— Hunter realmente precisa de ajuda melhor, não é? — O homem continua.

— O que é que foi isso? — Meu pulso vibra com raiva em minhas veias. Posso ouvir o som de batidas em meus ouvidos.

Os olhos redondos do homem se arregalam quando ele percebe que não sou um ser humano manso que o deixará repreendê-lo sem se defender.

— Eu disse, Hunter precisa de ajuda mais competente.

Deixei a bandeja escorregar das minhas mãos com um largo sorriso no rosto. Ela cai no chão com um forte impacto no concreto. A única bola de muçarela coberta de pesto voa no ar e cai com um *baque* no sapato brilhante do idiota pomposo.

Ele solta uma série inaudível de palavrões enquanto olha para a bagunça no chão.

— Vadia estúpida. Você fez isso de propósito.

Começamos a chamar a atenção das pessoas ao nosso redor, mas não me importo se estão observando ou não. Não vou deixar esse homem falar comigo porque ele pensa que é melhor do que eu. — Não, — minto, me esquivando um pouco até pegar duas taças cheias de champanhe em uma mesa próxima. — Mas isso é. — E então vou contra todas as morais que minha mãe me ensinou e jogo o champanhe no cara.

Ele grita, o som hilário.

— Sua inútil...

— Saia, — uma voz ordena atrás do cara. Ele dá um passo para o lado, permitindo que Camden apareça.

Mesmo estando encharcado de champanhe, o cara fica parado, olhando de Camden para mim. — Você o ouviu. Saia. — Ele tem a audácia de se sentir

presunçoso. Se eu soubesse dar um soco, eu o acertaria em suas terríveis facetas.

Um buraco se forma no meu estômago porque, por uma fração de segundo, esperei que Camden fosse melhor do que essas pessoas. Não tem como ele não ter ouvido aquele idiota me chamar nome após nome, me obrigando a nada. Mas ele é um deles. É claro que ele me diria para ir quando foi ele quem me implorou para ajudar, para começar.

Respiro trêmula devido à adrenalina que corre pelo meu corpo. Olho para Camden, balançando a cabeça para ele. — Você não é melhor que ele. — Eu ferve de nojo. Dou um passo à frente, batendo no ombro dele enquanto me afasto dessas pessoas que não merecem estar nesta cidade.

Uma mão grande me agarra pelo bíceps, dedos fortes cavando minha pele e me fazendo parar abruptamente. Chocada, olho para cima e faço contato visual com Camden, me perguntando por que ele me segura com força. Eu odeio não poder sair do controle. Odeio que ele possa sentir o tremor dos meus braços e confundir isso com medo, em vez do que realmente é: raiva.

Minha tentativa de fazer contato visual com ele falha porque ele está olhando por cima do meu ombro para a terrível desculpa de um homem atrás de mim. — Não, — Camden corta, sua voz tão calma e controlada que é quase assustadora. — Ela fica. *Você* vai embora, Jason.

O cara faz um som de crepitação – ou talvez seja eu. Eu realmente não sei porque vozes começam a sussurrar ao nosso redor. Talvez os espectadores estejam tão confusos quanto eu.

— Agora, — Camden late, sua voz mais alta desta vez.

Tento puxar meu braço do dele mais uma vez, mas ele me segura ainda mais forte. Desta vez, sinto uma dor nas pontas dos dedos penetrando profundamente na minha pele. Meus pés permanecem plantados enquanto Camden olha fixamente para minha cabeça. A raiva ferve no ar entre nós enquanto tento entender o fato de que acho que Camden – o homem que tem sido um idiota comigo desde o momento em que nos conhecemos – está me defendendo.



Tempt
OUR
FATE

CAPÍTULO 9

Camden



Pippa tenta se livrar do meu aperto, mas não dou margem de manobra a ela. Ela não vai embora. Mas esta desculpa esfarrapada de um humano que me arrependo de ter convidado, com certeza vai.

— Você não pode estar falando sério, — Jason sibila, estendendo as mãos para tentar manter a calma.

Mas não.

Ele acabou de chamar Pippa de estúpida de várias maneiras diferentes e acha que está tudo bem? Absolutamente patético.

— Camden, está tudo bem, — Pippa insiste do meu lado. — Eu posso ir.

Eu nem dou uma resposta. Não há nenhuma maneira de ela ir a lugar nenhum quando não fez nada de errado.

— Jason, não faça mais cena do que você já fez. Você pode ir embora, ou eu posso fazer você ir embora, o que me deixaria muito, muito chateado porque não gosto de drama nem de teatro.

— Você vai defender uma serviçal ao invés de mim? Sou amigo do seu pai desde antes de você nascer.

Eu odeio a sensação de todos os olhos sobre nós. Nunca fui alguém que gosta de atenção. Isso me lembra de quando eu era criança e meus pais me exibiam para todos os seus amigos – alguns dos quais estão na sala agora – e depois me descartavam no momento em que as portas eram fechadas. Isso me fez odiar a atenção porque percebi desde muito jovem que estava sendo usado. Eu não gosto de ser usado.

— É ótimo que eu não dou a mínima para isso. — Minha mandíbula fica tensa. Esta conversa já é muito mais longa do que deveria ser. Esta noite deveria ser sobre arte, sobre trazer a arte luxuosa para algum lugar novo. O narcisismo e a personalidade egoísta de Jason estragaram tudo.

— Mas não sou eu quem...

— Vá, — eu interrompo, minha voz crescendo porque minha paciência está se esgotando.

Ele e eu nos encaramos. É como se ele estivesse tentando descobrir se estou falando sério ou não. É um erro estúpido dele. Ele esteve presente durante todos os trinta e seis anos da minha vida. Ele já deveria saber que estou falando sério.

É cômico agora que todos os homens que cercam Jason fingem que não o conhecem. Ele olha para eles em busca de ajuda, mas eles não dizem nada. Eles são todos covardes. A única pessoa aqui corajosa o suficiente para falar por si mesma é a mulher que tenta se livrar do meu aperto.

— Isso é um erro, — Jason reclama.

Estalo a língua, inclinando a cabeça enquanto o encaro. — Não, o erro foi convidar você.

Ele finalmente ganha bom senso suficiente para ir embora. Mas não sem sair correndo, agindo de maneira infantil demais para um homem que tem netos.

No momento em que ele sai, olho para os convidados ao nosso redor. Finjo um sorriso, embora meu corpo zumbe de raiva.

— Agora que isso foi resolvido, vamos voltar ao motivo pelo qual vocês estão aqui. As peças estão voando das paredes, então se você vir algo que lhe interesse, procure um funcionário para ajudá-lo a comprá-lo.

O grupo de pessoas que está ao nosso redor começa a conversar, mas eu não os escuto. Já estou ocupado puxando Pippa entre o grupo de pessoas até que estejamos fora de vista em segurança no meu escritório. A porta bate atrás de mim, sacudindo as paredes do antigo prédio.

A porta mal está fechada e eu empurro Pippa contra ela, meus olhos vagando por seu corpo. — Ele te machucou?

Ela empurra meu peito. — O quê? Afaste-se de mim, idiota.

Minha visão começa a clarear à medida que recupero o senso de realidade e não vejo mais o vermelho. — Ele te machucou? — Repito, me afastando dela até bater na minha mesa. Desabotoo o botão da minha jaqueta, colocando as mãos em segurança nos bolsos enquanto espero ela responder.

— Não, claro que não. Ele estava apenas sendo um idiota humilhante.

— Ele é um idiota.

Ela ri. — Diga-me algo que eu não sei.

— O que aconteceu? — Eu estava ocupado vendendo uma das peças de Margo, esposa de Beck, pelo preço mais alto que uma de suas peças já foi vendida, quando ouvi a comoção do outro lado da sala.

Talvez me custando a venda, deixei Jared Stingmore e sua esposa imediatamente para ver o que estava acontecendo. Eu cheguei perto o suficiente para ouvir Jason chamar Pippa de vadia estúpida quando comecei a ver vermelho. Quando ele a chamou de inútil, eu estava a poucos minutos de agarrar seu colarinho e arrastá-lo pelo pescoço para provar quem era o humano inútil do cenário.

Pippa olha para mim enquanto eu olho para ela de volta. Seu peito arfa com respirações raivosas. O meu também. O problema é que ela olha para mim como se *eu* tivesse feito algo errado.

— Eu não precisava da sua ajuda. Eu cuidei disso, — ela retruca, ignorando completamente minha pergunta.

Eu rio baixinho porque enquanto ela estava lidando com isso, ele não teria ido embora até que eu mandasse. E mesmo quando eu fiz isso, ele argumentou. — Claro que sim, bolinho.

Um barulho alto e agravado sai de sua garganta. É algo entre um rosnado e um grito. — Pare de me chamar assim!

— O que ele disse para você? — Eu pressiono, precisando saber o que diabos aconteceu. Vou perguntar aos amiguinhos idiotas dele também, mas primeiro quero ouvir isso dela.

— Não importa.

— Importa para mim.

— Por quê? Então você pode usar os mesmos insultos que ele contra mim?

Meu queixo se fecha. Droga. Suas palavras atingiram profundamente. Porque elas não estão completamente fora de linha. Eu tenho sido um idiota com ela. Numerosas vezes. Porque ela me irrita de uma forma que nunca experimentei antes.

Pippa revira os olhos, alcançando a porta.

— Não, — digo apressadamente, estendendo a mão para impedi-la, mas pensando melhor. Talvez eu devesse deixá-la ir. Jason se foi e certamente não voltará. Eu realmente não deveria me importar mais com o que ela tem a dizer.

— Eu sei que fui um idiota, mas nunca chamaria você de serviçal. Ou inútil. Ou estúpida ou qualquer coisa que ele disse porque são tudo mentiras. Você não é nada disso. Você é...

— Não preciso que você me diga o que sou, Camden. Eu sei o que sou. Suas palavras não importam.

Suas palavras me fazem parar porque não eram o que eu esperava. Ela realmente não ficou magoada com o que ele disse? Eu pisco, tentando entendê-la. Ela é como olhar para uma pintura abstrata. Justamente quando

penso que consigo entender o que ela é, noto outra coisa que muda toda a minha perspectiva.

— Não, elas não importam. Mas eu preciso saber.

Estou começando a aceitar que ela não vai me contar e terei que contar a história de outra pessoa quando ela dá um passo hesitante para mais perto de mim. — Tudo começou porque fiquei sem comida. Ele disse que você precisava contratar uma nova ajuda e, bem, não vou deixar ninguém me insultar. Você sabe disso *muito* bem.

Eu rio porque é verdade. — Lamento que ele tenha dito essas coisas.

Os olhos de Pippa examinam meu rosto. Eu me pergunto o que ela vê em mim. O que ela pensa do homem parado na sua frente. Enfio as mãos nos bolsos para lhes dar algo para fazer.

— Nunca pensei que ouviria essas palavras saindo da sua boca, — ela brinca. — Mesmo que você estivesse se desculpando em nome de outra pessoa e não em seu próprio nome.

Estou prestes a abrir a boca quando seus olhos encontram algo no canto. — O que é isso? — Ela pergunta, diminuindo a distância até a mesinha com a escultura sobre ela.

— Ah, só uma peça que estou pensando em vender na galeria, — respondo, fingindo indiferença.

— Posso tocá-la? — Ela sussurra, seus olhos fixos na peça à sua frente.

— Não acho que o artista se importe.

CAPÍTULO 10

Pippa



Não sei se já vi algo tão lindo que me tirou o fôlego. Estou sem palavras, permitindo que meu dedo passe suavemente pelas curvas esculpidas da estátua.

É um casal, mas só da cintura para cima. Eles se abraçam com tanta delicadeza, com tanta força, que é óbvio que estão apaixonados. Você olha para eles e parece que algo está tentando mantê-los separados, mas eles estão agarrados um ao outro com tanta força, como se não deixassem nada se interpor entre eles. A forma como suas costas se arqueiam, parece que alguma força externa que você não consegue ver a está puxando para longe dele.

— Isso é impressionante, — eu sussurro, passando meu dedo ao longo de seus braços estendidos.

— Você acha? — Camden mantém a voz equilibrada, mas posso sentir seu olhar quente em mim.

— Por que não está exposto lá fora? Seria vendida imediatamente.

— O artista não quer vendê-la.

Eu olho para ele em estado de choque. Quem não gostaria de vender esta obra-prima? Não sei nada sobre arte, mas é tão complexo que imagino que tantas pessoas iriam querer isso. — Você sabe por quê?

Camden engole em seco, seus olhos permanecem fixos nos meus. Não sei o que é mais perfeito de se olhar, as inclinações e planos da estátua ou as inclinações e planos de seu rosto. Suas feições são tão perfeitas que merecem ser gravadas para sempre na pedra.

Esqueci que tinha feito uma pergunta a ele, focada demais em traçar suas maçãs do rosto com meu olhar, quando ele fala. — Não. — Ele suspira, desviando o olhar de mim para a estátua na minha frente. — Não sei por quê.

— Bem, acho que você deveria fazer com que ele mudasse de ideia.

Seu ombro roça o meu enquanto ele dá um passo ao meu lado. Ele cheira diferente de qualquer outro homem com quem já estive. É caro, mas terreno e quente. É um cheiro do qual acho que nunca me cansaria. É avassalador, mas no bom sentido. Uma maneira que lentamente sobrecarrega seus sentidos, mas não da maneira que causaria dor de cabeça.

— O que isso faz você pensar que deveria ser vendido?

Me sinto desarmada por tê-lo tão perto de mim. Todas as outras vezes que ele esteve por perto, estávamos no meio de uma briga. É uma sensação tê-lo tão perto e as coisas serem civilizadas entre nós. Pelo menos tão civilizado quanto as coisas poderiam ser entre mim e ele.

Olho novamente para a estátua, agradecendo o alívio de me perder nas proporções perfeitas que são seu rosto.

— No momento em que vi isso, pude sentir a emoção entre os dois. Acho que os pequenos detalhes da estátua retratam essa bela e trágica história de amor. Pelo menos foi o que percebi. — Dou de ombros, tentando agir com indiferença. — Mas o que eu sei sobre arte?

Ele olha para mim – e quero dizer, realmente olha para mim. Ele me olha tão atentamente que me faz mexer desconfortavelmente. Parece que o tempo para ao nosso redor enquanto olhamos um para o outro. — Isso é exatamente o que eu tirei disso.

Afasto meu olhar do dele porque parece errado estar tão perto dele, e não estar brigando, me faz quer aproximar ainda mais dele. — De longe, você pensaria que os dois estão apaixonados e felizes, mas isso não parece ser toda a história quando você se aproxima e começa a absorver todos os detalhes.

Observo onde, de alguma forma, em uma escala tão pequena, você pode ver a maneira como as pontas dos dedos penetram na pele. Fico maravilhada com a atenção aos detalhes do artista. A maneira como você pode dizer que eles se apegam um ao outro como se suas vidas dependessem disso.

Camden fica em silêncio. Tão silencioso que minhas bochechas começam a corar porque me pergunto se estou fazendo algum sentido. Minha pele fica quente quando afastos mechas de cabelo do rosto, precisando dar ao meu corpo algo para fazer quando percebo que estou divagando.

— Desculpe, — murmuro, sentindo-me envergonhada pela primeira vez na vida. — Provavelmente não estou fazendo nenhum sentido.

— Não. — Eu gostaria de saber como ele manteve sua voz tão fria e controlada. É suave como veludo, envolvendo-me. — Você faz todo o sentido. O que te faz pensar isso?

— É a maneira desesperada como eles se unem. Eles se agarram com muita força para serem totalmente felizes. Algo os está destruindo. Eu gostaria de saber o quê...

— E se o escultor não quisesse que você soubesse o que era? Talvez ele quisesse que você mesmo descobrisse as respostas. Talvez ele só quis fazer você pensar sobre as coisas na vida que poderiam separar você de alguém que você ama tão profundamente.

Um pensamento indesejado surge em minha mente. Camden já amou alguém assim? Alguém já o amou? Ele não parece ser do tipo que se envolve. Ele parece egoísta demais para amar alguém, mas é tão deslumbrante que pude ver por que as mulheres poderiam se apaixonar por ele antes mesmo que ele lhes dissesse uma palavra - então elas aprenderiam sobre sua personalidade horrível e, esperançosamente, fugiriam para as colinas...

Mas alguém superou seu exterior áspero?

— Diga-me que esta não é a hora de você calar a boca pela primeira vez.
— Seu golpe verbal me traz de volta aos meus sentidos. Estou grata pelo tom sarcástico em sua voz, pelas coisas voltarem ao normal entre nós. Eu estava muito interessada em saber por que Camden é do jeito que é.

— Bem quando penso que você *pode* não ser o maior idiota que já conheci, você prova que estou errada.

Ele me dá um sorriso de lobo. — Vá para Nova York. Você conhecerá homens muito piores do que eu, bolinho.

— Sim, eu vou passar. Você é um idiota sem motivo. Não desejo conhecer ninguém pior do que você.

— E se eu pedisse desculpas? — Suas palavras foram um choque. Não consigo imaginá-lo se desculpando. Não sei se quero que ele se desculpe. É mais fácil odiá-lo, lembrar-me que mesmo com o charme que ele às vezes me mostra, no fundo ele é um idiota. Pelo menos é nisso que escolho acreditar.

— Eu não acreditaria.

Ele balança a cabeça, olhando para a escultura à nossa frente. — É hora de voltar à minha abertura.

Meus olhos se arregalam porque eu tinha esquecido completamente por que estávamos aqui. Eu deveria estar servindo comida. Ele deveria estar vendendo arte, embora a peça mais impressionante que vi esta noite seja aquela que não está à venda na nossa frente.

— Certo. — Corro para sair. Na minha tentativa de sair correndo do escritório, quase tropecei nele. Nós dois nos movemos para a esquerda ao mesmo tempo, nossos corpos colidindo um com o outro.

Camden me agarra pelos braços para me firmar. Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu o adianto.

— Antes de você dizer qualquer coisa, a culpa foi *sua*, não minha.

Uma risada ressoa profundamente em seu peito. — Eu ia dizer obrigado por me salvar esta noite. As pessoas podem estar falando mais sobre comida do que sobre arte.

O fato de ele não estar sendo um idiota total me desarma. — Sim claro.
— Eu me atrapalho com minhas palavras, sem saber como responder a ele. Eu estava esperando um insulto, que ele comentasse como o encontrei novamente.

Eu não digo mais nada. Eu saio da sala enquanto minha mente corre sobre o que acabou de acontecer.

Camden Hunter acabou de dizer algo legal para mim?

CAPÍTULO 11

Camden



Demoro um segundo antes de voltar ao evento. Pippa saiu pela porta há alguns minutos, mas eu não me movi desde que ela saiu. Ainda tem o cheiro dela no meu escritório, o cheiro dela me cercando, mesmo que eu preferisse que não. Não gosto de como ela cheira diferente de qualquer mulher que conheço. Estou acostumado com o cheiro de alguns perfumes caros diferentes. Todas as mulheres do meu círculo usam o mesmo punhado de fragrâncias. Eles são muito floridos ou muito poderosos.

Pippa também não cheira assim. Por onde passa ela deixa cheiro de baunilha e morango. Eu me pego inspirando profundamente, me odiando por querer sentir outro sopro dela.

Olho à minha frente para a estátua no canto do meu escritório. É algo que quase não trouxe de Manhattan. Não era para ser vendido; não havia razão para eu trazê-lo comigo. Mas não pude evitar.

E agora, depois de ver Pippa maravilhada com isso, estou me perguntando se talvez ele tenha uma chance de ser vendido. Talvez eu *devesse* dar uma chance.

Estou tão perdido em pensamentos que nem percebo a porta do meu escritório se abrindo. Não vejo a pessoa até que ela pare na minha frente, limpando suavemente a garganta para chamar minha atenção.

— Está tudo bem aqui? — Beck pergunta, olhando para mim com preocupação.

Minhas costas se endireitam enquanto olho para cima para fazer contato visual com ele. Ele me observa com cautela, e não o culpo por isso. Ele me testemunhou expulsar um homem que é muito importante em nosso círculo social e depois desaparecer, puxando alguém pelo braço para dentro do meu escritório. Provavelmente não combina comigo.

Soltei um suspiro lento. — Por que não estaria?

Ele ri, passando a mão pela boca. Eu odeio isso, mas ele me conhece quase toda a minha vida. Beck consegue me ler como um maldito livro, não importa o quanto eu o odeie. Temos o mesmo grupo de amigos desde a escola, mas ele e eu sempre fomos os mais próximos. Ele é meu melhor amigo. O que é ótimo ocasionalmente, mas em tempos como agora é bastante inconveniente.

— Porque você basicamente disse a alguém que gasta muito dinheiro em arte para se foder imediatamente.

— Eu não quero o dinheiro dele, — rosno.

As mãos de Beck surgem na frente dele defensivamente. — Acalme. — Ele ri. — Percebi isso pela maneira como você basicamente o empurrou porta afora, não importa quem estava olhando.

— Ele é um idiota.

— Todo mundo aqui é um idiota, — responde Beck.

Eu jogo um olhar sujo em sua direção. Eu odeio que ele tenha uma resposta para tudo. Aparentemente, preciso encontrar um amigo que não goste de conversar.

— Eu provavelmente deveria voltar lá e ganhar dinheiro com os idiotas.

— Provavelmente deveria. Embora eu saiba que Margo está fazendo um ótimo trabalho na sua ausência.

Isso me faz rir. Margo é minha artista mais lucrativa. Eu não diria isso a ela, mas também a considero uma das minhas amigas mais próximas, embora trabalhem juntos. É difícil não gostar de Margo. Além disso, ela deixa Beck feliz. Ele sempre será um idiota em minha mente, mas é muito mais tolerável estar por perto agora que finalmente tem sua namorada e eles estão casados e felizes.

— Talvez eu deixe Margo assumir a galeria e partirei em direção ao pôr do sol.

Beck cruza os braços sobre o peito, o humor desaparecendo direto de seu rosto. — Não vai acontecer. Ela trabalha demais para o meu gosto, de qualquer maneira.

— Diz o cara que está trabalhando constantemente. — Beck é o CEO e criador da Sintech Cyber Security. Ele não sabe exatamente como tirar um dia de folga, mesmo que possa lhe dizer o contrário.

— De volta para você, Hunter. Você não saberia o que fazer consigo mesmo se não estivesse sempre trabalhando.

Tenho ideias, mas não as digo em voz alta. Não adianta. Sei algumas coisas que poderia fazer se não estivesse sempre me preocupando com minhas galerias, mas isso nunca aconteceria. Seria preciso muito para eu deixá-las ir. Eu as comecei para provar algo. E não sei se algum dia sentirei que provei o suficiente para parar.

— Quanto tempo poderíamos nos esconder aqui até que Margo venha nos procurar? — Mudo de assunto, tentando negar o inevitável. Depois do confronto com Jason e da minha conversa com Pippa, não estou com vontade de voltar lá. Quero ficar sozinho, mas não tenho escolha. Apesar de Jason atrapalhar um pouco as coisas, preciso colocar tudo de volta nos trilhos. Preciso vender mais arte. E preciso provar que posso tornar uma galeria lucrativa, não importa a localização.

— Ela está ocupada demais para... — Suas palavras param quando sua esposa aparece.

Margo lança um olhar para Beck, com as sobrancelhas escuras levantadas até a linha do cabelo. — Você disse que demoraria *um* minuto. — Sua voz sobe uma oitava naquele momento. Talvez ela não tenha se divertido tanto quanto ele pensava.

Beck dá de ombros, diminuindo a distância e puxando-a para seu corpo. Ele dá um beijo nos lábios dela. Estou preocupado que eles possam começar a se beijar na minha frente como dois adolescentes excitados, mas Margo se afasta. — Não, não, não, — ela repreende. — Você não pode me beijar e fingir que não me deixou conversando com dois caras que ficavam me perguntando quem era meu professor de arte quando criança, para que pudessem levar seus netos com eles.

— Você teve um professor de arte? — Pergunto, bastante confiante de que Margo cresceu em Iowa. Ou foi Ohio? Não me lembro em que estado era, mas sei que não era Nova York.

Margo ri, balançando a cabeça enquanto suas mechas de cabelo quase pretas dançam com seu movimento. — Tive uma professora de artes, dona Kiebler, e ela era uma santa. Mas minha família não tinha dinheiro para pagar um professor de arte. Eles mal podiam pagar os suprimentos que eu implorei.

— O que você disse aos homens? — Beck pergunta. As pontas dos dedos dele acariciam a pele nua de seu ombro. Nunca pensei que veria o homem tão feliz e apaixonado. Por uma fração de segundo, me pergunto como é amar alguém tanto quanto ele ama Margo. Como é ser amado do jeito que ela o ama. É apenas um pensamento que eu mantenho por um momento antes de tirá-lo da minha mente. Não quero estar na posição em que ele está. Lembro-me do telefonema aterrorizado que recebi dele quando ele pensou que ela havia terminado o noivado.

Amar é ser vulnerável. Nunca fui muito bom em ser vulnerável.

Eu estive perdido em meu próprio mundo, sem ouvir nada do que qualquer um deles disse. Eu só pego o final da conversa deles. Uma que aparentemente voltou para mim porque os dois me encaram com expectativa.

— O quê? — pergunto, contornando-os para finalmente sair deste escritório e retornar ao evento.

— Eu perguntei como você achava que estava indo. — A voz de Margo é cautelosa. Eu não sei por quê.

— Oh. — Limpo a garganta, meus dedos brincando distraidamente com uma das minhas abotoaduras. — Acho que está indo muito bem, apesar do pequeno acidente. Não registrei todas as compras, obviamente, mas parece que muitas delas foram vendidas. Da última vez que verifiquei, havia uma guerra de lances pela sua mais nova peça.

Beck cantarola. — Talvez eu precise envergonhar todos eles e comprá-lo para minha coleção pessoal.

Isso faz Margo revirar os olhos. Ela dá um tapa de brincadeira em seu abdômen. — Como se você já não tivesse o suficiente.

A voz de Beck fica baixa enquanto ele murmura algo em seu ouvido. Isso me dá vontade de vomitar. Preciso de espaço dos cachorrinhos apaixonados e preciso disso imediatamente.

— Estou indo embora. Vocês dois não têm permissão para foder no meu escritório, — rosno.

Ouçõ a risada de Beck atrás de mim. — Talvez já tenhamos feito isso, Hunter.

Eu não o esclareço reagindo. Mas antes de passar pela pequena entrada do corredor e entrar na festa, mando uma mensagem para um dos meus funcionários que ainda está em Manhattan, apesar da inauguração, e digo que preciso limpar toda a galeria de arte. Imediatamente.

CAPÍTULO 12

Pippa



— Pippa, querida, com quem você está ficando louca ultimamente?

Eu responderia à doce senhora sentada na cadeira do salão ao meu lado, mas estou muito ocupada engasgando com o café com leite que estava bebendo. Eu gaguejo, tentando engolir o café gelado que caiu no cano errado.

— Pare de se mexer, — Rhonda repreende, segurando com força uma mecha do meu cabelo enquanto tento não morrer com as palavras de uma senhora que organiza seus estudos bíblicos no Wake and Bake algumas manhãs.

— O quê? — Rosemary pergunta inocentemente, como se a pergunta que ela me fez fosse uma conversa completamente normal para uma tarde de sábado no salão de cabeleireiro.

— Você não pode simplesmente perguntar às jovens com quem elas estão transando, Rosemary, — Lenora repreende ao lado de sua amiga. Ambas têm idade suficiente para serem minha avó. Na verdade, as duas eram muito próximas da minha avó Pat antes de ela falecer.

— Quem usa a palavra *transando*? — Rosemary responde, concentrando-se na revista de fofoca à sua frente. Eu gostaria de estar embaixo de um dos secadores de cabelo para poder fingir que essa conversa não estava acontecendo. Isso pode até não funcionar, considerando que as duas parecem estar ouvindo muito bem, apesar de estarem sob o secador de cabelo. — As crianças hoje em dia estão usando o termo *ficando loucas com isso*.

Se eu não estivesse tentando derreter em uma poça de vergonha porque duas doces velhinhas estão discutindo sobre qual terminologia usar ao discutir minha vida sexual, eu as corrigiria dizendo que nenhum dos dois são termos relevantes.

— Deixe a garota em paz, — Rhonda exige, pintando mechas com tintura de cabelo. Ficou um tom mais claro do que eu prefiro durante o verão, então decidi passar meu sábado retocando-o. Talvez eu devesse ter renunciado ao corte de cabelo e à cor. Pelo menos eu não teria que falar sobre minha vida sexual inexistente com metade das mulheres de Suttan. Mas Camden havia deixado um grande cheque para mim e para todos que ajudaram em sua inauguração, e eu queria me presentear depois de lidar com as pessoas que ele convidou. No começo, eu queria dizer a ele para não se preocupar. Mas foram necessários muitos ingredientes e horas extras da minha equipe. Seu pagamento foi a coisa certa a fazer. Eu merecia me mimar. Só pensei que seria relaxante e não discutiria minha vida sexual com Rhonda e Rosemary num sábado à tarde. — Talvez Pippa não esteja dormindo com ninguém, — continua Rhonda. — Não há nada de errado em esperar pela pessoa certa.

Eu gemo, tentando deslizar para baixo na cadeira do salão. Rhonda segura meu cabelo, puxando-o levemente, o que tenho certeza que não deveria ser uma boa prática para cabeleireiros. Ela não deveria ser gentil comigo?

— Podemos ter um novo assunto, por favor? — Eu imploro.

Rosemary dá uma risadinha. Ela sabe exatamente o que está fazendo. Nunca mais vou servi-la. — Não, querida. Você não está ficando mais jovem. Em breve, alguém terá que plantar sua semente em você.

Oh meu Deus. Está cada vez pior. Minhas bochechas esquentam. Tenho certeza que todo o meu corpo está vermelho de vergonha. Eu quero desaparecer. Afastar-me desta cidade para sempre, para que eu nunca mais tenha que olhar para Rosemary e me lembrar dela me dizendo que alguém precisa plantar sua maldita semente em mim.

— Eu só tive meu primeiro filho aos vinte e nove anos, — diz Rhonda atrás de mim, finalmente sendo um tanto gentil comigo novamente. — Pippa tem tempo.

— Tive três filhos na idade de Pippa, — acrescenta Lenora.

Que ótimo, Lenora. Comecei um negócio de sucesso e lidei com a perda da minha mãe, além de ajudar a manter o rancho da minha família funcionando durante os meus vinte e três anos de vida. Só porque ainda não tive filhos não significa que não fiz *nada* na minha vida.

— Eu tenho Kitty, — eu argumento. — Ela exige muita manutenção o suficiente para ser considerada uma criança. — Ela foi uma decisão impulsiva um fim de semana depois que minha mãe faleceu. Eu precisava de algo em que me concentrar além do trabalho, algo que me fizesse querer voltar para casa. Então eu peguei a Kitty. Meu vizinho até ajuda a cuidar de Kitty nos longos dias de trabalho. Ela vive a melhor vida para um cachorro resgatado das ruas, mas isso não a torna menos exigente em termos de manutenção.

Lenora e Rosemary me olham desapontadas. Droga. Elas são muito criteriosos, considerando que são elas que estão bisbilhotando minha vida sexual. — Um cachorro chamado Kitty não conta como criança.

— Você não deveria estar me dizendo que eu não deveria fazer sexo antes do casamento? — Eu deixo escapar. Lamento as palavras no momento em que saem da minha boca. Eu não tive a intenção de chamar a atenção de volta para o fato de que não sou fodida adequadamente há algum tempo. As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse fazer qualquer coisa a respeito.

Rosemary e Lenora compartilham um olhar conspiratório. Rosemary é quem fala, mas mantém a voz baixa e abafada, como se não estivesse apenas contando para todo o salão sobre minha vida sexual. — Escute, Pippa, querida,

— ela sussurra. Eu me pergunto se ela consegue se ouvir por causa do som das secadoras. — Deus ainda vai te amar se você fizer um test-drive.

Meus olhos se fecham quando percebo que este será o momento em que morrerei de vergonha. Bem aqui no Tame Mane porque uma senhora me disse que Deus ainda me amará se eu não esperar até o casamento. Não digo a ela que dificilmente sou virgem. Eu poderia muito bem ser uma, no entanto, porque ninguém pode me proporcionar um orgasmo tão bom quanto eu mesma.

— Anotado, — eu grito. Estou totalmente mortificada. Deve haver vinte mulheres aqui entre cabeleireiras e clientes. E todas elas estão aqui para testemunhar a minha vida sexual — ou devo dizer a falta dela.

— Oh! — Rosemary comemora animadamente, batendo a revista no colo. — Você conheceu o homem que acabou de se mudar para a porta ao seu lado? Parece que ele seria o pecado *perfeito*!

— Acho que prefiro ser celibatária, — murmuro baixinho. A única pessoa que ouve isso é Rhonda. Ela me lança um olhar questionador. Eu não a culpo. Camden parece a opção perfeita. Tenho certeza de que ele não é o tipo de cara que pensa duas vezes e pronto. Sua personalidade idiota é o problema.

— O que é isso? — Lenora grita, sentando-se ligeiramente para frente. Sua testa bate na tigela da secadora. Ela tenta afastá-lo, mas não funciona. — Você disse que você e ele já transaram?

— Não! — Eu grito, sentando-me tão rapidamente que quase caio da cadeira. — Definitivamente não. Nunca vai acontecer.

— Você teve um encontro quente com o novo proprietário da arte? — Rosemary pergunta, tão alto quanto sua amiga.

Não pensei que pudesse piorar, mas piorou. É verdade, porque eu conheço esta cidade, e sei que mesmo que eu subisse na minha cadeira e me dirigisse a cada pessoa aqui para dizer a elas que Camden e eu definitivamente nunca dormimos juntos, os rumores ainda se espalhariam como um incêndio, graças a pergunta estranha de Rosemary.

Isso não pode estar acontecendo. Começo a pensar em que apelido usarei quando me mudar para o outro lado do país. Sempre quis receber o nome de uma princesa quando era mais jovem. Eu poderia me passar por Ariel? Ou talvez Aurora? Qual era mesmo o nome da Branca de Neve? Foi apenas a Branca de Neve?

Estou pensando em nomes de princesas quando o tapinha de Rhonda em meu ombro me traz de volta a atenção.

Olho para cima e encontro todos os olhos do salão apontados diretamente para mim. — Desculpe, eu estava pensando em trabalho, — minto. — O que eu perdi?

— Eu estava dizendo a elas que o novo empresário definitivamente não faz o seu tipo. E que pensei ter visto você em Slopes com Chase não muito tempo atrás.

— Certo, — eu respondo. Eu poderia abraçá-la por redirecionar a conversa. Embora eu tenha gostado de uma noite com Chase, o sexo definitivamente não era algo para se entusiasmar. A noite foi divertida e eu gostei de flertar depois de passar por tudo com a perda da minha mãe, mas Chase terminou em menos de um minuto. Quando ele me perguntou se eu gozaria, eu menti porque, naquele momento, eu já tinha superado isso.

As senhoras aqui não precisam saber disso. Eu preferiria que elas pensassem que eu estava dormindo com qualquer outra pessoa nesta cidade além de Camden.

— Vocês dois estão namorando, então?

— Nunca, — eu zombei. — Camden não é meu tipo.

Rosemary sorri. — Eu quis dizer você e Chase.

Merda.

Mordo o lábio, tentando pensar em uma maneira de encobrir meus erros. — Obviamente. — Eu rio nervosamente, bem ciente de que não estou nem um pouco tranquila. — Somos, hum, apenas amigos, — respondo, dizendo a verdade. Não preciso explicar que Chase ligou várias vezes para sair, mas não

estou interessada. Não vale a pena me preparar e sair de casa se meu vibrador consegue fazer o trabalho melhor do que ele.

— Que pena, — Lenora anuncia com tristeza. Suas rugas na testa ficam ainda mais pronunciadas. Como se minha vida amorosa fosse importante para ela.

— Você deveria ir atrás de um dos meninos Livingston. — Este comentário vem de Rhonda. Traidora. Todas poderiam estar prontas para deixar minha vida amorosa como assunto de conversa, até que ela trouxe o assunto de volta à tona.

Os Livingstons possuem a maior parte desta cidade. Eles são essencialmente uma família fundadora de Suttten, e sua empresa imobiliária, fundada por algum tataravô - ou talvez haja mais alguns grandes - os ajudou a possuir muitas das terras e propriedades aqui. Há quatro meninos Livingston, mas, pelo que entendi, apenas dois são solteiros. Também não estou interessada. A família é um pouco intimidante.

Para minha sorte, Terri, uma garçonete do nosso restaurante local, fala algumas cadeiras abaixo. — Eu gostaria que o mais velho encontrasse alguém novo. A filha dele merece ter uma mãe. Ainda não consigo acreditar que Selena se foi.

Meu peito fica pesado pensando em Selena Livingston. Ela era um raio de sol nesta comunidade. Ela sofreu um acidente de carro dois meses depois de dar à luz uma linda menina. Isso foi há quase dois anos, deixando Dean cuidando de uma recém-nascida sozinho. A comunidade Suttten reuniu-se em torno da família e ajudou, mas ainda não consigo imaginar como Dean Livingston deve se sentir.

O ar ao nosso redor fica pesado por um momento. A filha deles, Clara, parece feliz. Ele a leva à igreja todos os domingos, e é fofo vê-la convencer o pai a rabiscar coisas engraçadas no programa ou vê-la implorar por algo doce quando ele passa com ela na padaria.

Eu me perco em meus próprios pensamentos enquanto Rhonda termina de pintar meus fios de cabelo. A única coisa que me tira dos meus

pensamentos é ouvir Rosemary falar, agora sentada em uma cadeira ao lado da minha.

— Acho que posso fazer com que Harold experimente uma das cenas do nosso clube do livro travesso esta semana.

Rhonda e eu nos olhamos pelo espelho. Todo o meu corpo treme enquanto tento conter uma risada. Não adianta — o bufo que sai do meu corpo é completamente pouco feminino e provavelmente um pouco rude.

O encolher de ombros de Rosemary me diz que ela não se importa. — O quê, meninas? — Ela pergunta incrédula. — Certamente não é segredo que Harold e eu vamos para a cidade.

CAPÍTULO 13

Camden



Estou sentado em meu pequeno escritório na galeria Suttan, revisando novas peças que estou enviando para cá, quando o sinal da galeria toca. Meus olhos se voltam para a hora no canto da tela do meu monitor. São apenas sete da manhã. Ainda não estamos abertos. Não estamos abertos hoje. Quase todas as obras de arte foram vendidas na inauguração no fim de semana. E tudo o que não vendeu naquela noite foi vendido na segunda-feira. É quarta-feira, então a galeria está vazia e não terei novo estoque até este fim de semana.

Suspirando, afasto minha cadeira da mesa e sigo pelo corredor. Não me preocupei em trancar a porta da galeria porque pensei que a placa de fechado na porta e a falta de luz informariam a qualquer pessoa curiosa o suficiente para passar por ali que estávamos fechados.

Estou pronto para dizer ao cliente que não tenho nada para vender quando meus pés param. Não é um cliente na galeria. É a Pippa.

Ela não me nota, seus olhos fixos em uma obra de arte na parede oposta que não está à venda. Foi uma das primeiras peças que Margo fez para mim. Eu queria mantê-la por causa da visão dela sobre a vida de um artista. Sempre

o expus na galeria de Manhattan, mas, por alguma razão, ele se parece mais à vontade aqui.

Pippa fica a uma distância segura do desenho. Posso ver o perfil dela, mas estou escondido no corredor o suficiente para que ela ainda não me note. Agradeço os poucos segundos em que posso acolhê-la sem que nenhum de nós esteja com a armadura. Tenho certeza de que no momento em que ela me notar, estaremos de volta àquilo que criamos, onde trocamos insultos. Mas por um momento, esqueço tudo isso.

Ela segura duas xícaras de café, uma em cada mão. As pálpebras rosa parecem deslocadas na galeria totalmente branca. Ela é a única cor aqui, os pisos brancos e as paredes brancas - e as cores suaves da pintura de Margo.

Meus olhos traçam seu cabelo. Parece mais leve do que da última vez que a vi, mas estou me perguntando se talvez sejam apenas meus olhos pregando peças em mim. A primeira coisa que noto após a possível mudança de cor é que o cabelo dela parece manso pela primeira vez. Não está em seu rosto e não está amarrado de maneira bagunçada no topo de sua cabeça. É elegante e suave. Se eu estivesse mais perto, poderia me sentir tentado a estender a mão e passar a mão pelas mechas só para descobrir como elas são.

O pensamento indesejado me faz desviar os olhos dela porque é Pippa. Esta é a mulher que derramou uma jarra inteira de cerveja em mim, que estragou meu terno para o casamento de Beck e Margo com uma variedade de glacê de cores diferentes. Aquela que não tem vergonha de revelar seus sentimentos por mim – ou a falta deles.

Apesar da desavença entre nós, como fã de arte, não posso negar que ela mesma é uma obra de arte. Sua pele fica bronzeada sem esforço, como se ela tivesse passado muito tempo fora de casa durante o verão. Não posso deixar de me perguntar o que ela faz nas horas vagas, quais são seus hobbies. O brilho de sua pele me diz que, independentemente do que ela estivesse fazendo, ela passava algum tempo ao ar livre. Ela usa uma camisa rosa bebê que corta logo acima do cós de seu jeans claro. Só consigo ver a lateral dela, mas o decote quadrado mostra uma boa quantidade de seu seio. Existem tantas linhas lindas em seu corpo. Suas maçãs do rosto salientes e nariz arrebitado. Seus

seios parecem um punhado perfeito. Quadris que se curvam levemente na cintura e descem pelas pernas. Meus olhos percebem a maneira como o jeans abraça seu corpo perfeitamente. Eu poderia passar horas conhecendo cada inclinação e curva de seu corpo, começando pelas coxas e me perdendo entre elas.

Eu limpo minha garganta, chamando sua atenção. Suas feições endurecem, a melancolia que ela tinha em seus olhos enquanto olhava para a pintura de Margo praticamente desapareceu.

Meus olhos piscam repetidamente enquanto tento apagar os pensamentos que estava tendo sobre ela. Realmente não adianta; aqueles pensamentos sujos sobre ela estão enraizados em minha mente para sempre, quando absolutamente não deveriam estar.

— Por que você está me olhando estranho? — Pippa pergunta, parando na minha frente.

Engulo em seco, tentando desviar o olhar do modo como seus seios quase transbordam por cima da blusa. É sua pele exposta acima da porra do babado chamando minha atenção e me tentando, mesmo sendo a única pessoa nesta cidade que não posso tolerar parada bem na minha frente. Pelo menos eu não *costumava* tolerá-la. Agora, não entendo por que vê-la não estraga completamente a minha manhã. Na verdade, acho que fiquei um pouco animado em vê-la aqui.

— Belos jeans, — respondo, tentando aliviar a tensão entre nós. Isso não ajuda.

Ela sorri, olhando para eles. — Estória engraçada. Uma caixa gigante cheia de *dez* pares de jeans apareceu no Wake and Bake.

— Eu disse que iria substituí-los.

Sua cabeça inclina para o lado enquanto seus olhos percorrem meu rosto.

— Eu procurei online. Eles ainda dizem que estão esgotados.

— Eu puxei alguns pauzinhos. Não é grande coisa. — Bato palmas, querendo mudar de assunto. Ela não precisa saber como foi difícil rastrear a marca e conseguir estoque antecipado para o próximo lançamento. Trisha

passou quase um dia inteiro fazendo isso quando eu lhe paguei por coisas muito mais importantes. — Por que você está na minha galeria quando estamos fechados? — Pergunto, guiando a conversa em uma direção diferente.

— É estranho. Tenho uma lembrança muito vívida de você aparecendo na minha empresa quando eu lhe disse *várias* vezes que estávamos fechados.

Meu lábio se contrai, querendo sorrir com a resposta dela. Eu luto contra isso com unhas e dentes, não querendo mostrar a ela que talvez ela tenha descongelado um pouco minhas defesas geladas. — Você não é bem-vinda aqui.

Ela sorri. Seus dentes são perfeitamente retos e brancos. Eu poderia facilmente estender a mão e traçar o arco de cupido em seu lábio superior. É pronunciado, como uma luz neon piscando chamando a atenção para seus lábios perfeitamente beijáveis. — Sou bem-vinda em qualquer lugar que eu quiser, Camden.

— Você tem certeza disso, bolinho?

Ela empurra uma das xícaras de café na minha direção. — Eu trouxe café para você.

Eu olho para isso. — Está envenenado?

Sua risada ecoa na parede. É doce e sensual, outro golpe na parede que estou tentando construir para mantê-la afastada. — Eu nunca arruinaria minha reputação por sua causa. — Para provar algo, ela leva o café aos lábios. Meu olhar está preso na forma como eles se curvam ao longo da tampa. Ela inclina para trás, engolindo dramaticamente.

Há uma mancha de batom na tampa quando ela a empurra no meu peito. — Viu? Não envenenado.

— E se for uma morte lenta? Ainda acho que não posso confiar em você. — Quero pressionar o copo nos lábios. Para colocar o meu no mesmo lugar que o dela. E não sei o quão fodido isso me deixa.

— Bem, você vai ter que tentar algo novo e confiar em mim pelo menos uma vez.

— Confiar em você? Isso é forçar.

— É melhor ficar confortável com isso. Porque você vai ter que confiar em mim o dia *todo* hoje.

Tomo um longo gole de café. É feito perfeitamente. Não é nada amargo, mas o sabor do expresso é rico com pequenos toques de calda. Ela faz um café muito bom. Há algo mais aqui que o torna diferente do meu pedido típico, mas não consigo identificar o que é. Eu perguntaria a ela sobre isso, mas estou muito preso à ideia dela de que passaremos o dia juntos.

— Por que eu teria que confiar em você o dia todo?

— Porque estou aqui pelo meu pagamento *real*, obviamente. Hoje é seu dia de sorte, Camden. Você passa o dia inteiro comigo e com a bela cidade de Suttan.

O suspiro que escapa do meu corpo é longo e prolongado. Eu tinha esquecido completamente de sua estipulação boba para sua assistência durante a abertura. Sou um homem de palavra e, por mais que eu queira dizer a Pippa para esquecer isso, porque tenho mil coisas que preciso fazer antes de voltar para Manhattan amanhã, tento segurar a língua.

— Tenho muitas coisas para fazer hoje.

Ela levanta um dos ombros bronzeados. — Eu tinha muitas coisas para fazer quando você me pediu para trabalhar como escrava em seu evento, onde fui insultada por um de seus amigos ricos, caso você tenha esquecido, então, desculpe-me se não me importo se você está ocupado ou não. Você vem comigo o dia inteiro, e talvez até a noite. Tenho tantas coisas divertidas planejadas para nós.

— Seus planos eram assistir a reality shows nojentos. Você sabe quanto dessa merda é realmente roteirizada?

Seu lábio inferior carnudo aparece em um beicinho. — Não estrague tudo para mim. Eu gosto bastante de reality shows. Nunca serei capaz de olhar para isso da mesma forma.

— Talvez possamos adiar nossa pequena aventura na Montanha Sutzen?
— Eu pergunto sarcasticamente. — E por adiar, quero dizer nunca fazer isso.

Pippa estala a língua antes de tomar seu próprio café. — Você não vai sair dessa. Você tem cinco minutos antes de me encontrar lá fora.

— E o meu trabalho? — Meu argumento é inútil. Conheço o suficiente sobre ela para saber que esta não é uma discussão que vencerei.

— O trabalho pode esperar! — ela reflete. A alegria em seu rosto só pode ser porque ela sabe que está prestes a me torturar por um dia inteiro.

Por que concordei com isso de novo? Certamente os convidados não precisavam tanto de comida na *inauguração*.

Arrependido de ter dito sim para ela, eu gemo. — Você não vai me deixar sair dessa, não é?

Seus olhos brilham. A luz das janelas do chão ao teto reflete a borda dourada ao redor de suas pupilas. — Não, eu não estou. *Tique-taque*, Camden! Agora você tem quatro minutos até me encontrar lá fora.

Com isso, ela praticamente sai da galeria. Não consigo ver para onde ela desapareceu, mas tenho certeza de que ela não viajou muito. Ela não perderia a oportunidade de me torturar por um dia.

Saio pela porta quinze minutos depois só para irritá-la, nem um pouco preparado para o que quer que ela esteja prestes a me fazer passar nesta cidade.

CAPÍTULO 14

Pippa



Camden parece incrivelmente desconfortável sentado no banco do passageiro da minha velha caminhonete. Apesar de parecer completamente deslocado, ele parece muito bem com seu cabelo escuro despenteado pelo vento. Não pude resistir a abrir as janelas, sabendo que provavelmente iria irritá-lo andar pela cidade com o vento acariciando nossas bochechas.

Não há sensação melhor do que viajar pelas estradas sinuosas de Suttan com o vento nos cabelos e o ar frio fazendo cócegas na pele. Mas acredito nisso porque cresci aqui. Ele cresceu com ruas sujas e poluição do ar. Ele provavelmente nunca dirigiu com as janelas abertas em Nova York. Eu me pergunto se ele alguma vez dirigiu.

— Você pode dirigir? — Eu deixo escapar, arriscando um olhar para ele. Tenho que levantar a voz para falar acima do vento.

Ele está o mais longe que consegue fisicamente na caminhonete. O olhar que ele lança em minha direção é mordaz. — O que diabos passa pela sua cabeça o tempo todo?

Não consigo lutar contra meu sorriso. — Eu não acho que você realmente queira saber disso. Já pensei em matar você muitas vezes.

— Que faz de nós dois.

— Então? — Continuo, virando para uma rua lateral. — Você sabe dirigir ou isso não existe na sua terra?

— Você diz “na minha terra” como se Nova York fosse o pior lugar possível para se viver.

— Não é o pior, mas não posso dizer que vejo o apelo.

Pelo canto do olho, posso ver seu dedo passando pelo lábio superior. Ele parece estar imerso em pensamentos com o gesto e o leve franzir das sobrancelhas. — Diga-me por que Nova York não parece atraente para você.

Sua voz é exigente, não deixando espaço para perguntas. Normalmente isso me irritaria, mas agora isso não acontece. Isso me intriga. Quero saber por que ele se importa com minha opinião sobre onde mora.

— Parece tão... lotado. — Estou tão distraída com seu questionamento que quase perco a curva. Tento não fazer isso, mas tenho que pisar no freio antes de perder. Sentindo sua carranca taciturna voltada diretamente para mim, finjo prestar muita atenção na estrada.

Erro bobo.

Ele surpreendentemente não faz comentários, optando por manter o foco em nossa conversa. — Algo me diz que aqui fica muito lotado durante a temporada de esqui.

Ele não está errado. Quando novembro chega, Suttan fica muito lotado. Mas são apenas pessoas de férias. Eles estão felizes e despreocupados. A cidade de Nova York parece um tipo diferente de lotação. Cheio de pessoas que moram lá e não estão felizes com suas vidas. Eles estão perdidos na agitação da vida cotidiana. Não parece assim aqui em Suttan – pelo menos para mim. Tento pensar em uma maneira de descrever a diferença para Camden, para fazê-lo entender.

Entro em um estacionamento lotado e estaciono bem no fundo. Antes de olhar para Camden, sinto que ele já está olhando para mim. Ele está esperando por uma resposta, e acho que terei que fazer o meu melhor para colocar em palavras o que estou pensando.

— Acho que existem diferentes tipos de aglomeração, — começo, virando meu corpo para encará-lo completamente. — Na minha opinião, penso desta forma... Você pode ter um grupo enorme de pessoas que estão tontas e prontas para começar as férias. Estão longe do trabalho e das tristezas do dia a dia. Elas apenas experimentam a vida no momento e não pensam em mais nada. E então você tem outro grupo de pessoas. Elas estão tendo que se esforçar todos os dias de suas vidas para sobreviver. Estão cansadas e ansiosas pelo fim de semana, então podem tirar apenas um minuto para si. Ambos são grupos de pessoas. Ambos podem parecer lotados quando você está no meio deles. Mas em qual grupo você prefere estar?

Ele não diz nada. Fica em silêncio por tanto tempo que começo a me sentir estúpida porque, claramente, não estou fazendo nenhum sentido. Meus dedos brincam com os cordões soltos do buraco da minha calça jeans. Eu enrolo os fios do jeans em volta do dedo, mordendo a língua para não dizer mais nada e fazer papel de boba.

Por que de repente me importo? Eu não deveria. Eu não deveria me importar com o que ele pensa de mim, desta cidade, de qualquer coisa. Mas sou teimosa. E por alguma razão terrível, quero provar a ele que talvez ele não devesse odiar a cidade de Suttan. Se ele não for embora, quero ensiná-lo a abraçar o estilo de vida mais lento que acompanha a cidade em que morei toda a minha vida.

— Nunca questionei em qual grupo quero pertencer, — ele finalmente admite.

— E você está agora?

Sua cabeça inclina para o lado. É com esse movimento simples que percebo que seu cabelo não está tão perfeitamente penteado como em todas as outras vezes que o vi. Não é nada bagunçado, mas não acho que Camden

esteja desleixado. Ele me parece o tipo de cara que acorda de manhã e imediatamente se prepara, não importa o que tenha planejado para o dia.

— Eu só conheci esse.

Sua resposta me faz sorrir. Talvez seja seu tom hesitante, tão diferente de seu típico tom de comando e segurança. Talvez seja porque o nosso dia ainda nem começou e sinto que hoje pode mudar as coisas para ele. Mas principalmente, acho que é porque Camden está me provando que ele não é quem eu pensava que era. E estou muito curiosa para descobrir mais sobre o homem que causa uma terrível primeira - e segunda, e honestamente terceira - impressão.



— O que é tudo isso? — Camden pergunta, olhando ao longo da academia do centro comunitário, que está repleta de barracas de vendedores e pessoas.

Dou um passo à frente, confiando que ele me seguirá. Meus instintos estão certos. Não preciso olhar para senti-lo um passo atrás de mim.

— Esta, Sr. Hunter, é a nossa amostra de arte comunitária. Bem, parece mais uma feira de vendedores, mas você encontrará muita arte aqui. E acho importante que você veja que a bela arte pode vir de todos os tipos de lugares, e que talvez haja muito talento para sua galeria aqui mesmo em Suttan.

— Pippa! — Uma voz familiar chama de algumas cabines abaixo. Sorrio para Miss Mary e sua barraca de sabonetes artesanais. Eles são meus favoritos e, embora eu tenha um estoque deles em casa, se ela perguntar se quero comprar um hoje, não poderei dizer não.

— Oi, senhorita Mary, — digo com carinho quando paramos em frente à mesa dela.

— Estou chocada que você tenha deixado aquela sua padaria para vir ao evento hoje. — Ela envolve os braços sobre o peito, apertando mais o xale em volta dos ombros. — E que homem bonito temos aqui?

— Nem sempre estou só trabalhando e sem diversão, — respondo, olhando para um novo aroma de sabonete e loção que não tinha visto dela antes. Olho para Camden, que parece incrivelmente desconfortável aqui, com as mãos enfiadas nos bolsos e os olhos vagando pelo espaço. — Este aqui é Camden Hunter. Ele comprou a galeria dos Richardsons. Ele praticamente me implorou para trazê-lo aqui hoje. Ele está esperando impacientemente para conferir o talento local.

É apenas uma pequena mentira. Ele praticamente me implorou para ajudá-lo com sua abertura, o que troquei por trazê-lo aqui hoje, mas ele não tinha ideia das coisas que eu tinha guardado. Apesar da pequena mentira, acho que ele ficará impressionado com o que algumas pessoas aqui em Suttentem a oferecer.

Mary aperta o peito como se eu tivesse acabado de dizer a ela que Camden salva a vida de bebês ou voluntários em um abrigo para moradores de rua. — Uau, — ela diz com admiração. — Isso é tão gentil e atencioso da sua parte.

Tenho que esfregar os lábios para não sorrir e estragar meu disfarce. É tão engraçado vê-la olhar para ele maravilhada, sabendo que sua pele provavelmente está arrepiada com o fato de a atenção estar voltada para ele. — Ele é um homem muito, *muito* gentil, — minto.

Camden Hunter não é gentil. Ele é um homem de poder, um homem que fará qualquer coisa para conseguir o que deseja, incluindo a criação de uma galeria que vai contra todos os valores de uma cidade pequena de manter as coisas locais em Suttent.

Miss Mary desconhece completamente o tipo de homem que Camden é. Ela já parece hipnotizada pelo charme dele, e ele nem disse nada. Deve ser bom ter um rosto tão perfeito que você não precisa dizer uma palavra para que as pessoas caiam aos seus pés.

— Pippa aqui é a garota mais doce, — adverte Miss Mary. Agora, seus olhos brilhantes estão fixados em mim. — Ela é tão doce quanto parece. Eu a

conheço desde que ela usava fraldas, correndo pela igreja tentando ficar nua enquanto o pastor Mark dava um sermão.

Meus olhos se arregalam porque ela deveria estar do meu lado. Ninguém, exceto as pessoas da igreja, deveria saber que eu andava sem roupa no meio de um culto. Eu culpo minha mãe. Papai ainda hoje adora contar a todos que minha mãe achou isso hilário e não ficou nem um pouco envergonhada com minhas travessuras. Essa era minha mãe. Ela era vívida e cheia de vida. Ela poderia fazer piada com qualquer coisa, e há dias em que eu gostaria que ela não fosse arrancada da minha vida sem aviso prévio.

— Pippa com certeza é doce, — Camden fala lentamente. Ele mostra seus dentes retos e brancos, seus incisivos ligeiramente mais afiados que o resto dos dentes. — Isso meio que me lembra... — Ele faz uma pausa como se estivesse tendo que pensar em suas próximas palavras. — ...de bolinho...

Meus olhos se transformam em fendas. Seu sorriso me diz que ele se acha engraçado, mas não acho isso nem um pouco divertido.

Enquanto isso, Miss Mary está aproveitando cada segundo. Ela encara Camden com estrelas nos olhos. Como ela acabou de dizer, ela me conhece desde que eu era criança, e Camden diz uma frase completa e ela está claramente louca por ele.

— Bolinho é minha sobremesa menos favorita.

Miss Mary vira a cabeça em minha direção. Eu não sabia que ela conseguia se mover tão rápido. — Você ganhou prêmios com seus bolinhos de morango. Achei que você adorasse.

Ela me traiu. Camden ri enquanto meu rosto esquentava de vergonha. Vou para casa e jogar fora cada um dos sabonetes da Srta. Mary porque ela deveria estar do *meu* lado. Ela não deveria dizer a ele que o apelido que ele me deu não é tão ruim quanto eu imagino.

— Bem, temos que ir, — minto, puxando a manga da camisa de botões de Camden. — Tantos fornecedores para ver, tão pouco tempo.

— Oh, por que você não pega apenas um sabonete, querida? Ou loção? No espírito do bolo de morango, ainda tenho alguns frascos da minha loção com açúcar e morango.

— Estou realmente...

— Ela vai aceitar, — Camden interrompe. Ele tira a carteira do bolso e folheia notas de cem dólares. Tenho vontade de rir quando ele tira duas delas, como se um único frasco de loção custasse tanto.

— Eu odeio morangos, — argumento, observando Miss Mary embrulhar o frasco rosa de loção em papel de seda branco.

— Mentir é pecado, querida, — repreende Miss Mary, olhando para mim com uma leve decepção. — Você já comprou essa loção de mim antes.

Minhas bochechas incham de frustração porque fui pega mentindo. Pior, na frente de Camden, que sorri tanto que eu poderia até achar encantador se não soubesse que o sorriso foi às minhas custas.

Miss Mary nos empacota e Camden a ouve falar sobre seus cinco netos. Ele não me parece o tipo de cara que conversa com estranhos. Na verdade, sua personalidade dura e rude me parece exatamente o oposto. Sempre pensei que ele tinha direito, o que significa que ele se achava melhor do que todos os outros. Em vez disso, ele está mostrando pequenos vislumbres de si mesmo que me fazem questionar o que realmente sei e o que não sei sobre ele.

Estendo a mão para pegar a pequena sacola de sua mão enquanto passamos por mais algumas cabines adicionais, mas ele a puxa do meu alcance. — Eu carrego isso. — Seu tom faz parecer que não há mais espaço para discussão.

— Posso carregar minha própria sacola.

Ele para no meio do caminho, interrompendo o fluxo do tráfego por um minuto. Os compradores se aglomeram ao nosso redor enquanto Camden olha para mim. — Você pode fazer muitas coisas. Isso não significa que você deveria fazer isso. — E com isso, ele começa a liderar o caminho em direção a algo que chamou sua atenção.

CAPÍTULO 15

Camden



Cheguei à conclusão de que todos os estereótipos sobre as cidades pequenas são verdadeiros. Começando pela ideia de que todo mundo conhece *todo mundo*.

Pippa é o exemplo perfeito disso. Não podemos dar alguns passos sem que alguém pare para falar com ela. Seja alguém implorando para que ela finalmente compartilhe sua receita de cobertura de creme de manteiga ou alguém perguntando como está sua família, ela está sempre conversando com outra pessoa sobre alguma coisa. Algumas pessoas perguntam quem eu sou, outras não. A maioria delas não parece se importar com quem eu sou; eles só querem falar com ela.

Não sei se Pippa percebe ou não, mas as pessoas desta cidade a amam. Seus rostos ficam mais brilhantes, seus sorrisos ficam mais amplos e eles parecem cativados por cada palavra que ela lhes diz. Fiquei desanimado com a ideia de vir aqui quando ela me contou o que estávamos fazendo, mas agora estou quase grato por ela ter me trazido. Estou fascinado pelo quanto todos parecem amá-la nesta cidade. Estou realmente fascinado por *ela*.

Ela fala com cada pessoa como se realmente se importasse com o que elas estão dizendo. Havia uma mulher que estava lhe contando que seu filho de quatro meses estava passando por uma regressão do sono e ela sentia como se não dormisse há dias, então Pippa se ofereceu para cuidar do bebê algum dia para que a mãe pudesse dormir. Ou a velha senhora que reclamou que sua impressora não funcionava, então Pippa se ofereceu para ir consertá-la. Existem inúmeros casos diferentes disso e, enquanto ela fala com outra pessoa, concentro-me em uma das perguntas que continuam sendo feitas.

De uma forma ou de outra, ela continua sendo questionada sobre como está sua família. Mas não parece uma pergunta educada em uma conversa passageira. Todos parecem preocupados ao perguntar isso. Ou que a questão é tabu. E suas respostas não me dão pistas sobre o que eles poderiam estar falando.

E eu quero saber. Eu *gostaria* de saber. Nunca me importei em ser um estranho, mas pela primeira vez, só queria saber o que todo mundo sabe quando se trata dela.

— Yay! — Pippa bate palmas antes de me puxar para uma mesa com cortinas pretas e as palavras - Tommy faz arte - em um banner na frente da mesa. — Camden, você *tem* que conhecer Tommy.

O cara sentado à mesa parece que ainda nem terminou o ensino médio. Ou se ele fez isso, não foi há muito tempo. Ele tem cabelo castanho penteado até o couro cabeludo e me observa com olhos castanhos quase da mesma cor de seu cabelo. — Você trouxe um amigo ou algo assim hoje? — Pergunta o garoto, sua voz confirmando meu primeiro pensamento de que ele talvez nem tenha terminado o ensino médio ainda.

— Ou algo assim, — Pippa começa, me puxando para mais perto da mesa para que eu fique bem ao lado dela. — Tommy, gostaria que você conhecesse Camden Hunter.

Sua cadeira cai para trás e atinge o chão do ginásio com um baque forte. Ele limpa as mãos na frente da calça jeans manchada de tinta. — Camden Hunter, — ele sai correndo, suas palavras se misturando fazendo meu nome

completo soar como um nome longo. — Como o Camden Hunter? — Seu tom sobe uma oitava enquanto ele limpa repetidamente as mãos nas roupas.

— Não sei quantos Camden Hunters existem, mas é o meu nome. — Estendo minha mão para apertar a dele, mas ele apenas olha para minha mão com admiração.

Eu congelo, sem saber o que devo fazer nesta situação. Eu paro o aperto de mão? Espero que esse garoto se recomponha e pareça estranho enquanto faz isso?

Para minha sorte, o garoto finalmente coloca a mão na minha e aperta. — Não acredito que vou conhecer Camden Hunter, — ele respira.

— Eu prometo que ele não é tão legal, — Pippa fala.

Tommy olha para ela incrédulo. Como se ela tivesse acabado de lhe dizer que os homens nunca pisaram na lua ou que George Clooney acabara de se aposentar da atuação. — Não é tão legal? — Ele olha de Pippa para mim. — Você é uma lenda. — Seus olhos saltam ao redor da arte exibida ao seu redor. — E seus olhos pousaram na minha arte. Puta merda.

Sigo seu olhar, observando as peças penduradas na cabine. — São seus?

— Sim, — ele guincha.

— Posso chegar mais perto? — Pergunto, já dando um passo ao redor da mesa para caminhar atrás dela.

— Você pode fazer o que quiser, — responde o garoto, Tommy, recuando como se eu precisasse de tanto espaço para ficar atrás da mesa.

— Tommy se formou há dois anos e tem vendido sua arte em shows, convenções e coisas assim. Ele até fez o mural para mim na loja que dá para os fundos.

— Você está na escola? — Deixei meus olhos percorrerem suas diferentes peças. Elas são muito diferentes, mas você ainda pode ver o estilo dele brilhando em cada peça. São todas paisagens. Existem montanhas, praias, florestas. Elas parecem muito tradicionais, mas também traz um toque moderno a cada uma. Elas são muito atraentes. Quanto mais você olha para

elas, mais coisas você percebe. Por exemplo, como ele muda suas pinceladas no meio da pintura da praia para fazer cada lado parecer diferente. Normalmente, essa diferença de golpes faria as coisas parecerem desequilibradas, mas ele faz com que funcione.

— Ele não pode ver você balançando a cabeça, — diz Pippa do outro lado da mesa.

— Certo, — afirma Tommy. — Não, eu não estou na escola. Espero que, se eu vender arte o bastante, talvez consiga economizar dinheiro suficiente para ir.

Circulo pela parte de trás do estande, inspecionando todas as peças que ele tem em exposição. Ele tem muito talento para alguém que parece não ter formação técnica.

— Qual é o seu preço? — Eu me concentro na paisagem de uma floresta. É à noite, mas ainda parece quente e convidativo. Como se tudo estivesse dormindo ao seu redor, e você pudesse ficar em paz pela primeira vez na calma da noite.

— Esse é cem.

— Mil?

Pippa gagueja atrás de mim. Ou talvez seja Tommy, porque quando olho para ele, seu rosto está vermelho brilhante. — Não, — ele sussurra, com a voz rouca. — Apenas cem dólares.

Eu franzo a testa. — Você está cobrando *muito pouco* pela sua arte.

— Eu estou?

— Definitivamente. Já tenho pessoas em mente que pagariam milhares e milhares de dólares por essas peças.

— O que...— A vermelhidão de seu rosto desapareceu. Agora ele está branco como um fantasma. — Nunca sonhei com tanto dinheiro.

Puxando minha carteira da calça, pego meu cartão de visita. Eu o seguro entre o indicador e o dedo médio enquanto o entrego a ele. — Vou voltar para Manhattan amanhã, mas aqui está meu cartão. Envie-me um e-mail e

colocaremos sua arte em minha galeria. Você descobrirá como é pelo menos meio milhão até o final do mês.

— Meio o quê? — O garoto pergunta. Seus olhos estão tão arregalados de choque que ele parece ter saído de um desenho animado.

— Milhões, — termino, confiante de que suas peças serão vendidas. O garoto terá uma verdadeira surpresa quando descobrir quanto as pessoas pagarão se ele fizer um trabalho personalizado para elas. Conheço dez pessoas que gostariam de fazer uma peça personalizada por motivos sentimentais.

Pippa parece tão chocada quanto Tommy quando finalmente olho para ela. Sua boca está aberta, e eu odeio que a primeira coisa que me vem à mente seja como seria divertido enfiar meu pau nela. Sua língua tem um tom perfeito de rosa. Ficaria quente pra caralho lambendo o esperma do meu eixo.

O pensamento é tão abrupto que quase tropeço nos próprios pés. A única razão pela qual não fico de cara é porque sou capaz de estender a mão e me firmar no canto da mesa. Felizmente, Pippa e Tommy parecem tão preocupados com o valor que as pessoas estão dispostas a pagar pela arte que não percebem meu deslize.

Endireitando a coluna, olho ao redor da sala para ver se mais alguém notou. Ninguém parece estar prestando atenção em nós. Colocando uma mão no bolso, deslizo a outra pela dobra do cotovelo de Pippa.

— Algum outro talento não descoberto aqui que eu deva conhecer, bolinho?

Eu nos paro, virando-me e ficando quase peito contra peito. Não passou despercebido que eu poderia facilmente largar minha mão. Ela não parece ir a lugar nenhum, então não preciso segurá-la. Meus dedos permanecem no lugar. A pulsação dela bate sob meus dedos. Ou é minha?

— Você sabe que acabou de mudar a vida dele, não é?

— Não. Isso foi tudo você.

CAPÍTULO 16

Pippa



— Devo me preocupar com a possibilidade de você me matar e esconder meu corpo onde ninguém jamais me encontrará?

Eu rio, entrando na longa estrada que leva até a casa da minha família.
— Por mais tentador que seja, como eu poderia torturá-lo se você estiver morto?

— Ponto justo. — Ele olha pela janela e eu gostaria de saber o que ele estava pensando. O que ele vê quando olha para o lugar onde cresci? Não sei como você pode olhar para as colinas e as montanhas ao nosso redor e não se apaixonar pela Montanha Sutzen. Não há melhor visão neste mundo do que aquela do lugar que chamei de lar enquanto crescia.

Atravesso o portão do rancho, observando Camden olhar para a grande placa - *Jennings Ranch* - que está pendurada sobre nós.

— Um rancho? — Ele questiona. — O que você está fazendo aqui?

Continuo dirigindo, maravilhada com todo o trabalho que já foi feito para preparar a terra para o inverno. Tento ajudar meu pai e meu irmão, Cade, tanto quanto possível, mas com meus próprios assuntos, não posso ficar aqui

tanto quanto gostaria. Depois que minha mãe faleceu, passei muito tempo aqui tentando fazer o que pudesse para ajudar meu pai e meu irmão. Depois de algum tempo, eu não aguentava mais ficar perto deles. Eu não aguentava estar aqui, sendo lembrada que perdi minha mãe, então me joguei no trabalho. Tudo o que fiz foi comer, respirar e dormir na padaria até perceber que estava fora de controle e pedir a Kitty que me obrigasse a conseguir algum equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo com meu irmão, meu pai era uma sombra do homem que conheci enquanto crescia e eu não sabia o que fazer a respeito, exceto me distrair trabalhando.

— O cara que vem até nós vai ajudar na sua trama de assassinato? — Camden brinca. Ele parece mais solto do que quando começamos o dia, mais despreocupado. Isso pode mudar quando ele descobrir o que planejei para nós.

— O cara que vem até nós é meu irmão. E embora ele possa ser um idiota, duvido que tenha qualquer intenção de assassinar você.

— Esse é o seu irmão? Este é o rancho da sua família? — Ele parece um pouco chocado enquanto olha em volta. Isso me lembra o quão pouco nos conhecemos. Na verdade, não sei muito sobre a dinâmica familiar ou a vida dele fora daqui. É estranho passar um dia inteiro com alguém e não saber nada sobre essa pessoa.

— Bem-vindo ao lar, — digo com entusiasmo, parando minha caminhonete. Cade segura uma sela por cima do ombro, olhando para mim com uma expressão confusa.

Posso ter esquecido de mencionar a ele que estávamos passando por aqui. Ele tem sido um desastre desde que Mare, minha melhor amiga e namorada dele, saiu para trabalhar. Atualmente ela está em Chicago escrevendo um livro e em reuniões constantes. Não tenho muitas notícias dela e, embora ele possa ter notícias dela mais do que eu, sei que ele não vai tirar aquela carranca deprimente do rosto até que ela volte aqui em Suten. Se ela voltar para Suten. Está tudo no ar agora.

— Eu deveria saber que você cresceu em um lugar assim. — Nenhum de nós faz nenhum movimento para abrir a porta, embora meu irmão esteja na frente da caminhonete com uma carranca ainda mais profunda no rosto do que normalmente tem.

— Devo ficar ofendida com isso?

Por uma fração de segundo, seu olhar permanece em meus lábios. Se eu piscasse, teria perdido. Mas eu não perdi, e não posso evitar quando minha língua aparece e traça o local onde seu foco estava.

Ele limpa a garganta, fazendo nós dois pularmos. — Eu não quis dizer isso como um insulto.

— Estou chocada.

— Eu só quis dizer que deveria saber que crescemos de maneira tão diferente. Cresci sendo repreendido se tivesse algum amassada na roupa. Você provavelmente correu pela casa com lama nas botas e ninguém disse uma palavra.

Por um momento, fico triste pela criança que ele deve ter sido. É apenas uma pequena migalha de informação sobre sua vida, mas me diz o suficiente. Crescemos de maneira muito diferente, e talvez se eu o conhecesse um pouco mais, descobriria que há mais nele do que apenas ser um idiota rabugento.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, a porta do motorista está aberta. Quase caio na frente dos dois.

— Cade! — Eu grito, ajustando minha bunda no assento. — O que foi isso?

— O que você está fazendo aqui, Pip?

Camden dá uma risadinha do outro lado de mim. — *Pip?*

Dirijo um olhar feio em sua direção, esquecendo totalmente que há dez segundos eu estava quase sentindo pena dele.

— E quem é esse? — O tom de Cade não é amigável. Ele definitivamente não está estendendo o tapete de boas-vindas para nosso novo convidado. Ele

está agindo como um irmão mais velho superprotetor, mesmo que não tenha razão para isso.

— Este, — começo, saindo da caminhonete e plantando as botas no chão, — é Camden Hunter. Ele assumiu a galeria Richardson.

— O cara que você chamou de idiota porque comprou o espaço que você queria?

As sobrancelhas de Camden se arqueiam de curiosidade enquanto ele contorna a frente do veículo. Eu estava muito ocupada olhando para o comentário desnecessário do meu irmão para notar Camden saindo, para começar.

— Eu não queria comprar o espaço, — minto, subitamente envergonhada. Por alguma razão, não quero que Camden saiba que eu queria o espaço que ele agora possui. Eu não quero que ele tenha isso contra mim. Porque tenho certeza de que as coisas não podem ficar neutras entre nós para sempre, e mesmo que hoje ele tenha sido mais amigável do que o normal, sei que chegará um momento em que voltaremos a discutir, e quando isso acontecer, prefiro ele não saber que eu sempre sonhei em comprar a galeria de arte para ter mais espaço para o Wake and Bake.

Cade fixa o boné na cabeça. — O que você está falando? Tudo o que você sempre falou foi em economizar dinheiro para comprar a o local deles e o seu para fundi-los. — Ele me puxa para mais perto dele, passando a mão enluvada pela minha testa. — Você teve uma concussão e não contou a ninguém?

Empurro meu irmão para longe, enxugando minha pele para ver se ele deixou alguma sujeira em mim. — Cade, você não tem ideia do que está falando.

Meu irmão me lança um olhar estranho, mas, felizmente, ele desiste. Tenho certeza de que da próxima vez que ele ficar sozinho comigo, ele poderá perguntar sobre isso. Responderei a ele quando for preciso. No momento, estou mais preocupada com o olhar curioso que recebo de Camden.

Cade tira uma luva de couro da mão e a enfia no bolso de trás da calça jeans. Ele estende a mão, esperando que Camden a aperte. — Prazer em conhecê-lo, Sr. Hunter. Eu sou Cade.

Camden pega sua mão. É engraçado ver os dois apertando as mãos, sabendo o quão diferentes eles são. Meu irmão é um garoto do interior com jeans surrados e boné desbotado na cabeça. Há sujeira em sua camisa por causa do trabalho hoje e suas botas estão cheias de arranhões. Camden mal tem um fio de cabelo fora do lugar, apesar de andar comigo com as janelas abertas hoje. Ele parece um pouco mais casual do que normalmente é por não usar paletó, mas a bela camisa de botão e calças não combinam com o rancho.

Eu luto contra um sorriso com a ideia dele em um cavalo com o que ele está vestindo atualmente.

— Você pode me chamar de Camden.

Cade acena com a cabeça, cruzando os braços sobre o peito. Ele é bronzeado – muito bronzeado. Faço uma anotação mental para ter certeza de que ele e meu pai estão aplicando protetor solar todas as manhãs. Eles passam o dia inteiro no sol, e se eu descobrir que não estão cuidando da pele, vão levar um longo sermão.

— O que traz você aqui, Camden?

Camden se concentra em mim. Eu odeio o jeito que mesmo quando ele parece tão deslocado parado na nossa garagem, ele de alguma forma ainda parece bem. Ele quase parece pertencer a este lugar, embora esteja vestido para uma reunião de negócios e não para um passeio de trilha. — Eu gostaria de poder dizer a você, mas estou apenas a passeio. Sua irmã está no comando hoje.

Cade ri. — Cuidado ao dar a ela tanto poder.

— Já estou me arrependendo. — Seu tom é provocador e não parece um soco.

Eu bato palmas. Estou pronta para fazê-lo passar por isso um pouco, então talvez ele se torne um idiota novamente. Eu posso lidar com Camden sendo um idiota; Estou acostumada com isso. O que não estou preparada para

lidar são os olhares persistentes em meus lábios e as coisas boas que ele diz de vez em quando. — Camden está aqui para um passeio de trilha.

— Um o quê? — Camden pergunta, uma carranca aparecendo em seu rosto mais uma vez. *Aí está.* Estou muito mais familiarizada com este Camden.

— Você não pode levá-lo para passear usando isso. — Há humor na voz de Cade. Ele estava lá na noite em que conhecemos Camden. Se você pudesse convocar uma reunião. Eu acidentalmente encontrei esse idiota, derramei cerveja nele e ele ficou chateado. Cade estava lá, mas desde então descobri que ele estava muito ocupado ansiando pela minha melhor amiga para prestar atenção no que estava acontecendo. Provavelmente foi melhor, porque ele também não percebeu que eu estava flertando com Chase, um de seus bons amigos.

— Não vou fazer nenhum passeio em trilha, — Camden interrompe, olhando para mim como se eu tivesse tido a ideia mais maluca do mundo de levá-lo para passear nas trilhas.

— Estamos fazendo com que você se apaixone por Suttin, — argumento, já caminhando em direção aos estábulos. Felizmente, parece que não temos convidados aqui agora nas trilhas, então teremos os estábulos e as trilhas só para nós. — E acontece que sei que a melhor vista de Suttin vem de estar na sela na encosta da montanha.

— Concordo com seu irmão, — Camden grita atrás de mim. — Não tenho roupa adequada para montar! Não tenho botas de montaria. — Não me preocupo em olhar por cima do ombro para ver se ele está me seguindo ou não. Ele pode me seguir ou ficar sozinho com meu irmão. Duvido que ele escolha o último.

— Botas de montaria, — chamo, feliz em ver meu cavalo, Tonka. Não tenho sido boa em vir aqui e dar atenção a ele quando sei que deveria. A vida é muito ocupada e eu sei que ele costuma fazer trilhas. Finalmente, me viro e encontro Camden me seguindo alguns passos atrás. — Diga-me, Camden, você montava sela inglesa enquanto crescia? Você foi para acampamentos equestres, não foi?

— Não, — ele afirma com naturalidade. — Eu realmente não gosto de... animais. Mas uma vez namorei uma garota que saltava competitivamente, então sei um pouco sobre cavalos.

— Você partiu o coração dela?

— Depende para quem você pergunta.

Cade nos alcança, colocando o telefone de volta no bolso como se tivesse acabado de receber uma ligação.

— Falou com Mare? — Eu incito. Ela continua conversando com o Cade, mas, comigo não conversa tanto. Tento não deixar isso me derrubar. Ela está ocupada terminando um livro e tenho certeza de que voltará assim que terminar tudo o que precisa fazer em Chicago. Mas sinto falta da minha melhor amiga.

— Sim, ela não tinha muito tempo, ela estava prestes a dormir. Ela ficou acordada a noite toda escrevendo.

Eu odeio sentir Camden olhando para mim. Estou preocupado que ele possa ler todos os meus pensamentos. Que ele descobrirá outra coisa para usar contra mim.

— Que tal eu pegar algumas roupas e botas para ver se elas funcionam para você? — Cade oferece, avaliando as roupas preferidas de Camden.

— Você não poderia ter me dito para me vestir adequadamente? — Camden ignora completamente o comentário do meu irmão, fixando-me com um olhar pensativo.

Tudo o que posso fazer é sorrir e encolher os ombros. — E estragar a surpresa? Nunca.

CAPÍTULO 17

Pippa



Minhas bochechas se contraem enquanto tento reprimir a risada que ameaça escapar. Consigo segurá-la por alguns segundos antes que ela borbulhe para fora de mim, me fazendo cair na gargalhada.

— Estou feliz que você tenha achado isso tão divertido, — Camden rebate, seus lábios pressionados em uma linha fina. Seu tom me deixa histérica, fazendo-me dobrar a cintura enquanto lágrimas se formam em meus olhos.

— Oh meu Deus, — eu suspiro, tentando trazer ar para meus pulmões. — Esta é a melhor coisa que já vi. — Enfiando a mão no bolso, tiro o telefone da calça jeans. — Preciso tirar uma foto para postar na internet.

Em um piscar de olhos, Camden está do outro lado da sala e arranca meu telefone da minha mão.

— Ei! — Eu grito, tentando arrancá-lo dele. — Devolva meu telefone.

Camden estala a língua. Estou incrivelmente desconfortável ao vê-lo deslizar pelo rolo da minha câmera, claramente sem limites.

— Vou devolvê-lo quando tirar essa roupa horrível e voltar a usar roupas que sejam feitas sob medida para caber no meu corpo.

Quase caio de bunda quando tento pular e pegar meu telefone de sua mão novamente. Ele é muito rápido para mim, segurando-o acima da cabeça para que fique fora de alcance. Seu polegar continua a deslizar pelo rolo da minha câmera, e ele está perigosamente perto de ver fotos que não foram feitas para seus olhos. Até agora, estamos na zona segura, e ele está vendo principalmente fotos que tirei de bolos e outros doces para enviar para todas as redes sociais do Wake and Bake. Mas se ele continuar...

Eu avanço uma última vez, na esperança de pegá-lo de surpresa. Não funciona. Ele empurra meu peito apenas o suficiente para permitir mais espaço para invadir minha privacidade enquanto ele afasta com a outra mão.

Gemendo, dou um passo para trás, correndo direto para um suporte de sela. Esfrego meu quadril, prendendo-o com um olhar furioso. Minha única esperança é que se eu parar de tentar arrancar isso dele, talvez ele pare de ver minhas fotos como vingança por tentar chantageá-lo.

Quando ele não para, fico ansiosa. — Ok, a diversão acabou. Você pode ficar com meu telefone até voltar a vestir suas roupas de cara rico e não usá-lo nas roupas de segunda mão do meu irmão.

Odeio admitir, mas ele fica muito bem com a roupa, mesmo que as roupas não caibam nele tão bem quanto suas roupas típicas. Ele tem talvez alguns centímetros a mais do que Cade, o que faz com que o velho par de Levi's seja um pouco curto demais para ele. Seu pé era dois tamanhos maior para usar qualquer uma das botas de cowboy de Cade, mas encontramos um par que um velho fazendeiro costumava usar e que funcionava. É realmente incrível ver Camden com um par de botas de cowboy. Ele parece tão deslocado que quase rio de novo com a visão.

Ele traçou uma linha dura com o chapéu de cowboy, apesar dos meus esforços para lhe dizer que aquilo fazia parte do dia.

Eu passei muito tempo olhando para ele e não percebi que ele nunca respondeu a mim. Percebo que seu polegar não está mais deslizando pela tela do meu telefone, mas algo ainda chama sua atenção pela maneira como ele aproxima a tela do rosto, olhando para ela.

Oh não.

— Camden, — eu começo, minha respiração falhando. Graças a Deus meu irmão teve que sair correndo para ajudar meu pai com uma cerca quebrada, ou eu ficaria ainda mais mortificada se ele testemunhasse isso.

Os olhos azuis gelados de Camden encontram os meus. Seu rosto inteiro é estoico, suas costas retas enquanto ele vira meu telefone para me encarar. — Para quem diabos você está enviando isso? — Sua voz é tensa e, mesmo a poucos metros de distância, posso ver os músculos ao longo de sua mandíbula se contraindo com raiva.

Meu estômago embrulha quando vejo a minha foto em frente ao espelho de corpo inteiro no meu armário. — Ninguém, — respondo, odiando o modo como minhas bochechas ficam vermelhas ao saber que ele viu a foto. Quero dizer que estou envergonhada, mas não sei se o sangue que sobe às minhas bochechas é de vergonha ou de excitação - e acho que talvez eu goste.

— Pippa. — Ele respira fundo e com raiva, o ar sibilando pelas narinas. Sempre achei que os estábulos eram barulhentos e cheios de vida, mas quando nos encaramos na sala de arreios, nada pode ser ouvido além de nossas respirações difíceis. — Quem. Fez. Você. Enviar. Isso?

— Isso não é da sua conta. Vamos.

As narinas de Camden se dilatam. É a única coisa que denuncia seu ciúme, além do tique de raiva em sua mandíbula.

Nossos olhares furiosos não vacilam. O tempo passa enquanto nos encaramos. Ou talvez não seja raiva em nossos olhos. Está cheio de tensão, mas não sei de que tipo, e sei que preciso sair desta sala antes de fazer algo idiota. Neste momento, quero fazer algo tolo e perguntar se ele gostou do que viu.

— Você tem mais uma chance de me dizer para quem enviou esta foto antes que eu leia cada uma de suas mensagens de texto para descobrir.

— Isso é infantil. Você me odeia, lembra? Por que importa para quem estou enviando fotos minhas?

— Porque você não está usando nada além de pedaços de renda.

Ele não está errado. Eu encontrei um novo site para encomendar lingerie. Eu queria ver como isso se encaixava. A lingerie caiu perfeitamente e adoro fazer minhas próprias sessões de fotos quando me sinto sexy. As fotos não foram tiradas para ninguém além de mim. Eu amo o corpo que tenho. Forte em alguns lugares e suave em outros. Gostei que essa lingerie acentuasse minhas partes favoritas do corpo. Ficava no alto dos quadris, chamando a atenção para a cintura estreita. Ele cortou meus seios, dando-lhes a sustentação necessária, sem empurrá-los até o queixo de uma forma que é completamente antinatural e incrivelmente desconfortável. O sutiã faz meus seios de tamanho médio parecerem maiores do que realmente são, algo que gostei muito nele.

Fico tão perdida em minha mente que não percebo que ele diminuiu a distância entre nós. Ele me encurralou, a borda do suporte da sela cravando-se em minhas costas. Mal percebo a dor porque estou muito perdida na maneira como seus olhos escureceram.

— Uma última chance, bolinho. Diga-me para quem você as está enviando.

— Por quê? Então você pode rir com eles?

— Não, então posso dizer a eles para perderem a porra do seu número.

Minha boca se fecha. O que diabos está acontecendo?

Ele dá um passo à frente, pressionando totalmente a frente de nossos corpos. Ele é mais caloroso do que eu esperava, tão diferente de sua típica personalidade fria. Ele é uma cabeça mais alto do que eu, mas a maneira como ele se agacha nos deixa quase nariz com nariz.

— Camden. — Minha voz me trai. O tom sarcástico que reservo para ele e somente para ele se foi. Em seu lugar há um tom ofegante... e talvez um pouco de desejo depois de sentir seu corpo duro pressionado contra o meu.

Ele segura o telefone na minha frente, inclinando-o para que ambos possamos ver a tela. Ele se concentra na minha foto suja por alguns segundos

antes de fechar e ir para a tela inicial. No momento em que ele clica nas minhas mensagens de texto, a bolha cheia de luxúria estoura e fico com raiva.

— Você está cruzando tantos limites, — eu ataco.

Seus olhos examinam todos os tópicos de texto que tenho. — Não vejo você tentando me impedir.

Eu franzo a testa. Talvez ele tenha razão. — Você não vai descobrir para quem enviei a foto.

Sua respiração faz cócegas em minhas bochechas quando ele olha para mim. — E por que isso? Você excluiu a conversa?

— Não. — Eu olho para onde nossos corpos se tocam. Eu deveria afastá-lo, mas mesmo que a fúria corra em minhas veias pela maneira como ele cruzou tantos limites sem remorso, não consigo fazer isso. Eu não quero. Estou muito perdida na neblina furiosa em seus olhos. A maneira como ele aperta a mandíbula com tanta força que estou preocupada que ele quebre os dentes que seus pais claramente gastaram milhares para aperfeiçoar. — Eu tirei a foto para mim.

Sua cabeça inclina para o lado. Parece infantil, mas quero estender a mão e despentear seu cabelo com gel. Para torná-lo um pouco menos perfeito como vingança por violar minha privacidade. — Explique, — ele rosna.

Suspirando, finalmente recupero o juízo e empurro seu peito. É apenas ao acaso. Ele me deixa fazer isso, porém, apenas recuando na medida em que eu o empurro — o que não era longe, para começar.

— Sim. Para mim. Por que uma mulher não pode tirar fotos sensuais de si mesma e guardá-las só para ela? Nos dias em que estou cansada ou coberta de farinha e com uma calça jeans velha e uma camiseta, gosto de olhar fotos como essa e lembrar dos momentos em que me senti linda e sexy.

Ele engole, seu pomo de adão se movendo lentamente ao longo de sua garganta. — Ninguém mais tem isso?

Eu balanço minha cabeça. Não que ele mereça saber a informação nem um pouco.

— Você está sempre... — Suas palavras desaparecem. Ele decide não dizer o que quer que fosse dizer enquanto recua alguns passos, mantendo meu telefone em suas mãos.

Um silêncio constrangedor enche a sala. Ele coloca o telefone em uma prateleira antes de sair da sala de equipamentos. — Leve-me até a fera que você está insistindo que eu monte, — ele corta antes de desaparecer.

Agora que estou sozinha, finalmente respiro fundo pela primeira vez em algum tempo. Pego meu telefone, percebendo que a tela ainda está iluminada. Todo o meu corpo fica vermelho quando vejo um novo tópico de texto criado, com apenas um texto nele.

A foto que estávamos olhando. Não preciso perguntar para saber que ele acabou de enviar aquela foto para si mesmo - e agora vou passar o dia inteiro me perguntando por quê.

CAPÍTULO 18

Camden



— Você sabe que os cavalos podem sentir o medo, certo?

Dirijo um olhar cortante em sua direção, um que ela não vê ligeiramente na minha frente. Meus dedos seguram as rédeas com força enquanto Pippa nos conduz montanha acima a cavalo. Aperto as ancas do cavalo com as coxas, tentando não voar enquanto subimos a montanha.

— Não estou com medo, — afirmo, bem consciente do tom hesitante em minha voz. Sou um homem que busca controle em todos os aspectos da minha vida. Não há ninguém que possa fazer as coisas melhor do que eu. Portanto, colocar minha vida nas mãos de um cavalo que poderia me jogar da encosta de uma montanha não é exatamente minha ideia de diversão.

Não é o cavalo que eu temo. É abrir mão do controle.

— Estamos quase na última parte e então será um mar tranquilo, *cowboy*. — A palavra *cowboy* é dita sarcasticamente, tão sarcástica que ela ri sozinha. Tenho certeza que se ela não estivesse bem na minha frente, eu veria um sorriso satisfeito em seu rosto.

— Vou te dar uma vitória na feira de arte, — grito, apertando o que Pippa me disse ser um - chifre de sela - enquanto o cavalo salta sobre um tronco em seu caminho. — Mas estar no meio do nada montado na porra de um cavalo não está fazendo com que eu me apaixone por esta cidade. Na verdade, isso me lembra todas as coisas que não gosto nas cidades pequenas.

Pippa e seu cavalo param no início de uma clareira, o chão abaixo de nós finalmente fica plano novamente.

— Dê-me mais dez minutos e você verá o que quero dizer sobre a melhor vista.

Meu cavalo, cujo nome é Rebel, não me deixa tranquilo em colocar minha vida em suas mãos e se inclina para mastigar a grama sob seus cascos. Solto um pouco as rédeas, dando-lhe espaço para fazer um lanche. Isso permite que minhas coxas descansem depois de terem passado uma eternidade segurando as laterais dele para que eu não caísse de uma montanha.

— Sabe, estou duvidando de concordar com seu pequeno acordo estúpido.

— Eu disse a você que não queria fazer isso. Eu tive que deixar você infeliz se quisesse concordar com isso.

Tudo que faço é grunhir, pressionando meu calcanhar na barriga de Rebel quando Pippa guia seu cavalo para frente novamente. Estou definitivamente infeliz por uma série de razões.

Desistir do controle.

Não estou trabalhando quando tenho mil coisas para fazer.

Vestindo essas roupas estúpidas de segunda mão que me fazem sentir como se estivesse usando uma fantasia barata de cowboy.

Observar as coxas fortes de Pippa montada no cavalo, sabendo o que ela está escondendo debaixo da calça jeans. A imagem de Pippa com nada além daquela lingerie minúscula ficará para sempre gravada em minha mente. Não consigo me livrar disso, por mais que eu tente. Eu pensei em inúmeras

maneiras diferentes de rasgar aquela renda de seu corpo para que cada centímetro perfeito de sua pele ficasse à mostra. Não tenho orgulho de imaginar como ficaria a bunda dela de lingerie. Tenho certeza de que deixou pouco para a imaginação, e não posso negar o quanto gostaria de ter visto aquela vista. Não tenho dúvidas de que ver a curva nua de sua bunda seria minha ruína. Eu adoraria ver aquele pedaço de tecido colocado entre suas nádegas enquanto eu colocava uma impressão das minhas mãos nela.

Meu pau endurece em meu jeans. Eu odeio isso. É apenas mais um lembrete de que perdi o controle. Meu corpo está me traindo ao desejá-la, mas como não poderia? Ela é linda – não há como negar isso – mas ela me deixa louco. Ela é tudo que eu odeio – um caos incontrolável. No entanto, estou ansioso para ter um gostinho de seu lado selvagem. Ela é incrivelmente tentadora e nem sabe disso. Pelo menos ela não sabe o quanto é tentadora para *mim*. Estou tentando esconder, mas vê-la em lingerie, me perguntando que outro homem colocou os olhos em um corpo que merece ser gravado em pedra, foi onde todo o meu controle cuidadoso quebrou.

Eu não me importava se ela soubesse que eu estava com ciúmes.

Mas com mais espaço entre nós, não posso deixar de me odiar um pouco por desejá-la do jeito que eu quero, por estar tão tentado por ela. Ao saber que se ela olhar para mim com luxúria em vez de raiva mais uma vez, posso provar para nós dois que não preciso gostar dela para adorar cada centímetro de seu corpo.

— Olá! — Pippa grita, chamando minha atenção. Ela está virada na sela, olhando para mim com olhos expectantes.

— O quê? — Eu respondo, esperando que ela não me pegue tentando me ajustar. Ficar com tensão na sela é uma das piores coisas que já experimentei. Cada vez que o cavalo se move, mesmo que seja apenas um centímetro, meu pau tenso atinge o chifre da sela. É seguro dizer que *não* vejo o apelo de andar a cavalo. Isso é muito desconfortável e, até agora, a única visão em que consigo me concentrar é a bunda redonda de Pippa na sela – algo que não tenho o direito de olhar.

O sorriso sensual de Pippa me deixa arrepiado. Eu me pergunto se ela tem alguma ideia do quanto está fodendo minha cabeça. — Você está pronto para se apaixonar por Sutzen?

— Não, — eu mordo. Na verdade, estou pronto para dar o fora de Sutzen. Estou pronto para me afastar dela e de toda a merda que ela está fazendo na minha cabeça. Não sou alguém que se distrai e me recuso a ser um quando se trata dela.

Pippa dá de ombros, guiando seu cavalo para frente. — Vou mostrar a você de qualquer maneira.

Ela está muito à frente para ouvir o suspiro de raiva que me invade. Eu faço uma careta, treinando meus olhos na parte de trás de sua cabeça para não me distrair com seu corpo mais uma vez. Estou tão concentrado em manter meu olhar em uma zona segura que sinto falta do fato de que nossos dois cavalos pararam e diante de nós há uma vista que me faz parar.

— Puta merda, — murmuro baixinho, olhando para a vista ampla à nossa frente. É tão deslumbrante que merece ser capturada em tinta para sempre.

— É outra coisa, não é? — Sua voz me pega de surpresa. Ela não está mais à minha frente; em vez disso, ela senta em seu cavalo bem ao meu lado.

— É ok, — eu minto. É uma das vistas mais lindas que já vi. Algumas folhas das árvores começaram a mudar de cor. É absolutamente hipnotizante. Estive em todo o mundo. Já vi algumas das sete maravilhas do mundo, mas, porra, odeio que ela esteja certa sobre a vista diante de mim.

É magnífico. Um tesouro escondido que poucas pessoas parecem conhecer, exceto as pessoas que vivem aqui. As árvores pintam um quadro vibrante em tons de vermelho e laranja, misturados com uma pequena quantidade de verde exuberante das árvores que ainda não aceitaram a transformação do verão em outono. Existem até misturas de amarelos nas colinas. Se eu olhar bem longe, há uma grande massa de água aninhada entre as árvores. O topo da montanha atrás dela reflete na água, criando uma obra-prima.

Se eu pudesse trazer alguns dos meus artistas mais populares para cá, eles poderiam criar magia. A ideia surge na minha cabeça sem ser bem-vinda. Eu não deveria querer voltar aqui. Eu não deveria querer trazer artistas talentosos aqui para capturar a essência de tirar o fôlego que está diante de mim, mas não consigo deixar de já imaginar isso. Eles nunca chegaram perto de capturar o quão perfeita é a vista, mas maldita seja, eu conheço algumas pessoas realmente talentosas que poderiam dar o seu melhor.

— O que está em sua mente? — A voz de Pippa é suave, me tirando de todos os diferentes planos que passam pela minha cabeça. Até o garoto que acabei de conhecer - Tommy, creio que é este o nome dele - poderia criar uma obra-prima se tivesse a oportunidade de vir aqui e pintar as paisagens.

— Não consigo imaginar como será isso ao amanhecer. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa fazer qualquer coisa para impedi-las. Meu queixo se contrai enquanto minha cabeça acompanha o que acabei de dizer. Não era nada disso que eu estava pensando - ou era? De qualquer forma, não era algo que eu queria dizer em voz alta para ela.

Ainda sinto essa imensa necessidade de agir como se a vista diante de mim fosse comum – mesmo que não seja nada disso. A extensão de terra à nossa frente é tudo, mas não quero que ela saiba disso. Não quero que ela saiba que está certa.

— É verdadeiramente único. — Seus olhos suavizam um pouco nos cantos. Não é com humor. É quase como se suas feições suavizassem de alívio. Como se ela pudesse respirar um pouco mais fácil sabendo que eu não bati automaticamente em algo que ela tanto ama.

Nós brigamos mais do que com qualquer outro estranho em minha vida. Eu não teria nenhum problema em insultar a vista que ela claramente adora, mas não posso fazer isso. Eu disse algumas coisas ruins para ela, mas não posso fazer isso de novo. Não neste exato momento.

Porque eu entendo o que ela quer dizer. Vi o incrível trabalho artesanal na arquitetura de Barcelona, o lago no sopé das montanhas em Hallstatt, na Áustria, a Costa Amalfitana na Itália com água de um tom turquesa tão vívido

que me perguntei como era possível que fosse tão vibrante. Passei férias no interior da França e caminhei por fileiras e mais fileiras de cerejeiras em flor no Japão. Meu estilo de vida me trouxe ao redor do mundo, permitindo-me conhecer tantos lugares lindos. Mal sabia eu que aquele que eu mais queria retratado em tinta era o de uma pequena cidade da qual nunca tinha ouvido falar no Colorado. E eu nunca teria ouvido falar disso se meu melhor amigo e sua esposa não tivessem insistido em se casar aqui e nos forçado a nos juntar a eles.

— É aqui que eu digo que *avisei*? — Há atrevimento em sua voz quando ela desce do cavalo.

Reviro os olhos para ela. Ela absolutamente poderia dizer isso, mas eu mordo a língua para não admitir isso para ela. Em vez disso, olho para o chão e me pergunto ansiosamente como diabos vou descer deste cavalo.

Como se pudesse ler minha mente, ela agarra as rédeas do meu cavalo e o mantém firme. Ela sussurra coisas para ele enquanto eu desço – todo o processo provavelmente foi a coisa menos graciosa que já fiz na minha vida. Os esportes nunca foram minha vida, como eram na vida de alguns dos meus amigos enquanto crescia, mas eu era bom nisso e os praticava porque me afastava de uma casa que eu odiava. Tive a sorte de ter sido atlético sem realmente ter que trabalhar para isso. Mas, aparentemente, os anos de lacrosse e a equipe de natação do meu internato chique não fizeram nada para me ensinar como descer da porra de um cavalo.

No momento em que meus pés tocam o chão, quase quero beijar a terra sólida sob as solas das minhas botas horríveis. Nunca estive mais grato por estar na sujeira em toda a minha vida.

— Ele era tão exigente, Rebel Boy? — Pippa balbucia para o cavalo, esfregando os olhos. — Ele simplesmente não sabia como montar você corretamente?

Eu resmungo, dando um passo à frente apenas para me encontrar um pouco instável. Mesmo com os pés plantados, parece que ainda estou saltando

para cima e para baixo no cavalo. Minhas coxas queimam e meu pau finalmente sente alívio por não ser batido contra um chifre de sela.

— O que fazemos agora?

Se ela nota meu tom rabugento, ela não diz nada. Em vez disso, Pippa enfia a mão em uma bagagem na lateral da sela de seu cavalo. Ela tira o que parece ser uma colcha feita à mão.

Minha mente imediatamente vai para vovó, para as lembranças de estar sentado a seus pés assistindo a reprises de *O preço é justo* enquanto ela cochilava enquanto bordava colchas.

Pippa também tira uma bolsa e uma garrafa térmica da bagagem antes de acenar na nossa frente. — Agora, Camden Hunter, apreciamos a vista.

CAPÍTULO 19

Pippa



— Posso te perguntar uma coisa? — Camden pergunta, olhando para mim por cima de sua caneca de café.

Estreito meus olhos nele. — Você não me parece o tipo de cara que pergunta antes de fazer qualquer coisa. Basta perguntar o que quiser.

Estávamos tomando café e comendo sanduíches enquanto apreciávamos a paisagem. Foi tempo suficiente para que nós dois precisássemos de mais café que eu havia embalado em uma garrafa térmica para nós. Estou chocada por termos chegado até aqui sem arrancar os olhos um do outro ou pelo menos nos insultar. Compartilhamos apenas pequenos golpes, mas na maior parte do tempo a conversa entre nós tem sido fácil.

Detesto admitir, mas ele é um homem interessante. Ele sabe muito sobre o mundo e gostei de ouvir sobre o que ele fez na vida. Não vi muita coisa fora de Sitten e Chicago. Suas histórias me fazem querer reservar um dia para ver o que o mundo tem a oferecer.

Camden limpa a garganta, me trazendo de volta ao fato de que ele queria me perguntar algo. Ele parece nervoso com isso, o que por sua vez *me deixa*

nervosa com o que quer que esteja prestes a sair de sua boca. Se sei alguma coisa sobre ele, é que ele não parece ser o tipo de homem que fica nervoso. Ele traça uma linha na colcha que minha mãe costurou à mão quando eu era adolescente.

— Por que todo mundo na cidade ficava perguntando como está sua família?

Meus olhos se arregalam quando encontram os dele. Eu estava olhando para o modo como seus longos dedos acariciavam o fio delicado da colcha e não estava prestando atenção em sua expressão. Tento não olhar para ele, com medo de ficar olhando por muito tempo. É difícil desviar o olhar com traços tão esculpidos e marcantes quanto os dele.

— É uma cidade pequena. As pessoas só querem saber como estão todos.

A linha reta de seus lábios me diz que ele não acredita em mim. Ele me observa, o calor formigando minha pele com o caminho que seus olhos traçam.
— Parecia mais do que isso.

Porque é muito mais do que isso. Quando minha mãe morreu, isso não atingiu apenas nossa família; foi algo que abalou toda a nossa cidade. Ela era a luz desta cidade. Amiga de todos. Minha mãe recebeu todos que conheceu em sua vida de braços abertos, e não acho que fui a único que a imaginou em nossas vidas para sempre.

— Por que você diz isso? — Minha pergunta pretende parar, e a maneira como ele me encara me diz que ele sabe disso. Estúpido Camden Hunter. Eu odeio o quão bom ele é em ler as pessoas, embora eu imagine que uma grande parte de seu trabalho seja ser capaz de ler as pessoas facilmente para que ele possa vender para elas — lucrar com elas.

— Porque houve pena quando olharam para você, — ele responde suavemente. Suas palavras não machucam porque são verdadeiras. É uma das partes mais difíceis do luto. Você pode pensar que se curou o máximo possível de uma morte súbita, mas as pessoas ao seu redor nunca o tratam da mesma forma. A pena nos olhos deles não desaparece com o tempo e quase faz você

se sentir culpado por fazer a única coisa que pode fazer depois de perder alguém: seguir em frente com sua vida.

Solto um suspiro instável. Estou prestes a contar a ele sobre a morte da minha mãe? Se eu contar a ele, quanto direi?

Devo dizer a ele que me sinto culpada por Cade ter sido quem a encontrou? Que às vezes eu gostaria que fosse eu quem a encontrasse porque sinto que poderia lidar com a dor melhor do que meu irmão?

Devo admitir que esperei do lado de fora do cinema local no dia seguinte porque minha mãe e eu tínhamos planejado ver a mais nova comédia romântica juntas naquela tarde? Eu não tinha processado que nós realmente a perdemos, embora meu pai já tivesse me pedido para começar a organizar o funeral e avisar a todos que ela havia falecido porque ele ainda não havia enfrentado nossa nova realidade. Fiquei sentada na calçada do estacionamento do teatro por mais de uma hora chorando porque ela nunca apareceu.

Devo dizer a ele que ainda ouço as antigas mensagens de voz que ela me deixou para fingir que ainda está aqui?

Devo admitir que às vezes fico com muita raiva dela por ter morrido? E me odeio por me sentir assim, porque sei no fundo que ela nunca nos teria deixado de propósito.

Há tantas coisas que eu poderia dizer que poderiam responder à sua pergunta. Abro a boca para contar a ele, mas nenhuma palavra sai. Palavras me falham.

Eu não sabia que estava chorando até que Camden estendeu a mão sobre a colcha e passou o polegar em meu rosto manchado de lágrimas.

— Você não precisa... — Há uma suavidade em sua voz, suas palavras desaparecendo.

Concordo com a cabeça, deixando escapar um suspiro instável. Eu tenho que contar a ele. Chegamos até aqui. Minhas lágrimas deixam óbvio que há mais coisas que ele já sabe. Eu poderia muito bem contar a ele o resto.

— Há alguns meses, — começo, tentando engolir o nó na garganta que faz minhas palavras saírem trêmulas, — minha mãe faleceu de repente. Ela teve um ataque cardíaco no meio da noite.

O corpo de Camden congela, a ponta áspera e calejada de seu polegar ainda na minha bochecha. Ele está em silêncio, e eu não uso isso contra ele. Pelo menos ele não pede desculpas. Isso é o que eu mais odiava quando conversava com as pessoas depois que minha mãe morreu. Eu não precisava de suas desculpas. Eu só precisava da minha mãe de volta.

— Todos pensávamos que ela era saudável. Isso destruiu nosso mundo. Meu pai esteve com ela a vida inteira, e Cade era totalmente filho da mamãe. Ela era o mundo deles, e nossa família ficou uma bagunça depois.

— E você?

Ele deixa o polegar acariciar minha bochecha novamente, embora eu tenha certeza de que mais lágrimas não caíam. — Ela não era o seu mundo também? Como *você* lidou com isso?

Eu faço uma pausa. Suas palavras me pegam de surpresa. — Não sei se alguém realmente perguntou sobre mim especificamente. Era sempre “*como vai seu irmão... como vai seu pai... como vai sua família...*”

— Quero saber como *você* está.

Seus olhos são tão azuis de perto. Uma espécie de azul que nunca vi antes. É cristalino, o pigmento é tão gelado que seus olhos quase parecem cinzentos.

Ele olha para onde sua mão ainda descansa na minha bochecha. Não penso profundamente sobre por que sinto falta do toque dele no momento em que ele o afasta como se minha pele o tivesse queimado.

— Você não precisa responder a isso, — ele insiste. Seus olhos procuram meu rosto. Quero saber o que ele está procurando, o que está pensando. Estou grata por ele ser a primeira pessoa a saber sobre minha mãe e não olhar para mim com pena.

Tento conter uma risada fraca quando percebo que a primeira pessoa que realmente me pergunta como estou, sem sentir pena de mim, é um homem que jurei que odiava - e que eu apostaria dinheiro que me odeia.

Estou bem ciente de como isso é realmente patético.

— Se eu te contar, você vai tirar sarro de mim mais tarde por isso?

Ele recua como se eu tivesse batido nele. De todos os insultos que lancei contra ele, por que ele parece ser o mais afetado por este?

— Eu devo ter sido realmente um idiota com você se você acha que eu iria *zombar* pela forma como você está lidando com a perda de sua mãe.

Dou de ombros porque não sei mais o que fazer. Não temos o melhor histórico juntos, mas realmente não acho que ele usaria isso contra mim. Só não gosto que ele saiba coisas íntimas sobre mim.

— Conte-me sobre ela.

Eu fico olhando para ele por um momento, me perguntando se, embora ele não demonstre, ele sente pena de mim. Essa poderia ser a única explicação para ele estar perguntando sobre minha mãe. Faria sentido por que ele está agindo como se realmente se importasse comigo.

— Você realmente quer saber? — Eu me mexo na colcha, meu joelho batendo no dele. Ele não se move, embora com a minha nova posição nossos joelhos mal se toquem.

— Sim. — Ele parece confiante, mas talvez até um pouco triste. Respirando fundo, ele levanta os olhos do colo e encontro vulnerabilidade em seus olhos azuis gelados. — Quero saber mais sobre ela.

— Ok... — Eu começo, hesitante em contar a ele muito sobre mim. Eu sinto que as coisas entre nós deveriam permanecer no nível da superfície. Mas gosto que ele não saiba nada sobre ela. Gosto de poder dizer a ele o quão incrível minha mãe era. Todos na cidade a conheciam e a amavam. Estou animada por poder falar sobre minha mãe e a marca que ela deixou em minha vida sem que alguém olhasse para mim e sentisse pena de mim ou sentisse que a perdeu também.

— É clichê, e sei que toda criança diz isso sobre sua mãe, mas ela realmente foi a melhor mãe de todas. Ela nasceu para ser mãe.

— Eu não faria isso. — As palavras são ditas baixinho. Uma vez que seus olhos se arregalam, me pergunto se ele quis dizer isso em voz alta.

— Você não faria o quê?

Ele passa o dedo pela costura da minha mãe na colcha. Estou me perguntando se é algo que ele faz quando está nervoso. Percebi que ele também está sempre enfiando as mãos nos bolsos quando fica inquieto. Ele continua olhando para baixo, mas limpa a garganta para falar. — Eu nunca diria que minha mãe é a melhor mãe de todas. Ela não nasceu para ser mãe. E ela garantiu que todos os dias da minha vida eu soubesse disso.

Pisco, olhando para ele através de uma lente totalmente nova. Devo admitir que, no momento em que ele se mudou para a galeria ao lado, pesquisei-o no Google. Qualquer um teria feito isso. Eu queria saber por que eles venderam o negócio para ele e não para mim. Uma rápida pesquisa sobre ele no Google trouxe uma tonelada de informações.

Seus pais eram Russell e Emilia Hunter, ambos artistas muito famosos que se apaixonaram durante uma escapadela de verão em Veneza. O romance deles foi enorme no mundo da arte. Eles eram as musas um do outro em todos os aspectos. Pelo que li, eles tinham um relacionamento tumultuado. Havia fotos deles com outras pessoas durante os primeiros anos de namoro, mas eles sempre pareciam voltar um para o outro.

Havia apenas uma foto de sua mãe grávida na internet. O marido dela fez uma exposição dedicada à sua arte e ela chocou a todos ao aparecer pronta para estourar. Eles pareciam fazer muito com Camden desde bebê até a adolescência. Havia inúmeras fotos deles em família. As fotos mostravam que eles eram uma família perfeita. Com o que Camden acabou de dizer, estou me perguntando se esse é realmente o caso.

— Não se sinta mal por mim, bolinho. Os pais fodem com os filhos o tempo todo. — Ele bate a perna na minha de brincadeira. — Agora, me diga como é ter uma mãe que te ama.

A princípio não falo porque estou perdida no que ele me contou, no que vi sobre ele e sua família na internet. Tudo em mim quer investigar mais a fundo a vida dele, descobrir por que ele é daquele jeito.

— Se você não está pronta para falar sobre ela, não precisa, — ele oferece, seu tom gentil.

Balanço minha cabeça para ele. — Não é isso. Fiquei surpresa ao ouvir sobre sua infância.

Ele tira um pedaço do bolinho, colocando-o na boca. — Há uma razão pela qual eu sou um idiota. Infância fodida. Pais que não me amavam, mas fingiam amar quando havia câmeras por perto. Ninguém em minha casa para me mostrar amor.

— Você merecia coisa melhor, — eu sussurro suavemente.

— Diga-me o que eu perdi. Conte-me sobre sua mãe, bolinho.

— Ela era minha pessoa favorita no mundo. Minha melhor amiga, minha mãe, meu tudo. Ela era voluntária em minha sala de aula todos os anos na escola primária. Foi ela quem me ensinou a cozinhar, quem me ajudou a me preparar para meu primeiro encontro e me abraçou na primeira vez que tive meu coração partido. Ela adorava tomar chá e sentar na varanda da frente e sempre implorava para que eu fizesse biscoitos fresquinhos para deixar com ela durante a semana. Sua coisa favorita a fazer era me fazer rir durante a igreja e depois fingir que me repreendia quando eu o fazia. Minha mãe era a vida de todas as festas, e as pessoas simplesmente se aglomeravam ao redor dela para estar na sua presença.

Camden me observa com atenção, prestando atenção em cada uma das minhas palavras. Ele parece estar genuinamente interessado em tudo o que digo, o que me pega de surpresa. Eu não esperava que ele se importasse.

As coisas seriam muito mais simples se ele não parecesse se importar nem um pouco.

CAPÍTULO 20

Camden



É fascinante ver Pippa falar sobre sua mãe. Ver seu rosto se iluminar de amor e adoração ao falar dela. Fico fascinado em ouvir cada detalhe que ela quer me contar. Eu gosto mais dela assim. Suas bochechas estão vermelhas por falar tão rápido, suas mãos se movendo em todas as direções por contar uma história sobre como sua mãe certa vez trouxe para casa uma caixa de gatinhos porque ela os encontrou na beira da estrada e não podia deixá-los lá.

Mais cedo, algo doeu dentro de mim ao vê-la chorar. Não sou alguém que sabe lidar bem com as emoções dos outros. Para ser honesto, não me dou bem em lidar com minhas *próprias* emoções - em parte devido à forma como cresci e às críticas verbais que recebia de minha mãe se não estivesse agindo como um pequeno robô perfeito para eles se exibirem para seus amigos. Em parte porque não fui ensinado a ser compassivo. Os sentimentos das outras pessoas nunca foram realmente da minha conta. Exceto que agora, quero saber cada sentimento que ela já sentiu, tudo o que ela está sentindo. Quero saber tudo sobre ela.

— Certa vez, eu e minha melhor amiga, Mare, queríamos *tanto* fazer uma barraca de limonada. Era só sobre isso que conversávamos, embora Cade e

meus pais continuassem nos dizendo que morávamos na periferia da cidade, ninguém estava passando de carro para parar para tomar uma limonada. Mare e eu não quisemos ouvir nada disso, — explica Pippa, rindo consigo mesma.

Algo nela me faz querer rir junto com ela, como se eu estivesse lembrando da mesma memória que ela. Somos apenas nós dois, nossos cavalos e as montanhas ao nosso redor. Sinto que, sem a distração do mundo real, quase consigo baixar a guarda com ela. Pelo menos o suficiente para gostar de ouvir como seria ter um pai que se importasse com você.

— Então, descobri que minha mãe forçou metade da cidade a ir até a fazenda para visitar nossa barraca de limonada. Mare e eu éramos tão jovens e ingênuas que realmente pensamos que todo mundo estava passando de carro e queria provar nossa limonada, mas não, não era isso. Foi porque minha mãe forçou metade da população de Suttan a comprar de nós copos de limonada cara.

— O que você comprou com o dinheiro suado?

— Um forno Easy-Bake, — ela responde imediatamente.

— Não tenho ideia do que é isso.

— Oh meu Deus! — Ela se ajoelha, batendo no chão embaixo dela enquanto olha para mim em estado de choque. — Você não sabe o que é um Forno Easy-Bake?

Eu balanço minha cabeça.

Ela suspira dramaticamente, como se o fato de eu não ter crescido com o que quer que seja esse eletrodoméstico fosse a razão pela qual minha infância foi uma droga. — Você está certo, você teve uma infância terrível, — ela murmura, quase lendo minha mente.

— Você está certa, — eu brinco. — Não ter um forno sofisticado foi a razão pela qual minha infância foi roubada de mim.

Pippa joga a cabeça para trás de tanto rir. Seu cabelo cai pelas costas enquanto todo o seu corpo treme com sua risada. — É o fato de você achar o

Forno Easy-Bake sofisticado. — Ela olha para mim mais uma vez. Há umidade sob seus olhos, mas desta vez é de tanto rir. Ela enxuga o rímel borrado.

Ocorre-me o pensamento de que eu poderia me acostumar a ouvi-la rir mais, a ver suas lágrimas de felicidade. E essas são duas coisas com as quais não deveria querer me acostumar.

— Não é?

— Não. É terrível. Não sei como a comida que você assa nele é comestível.

— Como eu deveria saber disso?

Ela respira longa e profundamente na tentativa de se acalmar. Está quieto entre nós, mas um silêncio confortável. Aquele sem expectativas de preenchê-lo de maneira desajeitada.

Eventualmente, ela toma outro gole de café com os olhos fixos na vista à nossa frente. No fundo, ainda quero encontrar uma maneira de trazer as pessoas para cá. Para dar a alguns dos paisagistas que conheço a oportunidade de capturar a beleza com o melhor de suas habilidades.

— Então você vai me contar mais sobre sua infância? — Ela não parece tímida ao perguntar isso. Ela parece curiosa, mas também tenho a sensação de que poderia dizer não e ela não continuaria bisbilhotando.

— Duvido, — respondo honestamente. Tenho um relacionamento complicado com meus pais. Como adulto, não consigo imaginar tratar uma criança da maneira como me trataram. Eu poderia me imaginar tendo um ou dois filhos se conhecesse a pessoa certa, e não consigo me imaginar descartando um filho como eles me descartaram. — Tudo o que há a dizer é que eu era o filho-troféu deles. Desfilado e apreciado quando queriam me exibir para os outros, mas escondido e esquecido quando não havia ninguém por perto para se gabar.

— Eles encorajaram você a ser um artista?

Tomo um gole de café porque a pergunta dela é complicada. Eles enfiaram a arte na minha garganta desde o momento em que consegui segurar um lápis, mas mesmo desde muito jovem eu me rebeleiei contra eles. Eu não

queria me tornar eles e, todos os dias da minha vida adulta, me pergunto se me tornei tudo o que eles odiavam ou tudo o que queriam que eu fosse.

— Encorajar não é a palavra que eu usaria. Forçar é mais parecido.

— Algo me diz que você não aceita bem ser forçado a fazer qualquer coisa.

Eu rio. Eu aprecio que ela parece sempre dizer exatamente o que está pensando. — Você poderia dizer isso.

— Então você se rebelou ao se tornar dono de arte em vez de criador?

— Eu me rebelei por nunca ceder aos seus desejos e seguir seus passos. Eu deveria ser algum bebê prodígio da arte. Eles queriam que eu fosse assim desesperadamente. É a única coisa que me recusei a me tornar.

— Então você poderia ter sido um prodígio da arte? Você é bom?

Meus lábios se contraem enquanto faço o meu melhor para lutar contra um sorriso malicioso. — Lembra daquela estátua que você tanto gostou no meu escritório?

Seu rosto se contrai em confusão. Isso me faz rir, uma pequena risada ressoando no fundo do meu peito.

— A obra de arte mais linda que já vi? Sim, eu me lembro disso.

Meus dentes percorrem meu lábio inferior porque ela está alimentando meu ego, e eu adoro isso. — O artista que não sabia se queria vender? Esse sou eu.

— Cale-se!

— Ninguém sabe que sou eu.

— Oh meu Deus, eu te elogiei sem nem saber.

— Você me deu *tantos* elogios, — provoco, colocando outro pedaço de bolinho na boca. É o meu segundo. Eles são tão bons.

— Eu quero vomitar. — Ela suspira dramaticamente, caindo de costas na colcha. — Como você pôde me deixar dizer coisas tão boas sobre você e não dizer nada?

— Talvez eu goste quando você diz coisas boas para mim.

Ela olha para mim pelo canto do olho. — Não, você não precisa.

Dou de ombros porque não vou confessar a ela o que gosto ou não gosto. Adorei vê-la bajular uma peça na qual passei tanto tempo. Foi divertido ver minha arte através dos olhos de outra pessoa, já que não permito que muitas pessoas saibam do meu segredo. Foi ainda mais divertido saber que ela não tinha ideia de que o artista que estava elogiando era eu.

— Camden, — ela geme, cobrindo o rosto com as mãos. — Você é o pior por me deixar fazer papel de boba.

Inclinando-me para frente, tento afastar suas mãos do rosto, mas ela as mantém travadas no lugar. — Você não fez papel de boba. Gostei de ouvir o que você achou do meu trabalho.

Ela grunhe, sem dar qualquer indicação de que moverá as mãos. — Eu estava lhe contando o que pensei que aquele artista estava tentando transmitir quando *você* era o artista. — Outro gemido alto vem dela. Tento desviar o olhar da pele que ela mostra entre o cós da calça jeans e o babado na cintura. Tanta pele beijada pelo sol que implora por atenção.

— Pare de ser dramática. — Meus dedos envolvem seu pulso. Puxo novamente, desta vez com um pouco mais de força. Finalmente, faço com que uma de suas mãos se mova o suficiente para ver seus dois olhos. — Tudo o que você viu foi exatamente o que eu queria que o observador visse. Negarei se você me perguntar de novo, mas, para ser sincero, fiquei lisonjeado por você ter notado todos os pequenos detalhes que escondi ali.

— Eu não posso acreditar que você realmente tem talento. Eu pensei que tudo o que havia para você era, bem... você ser um idiota.

— Talvez eu goste assim.

Ela prende o lábio inferior carnudo entre os dentes. Sem convite, me pergunto como seria prender o lábio dela entre os dentes. Imagino-me puxando-o, cravando os dentes mais fundo até ela gemer.

Porra. O que ela parece gemendo?

Ela parece tão indomada. Aposto que ela não se segura na cama. Eu mordida e chupava antes de lambe a costura de seus lábios, ouvindo o som de...

— Camden?

Balanço a cabeça uma vez, livrando a imaginação da minha mente. Ela olha para mim com expectativa, os olhos arregalados de confusão.

— Hum? — Meu cérebro ainda está tentando se atualizar, tentando desesperadamente apagar o pensamento dela gemendo debaixo de mim, para formar qualquer outra coisa coerente no momento.

— Por que você prefere deixar todo mundo pensar que não há nada em você além de ser um idiota, em vez de talvez se permitir ser um pouco mais... humano?

Dou de ombros, não querendo ter essa conversa com ela. Francamente, não quero fazer nada com ela. Preciso ir embora imediatamente. Não estou pensando racionalmente. Minha libido assumiu o controle, e não consigo parar de imaginar calar suas perguntas com meu pau em sua garganta. — Você já pensou que talvez eu seja apenas um idiota? O fato de eu não gostar apenas de vender arte, mas também gostar de criá-la, não muda isso.

— Se você diz. — O tom sarcástico de sua voz me diz que ela não acredita em mim nem por um segundo. Quero que ela pense que sou apenas um idiota. Se as pessoas pensam que você é um idiota pomposo, elas têm poucas expectativas em relação a você. Não gosto de expectativas — então sinto que tenho que cumpri-las. O problema com as expectativas das outras pessoas é que você nunca é capaz de corresponder a elas. Você vai acabar desapontando-os e então se sentirá um merda por fazer isso.

— Posso te perguntar uma coisa? — As palavras saem da minha boca antes que eu possa pensar melhor.

Quando encontro seus olhos novamente, fico impressionado com o quão próximos estamos. Ela agora está sentada, perto demais. Se eu me inclinasse um pouco, poderia sentir a respiração dela se misturar com a minha. O cheiro

delas me cercaria, mais do que já está. A ideia disso deixou meus sentidos acelerados desde o momento em que começamos esse dia estúpido juntos.

— Não vou te contar minha receita secreta de biscoitos de chocolate, — ela murmura. Eu me pergunto se sua tentativa estúpida de fazer uma piada é uma defesa. Eu sei que é algo que faço quando as coisas não parecem estar sob meu controle e preciso desesperadamente controlar a situação.

Esta parece ser uma dessas situações. Nós dois nos inclinamos ligeiramente. Posso ver o leve tom rosado em suas bochechas, apesar de ser o início do outono. Estamos tão perto que consigo distinguir seus cílios individuais. Cada vez que ela pisca, seus longos cílios beijam as maçãs do seu rosto. Seus lábios têm um brilho por ela os lambe com antecipação. Isso significa que ela está imaginando me beijar do jeito que estou imaginando beijá-la?

— Para ser sincero, não dou a mínima para a sua receita de biscoito. Eu não gosto de cozinhar.

As ondas de seus seios quase transbordam da blusa. Meus dedos se contraem ao lado do corpo, desesperados para correr ao longo da pele macia e exposta. Ela tremeria sob meu toque? Tudo que eu teria que fazer é estender a mão para descobrir...

— Faça sua pergunta.

Eu não faço minha pergunta. Isso escapou para o fundo da minha mente. Na vanguarda está a necessidade de me aproximar. Talvez depois de apenas um beijo, um golpe de língua um contra o outro, eu consiga tirá-la da minha mente. Fugirei para Nova York amanhã e esquecerei tudo sobre a mulher que me deixa louco de várias maneiras.

Contra o meu melhor julgamento, estendo a mão e tiro uma mecha de cabelo de seus olhos. Isso não parecia incomodá-la, mas eu queria uma desculpa para tocá-la. Para finalmente sentir sua pele sob meu toque.

Seu peito aperta com o contato. Nós dois estamos presos no momento, olhando nos olhos um do outro, nos perguntando quem vai desabar primeiro.

É um constante empurrão e puxão conosco. Não sou um homem que gosta de perder ou que cede à tentação, mas para ela, neste momento, posso ser.

Meu polegar percorre sua bochecha enquanto memorizo a sensação de sua pele macia e corada. Não vou me permitir render-me a isso novamente. Preciso memorizar cada momento antes de voltar a si.

— Camden, — ela respira, inclinando-se para o meu toque.

Deus, ela é reativa. Seu peito arfa e seus lábios se abrem, apenas esperando para pressionar contra os meus.

— Sim, bolinho?

— O que você está fazendo? — Eu me pergunto se ela percebe que está mais perto, colocando seus lábios a centímetros dos meus.

— Estou pensando em fazer algo incrivelmente estúpido.

— Como?

— Como provar essa sua língua afiada. Não posso deixar de me perguntar se seus insultos não me incomodarão tanto se eu os provar.

Meu dedo mindinho e anelar pressionam seu pescoço. Seu pulso bate erratically contra eles, revelando que ela perdeu o controle assim como eu.

— Não deveríamos. — Não há um pinga de convicção em sua voz, apesar de suas palavras soarem verdadeiras. Eu absolutamente não deveria querer beijar a mulher que me deixou louco desde o momento em que a conheci. Mas a luxúria não é lógica. Ela é tentação e luxúria, tudo em um só, e pela primeira vez, estou morrendo de vontade de ceder a isso.

— Você está certa sobre isso, — eu digo, minha voz baixa.

— Eu quero.

— Por que eu quero te dar o que você quer pelo menos uma vez? — Meu polegar traça seu arco de cupido antes de percorrer seu lábio superior. Seus lábios se abrem ainda mais. Continuo meu caminho para baixo, empurrando seu lábio inferior enquanto sua saliva cobre a ponta do meu polegar.

Estou prestes a prender sua boca na minha quando ela me pega de surpresa. Sua boca se abre ainda mais. Deixei meu polegar deslizar mais fundo em sua boca, sentindo o raspar de seus dentes contra minha pele.

Seus lábios se fecham em volta do meu polegar. Meu pau se agita enquanto eu a imagino exatamente na mesma posição, mas com meu pau entre seus lábios ansiosos.

No momento em que sua língua passa pela ponta do meu polegar, estou empurrando a colcha e ficando o mais longe possível dela.

CAPÍTULO 21

Pippa



Meu corpo congela enquanto o vejo correr para longe de mim. Eu não consigo me mover. Todo o meu corpo está vermelho e meus lábios ainda estão entreabertos, como se estivessem se fechando em torno de seu polegar grosso e calejado.

Parece que água gelada foi jogada em mim e não sei como reagir.

Eu estava prestes a deixar Camden Hunter me beijar. Na verdade, acho que estive perto de implorar para que ele pressionasse os lábios contra os meus pelo menos uma vez. Perdi total controle de mim mesma no momento em que ele chegou muito perto de mim.

O dia inteiro pareceu diferente. O ódio estava se misturando com a luxúria, e quando senti seu hálito quente em minhas bochechas, esqueci todos os motivos pelos quais não deveria deixá-lo me beijar e me concentrei apenas no único motivo pelo qual ele deveria fazê-lo - porque, por um momento, não havia nada mais que eu quisesse do que saber qual era o gosto dele.

Aposto que ele beija com raiva, com uma raiva reprimida que consome tudo. Aposto que ele fode assim também.

E por um momento, fiquei desesperada para saber como seria sentir sua raiva de uma maneira diferente. O movimento apressado de seus lábios, a mordida punitiva de seus dentes. Eu queria sentir tudo.

Estávamos tão perto, até que não estávamos. Num momento, minhas coxas estavam pressionadas uma contra a outra para tentar aliviar a dor entre minhas pernas; no momento seguinte, tudo que vi foram as costas de Camden enquanto ele se afastava o máximo possível de mim.

Quando finalmente me recompus, ele já desapareceu colina abaixo em direção a um pequeno prado onde amarramos os cavalos. Afasto o cabelo do rosto, tentando esfriar a pele corada. O sol batendo em mim não ajuda, apesar do frio no ar graças à brisa da montanha.

Parte de mim quer deixar Camden ir. Quero ficar feliz por ele ter nos parado antes que algo pudesse acontecer. Não gostamos nem um pouco um do outro. Não há razão para nos beijarmos. Mas não importa o quanto eu tente, há uma ponta de decepção em meu peito porque eu queria tanto saber como ele beija, qual o gosto dele, que sons ele faria se minhas bochechas ficassem vazias em torno de seu polegar.

Não demora muito para que essa decepção se transforme em raiva. Deve ser algo em que ele é bom, sendo tão idiota que faz meu sangue ferver. Eu me levanto do chão com raiva antes de pegar a colcha e nossos cafés. Eu os seguro firmemente contra meu peito enquanto sigo na direção que Camden acabou de viajar.

Ele não pode me dizer que quer me beijar e ir embora.

— Camden! — Eu grito. Ele tem uma perna no estribo da sela de Rebel enquanto balança a outra perna sobre o cavalo. Ele não faz isso com nenhum tipo de graça. Na verdade, ele parece incrivelmente desconfortável tentando se inclinar para frente para agarrar as rédeas de onde elas estão penduradas ao lado de Rebel.

— Camden, — eu sibilo, agora mais perto dele. Estou bem ciente da mordida em meu tom. Não tenho motivos para esconder o quanto estou furiosa com ele por ter fugido sem qualquer tipo de explicação. Meu coração

bate forte contra meu peito de raiva – e talvez ainda por sentir seu toque – e posso ouvir a batida raivosa da minha pulsação soando em meus ouvidos.

Ele não se preocupa em olhar para mim quando limpa a garganta para falar. — Tenho que ir, — ele corta, cravando os calcanhares nas laterais do cavalo.

— Eu não faria isso, — aviso, observando-o ainda tentar agarrar as rédeas de onde elas roçam a terra.

Rebel salta ansiosamente, jogando a cabeça para cima e para baixo, o que nunca é um bom sinal. Ele é um ótimo cavalo, mas não se dá bem em situações de alto estresse.

Eu começo a correr, me aproximando de Camden e Rebel para tentar acalmar o cavalo. Rebel adora quando você passa a mão em seu pescoço, dizendo para ele se acalmar com um tom gentil de voz. Camden não sabe fazer nada disso – não que eu ache que ele saberia agora, mesmo que soubesse.

Em vez disso, ele crava os calcanhares nas laterais de Rebel mais uma vez, sem ter como guiar o cavalo com as rédeas ainda soltas.

— Apenas esperem, — eu respondo, quase para eles.

Camden não espera. Em vez disso, ele estala a língua para dizer a Rebel para ir embora. O cavalo faz exatamente o que ele manda. Tudo acontece em câmera lenta. Rebel chuta as patas traseiras, mostrando seu desconforto com toda a situação. Tento sussurrar lembretes gentis ao cavalo para acalmá-lo, mas não funciona. Minhas tentativas de agarrar as rédeas não vão a lugar nenhum por causa da forma como Rebel golpeia seu corpo.

Ele se levanta nas patas traseiras, soltando um relincho longo e raivoso. Quase levo um casco na cara quando ele desce. O movimento rápido de Rebel fez Camden cair no chão com um baque forte.

Estou tão ocupada assistindo isso acontecer com horror que não percebo Rebel voltando. Uma de suas pernas me atinge no ombro com força suficiente para me fazer cair no chão.

Rebel decola, galopando. Tudo o que Camden e eu podemos fazer é vê-lo descer a montanha correndo.

— Ótimo trabalho, — eu fumego, enxugando as mãos sujas na calça jeans.
— Agora estamos reduzidos a um cavalo.

— Você está bem? — A voz de Camden parece preocupada quando olho para cima e o encontro pairando sobre mim. Zombando, eu o empurro para longe de mim, não precisando de sua preocupação.

— Não, não estou, na verdade. Estou muito chateada, obrigado por perguntar.

Ele passa a mão pela minha testa. Eu bato em sua mão imediatamente, passando por baixo de seu braço para colocar distância entre nós.

Devemos ser um colírio para os olhos. Ele parece uma bagunça, com sujeira cobrindo sua calça jeans e um arranhão no braço. A pele está vermelha e irritada, com sangue escorrendo de uma das manchas. Ele deve ter batido em uma pedra na descida. Ele não parece notar, seus olhos ainda fixos em mim.

— O cavalo acertou você na cabeça? Talvez você não devesse estar de pé.

Reviro os olhos, olhando para o meu cavalo e felizmente encontro Tonka tão calma como sempre. Pelo menos não perdemos os dois com a ideia estúpida de Camden.

— Talvez você não devesse ter perdido um dos nossos cavalos, — eu cuspo. — Rebel saberá como voltar aos estábulos, mas certamente não voltará aqui.

Suas narinas se dilatam enquanto seus olhos acompanham todo o meu corpo. A luxúria que estava em seus olhos antes se foi. Agora, há preocupação neles enquanto ele inspeciona minuciosamente cada centímetro do meu corpo.

— Alguma coisa está doendo?

— Não sou eu quem está sangrando, — respondo, apontando para o sangue escorrendo do ferimento em seu braço. Ele olha para ele, suas

sobrancelhas indo até a linha do cabelo como se ele nem percebesse que estava lá.

Talvez se ele não estivesse tão ocupado se preocupando comigo, ele perceberia que sua estupidez o machucou. Não pode estar incomodando muito se ele nem percebeu para começar.

— Talvez você devesse se preocupar com seu braço - ou com o fato de que estamos reduzidos a um cavalo - e parar de pairar sobre mim e fingir que você se importa. Agora temos que dividir um cavalo durante toda a descida. — Fico tensa com a ideia de sentir seu corpo pressionado contra o meu por uma hora. Estou chateada com ele, não quero mais beijá-lo, mas volto a pensar em estrangulá-lo. Não quero ter que estar perto dele, mas ele queria se afastar de mim tão rápido que perdeu um dos cavalos no processo de fugir de mim.

Cade entrará em crise quando Rebel retornar sozinho.

A mandíbula de Camden flexiona e juro que posso ouvir o som de seus dentes rangendo um contra o outro. — Chamaremos alguém para nos trazer um novo.

Estreito os olhos, tentando abafar a risada raivosa que borbulha dentro do meu peito. — Boa sorte na obtenção de serviço. E mesmo que pudéssemos, eles demorariam pelo menos uma hora para chegar aqui. A ideia de compartilhar um cavalo comigo é *tão* ruim assim?

— Sim, — ele responde imediatamente. Sua voz é mais baixa, mais descontrolada do que estou acostumada com ele. Parece quase tenso, como se lhe doesse imaginar dividir um cavalo na descida. Isso faria dois de nós.

— Deus, você é tão quente e frio. — Com raiva, desamarro as rédeas de Tonka de um galho. Ele relincha para mim feliz, pronto para ir embora e completamente inconsciente da tensão entre Camden e eu.

— Eu não vou montar no cavalo com você. — Ele recuperou a compostura em sua voz, seu comportamento frio e calculista firmemente de volta ao lugar.

Termino de colocar nossos pertences de volta nas bagagens, ignorando-o completamente. Eu nem olho em sua direção até estar na sela e pronta para partir.

Ele faz uma careta enquanto eu olho para ele. Ele parece tão deslocado aqui nas montanhas. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos desconfortavelmente, sangue e sujeira ainda cobrindo seu antebraço. Camden poderia ficar bem em qualquer coisa, mas não parece natural vê-lo de camiseta e jeans.

— Eu não vou montar com você, bolinho, — ele repete, tentando evitar me olhar nos olhos.

— Será uma longa caminhada, então, — respondo, direcionando Tonka para frente.

CAPÍTULO 22

Camden



Talvez eu pudesse continuar andando até conseguir atendimento. Então eu poderia providenciar alguém para me buscar. Ou eu poderia simplesmente encontrar o caminho para descer a montanha sozinho. Já assisti documentários sobre caminhadas antes. Certamente, se eu continuasse descendo, não acabaria perdido.

Meus dedos apertam a ponta do meu nariz em frustração. Não tenho muitas opções a não ser montar no maldito cavalo com ela.

— Porra, — eu falo baixinho, observando ela e o cavalo desaparecerem entre a folhagem espessa das árvores. Não há esperança de que eu encontre o caminho de volta para o rancho da família dela, e não posso contar com a possibilidade de encontrar serviço de celular tão cedo.

O que me leva a apenas uma outra opção.

— Bolinho! — Eu grito, a derrota clara em minha voz. — Espere, — acrescento, correndo em direção a ela. Meus dedos dos pés estão ficando presos na ponta das botas. Eles provavelmente são metade do tamanho menor, criando bolhas na parte de trás dos meus calcanhares também. Ignoro

a dor surda das botas e vou até ela, grato por ela ter ouvido pelo menos uma vez e parado.

Depois de parar o que estava prestes a acontecer entre nós, não me surpreenderia se ela me abandonasse no topo da montanha. Pode até me servir bem.

Eu não pude evitar. Assim que a realidade bateu, eu sabia que não poderia beijá-la. Eu sabia que era a pior ideia possível me envolver com uma mulher que me odeia profundamente — uma mulher que continua tentando me provar que sou melhor do que sou, quando sei que não sou. Um beijo me levaria a querer mais dela. Mais do seu passado, mais do seu corpo, mais da sua raiva. Eu iria querer mais e mais até terminar com ela e, por alguma razão, sei que não seria capaz de olhar para mim mesmo se a usasse e fosse embora como normalmente faço. As mulheres com quem me envolvo sempre conhecem as regras, mas algumas acabam se machucando de qualquer maneira.

Ocorre-me que não quero machucar Pippa - não importa o passado simples, mas complicado entre nós, quando sei que fiz exatamente isso - machucá-la - com as palavras que disse enquanto atacava.

Seu cavalo solta um suspiro irritado, me trazendo de volta à realidade. Pippa me encara com raiva - e mágoa - nos olhos. Estou acostumado com a raiva. Não estou acostumada com a dor. Meu peito fica pesado ao ver a decepção. Se ela soubesse o quanto eu queria beijá-la. Que a razão pela qual parei não tinha nada a ver com ela e sim comigo — por mais clichê que isso pareça.

— Pare de olhar para mim, — ela insiste, sem me olhar nos olhos. — Vá em frente, — ela acrescenta no último minuto, seu tom cheio de exaustão.

Eu não a culpo. Ela não estava errada quando me chamou de quente e frio. Eu fico confuso quando se trata dela, algo com o qual não estou nem um pouco acostumado.

Meus olhos percorrem toda a extensão do cavalo. Eu sei pouco ou nada sobre cavalos e o equipamento que você usa para montar um, mas a sela

colocada nas costas do cavalo não parece ser feita para dois. — Para onde eu vou?

Pippa avança na sela, suas coxas fortes apertando as laterais do cavalo. Eu adoraria sentir aquelas mesmas coxas enroladas em mim, apertando meus quadris enquanto ela se contorcia de prazer.

A última coisa que eu deveria querer neste planeta é ter o corpo dela moldado ao meu. Talvez tudo isso fizesse parte do plano dela. Se ela realmente me odiasse, a maneira número um de me torturar seria tê-la pressionada contra mim, seu corpo macio e quente esfregando-se contra o meu a cada movimento do cavalo, seu cheiro habitual de morango e baunilha me provocando.

A mão de Pippa se abaixa, seus pequenos dedos com unhas lilás balançando no ar. Concentro-me na cor de suas unhas, chocado por algo nela não ser rosa. Tudo o que sei dela é rosa. Sua cafeteria. Sua van de trabalho. As tampas das xícaras de café. As camisetas no trabalho. O letreiro de néon na parede do Wake and Bake. Parece diferente para ela escolher qualquer outra cor para as unhas.

— Você vai pegar minha mão e seguir em frente ou vamos ficar aqui o dia todo? — Ela não se incomoda em esconder seu tom irritado, não que eu a culpe. Eu também ficaria irritado comigo. Na verdade, estou *irritado* comigo mesmo. Mas só porque será necessário um ato de Deus para ter meu corpo moldado ao dela e não tocá-la de todas as maneiras que eu fantasiei.

— Eu odeio isso, — murmuro, dando um passo mais perto. Ignorando completamente sua mão estendida, agarro a parte de trás da sela para me levantar. Ela puxa a perna do estribo, permitindo-me colocar a ponta da bota e montar no cavalo.

— Eu te odeio, — ela retruca, tentando subir ainda mais na sela. Minhas coxas montam nas dela, meu pau pressionando contra sua bunda redonda e perfeita.

— Não vamos conversar, — exijo. Minha mandíbula dói de tanto cerrá-la. O som dos meus dentes rangendo é o que estou focando para não me mover.

Se eu me mover, meu pau roça sua bunda. Se a meu pau lhe roçar no rabo, ficarei ainda mais duro do que já estou. Se eu ficar ainda mais duro do que já estou, posso tirá-la do cavalo e transar com ela só para ver se isso vai acabar com a tensão sexual borbulhante entre nós.

— Você está com muita raiva de alguém que nos colocou nesta situação em primeiro lugar. — Ela estala a língua, guiando o cavalo para frente.

Foda-me. Cada vez que o cavalo se move, ele envolve seu corpo no meu. Estou com tanto tesão que até mesmo o roçar dela contra mim me faz sugar o ar, tentando me concentrar na respiração em vez de imaginar todas as coisas sujas que quero fazer com ela.

— Eu disse para não falar.

Ela ri, arqueando as costas muito mais do que o necessário. Ela está brincando comigo?

Ela gira os quadris novamente, confirmando que está fazendo isso de propósito.

Que porra é essa.

Suspiro, tentando não alimentar seu joguinho. Não posso nem treinar com ela agora. Meu foco é dominar a força de vontade para não agir de acordo com cada pensamento sujo que passa pela minha mente.

O que há de errado comigo? Eu nem gosto dela. Eu a tolero na melhor das hipóteses porque, embora odeie admitir, ela me mostrou algumas qualidades redentoras da cidade. No entanto, tudo que consigo pensar é em passar os dedos pelos longos cabelos que caem em suas costas. Eu o puxava, forçando-a a arquear as costas o máximo que podia enquanto eu a atacava por trás.

— Ei, Camden?

— Hum?

— Você não me diz o que fazer. — Seu tom é doce e inocente. Seus quadris são tudo menos isso. Não há nenhuma maneira que eles precisem balançar contra mim do jeito que estão. Certamente ela está fazendo isso de propósito

para se vingar de mim. — Você está preso comigo. Que hora perfeita para falar sobre o que diabos aconteceu mais cedo. Você é tão quente e frio com todo mundo?

Eu grunho. — Infelizmente, só com você. — Lamento as palavras no momento em que saem da minha boca, mas não posso fazer nada a respeito. Espero que ela não leia muito sobre isso.

— Sorte minha, — ela diz sarcasticamente. Ela olha por cima do ombro por um momento, trazendo seu rosto muito perto do meu. Eu me inclino para trás, colocando a única distância possível entre nós, já que estamos presos na sela.

Fica em silêncio por um período de tempo - felizmente. O único som que pode ser ouvido é o farfalhar das árvores ao vento e o som dos cascos batendo nas pedras.

Minhas coxas doíam de tanto apertá-las ao redor do cavalo para me manter no topo. É a única solução além de passar os braços em volta da cintura dela para me ajudar a não cair para os lados. Eu só posso fazer isso por um certo tempo. Quando chegamos a um ponto em que estamos tão inclinados que pressiono completamente contra ela, dos ombros até a virilha, não tenho escolha a não ser segurar a sela em ambos os lados de seus quadris.

Ela solta um suspiro exasperado antes de enfiar as rédeas em uma das mãos e puxar meus braços ao redor dela com a outra.

— Estou bem, — argumento, tentando afastar meus braços.

— Pare de ser tão teimoso. Se você cair do cavalo e quebrar uma perna, não poderei colocá-lo de volta no cavalo, e então ficaremos presos aqui juntos por mais tempo do que o necessário. Então espere mais trinta minutos e estaremos de volta aos estábulos, e você se livrará de mim, já que é evidente que é uma péssima companhia estar comigo.

Meus lábios ficam mais finos. Ela não é terrível de se estar, e é isso que me aterroriza. Nós não nos damos bem. Brigamos mais do que conversamos normalmente, mas quero passar mais tempo com ela. Não me importo de brigar com ela. Na verdade, acho que gosto e odeio isso. Eu odeio que meu

corpo a queira, apesar de minha mente dizer qualquer uma, menos ela, qualquer uma, menos alguém nesta cidade que eu só vim porque queria ganhar mais dinheiro e ficar com meu pai.

— Eu nunca disse que você era terrível.

— Então é só a ideia de me beijar?

Meus braços a apertam em frustração. — Não. Também não é isso.

— Então, o que é?

— Não é nada, — finalmente respondo depois de um silêncio prolongado. Não adianta entrar nisso. Estou com raiva de mim mesmo por ter pensado em beijá-la - por ter dito a ela lá em cima que eu queria. E agora estou tendo que lidar com as consequências.

Pippa balança a cabeça, deixando escapar um longo suspiro de descrença. — Você realmente é um idiota, Camden Hunter. Por que pensei que você seria diferente?

CAPÍTULO 23

Camden



— E então o carro explodiu e todos morreram.

As palavras de Emma me pegaram de surpresa, tirando-me dos pensamentos de uma semana atrás, quando eu ainda estava na montanha Suttén. Já se passou uma semana desde que parei o momento em que Pippa e eu voltamos para o rancho da família dela.

E uma semana me perguntando por que ainda não consigo tirar a morena mal-humorada da cabeça.

— Quem morreu? — Pergunto a Emma, quase me perdendo em pensamentos novamente.

Ela estreita os olhos para mim do outro lado da minha mesa. Ela veio procurar Margo, sua melhor amiga, mas Beck e Margo desapareceram há quase duas horas e não voltaram, embora devêssemos estar discutindo a organização do próximo show dela.

— É meu trabalho como sua amiga avisar quando você está sendo rude, — Emma começa, jogando seu cabelo loiro por cima do ombro. — Então, Camden, — ela diz docemente, me lembrando do jeito que minha babá

costumava falar comigo antes de me repreender. — Pare de ser rude e me escute. Isso é importante.

Meu dedo roça meu lábio superior. — Quando nos tornamos amigos? — Eu provoço, sabendo que isso vai irritá-la. Eu não estava necessariamente procurando por outra amiga quando Margo nos apresentou pela primeira vez (acho que ela queria que namorássemos, o que é cômico), mas Emma abriu caminho com força para entrar na minha vida. Ela é a irmã que eu nunca tive. Às vezes gosto da companhia dela, e às vezes ela sabe como apertar cada um dos meus botões para me deixar maluco.

Ela se recosta na cadeira do escritório, colocando uma de suas botas na minha mesa caríssima.

Aceno com a cabeça em direção ao seu sapato enlameado, a centímetros de uma pilha de documentos muito importantes. — Tire, — eu exijo, dando a ela dois segundos para removê-lo sozinha. Ela não faz isso, então não sou gentil ao empurrá-lo para fora da mesa, tentando não rir da forma como seu rosto se contrai em uma teatralidade falsa.

— Somos melhores amigos, Camden. Todos os outros estão ocupados com suas vidas. Winnie está fora, não sei o quê, porque ela mal atende nossas ligações, e Margo está na terra la-la, em felicidade de recém-casada com Beck. Eles não nos deixaram outra opção a não ser sermos íntimos.

— Íntimos?

— Faz parte da minha crise de um quarto de vida experimentar novas palavras. Íntimo parecia certo. — Ela encolhe os ombros, pegando um bloco de notas da minha mesa. Não existe privacidade quando se trata de Emma. Ela lê minhas anotações sobre a proposta para nova iluminação na galeria Sitten como se tivesse alguma ideia do que está lendo.

— Conte-me sobre essa crise do quarto de vida, — exijo com um grande suspiro. Eu a conheço bem o suficiente para saber que ela não irá embora até conversarmos sobre o que quer que ela tenha vindo discutir aqui. Mesmo que ela tenha que falar sobre isso comigo em vez de com Margo.

Ela deixa cair o bloco de notas de volta na minha mesa como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, errando por pouco o copo de água que ela insistiu que precisava no momento em que entrou no meu escritório. — É muito gentil da sua parte perguntar, — ela me diz sarcasticamente. — Agora, você vai ouvir desta vez?

— Claro, — respondo com um suspiro resignado. — Não é como se eu tivesse mais alguma coisa acontecendo.

Emma bate palmas, endireitando as costas para se preparar para contar o que tenho certeza que é uma longa história que vai me atrasar ainda mais na minha agenda do dia. — Não sei o que quero fazer da minha vida, — ela admite, mordendo o lábio nervosamente.

— Achei que você tivesse um emprego? — Talvez ela tenha sido demitida e é por isso que ela está me incomodando no meio do dia de trabalho.

Ela solta um suspiro irritado. — Você realmente não estava ouvindo, estava?

Fico em silêncio porque acho que está bem claro: eu não estava ouvindo ela. Eu estava muito ocupado pensando em como posso marcar tudo na minha lista de tarefas aqui para poder voltar para Sutzen. Por que sinto a necessidade de retornar tão rapidamente está além da minha compreensão. Digo a mim mesmo que é porque ainda estou tentando fazer a galeria funcionar sem problemas, e não porque quero ver a mulher do café ao lado que me odeia.

— Eu desisti, — Emma diz encolhendo os ombros. Sou um amigo relutante dela, mas como ela não me deu nenhuma opção, sinto uma pontada de preocupação por ela. Ela parece triste e derrotada, uma linha aparecendo em sua testa.

— Você desistiu?

— Sim. Margô está aqui. Winnie está... bem, não sei onde, mas ela não está na Califórnia, então eu não queria estar lá. Eu desisti.

— E você voou para Nova York? Onde você vai ficar?

— Deus, você é péssimo em prestar atenção em qualquer coisa. Estou morando na antiga cobertura de Beck e Margo há uma semana enquanto me recomponho.

Droga. Talvez eu precise conversar com Beck e Margo. Achei que eles tinham vendido a cobertura quando se mudaram para o prédio gigante. Eu também não tinha ideia de que Emma estava de volta aqui. — Bem, o melhor é que você está em Nova York. Há tantos empregos aqui.

— E se eu não souber se quero morar em Nova York?

Franzo a testa porque às vezes me faço a mesma pergunta. Sempre pensei que adorava a cidade, mas agora que tenho trinta e poucos anos, muitas vezes me pergunto se preferiria ir para outro lugar.

— Onde você quer viver? O que você quer fazer?

Emma joga as mãos para o alto. — Esse é o problema! Não sei o que quero fazer, onde quero estar. Só agora estou percebendo que passei os últimos anos seguindo meus melhores amigos porque eles são minha família - aqueles com quem me importo, pelo menos, — acrescenta ela. Quero me intrometer e perguntar o que ela quer dizer com isso, mas, ao contrário dela, respeito a privacidade, então presumo que se ela quisesse falar mais sobre sua vida familiar, ela o faria.

— E agora os dois têm suas próprias vidas, e não tenho ideia do que diabos quero fazer da minha.

Olho para Emma por alguns segundos porque estou percebendo que ela e eu podemos ser mais parecidas do que eu pensava. Talvez o universo tenha uma maneira engraçada de trazer um amigo para sua vida exatamente quando você precisa dele. Ela ainda me irrita como uma irmã mais nova, mas eu entendo de onde ela vem. Quanto mais velho fico, mais não quero administrar galerias e prefiro evitar as pessoas e me perder em longos dias com as mãos cobertas de barro.

— Talvez reserve algum tempo para descobrir, — ofereço, sabendo que talvez precise seguir meu próprio conselho. Prefiro apenas evitar o fato de que não sei se gosto daqui como antes. Minha vida costumava ser divertida e

emocionante. Agora parece mundano e simples – algo que estou começando a não gostar.

— Eu acho. — Ema dá de ombros. — Eu amo Nova York, — ela oferece, seus olhos fixos na tela do meu desktop. É uma foto do exterior da galeria em Suttén. Contratei alguém local para ajudar com a aplicação do meio-fio do lado de fora. É algo que me disseram para fazer, sem entender por que é necessário haver vasos de plantas do lado de fora de uma galeria de arte. Esse tipo de merda não é necessário em Manhattan, mas aparentemente faz com que pareça mais acessível em Suttén.

— De qualquer forma. — Ela sorri, embora eu ainda consiga ver o conflito em seu rosto. — Conte-me sobre Suttén. Eu teria apostado todo o meu dinheiro que Suttén Mountain seria o último lugar onde você abriria uma galeria.

— Você tem algum dinheiro?

Ela pega uma caneta do pote na minha mesa e joga em mim. — Idiota! — ela grita. — Você não precisa me lembrar.

Eu sorrio. — Pare de odiar minhas escolhas de negócios, então.

— É que você pareceu odiar quando estivemos lá no casamento de Beck e Margo.

— Talvez eu ainda odeie.

— Você odeia?

— Como eu poderia odiar algo que está me rendendo muito dinheiro?

— Ponto justo.

A galeria superou minhas expectativas e só vai melhorar. Tommy recomendou outros artistas talentosos em Suttén, espere um ou dois meses e terei uma seção inteira para talentos locais na galeria. Foi uma ótima ideia Pippa me mostrar que eu não precisava procurar muito para encontrar pessoas com talento excepcional – não que eu fosse dizer isso a ela. Muitos turistas estão comendo para comprar arte dos habitantes locais. A galeria

ainda não abriu há algumas semanas e já ganhamos o dobro do que eu esperava, o que é um alívio.

Foi bom jantar com meus pais e dizer-lhes como estava indo tudo bem. Especialmente para meu pai. Foi ainda melhor quando ele me disse que não acreditava em mim e lhe mostrei os números. Fiz isso porque sinto uma necessidade estúpida de impressioná-lo, mesmo quando ele não merece. Mesmo depois de lhe ter dado os números, ele disse-me que não iria durar. O apelo da galeria sofisticada de uma cidade pequena desapareceria e eu ficaria perdendo dinheiro com meu mais novo empreendimento.

Estou pronto para provar que ele está errado, o que significa que preciso voltar para Suttan. Preciso encontrar mais talentos. Estou até pensando na ideia de que o próximo evento seja totalmente focado em talentos de Suttan e arredores.

— Você vai voltar logo? — A pergunta de Emma me interrompe dos meus pensamentos.

Eu não deveria. Eu deveria evitar Suttan a todo custo para poder evitar a tentação que é Pippa, mas sei que não o farei. Já planejei voltar sob o pretexto de voltar ao trabalho. — Sim. Volto amanhã.

Suas sobrancelhas se erguem em surpresa. — Isso é rápido.

— Muitas coisas para fazer lá. — É meio que a verdade. Basta acrescentar o fato de que preciso esclarecer as coisas com Pippa, então talvez minha mente pare de pensar nela tarde da noite, quando meus dedos estiverem em volta do meu pau.

— Eu preciso visitar algum dia. Estou entediada. O que mais eu tenho que fazer?

Emma se divertiu muito no casamento de Beck e Margo. Exceto quando ela chorou bêbada durante a recepção que não encontrou um cowboy para - quebrá-la - palavras dela, não minhas. — Não tenho certeza se fugir para uma cidade pequena resolverá todos os seus problemas, mas você pode tentar.

— Escapar para algum lugar irá. Eu só tenho que descobrir onde fica.

Dou de ombros porque não faz diferença para mim se ela vai para Suttén ou não, desde que ela não faça visitas inesperadas como hoje.

— Basta pedir a Beck e Margo para ficar na casa deles. Não há nenhuma maneira de você ficar comigo.

Ela ri. — Eu não gostaria de qualquer maneira. Não quero ouvir nada através das paredes quando o infame, sombrio e taciturno Camden Hunter trouxer para casa uma garota inocente de uma cidade pequena.

Eu resmungo porque adoraria dizer que trouxe uma mulher para casa recentemente, mas não trouxe. Já tentei, mas não estou interessado. Uma certa cidade pequena, o oposto de inocente com a forma como sua boca quente se fechava em torno dos meus dedos, sempre discutindo, uma mulher me irritou e chegou onde ninguém mais me interessa.

Levantando-me e contornando minha mesa, dou um aperto no ombro de Emma porque não sei mais o que fazer. Ela está franzindo a testa, como se algo ainda a estivesse incomodando, mas não sei como confortá-la. — Parto para Suttén amanhã. Me mande uma mensagem se você decidir vir, e tomaremos um café ou algo assim. Basta encontrar outro lugar para ficar.

— Eu esperava que tivéssemos festa do pijama e fofocas sobre garotos com máscaras, — ela diz sarcasticamente.

— Não espere nada além de café, Emma! — Eu grito enquanto saio do meu escritório.

Se ela aparecer em Suttén, isso me daria uma desculpa para ir a uma determinada cafeteria e interagir com a dona de um determinado café...

CAPÍTULO 24

Pippa



— Pegue, — exijo, tentando empurrar uma caixa cheia de cupcakes para Cade.

Meu irmão o empurra de volta para mim, balançando a cabeça. — Eu não preciso de cupcakes, Pippa. — Sua voz é severa enquanto ele se concentra no menu atrás de mim. Não é como se ele estivesse no Wake and Bake mil vezes. Ele conhece qualquer alimento ou bebida que você possa pedir aqui, mas seu foco está nele e não em mim. Eu me preocuparia que ele ainda estivesse bravo comigo por quase ter perdido Rebel na semana passada, mas sei que superamos isso depois de conversar sobre isso em um jantar de família desde então. Ele estava chateado porque algo poderia ter acontecido com Rebel, mas acho que foi principalmente porque ele estava preocupado que algo pudesse ter acontecido comigo.

O cavalo não me machucou, mas as ações de Camden naquela montanha sim, não importa o quanto eu não queira admitir.

Balanço a cabeça, olhando para meu irmão com um olhar cauteloso, lembrando por que fiz os cupcakes para começar. — Você absolutamente precisa de cupcakes. Por que você acha que papai mandou você aqui?

Isso chama a atenção dele. Ele franze as sobrancelhas. — Como você sabia que papai me enviou?

Eu rio, olhando ao redor da cafeteria vazia. Estávamos excepcionalmente tranquilos hoje, tão tranquilo que eu disse a Lexi que ela poderia ir para casa e eu fecharia sozinha esta noite. Tecnicamente fechamos há cinco minutos, mas Cade entrou parecendo um cachorrinho perdido logo antes de eu trancar as portas. — Porque ele disse que você precisava de um estímulo e perguntou se eu tinha alguns dos seus cupcakes favoritos. Na verdade, ele praticamente implorou para que eu fizesse alguns, caso eu não tivesse feito, porque você tem sido tão infeliz ultimamente.

Cade geme, tirando o chapéu da cabeça e passando as mãos pelos cabelos. — Papai notou? Porra, ele não deveria estar preocupado comigo. Não quero acrescentar mais nada ao prato dele. Ele já está com saudades da mamãe e tentando deixar tudo em ordem para o inverno. Odeio que ele tenha notado que estou sentindo muita falta de Mare ultimamente.

— Deixe papai se preocupar com você. — Tento manter meu tom gentil enquanto passo a mão pelo braço do meu irmão. — Isso o ajuda a não se concentrar no fato de que estamos chegando perto do aniversário da mamãe. — Não menciono que está se aproximando do meu também.

— Talvez eu queira um cupcake, — Cade murmura. Sua voz é triste. Tão triste que quase ligo para minha melhor amiga e digo a ela para voltar para Suten. Ela já deve estar quase terminando de escrever este livro, e quantas reuniões mais um autor poderia ter? Tudo o que sei é que, de uma forma ou de outra, meu irmão não aguenta ficar longe dela por muito mais tempo. Ele está diferente do que costumava ser, e mesmo sabendo que eles ainda estão tentando entender as coisas, é hora de eles se reunirem.

Ou terei que dobrar a quantidade de cupcakes de mirtilo e limão que estou fazendo.

Levantando a tampa da caixa de doces, pego um cupcake e entrego para ele. Ele aceita com prazer, retirando delicadamente o forro do bolo antes de comer metade dele com uma grande mordida.

Caminhamos até uma pequena área de estar com um sofá de veludo rosa bebê. Ele se senta, soltando um longo suspiro. — Diga-me o que há de novo com você, Pip.

Descanso meu rosto na palma da mão, feliz por ter meu irmão presente, pelo menos por um tempinho. As coisas estão um pouco erradas conosco desde que mamãe morreu. Provavelmente porque ambos sofremos de maneira muito diferente. Ele se apoiou em Mare; Apoiei-me em trabalhar e tentar manter meu pai ativo. Mas Cade e eu sempre fomos próximos, então estou aliviada por as coisas voltarem a ser como costumavam ser, pelo menos por um momento.

Passamos muito tempo conversando sobre a vida. É bom falar com meu irmão novamente. Para me sentir perto dele. Ele me atualiza sobre como está o rancho, como ele acha que meu pai está e como ele e Mare estão lidando com isso dia após dia.

— Eu sei que mamãe ficaria feliz em ver vocês dois descobrindo isso, — eu digo a ele suavemente, tomando o último gole do meu café que fiz há uma hora. Depois que Cade bocejou pela quarta vez em um período de dez minutos, imaginei que ele poderia usar o estímulo noturno. Esperançosamente, quando ele sair daqui, ele irá para casa ir para a cama, em vez de tentar trabalhar mais.

— Você pensa? — Sua voz falha ligeiramente.

Eu concordo. — Sim. — Inclinando-me para frente, envolvo meus braços em volta do meu irmão e o abraço. Seu corpo fica relaxado, seus braços me envolvem enquanto ficamos abraçados por um momento. Seus braços tremem levemente, fazendo-me pensar quanto estresse e tristeza ele esconde sob seu exterior duro.

— Acho que você deveria ir para casa e dormir, — eu insisto, me afastando.

Ele boceja novamente como se seu corpo concordasse comigo. — Talvez eu vá. Depois de falar com Mare, é claro.

Eu rio. Mesmo na faculdade, ela sempre tinha um horário totalmente diferente do meu. Eu gosto de dormir cedo e acordar antes de todo mundo

pela manhã. Ela era o oposto. Mare dormia o dia todo e fazia a lição de casa a noite toda, algo que era difícil de conciliar quando ambas tínhamos horários completamente opostos. Fizemos funcionar, mas acho engraçado que, mesmo depois de tantos anos, ela ainda trabalhe a noite toda, enquanto eu prefiro ir para a cama às nove.

— Diga a Mare que eu disse olá. E que ela deveria me ligar.

Cade acena com a cabeça, caminhando em direção à saída. — Obrigado por estar aqui, Pip. Desculpe se estive um pouco desaparecido ultimamente.

— É uma temporada movimentada para você. Quando o inverno chegar, vou forçá-lo a passar mais tempo com sua irmã mais nova. Eu tenho todos os tipos de receitas que você pode testar para mim.

Eu finalmente recebo uma risada dele. Ele balança a cabeça para mim, abrindo a porta e deixando entrar uma lufada de ar frio da noite.

— Tudo bem, — ele grita por cima do ombro.

Eu o vejo entrar em sua caminhonete antes de fechar a porta. Sem Cade, uma onda de exaustão toma conta de mim. Pensei em preparar algumas coisas para amanhã, mas agora estou muito cansada. Em vez disso, minha cama e uma tigela grande de cereal açucarado chamam meu nome.

Já fiz isso tantas vezes que consigo me apressar para fechar o café durante a noite. Já estava bastante pronto, pois não estávamos muito ocupados. Meus olhos vagam pelo espaço enquanto passo por uma lista de verificação mental. Satisfeita por ter feito tudo o que deveria fazer, apago as luzes e abro a porta.

Em vez de abrir, ela bate em algo duro com um baque surdo.

— Que merda... — Minhas palavras são interrompidas quando olho para cima e encontro Camden segurando a porta. Seus olhos estão escuros e nublados, seus lábios pressionados em uma linha fina enquanto seus olhos se fixam nos meus.

— Camden? — Eu pergunto, chocada ao vê-lo parado ali. Não o vejo desde que ele subiu de traseira de um SUV preto na casa da minha família. Ele

queria se afastar de mim tão rápido que mal podia esperar que eu o levasse de volta à galeria. Não nos falamos desde então. O tempo e a distância que ele colocou entre nós apenas alimentaram minha raiva.

Essa mesma fúria borbulha dentro de mim ao vê-lo novamente. Não consigo ler sobre ele. Ele é quente e depois frio, e isso está me deixando louca. Eu deveria estar grata porque entre nós dois, ele nos impediu de fazer algo drástico como beijar, mas estou realmente desapontada por não conseguir descrever o gosto dele.

— Bolinho. — Suas palavras são baixas, saindo quase como um rosnado. Não sei se é o fogo queimando em seus olhos azuis gelados ou a forma como seus ombros sobem e descem em respirações raivosas, mas algo nele provoca um arrepio na minha espinha.

— Não sabia que você estava em Suttan, — eu respiro, meus olhos indo para o pequeno espaço vazio entre nós.

Ele olha para ele também, antes de dar um passo mais perto e fechá-lo. Tenho que dar alguns passos para trás para não nos tocarmos. Meus pés escorregam no chão recém-lavado. A única coisa que me salva de quebrar minha bunda são seus dedos fortes e grossos envolvendo meu bíceps.

Ele não desiste. Eu *preciso* que ele me solte. Estamos muito perto, e estou pensando que ainda não seria terrível beijá-lo, mesmo que ele me irrite e esteja constantemente agindo como um idiota.

— Eu tinha assuntos inacabados aqui, — ele murmura. Eu não posso evitar. Quando seus olhos focam em meus lábios, minha língua aparece para molhá-los. Foi involuntário, mas a maneira como ele olha para meus lábios com foco puro me faz querer fazer isso de novo para manter seu olhar assim para sempre.

— Como o quê? — Respiro, plenamente consciente de que lentamente me inclino para mais perto dele.

Bastaria eu me mover mais um centímetro e nossas testas se tocariam. Eu não saberia qual era o ar dele e qual era o meu. Tudo que eu sei é que

estávamos compartilhando isso e que respirar o mesmo ar está tão perto de saboreá-lo.

Meu coração martela contra meu peito enquanto espero ele responder. Estou com raiva de mim mesma por querer beijá-lo, por saber com cada fibra do meu ser que se ele diminuísse a distância, eu deixaria. Ele não tem qualidades redentoras, exceto que é tão bonito que é injusto. Ele é um idiota, odeia esta cidade e me deixou querendo mais da última vez que quase me beijou.

Nada disso importa. Porque acho que posso lidar com o fato de ele ser um idiota se seus beijos compensarem isso.

Só sei que ele deve ser bruto na cama. Acho que gostaria de descobrir. Conheço muitas maneiras de manter a boca dele ocupada para que ele não precise falar.

Começando com a língua dele na minha garganta.

Engulo em seco, saboreando o jeito que ele olha para mim. Tenho certeza de que pensamentos semelhantes estão passando por sua cabeça.

— Qual é o assunto inacabado, Camden? — Eu sussurro.

Ele tira o olhar do meu corpo. No momento em que nossos olhos colidem, sei que vou conseguir o que quero.

— Isso, — ele rosna.

CAPÍTULO 25

Camden



Eu poderia tentar ser gentil com ela, mas não tenho vontade. Estou tão desesperado para finalmente selar nossas bocas que meus dedos se enroscam em seus cabelos, me dando a chance de puxar seu rosto para o meu. Meu pau endurece com o pequeno suspiro que sai de seus lábios segundos antes de nossas bocas colidirem.

Ela tem um gosto melhor do que eu jamais poderia sonhar. No momento em que minha língua passa pela costura de seus lábios, ela alegremente abre a boca para mim, permitindo que nossas línguas se acariciem.

Ela geme e eu engulo, puxando seu cabelo para inclinar sua cabeça ainda mais para cima. Neste ponto, ela deve estar na ponta dos pés para me permitir acesso à sua boca. Seus pequenos gemidos me dizem que ela não está nem um pouco incomodada com a posição.

Outro roçar de nossas línguas e as palmas das mãos dela atingiram meu peito. Seus dedos seguram minha camisa com tanta força que aposto que deforma o tecido. Eu não dou a mínima. Ela poderia arrancá-lo de mim e eu agradeceria a ela por fazer isso. Acho que faria qualquer coisa, daria qualquer

coisa, para ficar preso no beijo para sempre. Para tê-la sempre à minha mercê assim.

Eu deveria saber que ela não beijaria gentilmente. Eu sabia que não tinha coragem de ir devagar, começar com um selinho antes que minha língua se envolvesse. Mas eu não esperava que a língua dela correspondesse a cada golpe meu. Que ela abrisse ainda mais a boca, permitindo-me ainda mais acesso.

Seus dedos encontram minha nuca enquanto ela tenta me puxar ainda mais para baixo. Uma das minhas mãos se enrosca nos longos fios de seu cabelo, mantendo sua boca presa à minha, enquanto a outra agarra seu queixo para mantê-la imóvel. Ela quer assumir o controle do beijo, mas eu não deixo. Tenho sonhado com isso desde o momento em que deixei aquela montanha, então vou beijá-la do jeito que imaginei vividamente por mais de uma semana.

Sinto uma pontada na parte de trás do meu pescoço, onde suas unhas raspam a pele exposta entre meu colarinho e a linha do cabelo. Eu gemo com a sensação, querendo sentir as unhas dela por todo o meu corpo.

Eles cavariam minha bunda enquanto eu a fodia tão profundamente quanto sua boceta permitia?

Eles arranhariam meu couro cabeludo enquanto minha língua circulava seu clitóris?

Deus, eu preciso saber. Estou louco para descobrir.

Meus dentes pegam seu lábio inferior. Eu mordo, querendo ver a reação dela. Ela geme tão alto que meu pau dói nas calças. Quero espalmá-la, dar-lhe algum tipo de alívio, mas não consigo soltá-la. Ela está me permitindo maltratá-la exatamente como eu quero, e estou aproveitando cada segundo disso.

Ela é assim na cama? Tão exigente fora do quarto, mas ansiosa para ser dominada enquanto é fodida?

— Porra, — eu gemo, lambendo o local em seu lábio inferior que estava entre meus dentes. — O que diabos você está fazendo comigo?

Eu poderia ficar viciado no som de seus gemidos enquanto ela joga a cabeça para trás de prazer. Sua pele perfeita e beijada pelo sol está exposta para mim, apenas implorando para que eu deixe uma marca. Puxo seu cabelo mais uma vez, perdido na maneira como o grito de dor se transforma em gemido quando meus lábios roçam o buraco de sua garganta. Seu corpo inteiro estremece sob meu toque, apenas alimentando ainda mais meu desejo por ela.

— Camden. — Meu nome sai como um apelo. Acho que poderia ficar obcecado com o som disso, misturado com seus gemidos. Ela é tão reativa que isso me deixa louco.

Eu beijo seu pescoço, incapaz de evitar morder um ponto ali, sabendo que seria difícil para ela esconder um chupão. Perdido no momento, quero reivindicá-la para mim, ter algo deixado para trás deste momento para lembrá-la do quanto ela me deixa louco. Quero que ela pense em mim sempre que sentir o latejar do hematoma de meus dentes. Para ela pensar em nós neste exato momento toda vez que se olha no espelho para cobri-lo.

Eu nunca sou assim. Não sou territorial e nunca me importei o suficiente com alguém para querer reivindicá-lo. Mas na escuridão da noite e no calor do momento, fico feroz com a ideia de qualquer outro homem provar sua pele delicada.

Meus lábios salpicam beijos ao longo de seu ombro. Isso seria muito melhor se ela não estivesse com uma blusa. Se eu pudesse me inclinar e pegar seu mamilo entre os dentes. Será que ela gostaria que eu mordesse antes de aliviar a dor com a língua?

— Você tem ocupado muito espaço na minha mente ultimamente, — eu digo a ela, dando beijos ao longo de sua mandíbula.

— Bom. — Ela solta um suspiro trêmulo quando beijo logo atrás da orelha dela. Se eu tivesse mais tempo, beijaria cada centímetro nu de seu corpo para encontrar todos os pontos que fazem sua respiração parar do jeito que aconteceu quando meus dentes roçaram a concha de sua orelha.

Junto nossas testas, olhando diretamente em seus olhos castanhos. Ela olha para mim, pelo menos no momento, sem agir como se estivesse

arrependida de ter me beijado. Bom, porque não importa o quão terrível fosse a ideia, eu não acho que poderia me arrepender de ter engolido cada um de seus gemidos.

— Não. Não é bom. — Eu nem tento esconder a raiva na minha voz. Estou com raiva de mim mesmo por querer tanto ela. Por deixá-la me irritar. Por de alguma forma deixá-la passar de alguém que eu não suportava para alguém que eu desejava com tudo o que sou. — Nós não funcionamos, porra, — eu sibilo, apertando minha mandíbula. — Tudo o que fazemos é discutir, mas, Deus, poderíamos tentar nunca falar. Deixar apenas nossos corpos falarem.

Ela dá um passo à frente, ocupando meu espaço e pressionando seu corpo contra o meu. Ela se encaixa perfeitamente em mim. Seus pés não param, mas antes que ela possa me levar até a porta de vidro atrás de mim, giro nossos corpos e pressiono o corpo dela contra o vidro. Tenho certeza de que está frio através do tecido fino da camisa dela. Eu realmente não me importo se é ou não. Eu sei exatamente como aquecê-la.

Estalo minha língua enquanto me concentro em onde seu peito se agita. A cada inspiração profunda, o tecido de sua camisa aperta, e tenho um pequeno vislumbre de seus mamilos empinados e pontiagudos através do algodão fino de sua camisa. Incapaz de resistir, me inclino e sopro ar quente em cima de um deles. Sua cabeça bate na porta de vidro com um baque enquanto ela solta um gemido alto.

— Eu nunca quero as pessoas tão desesperadamente, — digo a ela, lambendo seu mamilo através da camisa.

— Eu não deixo homens de quem não gosto fazerem coisas sujas comigo, — ela murmura, seus quadris balançando quando eu mordo seu seio.

— Talvez você mude de ideia sobre gostar de mim quando eu tiver a chance de beijar sua boceta. Minha língua pode ser muito persuasiva.

Minhas mãos deslizam por baixo de sua camisa, testando para ver se ela as deixará vagar. Ela não protesta; na verdade, ela me empurra ainda mais, seus dedos apertando o tecido da minha camisa para me manter perto dela.

Se ela soubesse que eu não tinha intenção de me mover. Não, a menos que ela me mandasse.

— Eu não, — ela ofega, suas palavras sendo interrompidas quando eu empurro sua camisa para cima. — Eu normalmente não gosto quando... — Suas palavras são insuficientes. Eu me ajoelho, olhando para ela e encontrando suas bochechas coradas. Espero que seja por prazer e não por vergonha por tudo o que ela não está dizendo.

— Você normalmente não gosta de ser fodida com a língua? — Puxo o bojo de seu sutiã de algodão, liberando seu seio e ansioso para finalmente deixar minha boca fechar seu mamilo pontiagudo, sem nada entre nós.

— Camden. — Meu nome soa quente como o inferno saindo de seus lábios. Quero lambe cada centímetro de sua pele macia para ver quantas vezes consigo fazer com que ela chame meu nome como um apelo.

Tomo seu mamilo entre meus lábios, fechando minha boca em torno dele. Minha língua circula o pico enquanto absorvo cada uma de suas reações ao que estou fazendo. Suas costas arqueiam, empurrando seu seio mais fundo em minha boca. Fico tão distraído saboreando finalmente ter uma visão de primeira fila de como ela é perfeita que quase esqueço que ainda estou esperando por uma resposta dela.

Afastando-me, olho para ela. Seus olhos estão fechados, como se ela estivesse tentando lutar contra o quão bom isso é. Estou tendo a mesma guerra comigo mesmo. Não há razão para eu querer isso tanto quanto quero, mas perco todo o senso de certo e errado quando estou com ela. Tudo que vejo é ela e a necessidade desesperada de conseguir o máximo possível antes de começarmos a brigar novamente.

— Estou esperando por uma resposta, — penso, passando o dedo ao longo de sua barriga. Sua respiração falha quando eu traço o trecho de pele ao longo do cóx de sua calça jeans que está me provocando.

— Pelo quê?

— Se você gosta de ir contra a língua de alguém enquanto eles dão à sua boceta a atenção que ela merece.

— Oh, — ela murmura, agarrando o tecido da minha gola quando eu desabotoo o botão da sua calça jeans. — Simplesmente não encontrei alguém que pudesse fazer isso acontecer.

Estou tão perto da sua boceta que consigo sentir o seu cheiro. É deliciosamente doce, me tentando e me provocando por estar tão perto, mas também não o suficiente.

— Você não gozou na língua de alguém? — Minha voz está cheia de cascalho. Eu odeio a ideia de qualquer outro homem estar tão perto de sua boceta, mas odeio ainda mais que ela parece ter dado a chance a alguém e eles não conseguiram levá-la à beira do puro prazer.

Ela balança a cabeça para frente e para trás, me dizendo exatamente o que eu quero saber. Enfio meus dedos nas presilhas do cinto de sua calça jeans, puxando até puxar o jeans e a calcinha pelos quadris.

— Você merece alguém que reserve um tempo para conhecer sua boceta. Que vai lamber, chupar e fazer de tudo para descobrir o que você gosta e o que não gosta. Quem passaria horas com o rosto enterrado entre as coxas se isso fosse necessário para fazer você gritar o nome deles?

Ela finalmente está exposta para mim, sua boceta molhada e rosa é a visão mais perfeita que eu já vi.

Eu sorrio, parando por um momento. — Não que eu ache que levaria tanto tempo. Farei com que você venha em pouco tempo.

— Não tenha tanta certeza.

— Tenho certeza, bolinho. Se você não acredita em mim, fique à vontade para me cronometrar. Dê-me dois minutos e você estará gritando meu nome.

Sua cabeça balança de um lado para o outro ao mesmo tempo em que seus quadris balançam para frente e para trás. Ela quer lutar contra isso. Parar com isso, para que eu não tenha isso com ela. Se ao menos ela soubesse do quanto estou abrindo mão ao admitir o quanto a quero. Ela pensa que, ao me dar seu orgasmo, perderá a batalha constante entre nós, mas será tudo menos isso. Se eu sentir o gosto de seu gozo na minha língua, posso deixá-la vencer

todas as discussões entre nós, apenas para que eu possa me fartar dela o máximo que puder, até que ela se canse de mim.

Eu me inclino para trás por um momento, precisando capturar a visão dela com a guarda baixa e sua boceta pingando para mim.

Porra, ela está molhada. A excitação se espalha entre suas coxas, acenando para que eu estenda a mão e os espalhe para ter uma visão melhor dela. Não poderei procurar por muito tempo antes de mergulhar para saboreá-la.

— O que você está fazendo?

— Estou te olhando.

Ela tenta apertar as pernas, mas eu pressiono as palmas das mãos nelas, impedindo-a de estragar minha diversão. — Nem pense nisso, — eu rosno.

— Seus dois minutos começaram.

Eu rio, inclinando-me para que minha respiração faça cócegas na parte interna de suas coxas. — O tempo não começa até que eu diga. Você tem que me dar um minuto para apreciar cada centímetro perfeito do seu corpo. — Eu beijo ao longo da curva de seus quadris. A pele é tão macia, um contraste com a forma como suas unhas arranham minha nuca.

Meus lábios abaixam, pairando ao longo da linha do biquíni. Ela choraminga, claramente insatisfeita por eu não ter colocado meus lábios no lugar que ela mais dói.

— Não se preocupe. — Minha língua aparece para lambe a parte interna de sua coxa. Não pude resistir a dar uma pequena olhada no gosto de sua excitação que cobre entre suas pernas. — Eu farei seus quadris balançarem enquanto você fode meu rosto muito em breve. Mas primeiro... — Eu me afasto, deixando meus olhos explorarem por um momento. — Eu preciso levar em conta cada inclinação e curva do seu corpo.

— Por quê? — Ela ofega, a palavra tão baixa que quase perco.

— Porque seu corpo é tão perfeito, um dia terei que recriá-lo com argila para poder admirá-lo para sempre.

CAPÍTULO 26

Pippa



Acho que nunca estive tão excitada. Eu não sabia que poderia doer tanto entre as coxas. Que algum dia eu sentiria a umidade saindo de mim apenas pelas palavras sujas que um homem sussurrou para mim no escuro.

Camden já me mostrou tanta coisa e nem tocou no local onde eu mais latejo. É irritante ver meu corpo me trair desse jeito. Mas ainda mais, estou gostando de perder o controle ao lado dele. Para cada traição do meu corpo, há uma traição do dele. Não há como perder o contorno grosso de seu pênis tenso através de suas calças sob medida. A luxúria em seus olhos é evidente, e sei que não sou a única apanhada no calor da paixão. Nós afundaremos juntos – nós dois perderemos a guerra com a química inegável entre nós.

— Porra, vou pensar nessa vista por semanas, — ele diz. Suas palavras ficam presas em sua garganta, como se a luxúria ardente o impedisse de falar claramente.

Eu gemo, girando meus quadris para tentar conseguir algum tipo de fricção. Pelo menos antes ele estava me tocando, beijando, lambendo, explorando meu corpo enquanto me desvendava aos poucos.

— Seus dois minutos estão prestes a começar. — Tento manter minha voz calma, mas treme com o quanto eu o quero. Todo o meu corpo está queimando por ele, e sinto que a única coisa que vai me ajudar é ele aliviar a dor deslizando a língua ao longo do meu clitóris.

As pontas dos dedos dele cavam em minhas coxas. Sei bem o quanto o luar ilumina o café. Ele tem uma visão perfeita de *tudo* de mim. Talvez se fosse outra pessoa, eu me sentiria tímida. Mas não com ele. Não há como eu ficar envergonhada por alguma coisa em mim mesma quando ele está olhando para mim como se fosse morrer de fome se não provar.

— Você não começa a contar até que eu mande, — ele ordena. Deus, nunca pensei que ficaria tão excitada com suas exigências. Gosto quando ele me dá ordens. Eu me pergunto se ele é assim nos bastidores. Eu sei por que todo mundo cai a seus pés. É difícil fazer qualquer coisa quando a voz dele se estabiliza, ficando baixa enquanto ele me diz exatamente o que quer de mim.

Ele aperta a parte interna das minhas coxas, forçando-as tanto que eu cairia para trás se não tivesse o apoio da janela atrás de mim. Só agora me ocorre que a lua cheia não apenas permite que ele veja cada centímetro da minha pele exposta, mas qualquer pessoa de fora poderia nos ver se olhasse em nossa direção. Essa constatação por si só deveria me fazer afastá-lo.

Eu não afasto.

Meus dedos se enroscam nas mechas mais longas de seu cabelo no topo de sua cabeça, tentando guiá-lo até meu clitóris latejante. — Qualquer um poderia nos ver aqui. — Não pareço nem um pouco convincente, mas pelo menos tentei — por pouco.

Ele finalmente se aproxima, mas seus lábios pairam na parte interna da minha coxa, em vez de no ápice das minhas coxas, onde preciso *dele*. Ele morde, sem dúvida deixando outra marca no meu corpo.

Por que eu gosto disso? Talvez seja porque ele alivia a dor lambendo a pele. Eu não sabia que uma língua poderia ser tão sensual, mas o toque dela ao longo da pele dolorida me deixa ansiosa por mais.

— Podemos nos mover, — diz ele contra a minha pele, movendo-se lentamente para onde eu quero. — Mas algo me diz que você gosta da ideia de alguém passando e nos vendo. — Eu comentaria como ele precisa parar de arrastar isso, mas estou muito viciada na expectativa disso. Todo o meu corpo treme, ansioso pelo que está por vir.

Seus dedos roçam minha umidade e, oh meu Deus, algo nunca foi tão bom do que sentir seu dedo calejado traçando meu clitóris. Pelo menos até que ele use outro dedo para me abrir, o ar atingindo meu ponto mais sensível. Estaria frio se seu hálito quente não estivesse me acariciando, me aquecendo.

Quero protestar quando paro de sentir a ponta dos dedos dele na minha coxa, mas a sensação não dura muito. Sua outra mão se junta, uma me mantendo aberta enquanto a outra mão pressiona meu clitóris. Ele desliza para cima, um dedo deslizando em mim.

Eu gemo, o som ecoando ao nosso redor. Meus olhos se abrem e fecham, as sensações são demais. Eu me concentro em ficar de pé — isso e a forma como ele lentamente empurra o dedo cada vez mais fundo. A palma de sua mão pressiona com mais força a cada empurrão de seu dedo. Estou sentindo ele em todos os lugares ao mesmo tempo. Minha pele formiga enquanto meus quadris se movimentam para acompanhar seu ritmo.

Seu dedo desliza para fora de mim, me deixando querendo mais dele instantaneamente.

— Aposto que você adora a ideia de alguém ver você assim, — ele rosna. — Todos nesta pequena cidade idolatram você. Se ao menos eles soubessem que sua doce Pippa é uma vagabunda tão suja.

— Camden, — gemo quando desta vez ele desliza dois dedos dentro de mim. Por que me sinto tão satisfeita com apenas dois de seus dedos longos e grossos?

— Gosto da ideia de alguém assistir isso também, — ele murmura, entrelaçando os dedos. Ele instantaneamente encontra o lugar que me deixa louca, fazendo meus dedos enrolarem dentro dos sapatos com prazer. — Meu pau está tão duro com o pensamento de outra pessoa testemunhando o quão

bom eu vou fazer você gozar. Ter você gritando meu nome como a garota safada que você é. Eles saberão que você está destruída por minha causa e que sou eu quem sabe como fazer você ver estrelas.

— Você só tem um minuto, — consigo dizer, com a voz trêmula. Não tenho ideia de quanto tempo faz. Mas meu corpo parece estar envolto em chamas e estou tentando controlar a situação de alguma forma. Lembrá-lo de sua arrogância de que ele me fará gozar quando ninguém mais o fez é minha maneira de tentar assumir o controle.

Ele ri, seu hálito quente se espalhando por todo meu corpo. — Isso é bom. Um minuto é tudo que eu realmente precisava.

Antes que eu possa mandar nele e dizer que é melhor ele cumprir suas promessas, ele sela sua boca na minha boceta, e não tenho dúvidas de que ele me fará gozar rápida e poderosamente.

Talvez seja a maneira confiante com que sua língua entra em mim. Não há nada de tímido nele. Assim como a forma como nosso beijo começou, sua língua está irritada e determinada, movendo-se contra mim em voltas confiantes.

Tenho uma experiência fora do corpo. Eu nem percebo que sou eu quem está fazendo gemidos e miados altos até segundos depois que eles escapam da minha boca. Seu dedo entra e sai de mim enquanto ele puxa meu clitóris em sua boca. Sua língua vibra contra mim por causa de seus próprios gemidos, e acho que pode ser isso que me aproxima do orgasmo mais do que qualquer outra coisa.

Há algo de especial em saber que ele fica tão excitado lambendo minha boceta. Estive com homens que fizeram parecer uma tarefa árdua me atacar. Camden não está agindo assim. Ele parece estar aproveitando cada segundo, e não consigo lutar contra a sensação crescente no fundo do meu âmago.

Meu corpo inteiro congela quando o elástico se rompe. Eu agarro seu cabelo, arrancando pedaços dele enquanto o orgasmo toma conta de todo o meu corpo. Eu poderia cair — ou pensei que iria cair, mas ele me mantém firme.

— Camden, — eu gemo, precisando que ele pare os impulsos raivosos de sua língua. Ele não para, explorando tudo o que o orgasmo é.

Minhas coxas tremem enquanto aguento o resto do orgasmo.

É o melhor que já tive, mas não há como dizer isso a ele.

Foi tão bom que por alguns momentos não consigo falar. Não consigo abrir os olhos. Não posso fazer nada além de me deixar levar pelo modo como todo o meu corpo se sente iluminado pelo desejo.

Nada jamais foi tão intenso. É ainda melhor quando meus olhos finalmente se abrem e o encontro olhando diretamente para mim.

Sinto-me poderosa sabendo que sou a razão pela qual Camden parece imperfeito agora. Ele está de joelhos, o meu gozo por todo o seu rosto. Seu cabelo se projetava em todas as direções onde meus dedos puxavam as mechas escuras. Sua camisa amassada onde eu me agarrava a ele, tentando segurá-lo mais perto. O contorno de seu pau grande e grosso. Cada parte bagunçada e fora do lugar dele agora é a coisa mais perfeita que já vi.

Meu peito sobe e desce enquanto tento me recuperar da intensidade do orgasmo — a intensidade do momento. Foi tão poderoso que, pela primeira vez na vida, fiquei sem palavras.

Camden deve estar se sentindo da mesma maneira. Ele olha para mim, seus ombros subindo e descendo em respirações rápidas e sucessivas.

Momentos atrás, a sala estava cheia de nossos gemidos. Agora, os únicos sons são nossas inspirações e expirações ruidosas enquanto ambos nos recuperamos.

Não consigo desviar o olhar de seus olhos azuis cristalinos. Eles me deixaram em transe. Ou talvez seja porque ainda estou me recuperando do que aconteceu. De qualquer forma, ele é o primeiro a desviar o olhar.

Ele fica em pé, sem dar nenhuma indicação do que está pensando quando passa a mão pelos cabelos.

— Isso foi definitivamente mais de dois minutos, — eu provooco, sabendo muito bem que ele manteve sua palavra. Minhas palavras não ajudam em nada

para aliviar a tensão escaldante entre nós. Na verdade, as pontas dos dedos dele apertando a ponta do nariz jogam água fria sobre nós.

Estou prestes a tentar tocá-lo, meu corpo em chamas com a necessidade de me familiarizar com ele. Seu pau parece concordar com a maneira como ele luta com raiva contra o tecido de sua calça, apenas implorando para participar da diversão.

Ele me vence nisso. Exceto que, em vez de diminuir a distância entre nós, ele abre a porta da frente e tranca.

Olho para o caminho à nossa frente, observando sua figura desaparecer, a vergonha rastejando pela minha pele.

CAPÍTULO 27

Camden



Não consigo me afastar dela rápido o suficiente.

Estou completamente fodido, e mesmo quando entro pelas portas da frente da galeria e coloco distância entre mim e Pippa, tenho medo de que nenhuma distância possa livrar a memória do que acabou de acontecer.

Foi dolorosamente, frustrantemente perfeito. *Ela é* perfeita, exceto pelo fato de que eu fiz papel de idiota com ela e ela não me suporta, a menos que minha língua esteja ordenhando um orgasmo dela.

Tento respirar fundo, me acalmar depois de ter apenas uma das melhores experiências sexuais da minha vida – e ela nem sequer me tocou. Tudo o que fiz foi ter a chance de fazê-la gozar na minha língua, e nada me destruiu mais.

Ela é excepcional. E eu fugi dela, deixando-a completamente exposta enquanto escapava de sua presença. Eu já dei a ela o suficiente para fazê-la não gostar de mim, deixá-la parcialmente nua enquanto eu saía correndo de sua loja provavelmente não ajudou em nada.

Eu não pude evitar. Eu tinha que fugir antes de ultrapassar todos os limites e exigir ainda mais dela. Cada fibra do meu ser quer transar com ela, torná-la minha e extrair dela orgasmo após orgasmo até que eu possa reescrever o início da nossa história - ou pelo menos fazê-la esquecer todas as discussões acaloradas e confusas que aconteceram entre nós.

Nunca me arrependi de ter sido um idiota até agora. Eu faria qualquer coisa para mudar o nosso destino, mudando o nosso começo. Eu não seria um idiota quando nos chocássemos naquele bar idiota. Eu não a xingaria quando ela me encontrasse. Eu não teria comprado a galeria se soubesse que ela a queria para seu próprio negócio.

Há tantas coisas que eu faria novamente se pudesse, mas não posso, e odeio isso porque nenhuma mulher jamais me irritou do jeito que ela fez.

— Porra, — eu grito, batendo a porta atrás de mim. Meus passos ecoam no chão enquanto ando pela galeria.

Inclino a cabeça, me perguntando como diabos vou sair da bagunça que criei.

Eu nunca deveria ter beijado ela. Indo mais longe, eu nunca deveria ter pedido a ajuda dela. Talvez se não tivéssemos sido unidos pela ideia boba dela de me fazer apreciar esta pequena cidade, eu não estaria cedendo à tentação quando se trata dela.

Meus ombros enrijecem quando a porta da frente é aberta. Um som de batida enche a sala momentos antes de a porta se fechar. Não preciso me virar para saber quem é.

Eu posso senti-la.

— Vá embora, — imploro, sabendo que minha voz não parece convincente. Parece fraco e resignado.

— Que raio foi aquilo? — Ela ferve. Eu fecho meus olhos quando ela entra na minha frente. Eu não consigo olhar para ela. Ela arrumou as roupas — parcialmente — mas suas bochechas ainda estão coradas pelo orgasmo, e há marcas de inchaço ao longo de seu pescoço deixadas pelos meus dentes.

— Era melhor para mim parar com isso antes que qualquer outra coisa acontecesse.

— Melhor para *quem*?

Abro os olhos porque estou fraco e quero dar uma boa olhada nela. — Melhor para você, — respondo calmamente. — Eu sou um idiota e não mereço provar você do jeito que acabei de provar. Foi perfeito e você é perfeita e eu não sou perfeito e porra, Pippa, por que tinha que ser assim com você?

— Estou cansada dessa merda, Camden, — ela fumega, dando um passo mais perto de mim. Felizmente, estamos sozinhos aqui. Ela pode gritar comigo o quanto quiser. É o que eu mereço.

— E eu não estou? — Eu contra-ataco. Claro que estou cansado disso. Eu odeio o quão primitivo me torno perto dela. O quanto me excita fazer o que quero com ela e vê-la me deixar.

— Se você estivesse cansado disso, não continuaria correndo! Você acabou de me dar o melhor orgasmo da minha vida, algo que eu não admitiria, exceto pelo fato de que estou tão chateada com você, as palavras estão saindo da minha boca, e então você correu como se eu tivesse feito algo errado.

— Você fez tudo certo, — eu respondo, irritado por ela pensar que isso tem alguma coisa a ver com ela.

— Então me foda.

Minha cabeça recua em choque com suas palavras. Elas eram a última coisa que eu esperava. Eu estava preparado para discutirmos. Eu não estava preparado para ela querer continuar.

— Não.

— Sim. — Ela dá mais um passo para mais perto de mim, empurrando seu peito contra o meu.

Balanço a cabeça, o ar sibilando entre meus dentes quando seus dedos passam por meu pau através da minha calça. — É uma ideia terrível. — Porra, eu posso gozar apenas com o menor toque dela, esse é o poder que ela tem sobre mim, mesmo que eu tenha dado isso a ela sem querer.

— Provavelmente. Mas você tem que terminar o que começou, Camden Hunter.

— Você me odeia, — protesto, tentando controlar a situação. Estou perdendo o controle rapidamente com a sensação dos nós dos dedos dela roçando minha pele enquanto ela enfia as mãos na minha cintura.

— Eu vou te odiar mais se você não me foder agora.

— Não diga isso, — eu resmungo. Minha cabeça cai para trás quando ela puxa meu pau. Eu nem tinha percebido que ela tinha aberto o zíper e puxado minha cueca boxer para baixo.

Seus dedos corajosamente envolvem meu pau. Há um sorriso satisfeito em seus lábios enquanto ela acaricia para cima e para baixo. Ela sabe exatamente o que está fazendo comigo. Seus cílios tremulam em falsa inocência. Deus, ela é tão sexy.

Ela seria ainda mais sexy se caísse de joelhos e envolvesse a boca em volta do meu pau.

— Você vai brigar comigo por isso também? — Ela pergunta docemente, seu polegar correndo ao longo da minha ponta. Eu nem tinha notado o pré-goço até que ela o segurou entre nós, sua pele brilhando pela excitação.

Minha mandíbula aperta quando ela lambe o polegar. Agora tudo o que consigo imaginar é ela engolindo até a última gota do meu esperma enquanto encho sua boca.

— Talvez, — eu gemo, meus braços tremendo com moderação. Não acho que esta seja uma batalha que vencerei. O desejo de empurrar meu pau até onde sua garganta — ou boceta — permitir é muito intenso. Ela deveria ser a única a nos parar. Não me caçar e insistir para que eu transasse com ela. — Tudo o que parecemos fazer é lutar, — acrescento.

— Talvez eu goste, — ela admite, agarrando meu pau mais uma vez, martelando o último prego em nosso caixão.

Perco todo o senso de controle. Meus dedos envolvem seu pescoço, puxando-a para mim. Ela engasga quando eu afasto nossos rostos a

centímetros de distância. Talvez eu devesse beijá-la novamente. Faça-a provar seu esperma como punição por ser tão tentadora. — Nós discutiremos sobre isso mais tarde, — eu rosno. — Neste momento, a única coisa que importa é eu enterrar meu pau dentro de você.

— Já era hora, — ela reflete, com um sorriso no rosto.

O que diabos eu vou fazer com ela? Ela revida e estou obcecado por isso. Isso me faz querer puni-la, fazê-la desmoronar e se desfazer debaixo de mim.

— Vou fazer você pagar por me responder. — Não dou tempo para ela responder, minha boca pega a dela, e seu corpo fica relaxado contra o meu, seus braços circulando meu pescoço para mantê-la de pé. Ou talvez seja eu quem a mantenha de pé. Tudo o que sei é que meu pau sente falta do toque dela no momento em que seus dedos deixam meu eixo e envolvem meu pescoço.

Eu a provoco um pouco, me perdendo no beijo. Deixo-a pensar que talvez ela esteja no controle por apenas um momento, até que arranco minha boca da dela. Os seus lábios estão vermelhos e inchados, apenas implorando para que meu pau a foda.

E é exatamente isso que vai acontecer.

Empurro seus ombros, não lhe dando outra opção a não ser cair de joelhos. Ela grita, suas mãos se estendendo para se apoiar, agarrando minhas coxas.

— Você se divertiu muito me provocando agora há pouco. — Enrolo seu cabelo em minha mão, me dando a alavanca que preciso para controlar sua cabeça da maneira que desejo. Ela lambe os lábios, olhando para meu pau com fome antes de me olhar nos olhos. — Você claramente quer isso, — eu digo, envolvendo meus dedos ao longo de meu comprimento e acariciando para cima e para baixo. — Seja uma boa putinha e chupe meu pau, — exijo.

Ela ajusta sua posição de joelhos, sem me dar nenhuma indicação se vai ouvir ou não. Em vez disso, ela revira os olhos. Na verdade revira os olhos para mim. Putinha desafiadora. Ela ainda pode fazer o que ela disse, porque seus dedos me envolvem. Seu aperto é firme, nem um pouco tímido. Ela bombeia

para cima e para baixo dolorosamente devagar, tão devagar que minhas bolas se apertam em protesto. Eu preciso mais dela. Mais disso. Mais de tudo quando se trata dela.

— Camden? — Meu nome é dito como uma pergunta, seu hálito quente no meu pau enquanto ela fala.

— Sim, bebê? — Eu coaxo.

— Você pode querer começar a contar. Você descera pela minha garganta em dois minutos. — Sua língua percorre todo o meu comprimento e, porra, acho que ela pode estar certa. É tudo demais.

E então ela diz as palavras que me deixam selvagem por ela. — E eu nunca engoli antes.

CAPÍTULO 28

Pippa



Nunca me senti sexy fazendo um boquete. Deve ser porque eu não estava chupando a pessoa certa, porque agora, com minha boca pairando sobre a cabeça do pau de Camden, nunca me senti tão quente.

Minha língua desliza ao redor de sua cabeça inchada. O ar sibila por entre seus dentes, suas coxas flexionando sob meu aperto. Deixei meus dedos subirem, precisando sentir seu abdômen. Eu não os vi, mas tudo em seu corpo é perfeito. Não tenho dúvidas de que seu abdômen é o mesmo.

Deixei minha língua memorizar a sensação de seu pau grosso e pesado. Lambo a veia que vai da base até a ponta, deleitando-me com os gemidos que saem de sua boca a cada movimento. Camden não parece gostar de demonstrar emoções – posso identificar – mas é diferente em particular, com meus lábios se abrindo para levá-lo garganta abaixo. Para o mundo exterior, ele está fechado. Neste momento, seu corpo me diz tudo que quero saber e muito mais.

Estou gostando de provocá-lo, punindo-o por suas tendências quentes e frias. Ele me deixou quase nua, encostada em uma janela, quando fugiu. Eu

me senti vulnerável e exposta, arruinando a euforia que percorria meu corpo desde o orgasmo que ele arrancou de mim.

Talvez eu queira dar a ele uma pequena vingança.

Afasto minha boca, amando a expressão irritada de sua mandíbula quando solto seu pau. Ele fica em posição de sentido, acenando para que eu volte ao que estava fazendo. Eu não. Em vez disso, minhas duas mãos passam por baixo do tecido engomado de sua camisa.

— Pare, — exijo, tentando puxar os botões. Meus dedos não funcionam rápido o suficiente, então opto por puxá-los.

A mão de Camden cobre a minha, a palma deslizando sobre meus dedos. — Você não me diz o que fazer.

Mordo o lábio, me perguntando se devo responder ou não. — Quero ver você.

Ele aperta minha mão, o gesto parecendo tão gentil comparado a todo o resto. Sento-me sobre os calcanhares, observando ansiosamente quando seus dedos começam a desfazer os botões do seu peito. Ele consegue desfazer dois deles antes de suspirar com raiva. — Foda-se, — ele rosna, agarrando os dois lados da camisa e rasgando-a.

Botões *tocam* no chão enquanto caem em várias direções. Eu rio, o som fica preso na minha garganta quando ele olha para mim com fogo nos olhos. Estou encantada com a maneira como ele olha para mim, mas pelo canto do olho, noto que ele puxa os braços de cada lado da camisa.

Não sei onde procurar. Adoro o calor em seus olhos, o modo como ele me observa como um homem observando sua última refeição. Mas eu quero ver o corpo dele. Quero comprometer cada músculo na memória para lembrar disso. Embora ainda não tenha olhado, sei que as inclinações e planos de seus músculos são algo que artistas como ele só poderiam sonhar em recriar.

— Olhe para mim. — Seus dedos envolvem meu queixo. Eles são firmes, empurrando minha cabeça para cima para me forçar a olhar para ele.

Meu peito aperta. Tudo nele é melhor do que eu poderia imaginar. Ele está cortado perfeitamente. Seus músculos são tão proporcionais, como se sua personalidade perfeccionista garantisse que cada músculo fosse trabalhado de maneira uniforme.

Seus dedos cavam na pele do meu queixo, pressionando tão profundamente meu pulso acelerado que ele deve sentir como ver seus músculos tensos e rígidos me afeta.

— Você faz algo comigo quando me olha assim, — ele geme.

Permito que meus dedos tracem a ondulação de seu abdômen. Eles são tão definidos. Eu nunca poderia imaginar o que ele escondia debaixo de seus ternos caros e camisas sob medida. Não sei por que ele se preocupa em usar roupas. Ele poderia ficar no meio de sua galeria de arte assim, e todas as pessoas ao redor olhariam para ele como se ele fosse a própria arte.

— Não conheço outra maneira de olhar para você, — confesso. A lista de homens com quem estive não é longa, mas nenhum deles se parecia com ele. Olhando para ele, não consigo me lembrar de como eles eram. A única coisa que ocupa espaço na minha mente é *ele*.

Camden me agarra pelo queixo mais uma vez. Desta vez, é gentil. Seu polegar acaricia meu queixo, seus olhos vagando pelo meu rosto. Ele se concentra em meus lábios. Seu polegar calejado raspa minha bochecha enquanto ele passa sobre minha pele antes de colocá-lo no meu arco de cupido. Meus lábios se abrem como se estivesse sob um comando. Ele sorri, apenas um lado dos lábios se levantando. Seu polegar viaja lentamente, puxando meu lábio inferior. Meus lábios estão em carne viva pela ferocidade com que ele me beijou.

— Seus dois minutos estão acabando.

Eu sorrio, ficando de joelhos para aliviar a dor do meu clitóris latejante. Ele já deu atenção a ele, mas exige mais. Minhas coxas se esfregam enquanto tento obter fricção e algum tipo de alívio.

Eu me permito mais um segundo olhando em seus olhos, vendo as tempestades escuras de seu olhar cheio de luxúria, antes de me concentrar em seu pau novamente. Meu polegar passa pela gota de pré-goço em sua ponta.

Seu corpo estremece com o toque, me fazendo sorrir de satisfação. Ele está fazendo isso de novo. Fazendo-me sentir sexy antes mesmo de colocá-lo na boca.

Usando uma das mãos, tiro o cabelo dos ombros para que as mechas caiam nas minhas costas. Não quero que nada atrapalhe quando eu o tomar totalmente. Ele grunhe em aprovação, suas mãos varrendo o cabelo das minhas costas e torcendo-o na palma da mão.

Adoro a sensação do cabelo na raiz sendo puxado. Gosto de saber que, pelo menos por enquanto, ele está me dando o controle, mas com um simples puxão, seria ele quem o controlaria.

Envolvo meus dedos em torno da base dele. Seu pau é tão grande que as pontas dos meus dedos nem sequer começam a se tocar. Seu aperto fica mais forte, suas unhas curtas arranhando meu couro cabeludo quando uso a outra mão para segurar suas bolas.

Vou me divertir muito com isso.

Inclinando-me, eu coloco sua cabeça em minha boca. Eu falo em torno de sua circunferência, minhas palavras abafadas devido à ponta dele pressionando contra minha língua. — Lembre-se do que eu disse sobre engolir, — provoco.

— Porra, — ele rosna, empurrando os quadris para atingir o fundo da minha garganta. Eu gemo com a reação dele. É tão primitivo e selvagem, me excitando enquanto um rubor percorre minha pele.

Abro a boca o máximo que posso. Minhas bochechas queimam por tentar pegá-lo, por tentar abrir o suficiente para acomodá-lo por inteiro. Ele fode meu rosto selvagemmente. Seus dedos se enroscam em meu cabelo para manter minha cabeça firme enquanto ele bombeia para dentro e para fora, tirando tudo o que quer de mim.

Tentando trazer-lhe o máximo de prazer possível, mantenho uma mão presa na ponta do seu eixo, a parte que não cabe na minha boca, enquanto a outra segura firmemente as suas bolas.

— Deus. — Ele geme, seu ritmo diminuindo enquanto ele rola seu corpo no meu. É sexy como o inferno. Agora quero sentir seus quadris da mesma forma quando ele fode minha boceta em vez de minha garganta. — Bem desse jeito. — Seu aperto fica mais forte, e não sei se as lágrimas ameaçam escorrer das minhas pálpebras por causa da maneira como ele puxa meu cabelo ou se é porque a ponta dele atinge o fundo da minha garganta com uma força punitiva.

Pisco, deixando as lágrimas caírem pelo meu rosto para tentar aliviar a queimação dos meus olhos. Olho para cima e o encontro me observando. Ele sorri com aprovação, usando a mão livre para se abaixar e segurar minha bochecha. É muito mais terno do que tudo o mais que ele está fazendo comigo.

— Vou continuar fodendo seu rosto até que você se engasgue. Não vou parar até levar seu corpo ao limite. — Ele bate na minha garganta, provando seu ponto. — É melhor você abrir essa garganta, querida.

Meus olhos se fecham porque tudo é demais. Minha boceta lateja com tanta força que dói. Quero me abaixar e brincar com meu clitóris, enfiar um dedo dentro de mim, *algo* para ajudar a aliviar a dor intensa entre minhas pernas. Eu sei que meus jeans estão no caminho, e não há como eu enfiar a mão dentro dele sem que ele perceba.

Por alguma razão, estou confiante de que ele não me deixaria me tocar, mesmo que tivesse acesso mais fácil. Talvez seja a maneira dominadora com que ele empurra seu pau em mim, cada vez que seus quadris tentam pressionar cada vez mais fundo até que meu corpo proteste. Ou talvez seja porque ele deu um leve sorriso nos lábios durante todo o tempo em que fodeu meu rosto. Como se ele estivesse satisfeito por eu estar dando a ele poder sobre mim.

Esfrego minhas coxas, balançando para frente e para trás para tentar aliviar a dor. Não faz muito. Ele continua soltando um gemido baixo e

prolongado cada vez que atinge o fundo da minha garganta. Se ele fizer isso o suficiente, eu posso gozar sem que ele me toque.

Tento me conter o máximo possível, mas ele acelera o ritmo e cada estocada fica cada vez mais forte. Não aguento mais ele, minha garganta engasga quando ele me leva ao meu limite.

Ele sai, me dando um breve momento para respirar antes de fazer tudo de novo. Eu engasgo de novo agora que ele sabe a maneira exata de bombear em mim.

— Boa menina, — ele ofega. Sua cabeça cai para trás, mas mantenho meus olhos fixos nele. Estou fascinada em observar cada reação. Ele engole, os músculos da garganta trabalhando duro enquanto ele abafa um gemido.

Ele diminui a velocidade, mudando para estocadas lentas e longas, em vez de rápidas e punitivas. Isso me dá um momento para me recompor o máximo possível. Lágrimas ainda caem dos meus olhos devido à pressão dele. Eu engasgo, tentando o meu melhor para manter os lábios sobre os dentes.

— Talvez eu devesse ter fodido seu rosto antes. Você realmente escuta com meu pau enfiado na sua garganta. — Eu gemo perto dele, meus olhos se fechando.

Estou prestes a afastar-me, a implorar-lhe que me foda porque a minha boca não aguenta mais, mas sinto os seus testículos se tencionar no meu aperto. Isso me alimenta, me levando a continuar para fazê-lo terminar. Quero provar a prova de sua excitação.

— Estou perto. — Ele geme, ambas as mãos agora segurando minha cabeça para guiá-la exatamente do jeito que ele quer. Eu deixo, querendo fazer tudo o que pudesse para levá-lo à beira da liberação.

Ele mantém o ritmo até que todo o seu corpo fique tenso. Seus olhos se abrem para encontrar os meus, mas ele se esforça para mantê-los abertos. Eles vibram fechados de prazer. Meus olhos descem para o quão tensos seus músculos estão.

— Prepare-se para engolir, — ele exige com a mandíbula cerrada. — Até a última gota.

Antes que eu possa dar qualquer tipo de reação, cordas de esperma atingiram o fundo da minha garganta. Eles não cederam enquanto tento aproveitar o máximo que posso. Ele tenta se afastar quando sinto algum vazamento pelas laterais, mas eu o mantenho na boca até que seu corpo relaxe. Ele finalmente dá algum alívio ao meu couro cabeludo, seu aperto afrouxando enquanto as pontas dos seus dedos brincam distraidamente com os fios do meu cabelo.

Eu engulo o que resta dele quando ele sai de mim. Ele não vai longe, mas o suficiente para me dar tempo para respirar. Seu olhar se concentra no canto da minha boca. Estico a mão, limpando o canto para encontrar seu esperma. Mantendo contato visual, coloco-o na boca e lambo-o da pele.

Ele me observa de perto, seu corpo congelando por um momento antes de me tirar do chão. Antes que eu possa dizer ou fazer qualquer coisa, ele cola sua boca na minha. Mal engoli o seu esperma, e ele enfia a língua na minha boca, beijando-me com um tipo de ferocidade que nunca senti antes.

O beijo fica mais lento, sua língua deslizando para dentro e para fora da minha boca até que ele se afasta. Nossas testas descansam uma contra a outra enquanto recuperamos o fôlego.

— Camden, — eu sussurro, incapaz de formar palavras sobre o que acabou de acontecer. Eu me contorço, precisando de fricção entre minhas coxas, mas também querendo ficar presa no momento de ternura entre nós. Não quero admitir, mas gosto da suavidade do momento. A maneira como seus dedos brincam suavemente com meu cabelo, massageando meu couro cabeludo dolorido por ele puxá-lo.

Gosto de nossas respirações pesadas e combinadas enquanto tentamos nos recuperar do que acabou de acontecer.

— O que diabos você está fazendo comigo, bolinho? — Ele diz em meu cabelo, me puxando para seu peito. Ele me deu o melhor orgasmo da minha vida, fodeu meu rosto com tanta força que eu poderia ter gozado só pelo calor que estava e, de alguma forma, esta é a primeira vez que nos abraçamos.

— Não estou fazendo nada, — admito. A tensão ainda preenche o ar entre nós, crepitando como se pudesse explodir a qualquer momento.

— Isso não deveria acontecer entre nós. — Ele se afasta, sua cabeça indo para trás para que ele possa olhar para mim. — Você não deveria ocupar tanto espaço na minha mente. — As palavras saem de sua boca com raiva. Mas não é como se ele estivesse bravo comigo, é mais como se ele estivesse chateado consigo mesmo.

— Você tem pensado em mim, Camden Hunter? — Provoco, não estou pronta para admitir o número de vezes que ele passou pela minha cabeça desde que partiu para Nova York.

— Se eu disser que sim, você vai usar isso contra mim na próxima vez que eu te irritar?

Isso me faz sorrir, meus dentes cavando meu lábio inferior na tentativa de lutar contra isso. — Tente não me deixar brava pelo menos uma vez e você não terá que se preocupar com isso.

Ele afasta o cabelo do meu rosto, colocando-o atrás das orelhas. — Vou me lembrar disso.

Concordo com a cabeça, me perguntando quando as coisas voltarão ao lugar. Um beijo acalorado e um orgasmo poderoso para cada um de nós não são suficientes para resolver a tensão raivosa que existe constantemente entre nós. Ou é?

— É quando você me fode? — Pergunto ansiosamente, meu corpo esquentando com o pensamento.

— Eu quero *tanto*. Mas eu disse a Tommy para passar aqui esta noite, e quando eu finalmente conseguir te foder, vou demorar.

— Cancele, — eu ofereço, bem ciente de que soa mais suplicante do que eu pretendia. Eu sei que ele não deveria cancelar com Tommy. Ele é um garoto legal, e minha noite já tomou um rumo que eu não esperava. Mas eu o quero, mais dele, tudo dele. Qualquer coisa que ele me dê esta noite. — O que faz você pensar que a oferta para me foder não é apenas esta noite?

Ele aponta um sorriso de lobo em minha direção. — Porque seu corpo é péssimo em esconder coisas. — Ele aperta meu mamilo endurecido como se quisesse provar algo. — E eu sei que você está no mesmo barco que eu. — Ele traça um dedo ao longo do inchaço do meu peito. — E assim como eu, você estará contando os segundos até que eu esteja enterrado dentro de você mais uma vez, só que desta vez, será sua boceta que estará cheia de mim.

Ele abotoa a calça, olhando para o chão onde está sua camisa rasgada.

Eu rio. — Tommy pode achar um pouco estranho você ter uma reunião tarde da noite com ele sem camisa.

— Tenho uma sobrando no meu escritório.

Concordo com a cabeça, afastando-me de seu alcance. Parece frio sem o calor do corpo dele pressionado contra o meu. O pensamento surge em minha mente de que nunca nos despedimos de verdade. Ele fugiu quando quase nos beijamos na montanha. Ele não teria se despedido de mim esta noite se eu não o tivesse perseguido com raiva.

— Última chance de me foder, — eu digo, recuando em direção à entrada.

— Não será a última, — ele responde com confiança, enfiando as mãos nos bolsos. Ele parece quente como o inferno, vestindo nada além de uma calça social.

— Você vai ter que trabalhar para isso, então.

Seus olhos percorrem meu corpo. — Eu planejo isso.

E pouco antes de eu sair pela porta, ele diminui a distância entre nós e dá um beijo casto em meus lábios.

— Adeus, bolinho.

Pressiono meus dedos nos lábios, observando-o se afastar enquanto minha mente gira com o que acabou de acontecer.

CAPÍTULO 29

Camden



Olho para a tela do meu computador, observando os minutos passarem enquanto um dos meus compradores na outra linha fala sobre algo que eu deveria prestar atenção.

Já se passaram dois dias desde que as paredes desabaram entre Pippa e eu. Nosso encontro no café dela, na galeria, tem passado repetidamente pela minha cabeça, apesar da montanha de trabalho que eu deveria estar realizando.

— Como isso soa? — Leo pergunta, me tirando dos meus pensamentos. Sento-me na cadeira, passando a mão pelo rosto porque não tenho a mínima ideia do que ele está falando.

— Passe para mim de novo, — eu recorto.

Se Leo suspeita que não prestei atenção a uma palavra do que ele está dizendo, ele não diz. Em vez disso, ele respira fundo e relembra tudo o que perdi enquanto sonhava acordado com os sons que Pippa fazia enquanto se desfazia debaixo da minha língua.

— Então, para resumir, acho que o melhor plano de ação seria transferir a peça de Franklin para uma exposição posterior em Suttén, ou esperar até o inverno e fazê-lo em Manhattan, e adicionar essas novas peças do dono da pousada para a coleção Suttén. Um show inteiro dedicado ao povo de Suttén. É uma jogada de marketing genial, Sr. Hunter.

Eu grunho. Gostaria que a ideia fosse minha e não da Pippa.

— Quando poderemos juntar tudo? — Empurro todos os pensamentos sobre Pippa para o fundo da minha mente, precisando ter essa conversa com Leo. Ele tem sido meu melhor comprador desde o momento em que pude pagar outra pessoa em busca de novos talentos além de mim. Ele é um cara leal, algo que aprecio imensamente, e tem um excelente olho para identificar o próximo grande sucesso.

Consigo mantê-la longe dos meus pensamentos por tempo suficiente para acertar alguns detalhes para o próximo show. Estou surpreso com o quão animado estou com este. Está se tornando a exposição mais original que já fiz. É novo e fresco e espero que empurre este novo empreendimento para o próximo passo.

Como Leo não está mais na outra linha e Trisha está de volta a Manhattan, fico no silêncio do meu escritório. Está muito quieto aqui. Em Nova York, você pode ouvir a agitação do lado de fora das janelas. Mesmo nas primeiras horas da manhã, você pode ouvir o som do baixo nos clubes da rua. Você pode ouvir risadas nas calçadas enquanto as pessoas voltam para casa. O som das buzinas dos táxis. Nada disso está aqui em Suttén. É verdadeiramente silencioso. Talvez não seja assim durante a temporada turística, mas agora você pode ouvir tudo – e isso tudo me deixa sozinho com meus pensamentos.

De repente, estou realmente querendo um café. Olho para minha xícara de café de antes, a tampa rosa choque me provocando. Ainda é meio-dia. Não preciso de outro café, mas Pippa não esteve na loja esta manhã. E odeio admitir, mas preciso de uma desculpa para passar por lá para vê-la. Tenho pensado nela saindo da galeria. Ela me disse que eu precisava trabalhar para isso — e é a única coisa em que consigo pensar.

Quero trabalhar para isso, uma constatação na *qual* não me importo de insistir.

Não faria mal nenhum passar pela cafeteria novamente. Somos vizinhos e ela faz o melhor café da cidade. Faz todo o sentido eu aparecer. É melhor do que mandar uma mensagem para ela, algo que pensei em fazer inúmeras vezes enquanto olhava para o único texto que compartilhamos em nosso tópico. A foto dela de lingerie. A foto que me deixou em espiral desde o momento em que a vi. Mesmo que eu não quisesse admitir isso, eu sabia que não seria capaz de tirá-la da minha mente depois disso. E depois de prová-la, sei que farei de tudo para experimentar mais com ela. Eu não estava mentindo quando disse que trabalharia para ela. Estou ansioso para ganhar meu tempo e conquistá-la.

Suspiro, esfregando a mão pela barba por fazer em meu queixo. Não é normal eu perseguir uma mulher, mas não posso evitar com ela. Ela me dá nos nervos, mas não consigo parar.

É por isso que me vejo entrando pela porta rosa choque de seu café. Meus olhos imediatamente percorrem o espaço, procurando por ela no grupo de pessoas. Está ocupado, alguns olhos encontram os meus enquanto procuro seu olhar familiar. Não a encontro nas mesas e quando olho para o balcão ela também não está.

— Está aqui para outro? — Pergunta a garota atrás da caixa registradora. Foi ela quem me ajudou esta manhã, logo quando o café abriu.

Limpo a garganta e me aproximo do balcão. — Eu estava trabalhando até tarde ontem à noite.

— A mesma coisa desta manhã?

O movimento chama minha atenção pelo canto do olho. Olhando, espero encontrar Pippa saindo pelas portas de vaivém para a cozinha, mas em vez disso encontro outro rosto que não seja o dela.

— Senhor? — A barista insiste.

Eu me concentro novamente nela. — Sim. Isso seria perfeito. — Coço o queixo, tentando pensar em uma maneira não óbvia de perguntar onde diabos

Pippa está. — Então. — Limpo a garganta, tornando as coisas mais estranhas e óbvias. — Onde está a dona? Pippa?

A garota sorri, Lexi como está escrito em seu crachá. Ela agarra o balcão, inclinando-se ligeiramente sobre ele. — Porque perguntas?

— Estou acostumado a vê-la todos os dias.

Ela balança a cabeça, estreitando os olhos em mim. — Não há outra razão que você queira saber?

— Não. — Eu tusso, olhando em volta para tentar evitar seu olhar conhecedor. Faz calor na minha pele, mesmo quando finjo olhar para um saco pré-embalado de grãos de café para evitá-lo o máximo possível.

— Ela está sempre reclamando de você, — ela afirma, com humor em sua voz.

Meus olhos se voltam para ela. — Por que você diz isso como se fosse um elogio?

— Porque acho que ela gosta de você.

Mordo o interior da minha bochecha, lutando contra a vontade de dizer a primeira coisa que veio à minha cabeça, ela definitivamente parecia gostar de mim quando suas unhas arranhavam meu couro cabeludo, seus gemidos ecoando nas paredes desta mesma loja enquanto ela gritava meu nome. Quero olhar para a porta, fechar os olhos e lembrar de tê-la presa contra a janela. Qual foi a sensação de abrir suas coxas e tê-la completamente exposta para mim.

— Você está bem? — Lexi pergunta. Seus olhos estão iluminados com malícia enquanto ela sorri para mim. Ela claramente está se divertindo muito me importunando por causa de Pippa.

— Sim. — Limpo a garganta novamente, olhando por cima do ombro para ver se há alguém atrás de mim na fila. Não há, o que me dá tempo para fazer mais perguntas na direção de sua funcionária.

— Ela reclamar de mim faz você pensar que ela gosta de mim? — Sinto que estou no ensino médio novamente. Quero perguntar *se ela gosta de mim*

ou gosta *de* mim como uma maldita criança de doze anos. — Isso não faz muito sentido.

— Sim, se você conhece Pippa. Ela fica entediada facilmente, precisando... — Ela faz uma pausa, seus olhos viajando para o teto enquanto ela pensa por um momento. — Bem, ela precisa de fogo, você poderia dizer. Algo que mantenha as coisas interessantes.

— Reclamar de mim mantém as coisas interessantes?

— Ontem abri o café para Pippa. Ela me mandou uma mensagem dizendo que estava fora até tarde e precisava de ajuda.

Minhas sobrancelhas se erguem porque essa conversa tomou um rumo que eu não esperava. — Oh?

— A porta da frente estava destrancada. O que era incomum porque Pippa *sempre* tranca quando fecha. Ela às vezes se esquece de fazer outras coisas, mas trancar a porta nunca é uma delas.

A garota aponta para uma câmera de segurança no canto. Ela olha para mim, uma luz piscando.

Minhas bochechas esquentam. Merda. Estou prestes a corar? Sensações de formigamento percorrem minha nuca enquanto rezo para que essa conversa não vá para onde eu penso que está indo.

— Verifiquei a câmera, querendo ter certeza de que ninguém havia invadido. Parecia que ninguém havia invadido, mas queria ter certeza.

Putá merda. Será que essa garota, que não pode ter muito mais de dezoito anos, me viu festejando a boceta da chefe dela?

Nunca corei na minha vida, mas acho que na verdade posso estar corando de vergonha. Todo o meu rosto está quente, a sensação escorrendo pelo meu pescoço também.

— Oh, — murmuro, sem ter ideia do que devo dizer nesta situação. Sou um adulto, não deveria estar me atrapalhando com as palavras agora, mas estou preso visualizando todas as coisas sujas que essa garota poderia ter visto.

— Não se preocupe. Eu descobri bem cedo o que iria acontecer. Eu parei antes de ver muito.

Deixei escapar um suspiro de alívio. Graças a Deus.

— Então, onde ela está? — Pergunto, mudando de assunto. Agora que sei que ela não viu nada, quero nunca mais falar desse momento. Isso vai me assombrar imaginando o que ela viu e em que ponto ela parou o replay.

Talvez eu precise encontrar uma maneira de conseguir as imagens de segurança. Não quero que mais ninguém tome conta disso. Também seria quente demais voltar e assistir novamente.

— Ela está doente hoje.

— Doente? — Não gosto da ideia de ela estar doente. Ela está sozinha sem ninguém para cuidar dela?

— Sim. O que ela deve estar realmente se sentindo uma merda, porque ela nunca falta ao trabalho. Mesmo quando a mãe dela faleceu, ela aparecia para trabalhar na maioria dos dias.

Minha pele arrepia com a necessidade de aparecer na casa dela só para que ela tenha alguém lá para ajudá-la. Essa garota tem razão. Pippa não parece o tipo de pessoa que faltaria ao trabalho, a menos que realmente não estivesse se sentindo bem. E se algo ruim acontecer e não houver ninguém para ajudar?

Não demoro muito para decidir que a coisa certa é ir ver como ela está. Não tenho ideia de onde ela mora, mas aposto que Lexi sabe.

— Onde ela mora? — Pergunto, puxando meu telefone para poder inserir o endereço em um aplicativo de mapas.

Isso faz Lexi sorrir. Estou cansado de todos os seus sorrisos astutos. É como se ela soubesse demais. O que talvez ela saiba, dependendo de quão longe ela chegou nas imagens de segurança.

— Como posso saber se você não vai perseguir minha divertida e incrível chefe?

Reviro os olhos. — Eu não sou do tipo perseguidor.

— Alto, moreno, bonito com um ar misterioso e arrogante? Acho que essa é a definição do dicionário para perseguidor.

— Pippa e eu ainda não tivemos tempo de trocar endereços, mas posso garantir que ela não me consideraria um perseguidor.

— E se ela não quiser que eu lhe dê o endereço dela?

Todo mundo nesta cidade gosta de discutir?

— Tudo bem, — eu corto, olhando de volta para o menu. — Vou tomar a mesma coisa que esta manhã e depois gostaria de adicionar uma bebida especial que ajude com os enjoos.

— Isso está no nosso menu secreto.

— Faça um grande, por favor. — Puxando meu cartão, eu o seguro entre nós. — E talvez adicione qualquer alimento que você tenha aqui que Pippa mais gosta.

Ela me encara, mas eu não recuo sob seu olhar. Eventualmente, ela deve me considerar confiável porque dá de ombros e puxa uma xícara adicional ao lado dela. Estou esperando ela terminar de escrever no copo e me deixar pagar quando ela pega um guardanapo e começa a escrever o endereço de Pippa. Com um suspiro, ela o desliza pelo balcão.

— Se eu for demitida, você me deve um novo emprego.

Eu rio. — Você não será demitida. Obrigado.

Ela pega meu cartão de mim e o passa na máquina deles. — Não bagunce tudo com ela. Ela só agora está sorrindo depois de sua mãe. — Seu tom ficou sério rapidamente. O tom de brincadeira desapareceu completamente.

— Não tenho intenção de machucá-la. — Minhas intenções são exatamente opostas. Quero fazê-la se sentir bem arrancando dela orgasmo após orgasmo até que seu corpo esteja completamente esgotado de prazer.

CAPÍTULO 30

Pippa



Uma batida na minha porta me tira do sono. Limpo o canto da boca, encontrando baba por todo o queixo. Tomei NyQuil ontem à noite depois que não consegui dormir com a cabeça tão cheia e, aparentemente, isso realmente me nocauteou. Não tenho ideia de que horas são.

Pegando meu telefone na mesa de cabeceira, encontro-o morto, o que não me ajuda a descobrir que horas são. Já é tarde o suficiente para que o sol bata completamente através das cortinas do meu quarto.

Esfrego os olhos, me perguntando se sonhei com o som alto de uma batida quando a ouço novamente. Gemendo, esfrego os olhos novamente, tentando me ajustar à luz que entra. Deslizo para fora da cama e calço meus chinelos favoritos. O rabo de Kitty bate com entusiasmo na ponta da cama, claramente indiferente a quem está na porta. Olho para minha roupa, esquecendo com que fui dormir na noite passada. Eu provavelmente deveria me trocar antes de atender a porta com um moletom velho e apenas uma calcinha por baixo, mas o moletom é longo o suficiente para que eu fique bem. Não pretendo conversar muito com quem está do outro lado da porta.

Espero encontrar minha vizinha Francine. Às vezes ela aparece para me dar ovos frescos de suas galinhas. Ela também gosta de cuidar de Kitty quando preciso de ajuda ou sinto que Kitty precisa de atenção extra. Às vezes ela até passa para perguntar se pode levar Kitty para passear. Por causa disso, abro a porta sem olhar pela janela.

Francine não está no meu capacho. Em vez disso, fico cara a cara com um Camden sorridente. Minha mente imediatamente vai para o momento em que seus lábios carnudos foram cobertos por mim na outra noite.

— Camden? — Olho por cima do ombro para ver se há alguém com ele ou se está sozinho.

Ele dá um passo em minha direção, empurrando um café Wake and Bake entre nós. — Ouvi dizer que você não estava se sentindo bem, então trouxe isso para você.

Por que ele tem que parecer tão bem? Meu cabelo deve ser um ninho de ratos, e há uma boa chance de haver baba secando no meu queixo enquanto ele fica na minha frente vestido como se pudesse aparecer na capa de uma revista de negócios enquanto eu pareço o Gollum do Senhor dos Anéis.

— Você me trouxe café? — Eu pergunto lentamente.

Ele segura sua própria xícara. — Não, eu trouxe café para mim. Trouxe para você uma bebida especial do seu café que é boa quando você está doente.

Meu coração aperta no peito por ele ter se lembrado da bebida. Não era algo que eu esperava que ele pensasse duas vezes.

Ele empurra a bebida um pouco mais, gesticulando para que eu a pegue. — Tudo bem? Posso voltar se você quiser algo diferente.

Apoio o quadril no batente da porta enquanto pego a bebida dele. Tomo um gole timidamente, saboreando como o líquido quente acalma minha garganta. — É perfeito, — murmuro.

Ele engole, enfiando a mão livre no bolso. Luto contra um sorriso enquanto ele muda desconfortavelmente de um pé para o outro, sem saber o que fazer.

— Eu ofereceria para você entrar, mas não quero deixá-lo doente.

— Minha língua estava na sua garganta, entre outros lugares, há apenas alguns dias. Vou arriscar.

Estou olhando para ele, incrédula, enquanto ele entra na minha casa, sem se preocupar em esperar por um convite.

Kitty abana o rabo com entusiasmo enquanto passa entre as pernas dele. Ela é uma terrível cadela de guarda.

— Kitty, ataque, — eu instruo, apontando meu dedo para ela.

Ela nem olha para mim, muito contente em receber arranhões nas costas de Camden para seguir as instruções.

— Essa é uma boa menina, — Camden murmura, curvando-se para acariciar a barriga de Kitty enquanto ela rola para ele.

Tento não reagir, minha mente se lembra de quando ele estava *me chamando* de boa garota por motivos *muito* diferentes.

— Você é fofa, mas inútil, — repreendo Kitty, tentando não rir da língua dela pendurada no canto da boca.

Ela está no céu. Camden me pega desprevenida com o quão doce ele é com ela.

Minhas mãos encontram meus quadris. — Você não me pareceu uma pessoa que gosta de cachorros.

Ele dá atenção a ela por mais alguns segundos antes de se levantar, ganhando um suspiro insatisfeito dela. — E por que isso? — Ele pergunta.

— Bem, para começar, você é extremamente tenso.

— Então, porque sou tenso, não gosto de cachorros?

Eu dou de ombros. — Os cães são bagunceiros. Você não parece gostar de bagunça.

Camden sustenta meu olhar, nós dois parados um em frente ao outro na minha entrada. Estou prestes a dizer mais alguma coisa para preencher o

silêncio quando ele abre a boca. — Talvez eu esteja começando a gostar das coisas um pouco bagunçadas.

Nossos olhares permanecem fixos, e o único som são as patas de Kitty se movendo sobre a madeira enquanto ela tenta chamar a atenção de Camden.

Seus olhos se afastam dos meus, mas permanecem no meu corpo, passando com calma pelas minhas pernas nuas. Cruzo os tornozelos, percebendo o quão pouco o moletom enorme esconde.

— Como você está se sentindo?

Passo os dedos pelo cabelo e me ocorre o pensamento de como devo parecer rude. Tomei um banho com o pouco de energia que tinha, mas não tive tempo de secar o cabelo. Adormeci com ele encharcado e não preciso me olhar no espelho para saber que provavelmente está uma bagunça.

Pegando-me de surpresa, ele dá um passo mais perto e pressiona a palma da mão na minha testa. Sua mão parece fria contra minha pele. Quando ele o desliza pelo meu rosto e o pressiona contra minha bochecha, não posso deixar de me inclinar para a sensação de sua pele fria contra a minha.

— Você está quente, — ele corta, com a voz rouca. Ele parece chateado. Como se ele estivesse com raiva porque eu estou com febre.

— Provavelmente preciso tomar mais remédios, — ofereço, caminhando em direção ao meu quarto.

Meus olhos examinam meu lugar. Está uma bagunça agora porque não tive energia para limpar. Meus sapatos estão espalhados pelo corredor. Tenho que contornar um par de saltos altos antes de cair de cara sobre eles.

Quero me desculpar pela bagunça que as coisas estão, mas estou focada nas palavras dele de momentos atrás. O que ele quis dizer? Havia um significado oculto por trás de suas palavras, e não posso deixar de me perguntar, talvez até mesmo ter esperança, que seu comentário tenha algo a ver comigo. Comparado com sua vida imaculada, sou caoticamente bagunçada. Mas gosto disso em mim, e agora fico me perguntando se ele está começando a apreciar isso em mim.

— Não foi assim que imaginei você no meu quarto, — brinco, caminhando até minha mesa de cabeceira. Existem quatro tipos diferentes de medicamentos alinhados na parte superior. Eu os inspeciono, decidindo qual deles quero levar. Por mais cansada que esteja, vou dispensar o NyQuil² já que é de manhã e gostaria de ficar acordada pelo menos parte do dia.

Camden pega meu edredom de babados, ergue-o e acena com a cabeça em direção a ele. — Entre, — ele exige, sua voz severa, me fazendo ficar arrepiada, apesar da minha pele febril.

— Agora exigindo que eu vá para a cama? Foi por isso que você veio hoje, Camden?

Seus lábios formam uma linha fina. Ele claramente não está divertido com minha provocação. — Você pode ir para a cama ou posso pegá-la e jogá-la na cama. De qualquer forma, você dará ao seu corpo o descanso que ele merece.

Eu olho para ele com os olhos arregalados. Por que ele tem que ser tão gostoso quando está mandando em mim?

Digo a mim mesma que só ouço porque meu corpo dói e estou começando a me sentir um pouco tonta de tanto me movimentar. Subo entre os lençóis, tentando não deixar escapar um suspiro de satisfação quando ele começa a enrolar meus cobertores em volta de mim.

— Você não precisa fazer isso. — Meus olhos ficam fixos nele enquanto ele lê os rótulos de cada um dos medicamentos na minha mesa de cabeceira.

— Eu não tenho que fazer o quê? — Seus olhos não se movem ao inspecionar cada rótulo.

— Vim e cuidar de mim porque estou doente.

Camden me encara com um olhar, um leve sorriso nos lábios. Suas mãos grandes seguram um dos frascos de comprimidos enquanto ele balança a cabeça para mim. — Se você ainda não aprendeu isso, não faço nada que não queira fazer. Ouvi dizer que você estava doente e queria estar aqui. — Ele abre

² Nyquil é um natitérmico

a tampa e despeja alguns comprimidos na palma da mão grande. Ele o estende, balançando os dedos para mim. — Tome estes.

— E se você estiver me envenenando?

Ele revira os olhos. — Você me viu tirá-los da garrafa. Abra sua boca.

A expressão em seu rosto não deixa espaço para discussão. Minha boca se abre, minha língua aparece para tomar os comprimidos. Ele os coloca na minha língua, entregando minha água da mesa de cabeceira.

— Engole, — ele ordena. E eu faço isso, meu corpo esquentando ainda mais pelo jeito que ele olha para mim. Não faz muito tempo, ele estava me dizendo a mesma coisa, e eu fiz exatamente o que me foi dito, assim como estou fazendo agora. Sua mente deve estar indo para o mesmo lugar porque suas pálpebras ficam pesadas.

— Agora, beba mais um pouco de água e deite-se. Vou pegar a comida que trouxe. Esqueci no carro.

Observo seu corpo alto e atlético sair pela porta aberta, dando-me tempo para apreciá-lo por trás. Ele está vestido como se pudesse ter uma reunião a qualquer momento - enquanto eu nem estou de calça porque estava muito cansada quando saí do banho ontem à noite - e sinto falta do seu sorriso arrogante no momento em que ele sai pela porta.

Olho para a porta vazia por alguns momentos antes de tomar mais alguns goles de água. Kitty choraminga em sua cama de cachorro, fazendo com que eu aparentemente não seja a *única* com falta de Camden.

Quando ele volta, traz comida da padaria. Ele me entrega e não consigo esconder o sorriso quando olho para dentro. — Meu favorito.

Dou uma mordida na massa, fechando os olhos porque não tinha percebido o quanto estava faminta.

Camden me observa engolir a comida, até tirar o lixo de mim e colocá-lo na mesa de cabeceira assim que termino. Nós nos encaramos por alguns momentos antes de ele suspirar.

— Chega pra lá. Vou deitar com você para garantir que nada aconteça.

— Estou com febre. O que você acha que vai acontecer comigo?

Ele não espera por permissão. Suas longas pernas estão empurrando as minhas enquanto ele entra na minha cama.

— Camden! — Eu repreendo, empurrando seu quadril. — Esta é *minha* cama e *meu* dia de doença. Você não pode simplesmente invadir.

— Claro que eu posso. — Ele desliza um braço por baixo do meu corpo, me puxando para seu peito. O movimento me surpreende.

Tenho quase certeza de que Camden Hunter está me abraçando. E estou bastante confiante de que adoro isso.

— Mais alguma discussão? — Ele brinca, estendendo a mão sobre a cama para pegar o controle remoto descartado. Ele começa a folhear a Netflix enquanto eu olho para ele, minha bochecha ainda pressionada em seu peito.

— Uh... — Eu não sei o que dizer. Gosto de sentir seu corpo pressionado contra o meu. Gosto da maneira reconfortante como seus dedos brincam com meu cabelo. É terno, fazendo meu coração pular dentro do peito. Não sei se ele percebe que está fazendo isso.

Seu peito sobe e desce com uma respiração profunda, me movendo com ele. — Olha, bolinho. Acho que você e eu somos muito parecidos em alguns aspectos no que diz respeito à forma como administramos nossos negócios. Eu sei que você deve ter se sentido péssima por tirar um dia de folga do trabalho, então deixe-me ficar aqui e cuidar de você, ok? Por favor?

Tudo o que posso fazer é concordar porque a emoção que obstrui minha garganta é insuportável. Suas palavras significam muito para mim e me aterrorizam.

Acho que entre todas as discussões comecei a desenvolver sentimentos por ele. No começo, pensei que fosse atração sexual, mas não há nada sexual acontecendo entre nós agora, e ele faz minha pulsação disparar.

Antes que eu possa pensar muito sobre isso, meus olhos se fecham enquanto caio no melhor sono da minha vida, aninhada mais profundamente

no peito de um homem por quem não tenho nada a ver com desenvolver
sentimentos.



CAPÍTULO 31

Camden



Estou reorganizando minha caixa de entrada de e-mail quando Pippa finalmente se volta contra mim. Olho para baixo, encontrando seus olhos ainda fechados enquanto ela fica mais confortável, colocando uma perna sobre mim.

Estamos nesta mesma posição há duas horas. Eu assisti dois episódios completos de *Supermarket Stakeout* e estou no terceiro episódio, e ela mal moveu um músculo durante tudo isso.

Meu braço formiga, precisando me mover para obter algum fluxo sanguíneo, mas não quero correr o risco de acordá-la. Seu corpo claramente precisa de descanso, e eu ficaria sentado aqui o dia todo, sentindo que meu braço poderia cair se isso significasse que ela continuaria dormindo.

Não sei se já fiquei parado por tanto tempo. Não é da minha natureza sentar no telefone e não fazer nada. De vez em quando, meu olhar se volta para ela enquanto permito que meus olhos a absorvam sem que ela perceba.

Ela é de tirar o fôlego, de uma forma silenciosa e barulhenta. Ela não está usando maquiagem, mas suas feições são marcantes. O nariz arrebitado,

lábios carnudos e ligeiramente entreabertos. Seus cílios dançam ao longo das maçãs do rosto. Cada vez que olho, tenho vontade de passar o polegar ao longo de sua bochecha, mas luto contra a vontade para não acordá-la.

Ela é incrivelmente linda de um jeito que faz meu peito doer. Quero capturar suas feições para sempre, para poder esculpi-las em pedra mais tarde. As pessoas ficariam admiradas, maravilhadas com o fato de que quanto mais perto chegassem, mais ela roubaria o ar de seus pulmões.

Continuo mentindo para mim mesmo que estou aqui porque é a coisa certa a fazer. Mas não sou um homem decente. Já fiz coisas cruéis na minha vida se funcionasse melhor para mim. Mas quando se trata dela, não consigo ficar longe. Não é porque sou um cara legal. É porque ela tem uma atração magnética que não posso negar, não que eu tenha sido bom em tentar combatê-la.

É um pensamento catastrófico pensar que a atração que sinto por Pippa não é apenas superficial. Adoraria culpar a forma como senti ter o meu pau na sua garganta, os meus dedos enterrados na sua boceta, a antecipação de finalmente deslizar para dentro dela e empurrar os limites do seu corpo.

Mas é muito mais perigoso do que isso.

Pippa Jennings, a mulher com quem gritei no momento em que nos conhecemos, está roubando pedaços do meu coração frio e negro. Ela está dando vida a isso, e não tenho coragem de lutar, mesmo quando sei que não pode acabar bem. Não vim aqui hoje porque queria algo dela. Eu queria estar perto dela. Eu queria cuidar dela. E não consigo pensar muito profundamente no que tudo isso significa.

Meu telefone vibra na minha mão. Olho para baixo e encontro uma mensagem de Beck.

BECK

Liga para mim.

CAMDEN

Não posso. Estou ocupado.

BECK

Você está em outra ligação?

CAMDEN

Não.

BECK

Em uma reunião?

CAMDEN

Não.

BECK

Quando você recusou uma ligação comercial?
O que você poderia estar fazendo?

Seu identificador de chamadas aparece no meu telefone. Recuso imediatamente, não querendo acordar Pippa. Meu telefone vibra imediatamente com outra nova mensagem.

BECK

Você está sendo estranho. Estou tentando falar de negócios. Atenda seu telefone

CAMDEN

Eu ligo mais tarde. Ocupado.

BECK

Preciso de uma prova de vida. É mesmo você?

Tiro uma foto do meu dedo médio contra os lençóis para não me denunciar e envio para ele.

BECK

Conheço lençóis baratos quando os vejo. Eu sei que o lugar que você está alugando não tem esses lençóis, ou se eles tinham, Trisha os substituiu.

CAMDEN

Estou vivendo como um morador local.

BECK

Eu chamo besteira.

Ele liga novamente. O filho da puta é implacável. Não me lembro de ter me intrometido tanto em sua vida quando ele desapareceu em uma bolha quando Margo foi morar com ele.

CAMDEN

Me deixe em paz.

BECK

Falaremos sobre isso mais tarde. Preciso saber que moradora da cidade atraiu você para a cama.

Você está abraçado às duas da tarde em um dia de semana?

CAMDEN

Vá se foder. Você não deveria estar tagarelando com sua nova esposa?

BECK

Ela está me ignorando, ocupada pintando merdas para sua galeria. Estou sozinho e queria falar sobre um novo empreendimento comercial.

CAMDEN

Diga a ela que ela pode ter uma prorrogação se você me deixar em paz.

BECK

Mal posso esperar para obter todos os detalhes interessantes mais tarde

Reviro os olhos, colocando meu telefone ao meu lado para não ficar tentado a responder ao meu amigo intrometido. Olho para Pippa, sem esperar ver seus olhos se abrindo.

— Eu te acordei? — Eu sussurro, tirando mechas de cabelo do rosto dela.

Ela me dá um sorriso sonolento e, porra, isso me desarma. Quase a empurro do meu peito, não querendo que ela sinta meu batimento cardíaco acelerado em sua bochecha, mas não consigo fazer isso. Só rezo para que ela

não sinto o mesmo que meu pulso acelera diante da beleza de seu sorriso sonolento.

— Sinto muito se fiz isso, — acrescento enquanto ela estica as pernas debaixo dos cobertores. Seu pé roça minha perna. Quero entrelaçar meus membros com os dela, segurá-la contra meu peito enquanto nós dois nos perdemos no sono.

— Eu provavelmente deveria me levantar de qualquer maneira. — Sua voz está mais rouca que o normal enquanto ela tenta acordar.

Meu polegar percorre sua bochecha, o mesmo lugar que eu queria acariciar enquanto ela dormia pacificamente em meu peito. — Volte a dormir um pouco. Vou fazer comida para quando você acordar.

Ela não discute, o remédio tomando conta dela enquanto seus olhos se fecham novamente. Levo alguns momentos para observá-la novamente antes de cuidadosamente deslizar para fora da cama. Sinto falta do corpo dela no momento em que não estamos mais conectados, mas quero que ela coma mais do que apenas o doce que comprei no café, então quebro a conexão e ando na direção que acho que é a cozinha dela.

Meu estômago ronca. Assistir episódio após episódio no Food Network também está me deixando com fome.

A cadela dela, chamada Kitty, o que é uma coisa muito típica da Pippa, me segue de perto. Não é difícil encontrar a cozinha em sua pequena casa térrea. Gosto de como é aconchegante aqui. Mesmo com o espaço limitado na rua tranquila de uma cidade pequena, ela fez com que o espaço que tinha parecesse um lar, não uma casa. Ao olhar em volta, indo até a cozinha, percebo como minha cobertura em Manhattan deve estar fria e vazia.

Paro nas fotos que cobrem a parede da sala dela. São tantas, e não posso deixar de olhar atentamente para cada fotografia. Há alguns com Pippa e que agora conheço como irmão dela e que devem ser seus pais. Olho para a mulher que tem que ser mãe dela pela semelhança entre as duas. Meu coração fica pesado quando olho para o braço de Pippa em volta dela. Eu não tive que chorar por um pai, não que os meus realmente tenham sido pais, mas não

consigo imaginar como seria perder alguém que era tão incrível quanto Pippa fez sua mãe parecer.

Continuo olhando todas as fotos, maravilhado com a vida que Pippa viveu. Há fotos dela a cavalo, na padaria, e algumas com uma loira que parece ser da faculdade. Luto contra a vontade de querer saber tudo sobre ela. Quero saber a história de cada foto. Não passou despercebido que procurei homens nelas, me perguntando se um homem já roubou seu coração ou como deve ser seu passado.

Saindo das fotos na parede, olho ao redor da sala de estar. Ela tem um grande corte branco que cobre uma parede inteira e atravessa a planta aberta. Existem almofadas em quase todos os centímetros do sofá. São cores vivas e divertidas, algo que aprecio. Paguei milhares e milhares de dólares para decorar minha casa em Manhattan, e o que há de mais colorido é um pouco de azul marinho em alguns quartos.

Finalmente entro na cozinha dela, rindo porque, como tudo nela, é um pouco bagunçada. Há xícaras alinhadas perto da pia e alguns pratos dentro dela. Não está sujo, mas as chaves e as correspondências espalhadas pelo balcão são muito mais desorganizadas do que o meu espaço. Gosto disso nela, algo que nunca me imaginei dizendo. Gosto que ela esteja sempre se movendo no ritmo de seu próprio tambor, passando de uma coisa para outra sem nunca levar as coisas muito a sério.

Abro a geladeira e a encontro relativamente vazia. Trisha garantiu que minha geladeira alugada permanecesse abastecida, então, mesmo que eu quisesse sair da casa de Pippa para comprar alguns mantimentos para ela, o que eu não faço, eu nem saberia o que comprar.

Ela tem um pacote de frango lá. Verifico a data de validade, descobrindo que ainda faltam alguns dias até que estrague. Puxando o frango, coloco-o no balcão e continuo vasculhando o conteúdo da geladeira até sentir que tenho o suficiente para fazer uma sopa para ela.

Enquanto a frigideira esquenta, pego meu telefone e ligo para Trisha para pedir que ela envie alguns mantimentos. Talvez eu não consiga sair

correndo e comprar alguns para Pippa, mas quero que ela tenha opções sem ter que se preocupar em fazer compras. Trisha não faz perguntas, mesmo quando dou o endereço da entrega, ela sabe que não é meu aluguel.

Estou ocupado adicionando um pouco de sal e pimenta de última hora à panela de sopa de macarrão com frango fervendo quando Pippa entra na cozinha. Todo o lado direito de seu rosto está vermelho, marcas dos lençóis pressionadas em sua pele.

Eu olho para cima, tentando lutar contra um sorriso ao ver o jeito que o cabelo dela se destaca em todas as direções. É fofo como o inferno. Um pensamento indesejado surge em minha mente. Acho que poderia me acostumar a estar aqui quando Pippa acordar. Eu não reclamaria de receber muitos mais sorrisos sonolentos dela.

— Bom dia, — provoco, olhando pela janela da cozinha. — Ou devo dizer tarde?

Ela para ao meu lado, espiando dentro da panela. — Você fez isso?

Mexo mais uma vez antes de colocar a tampa na panela. Meu quadril repousa contra o balcão enquanto cruzo preguiçosamente os braços sobre o peito. — Eu fiz.

— Você cozinha?

— Se eu quero.

— Tem cheiro comestível.

Estendo a mão e a agarro pelos quadris, puxando seu corpo contra o meu antes que eu possa pensar muito profundamente sobre isso. Ela sorri para mim, a cor de volta em seu rosto depois de estar pálida e úmida quando cheguei.

— Não acredito que você fez sopa caseira para mim. — Ela parece chocada, ficando na ponta dos pés para passar os braços em volta do meu pescoço.

É natural estar nesta posição com ela. Parece algo que fazemos há anos e não algo novo e estranho para nós dois.

— Na verdade, eu fiz isso para mim, — brinco. — Você pode cuidar de si mesma.

Seu lábio inferior se projeta em um beicinho. — Mas tem um cheiro delicioso.

Minha cabeça recua. — Você acabou de me elogiar, bolinho?

— Não se acostume com isso.

— Mas foi bom.

— Você terá que conquistá-los.

— Acho que vou me divertir ganhando mais com você.

O vermelho tinge suas bochechas, espalhando-se pela pele do pescoço antes que o rubor desapareça no tecido do moletom. — Você poderia ter tido muito mais deles se não tivesse sido um idiota enorme comigo na primeira vez que nos conhecemos.

— Só terei que compensar o tempo perdido. — Luto contra um sorriso, lembrando-me dos insultos que ela me lançou na segunda vez que nos encontramos. — Pelo menos agora você sabe que eu não fui um idiota para compensar meu pau, — acrescento.

Seus olhos ficam arregalados. Ela estende a mão e cobre a boca, tentando esconder um sorriso.

— Você me pegou aí.

Seguro seu rosto em minhas mãos, lutando contra todos os meus instintos de me inclinar e beijá-la. Eu sei que não deveria fazer isso. Ela está doente e não tenho ideia do que diabos está acontecendo entre nós. Mas não há uma parte de mim que não queira reivindicar sua boca junto com a minha. Para beijar suas bochechas e pescoço.

Gemendo, deixei minha testa cair contra a dela. Respiro fundo para me acalmar antes de me afastar e voltar para o fogão. — Vamos pegar um pouco de comida para você.

Ela não se move por um momento, seu olhar quente em mim.

Ela queria que eu a beijasse? A mente dela está sofrendo com pensamentos sobre todo o potencial tentador para nós, ou estou sozinho nisso?

— Vamos ver se você realmente sabe cozinhar, — ela brinca, se aproximando de mim para pegar uma tigela.

CAPÍTULO 32

Pippa



Camden Hunter é irritante.

Ele tem um rosto perfeito. Um corpo perfeito. É rico como o inferno. Uma das pessoas mais talentosas que já conheci. E o idiota também sabe cozinhar.

Seus olhos estão fixos em mim enquanto sopro a colher de sopa, esfriando o líquido quente antes de dar uma mordida. Minha mãe fazia a melhor sopa de todos os tempos, passando os domingos jogando tudo que estava na geladeira em uma panela e de alguma forma deixando-a deliciosa. Mas caramba, essa canja de macarrão com frango quase se compara ao que ela costumava fazer.

É deliciosa, o que é irritante como o inferno.

Não posso mais dizer que ele não tem personalidade, porque quanto mais o conheço, mais acho que toda aquela coisa de idiota é uma fachada. Claro, ele ainda tem momentos em que pode ser um idiota, mas não é tão ruim quanto pensei.

E eu não gosto nada disso. Porque agora ele está fazendo coisas como tirar folga do trabalho para cuidar de mim e me preparar sopa, e não parece mais que somos inimigos que podem fazer sexo. Parece que posso ter sentimentos reais pelo negociante de arte ao lado, e não tenho ideia se isso vai me machucar no final.

Tento afastar quaisquer pensamentos negativos da minha mente. Um dia, posso me arrepender de ter deixado Camden entrar na minha vida aos poucos, mas agora, quero absorver isso. Quero me sentir especial, como se talvez o fato de ele cuidar de mim fosse estranho para ele e que ele pode estar sentindo a atração entre nós também. Para mim, não é apenas a tensão sexual. Existem sentimentos, e é assustador e estimulante imaginar o que pode acontecer.

— Então você vai me deixar esperando ou vai confessar que minha sopa te surpreendeu?

Bebo o líquido da sopa com um encolher de ombros casual. — É ok.

Ele estreita os olhos para mim. — Você está mentindo.

Gosto da maneira casual como ele se senta na cadeira, com as pernas longas ligeiramente abertas. Ele se mantém com muita confiança, mesmo sentado na minha pequena cozinha, me observando tomar sopa. Ele está com as mangas da camisa arregaçadas, mostrando seus antebraços perfeitos. Os músculos ao longo da parte superior ondulam com seus movimentos, me convidando a estender a mão e tocá-los.

— Você está me observando muito de perto, bolinho. — Sua voz é baixa e provocadora.

Eu encontro seus olhos azuis, tentando parecer calma, como se eu não estivesse apenas imaginando agarrar seus bíceps fortes enquanto ele me penetrava.

Que tipo de remédio ele me deu?

— Não tenho ideia do que você está falando, — minto. Ele e eu sabemos que fui pega olhando para ele, mas está tudo bem. Vou distraí-lo dizendo que

ele faz uma sopa medíocre quando, na verdade, acho que é a melhor canja de frango com macarrão que já comi.

— Mhm, — ele cantarola, recostando-se na cadeira. Ele sabe exatamente o que está fazendo quando leva os dedos à boca e passa o polegar pelo lábio inferior.

O idiota está chamando a atenção para aqueles antebraços perfeitamente esculpidos. Ele está tentando me seduzir, me provocar, e se eu não me sentisse enevoadada por causa do sono, ou do remédio, eu poderia simplesmente rastejar por esta mesa para que ele pudesse finalmente me foder.

— Cuidado com a velocidade com que você ingere a sopa. — Ele aponta para minha tigela de sopa, que já está na metade. — Você pode me fazer acreditar que está realmente gostando.

— É porque estou morrendo de fome e não tenho outras opções.

— Você tem uma despensa e uma geladeira cheia de comida. Se minha sopa estiver tão horrível, posso encontrar outra coisa para você.

Minha coluna se endireita, a colher batendo na tigela enquanto olho para ele confusa. — Você me comprou mantimentos?

Seus lábios formam um sorriso arrogante. — Eu comprei. Você gostaria que eu fizesse algo diferente para você?

Eu não respondo a princípio. Tudo o que posso fazer é olhar, tentando entendê-lo. Ele está constantemente me chocando. Sua consideração me pega de surpresa. Ele não precisava me trazer chá de ervas e comida esta manhã. Ele não precisava me abraçar enquanto eu dormia. E ele certamente não precisava me preparar sopa e comprar mantimentos.

Ele está tão diferente hoje de todos os outros dias em que o conheci. Não pode ser só porque ficamos juntos.

— Bolinho?

— Hum?

Ele aponta um sorriso malicioso em minha direção. Suas sobrancelhas se erguem enquanto seu polegar ainda me provoca, traçando seu lábio inferior. — Você gostaria que eu fizesse algo diferente para você?

— A sopa está boa. — Dou outra mordida. Aquece cada parte de mim, confortando-me de uma forma que eu não sabia que precisava.

Isso me lembra de estar com minha mãe, dos dias em que fiquei em casa doente da escola e ela cuidava de mim e fazia sopa para mim. Assistíamos a programas de jogos na TV e ela me abraçava enquanto eu dormia. Ele provavelmente não percebe que fez isso, mas me devolveu um pedacinho da minha mãe. Uma pequena lembrança dela. E isso significa o mundo para mim.

— Obrigada, — começo, de repente me sentindo tomada pela emoção. — Por fazer isso. Por tudo isso.

— Você não precisa me agradecer.

Coloco a colher na mesa e recosto-me na cadeira. Quando meus olhos encontram os dele, sinto a sensação de queimação por conter as lágrimas. Se ele percebe, ele não diz nada. Ele apenas me observa com atenção, como se estivesse pronto para rodear a mesa e me confortar a qualquer momento.

— Eu quero, no entanto. Tenho certeza de que você perdeu muito trabalho para estar aqui hoje e gastou dinheiro em compras, pelas quais eu vou pagar, a propósito, e sim... só obrigada por tudo. Ninguém nunca fez isso por mim. Ninguém além da minha mãe.

Seus olhos suavizam. Ele se senta, colocando as mãos no colo. — O fato de você ter se oferecido para me pagar é um insulto. Nunca aceitarei seu dinheiro, Pippa. — O uso do meu nome verdadeiro e não do apelido que ele me deu faz parecer que ele está me repreendendo, talvez esteja.

— E eu não me importo em faltar ao trabalho hoje. Isso pode esperar. O que me importa é que você se sinta melhor. Não acredito que estou dizendo isso em voz alta, mas gosto de cuidar de você.

Nenhum de nós desvia o olhar. Sua respiração fica mais rápida, mas seu olhar permanece firme. Se ele se arrepende de ter me dado aquela pequena fatia de vulnerabilidade, ele não demonstra.

— Não preciso de ninguém cuidando de mim. — Minhas palavras saem mais cruéis do que eu pretendia, mas não consigo evitar. Não quero deixar minhas barreiras caírem completamente. Dizer a ele que hoje significa muito para mim.

— Eu acho que você precisa. — Ele não parece intimidado por eu atacar nem um pouco. Na verdade, ele se levanta da cadeira com raiva, as pernas fazendo um som de raspagem na madeira. Antes que eu possa perguntar o que ele está fazendo, ele dá a volta na mesa e se agacha na minha frente.

— Não estou aqui há muito tempo, mas pelo que vi, você está sempre cuidando das outras pessoas.

Eu não digo nada. Estou muito perdida na forma como as pontas dos dedos dele dançam ao longo da parte interna da minha coxa em um movimento reconfortante.

— Mas depois da sua mãe, quem está cuidando de você?

Tudo o que posso fazer é engolir em seco, tentando lutar contra os sentimentos que borbulham dentro de mim. Odeio deixar as pessoas saberem como me sinto. Não quero que as pessoas saibam que suas palavras e ações têm poder sobre mim. Mas não posso evitar no momento. Suas palavras me abriram completamente, minha vulnerabilidade em plena exibição para ele. Agora tudo o que posso fazer é torcer para que não voltemos ao lugar onde ele usaria essa vulnerabilidade contra mim.

— Você dá muito ao seu negócio. Sua família. Esta cidade. Mas acho que é hora de alguém dar algo para você. E hoje, estou fazendo isso para mim.

— E amanhã? — Minha voz treme. Talvez seja porque todo o meu corpo treme ligeiramente com suas palavras ternas e a carícia gentil de suas pontas dos dedos.

— Bem, eu gostaria de cuidar de você amanhã também, se você me deixar.

Seus penetrantes olhos azuis perfuraram os meus, desvendando cada defesa que eu coloquei contra ele. Eu deveria odiar o homem que quer mudar algumas das coisas que mais amo em Sitten, mas em vez disso, encontro-me

desenvolvendo sentimentos por ele. Era muito mais fácil quando havia ódio em meu coração por Camden Hunter. Os sentimentos que estão florescendo lá no fundo parecem durar muito mais do que qualquer ódio.

Ele parece querer dizer mais alguma coisa, mas não diz. Talvez ele não precise. Pela forma como ele aperta a parte interna da minha coxa e pela forma como seus olhos viajam para os meus lábios por uma fração de segundo, tenho certeza de que ele está pensando em me beijar. Se eu não estivesse preocupada em deixá-lo doente, já estaria diminuindo a distância entre nós.

— Você deixa? — Ele acena com a cabeça em direção à tigela de sopa quase vazia.

— Sim. — Minha voz está rouca, mas não é por causa da dor na garganta. É porque a emoção entope minha garganta como um convidado indesejado.

Observo ele limpar, dividindo a sopa em pratos pequenos para que eu possa aquecê-los no micro-ondas e comer. Ele não estava errado em comprar mantimentos. Os recipientes de sopa que sobraram mal cabem na geladeira com todo o resto que está lá dentro.

Ao olhar ao redor da minha cozinha, percebo que ele não apenas cozinhou e pediu minhas compras, mas também a limpou. A geladeira de aço inoxidável brilha, tão limpa que, se eu fosse até ela, conseguiria ver meu reflexo. Os balcões brilham sob as luzes.

Fiquei doente e entrei em algum universo paralelo? Por que ele está sendo tão legal?

Depois de limpar e secar a panela no meu escorredor, ele enxuga as mãos em uma toalha e se vira para mim. — É hora de você se deitar.

— Estou com febre, — não estou morrendo. Eu não preciso me deitar.

— Você tem que discutir comigo sobre tudo? — Desta vez, há um leve sorriso em seus lábios. Como se sua pergunta fosse divertida.

— Bem, conseguimos algumas horas sem brigar. Pelo menos estabelecemos um novo recorde para nós mesmos.

— Você estava dormindo a maior parte.

Balanço a cabeça para ele, sem me preocupar em esconder meu sorriso. Deus. Acho que gosto muito desse cara.

— Vamos, Kitty, — eu chamo, batendo na minha coxa para fazê-la me seguir. — Vamos deixá-lo para trás e ir deitar.

— Então você realmente *segue* as instruções. — Sua voz vem logo atrás de mim enquanto ele me segue de volta ao meu quarto.

Subo na cama, observando Camden coçar as orelhas de Kitty enquanto ela olha para ele como se ele fosse sua pessoa favorita.

— Sabe, é irritante que eu a resgatei e cuidei dela há meses, e você deu uma massagem na barriga dela e ela ficou completamente apaixonada por você.

Ele se senta no chão com ela, algo que eu nunca esperei ver, e a deixa subir em seu colo. — Ouvi dizer que tenho um charme impecável.

Eu zombo, puxando os cobertores até o queixo. — Você é a pessoa menos charmosa que conheço.

Ele leva a mão ao peito, fingindo que minhas palavras o machucaram. — Vou fazer você mudar de ideia sobre mim, bolinho.

— Eu gostaria de ver você tentar.

CAPÍTULO 33

Camden



— O que você queria ser quando crescesse? — Pippa pergunta, recostando-se e apoiando o corpo contra sua mesa. Suas pernas estão estendidas, suas meias felpudas com corações cor-de-rosa brilhantes apoiadas na minha coxa. Sentamo-nos no chão da sala de estar, com *Supermarket Stakeout* tocando ao fundo enquanto comemos direto de uma caixa de pizza aberta entre nós.

— Você realmente quer saber minha resposta para isso? — Dou outra mordida na minha própria fatia. Tive que me ausentar por duas horas quando Pippa tirou sua segunda soneca do dia para terminar um trabalho na galeria, mas antes de sair, ela pediu que eu comprasse pizza em um lugar chamado Crusty's Pizza Parlour. Quando perguntei por que ela queria aquele lugar específico, ela respondeu que era algo que sua família costumava fazer quando alguém estava se recuperando de uma doença. Eles pediam pizza quando estavam se recuperando. Era a maneira de sua mãe garantir que as crianças não aproveitassem ao máximo a doença e tentassem tirar dias extras de licença médica na escola.

— Claro que quero saber a resposta. Você queria ser astronauta ou estava decidido a vender a arte de outras pessoas desde muito jovem?

Eu mastigo a pizza. Apesar do nome cafona, sem trocadilhos, da pizzaria, a pizza é realmente fenomenal. É muito mais gorduroso do que normalmente escolho comer, mas gosto de me deliciar. Gosto de quebrar minhas próprias regras para ela, mesmo que seja apenas na forma de optar por algo sem alto valor nutricional para a noite, porque a pizza a excita e gosto de vê-la feliz.

— Minha resposta pode ser muito mais deprimente do que você gostaria, bolinho, — respondo honestamente. Minha infância não foi terrível da maneira como alguns outros lidam. Mas não foi feliz. Eu não conhecia o amor de um pai. E embora eu tenha conseguido todas as coisas materiais que poderia desejar, não consegui a única coisa que precisava: que meus pais realmente me amassem e se preocupassem comigo.

— Me diga mesmo assim? — Ela coloca a fatia de pizza na mesa e se inclina para frente, agarrando-se ao que estou prestes a dizer.

— Para ser sincero, não olhei para o meu futuro imaginando uma carreira. Eu apenas me imaginei longe dos meus pais, fazendo algo que os incomodaria, porque senti que isso era apenas uma pequena fatia de carma.

— Então você nunca teve uma aspiração infantil ultrajante? Como se tornar um biólogo marinho ou um cavaleiro ou algo assim?

Balanço a cabeça, passando as palmas das mãos ao longo de suas canelas. Ela vestiu uma legging, criando uma fina barreira de tecido entre nós. — Fui forçado a ser um pequeno adulto quando criança. Eu não tive infância. Eu já usava smoking quando tinha dois anos e era repreendido se deixasse algo como tinta ou respingos de ketchup no tecido caro. Fui colocado nas aulas de artes desde o momento em que consegui segurar um lápis. Meus tutores não acreditavam em brincadeiras infantis. Eu não sabia o que era ter sonhos de adolescente.

Uma pequena linha aparece em sua testa enquanto seu rosto se transforma em uma carranca. — Isso é incrivelmente deprimente.

— Se não fosse pela minha avó, eu realmente não acho que saberia o que era o amor quando era jovem.

— Então me conte sobre ela.

Minha cabeça cai nas almofadas atrás de mim. Não percebo que estou fazendo isso, mas meus polegares trabalham os músculos de suas panturrilhas enquanto tento pensar no que dizer a Pippa. Antes de fazer amigos na escola, a única pessoa que eu conhecia que realmente se importava comigo era minha avó. Ela é tudo para mim, e não sei como explicar para alguém que não a conhece o quão incrível ela é.

— Você iria amá-la, — eu digo, imaginando os problemas que as duas causariam. As coisas que considero cativantes em Pippa são as mesmas qualidades que vovó tem. — Ela é incrivelmente atrevida, sempre falando o que pensa, mesmo que ninguém pergunte.

Pippa ri. — Eu já a amo.

— Eu sempre admirei o jeito que ela não aceita merda de ninguém. Ela não se incomoda com a opinião de outras pessoas sobre ela, e isso é algo que admiro.

— Ela é a mãe da sua mãe ou a mãe do seu pai?

— Ela é a mãe do meu pai, embora não tenha orgulho de dizer isso. À medida que foi ficando mais velha, ela me contou que seu único arrependimento na vida é sentir que não fez o suficiente para preparar meu pai para ser um bom pai.

Pippa assente. Eu gosto que ela realmente me ouça. Seu corpo inteiro está voltado para o meu, e mesmo que ela olhe para o teto em vez de fazer contato visual, sei que é só porque ela está pensando profundamente sobre o que estou dizendo.

— Lamento que você não soubesse o amor que merecia de uma mãe. Mas estou feliz que sua avó estivesse ao seu lado.

— Ela é incrível. Uma vez, ela trouxe um gato de rua para a casa dos meus pais e o soltou durante uma de suas festas chiques porque achou que seria hilário.

Pippa suspira. — Não, ela não fez.

— Ela com certeza fez. — A expressão de horror nos rostos da multidão ficará para sempre gravada em minha mente. Acho que foi porque contei à vovó que meu pai gritou comigo por quebrar um prato uma hora antes da festa. Eu estava tentando ser útil, tentando conseguir o favor dos meus pais, e pensei que poderia ajudar na organização. Em vez disso, minhas mãozinhas não conseguiram segurar todos os pratos que tentei agarrar, um deles caiu no chão e se espatifou por todo o chão da sala de jantar formal.

— Ela deixou o gato solto dentro de casa, fingindo não ter ideia de como ele foi parar ali. Enquanto a gata estava causando estragos na festa, ela disse aos meus pais que me levaria durante uma semana e depois me deixou ficar com ela por *duas* semanas antes de eu dizer a ela que provavelmente era hora de ir para casa.

— Eu adoraria conhecê-la um dia, — confessa Pippa, desviando os olhos dos meus como se estivesse envergonhada ao dizer isso.

Aperto sua perna, querendo tranquilizá-la. — Estou com medo dos problemas que vocês duas poderiam causar, mas adoraria que você a conhecesse.

Tudo que eu quero fazer é beijá-la. Não preciso de mais nada além de sentir a pressão dos lábios dela contra os meus. Sentir os fogos de artifício por todo o meu corpo enquanto saboreio seus pequenos gemidos e suspiros enquanto minha língua abre seus lábios. Eu não precisaria fazer mais nada, sabendo que ela não deveria se sentir bem por estar doente. Fui um bom homem hoje. Demonstrei muito mais moderação do que jamais mostrei em minha vida, mas a moderação está se esgotando.

Não há nada mais que eu queira para mim do que reivindicar novamente os lábios de Pippa.

— Camden?

Não consigo me concentrar em nada além de seus lábios. Eles são um farol. Um farol na calada da noite, implorando para que eu vá direto até ele. — Estou me sentindo muito melhor, — diz ela, com a voz ofegante.

— Tudo bem, — respondo, prestando apenas metade da atenção porque estou tão perdido na necessidade primordial de beijá-la. É como o ensino médio de novo. Eu ficaria saciado só de beijar. Acho que apenas um selinho pode ser minha ruína. Eu quero tanto sentir seus lábios.

— Na verdade, acho que me sinto cem por cento novamente. Eu poderia ir trabalhar se quisesse.

— Por que você está me contando tudo isso?

— Porque eu realmente preciso que você me beije.

Faço uma pausa por um segundo. Por *um* segundo, tento ser um cara legal e dar ao corpo dela o descanso que ele merece. Não quero que ela pense que vim hoje para pegar alguma coisa dela. Mas isso dura apenas um segundo antes de eu puxar suas coxas, quase puxando-a para cima da caixa de pizza entre nós no processo de moldar seu corpo ao meu.

Ela solta um pequeno grito, suas mãos encontrando o tecido da minha camisa no momento em que a coloco ao meu alcance. Eu tinha me trocado na galeria, optando por um suéter com zíper e uma calça jeans escura.

Suas coxas montam em uma das minhas enquanto eu a puxo ainda mais para perto de mim, alinhando seu rosto com o meu.

— Eu não quero deixar você doente, — ela murmura, seus olhos fixos em meus lábios. Nossos peitos estão pesados enquanto engolimos ar, perdidos no momento juntos.

— Parece que eu me importo por estar doente?

— Eu cuidarei de você se você ficar doente. Por favor, apenas me beije.

— Eu não vim aqui para beijar você.

— Eu ficaria bem se você fizesse isso, — ela admite, inclinando-se ainda mais perto até que nossos lábios roçam um no outro, dolorosamente perto de fechar totalmente a distância entre nós.

CAPÍTULO 34

Pippa



Acordo com um corpo quente pressionado contra o meu. Um braço é jogado sobre minha cintura, as pontas dos dedos mal enfiadas no cós da minha calça.

Camden ficou a noite toda. Lembro-me de acordar várias vezes durante a noite com a palma da mão pressionada na minha testa. Como se ele tivesse acordado preocupado se eu estava com febre ou não. Não tive febre desde que ele apareceu ontem de manhã, mas o fato de ele ter passado a noite garantindo que eu não tivesse outra febre significa mais para mim do que gostaria de admitir.

Ele dormiu comigo a noite toda. Passamos grande parte da noite nos beijando, nos beijando como dois adolescentes. Sempre que eu tentava ir mais longe, ele me impedia com promessas de mais quando meu corpo estivesse pronto para ele.

Isso só me emocionou ainda mais, apesar da irritação que corria em minhas veias por não poder tê-lo naquele exato momento. A noite foi perfeita de qualquer maneira. Passamos o tempo conversando sobre minha mãe, sua avó e tudo que nos levou até onde estamos agora.

Ele é muito mais fascinante do que pensei que seria. Eu cuidadosamente rolo, encontrando seus olhos fechados e os músculos de seu rosto relaxados enquanto ele dorme profundamente. Penso em tudo que aprendi sobre o homem que me segurava.

Aprendi que nossos aniversários têm apenas uma semana de intervalo. Exceto que eu completarei vinte e quatro anos e ele completará trinta e sete. Olho para ele e não consigo acreditar que ele está mais perto dos quarenta do que dos trinta. Cada parte de mim quer estender a mão e traçar suas maçãs do rosto pontiagudas, seu nariz reto e seu queixo esculpido. Luto contra a vontade, não querendo acordá-lo. Estou gostando de poder olhar para ele, absorver esse momento, sem que ele perceba. Tenho certeza de que as mulheres pagam muito dinheiro para ter uma pele tão perfeita quanto a dele. Não há uma única ruga em seu rosto enquanto ele dorme, o que é chocante; com a quantidade que ele franze a testa, ele deve ter linhas de expressão proeminentes. É injusto que os homens não tenham que cuidar da pele como as mulheres e que a sua pele permaneça impecável.

Uma coisa me pega de surpresa. É uma cicatriz irregular que fica logo atrás da orelha e vai até a mandíbula. É longo, mas a linha é tão tênue que é difícil perceber até que você esteja tão perto dele. Meus dedos coçam para traçá-lo. Para acordá-lo e descobrir de onde é.

Quero saber tudo sobre Camden Hunter. E embora eu tenha aprendido ontem à noite que ele passou a vida ansioso pela escola porque foi enviado para um internato, onde fugiu dos pais, e que se formou como o primeiro da turma, ainda quero saber mais. Ele me contou que teria sido o orador da turma, mas seu melhor amigo chegou antes dele. Eu rio ao ouvir as histórias dele e de seu amigo mais próximo, Beckham Sinclair. Lembro-me dele de Slopes na noite em que Camden e eu nos conhecemos, mas mais da vez em que deixei cupcakes para o casamento de Beckham, onde Camden foi o padrinho - e um completo idiota.

Fiquei sabendo que Camden não aceitaria nenhum dinheiro da família para abrir sua galeria. E no início ele começou online porque só tinha dinheiro para alugar um espaço um ano após a inauguração. Ele não disse isso em voz

alta, mas eu percebi que ele não estava orgulhoso de seu sobrenome. Que ele ainda insiste no fato de que acha que parte de seu sucesso se deveu a isso.

Sem perceber que estou fazendo isso, estendo a mão e passo a palma da mão ao longo de sua mandíbula. Seus pelos faciais arranham minha palma. Suas pálpebras se abrem, a cor cristalina de seus olhos me pegando de surpresa. Eu nunca tinha visto um azul tão claro. Acho que disse isso a ele ontem à noite, enquanto adormecíamos, olhando nos olhos um do outro. Eles me lembram as águas cristalinas que vejo nos filmes de todos os lugares que espero visitar um dia.

— Oi. — Sua voz é áspera e rouca, o som mais sexy que já ouvi.

— Bom dia, — eu sussurro, passando meu polegar ao longo de sua bochecha.

— Você dormiu bem? — Quero fazer-lhe pergunta após pergunta para mantê-lo falando. Estou muito encantada ao ouvir sua voz matinal.

Concordo com a cabeça, meus dentes cavando meu lábio inferior. — Eu dormi muito bem. Você?

— Nunca dormi melhor. — Ele sorri, virando o rosto em direção ao travesseiro como se estivesse envergonhado por admitir isso. Seus braços me apertam, me puxando para seu peito para que eu não possa ver seu rosto.

— Eu não teria imaginado isso, — murmuro contra seu peito forte. — Eu juro que lembro de você verificando minha testa durante a noite.

Ele coloca o queixo sobre minha cabeça, encaixando nossos corpos como peças perfeitas de um quebra-cabeça. — Eu verifiquei. Mas ainda dormi muito bem. Exceto pelos seus pequenos roncos.

Eu suspiro. — Eu *não* ronco.

Ele ri, seu peito vibrando contra minha bochecha. — Ah, sim, você ronca. É adorável, bolinho.

Gemendo, eu me afasto dele para poder olhá-lo nos olhos. Ele está sorrindo de orelha a orelha, a vergonha pinicando minhas bochechas enquanto o sangue corre para eles ao descobrir que eu ronquei a noite toda.

— Não posso evitar que estou doente! Minha garganta doeu. Essa é a *única* razão pela qual eu estava roncando.

— Acho que vou ter que dormir ao seu lado novamente para descobrir. Terei que testá-la durante várias noites até chegar a uma conclusão final se você ronca ou não.

Meu coração palpita no peito como se eu fosse uma colegial boba de novo e minha paixão apenas olhasse em minha direção. Quanto mais tempo passamos juntos, mais tonta fico perto dele.

— Devo interpretar seu silêncio como se você estivesse me dizendo que não conseguirei testar minha teoria? Não posso voltar para sua cama, bolinho?

Ele nos gira, seu corpo rolando em cima do meu, seu peso me empurrando para o colchão. — Pense na sua resposta com *muito* cuidado. — Ele move seus quadris em mim, chamando a atenção para sua ereção matinal.

Eu respiro fundo, ficando cada vez mais excitada a cada segundo pela forma como seus quadris balançam contra os meus.

— Isso depende, — consigo dizer, tentando não gemer quando ele dá beijos no meu pescoço.

— Depende do quê?

Seu cabelo está uma bagunça perfeita e desgrenhada. Cai em seus olhos, fazendo-o parecer infantil. Eu gosto dessa versão não perfeita e mais crua dele. Eu poderia me acostumar a ver como ele é todas as manhãs, antes de vestir um terno e passar gel no cabelo.

— Depende se você fica do meu lado bom ou não.

Seu sorriso é de lobo enquanto ele mantém contato visual comigo por um momento antes de trazer seus lábios para o outro lado do meu corpo.

Gemendo, olho a hora no meu telefone. Eu já deveria estar fazendo um smoothie para a manhã e indo para o café. Como ontem não estive lá, não sei o que ainda precisa ser preparado e o que não precisa. Minhas funcionárias são ótimas, mas tenho certeza de que ainda há muito mais para fazer antes de abrir esta manhã em comparação com outras manhãs.

O que significa que não posso deixar Camden continuar no caminho que seus lábios estão se movendo. Se eu fizer isso, posso acabar na cama com ele o dia todo.

— Eu tenho que me levantar, — eu digo a ele, minhas unhas contornando suas costas sem camisa. Gosto de sentir seus músculos contra mim. Tê-lo com apenas uma cueca boxer enquanto nos cumprimentamos pela manhã. Parece tão mundano. E definitivamente algo que eu nunca esperei. Ele deveria ser apenas o negociante de arte idiota e mal-humorado da casa ao lado. Agora, ele é o homem com os lábios pressionados contra o meu pulso, causando arrepios na minha espinha.

— Fique na cama comigo, — ele rebate, mordiscando minha orelha.

— Tenho que trabalhar. *Você* tem que trabalhar.

— Quem se importa com o trabalho? Prefiro trabalhar todo o seu corpo. O. Dia. Inteiro. — Ele pontua cada palavra com um beijo.

Fecho os olhos com força, quase cedendo à tentação. Minha mente se enche de todas as possibilidades para o dia. Mal teríamos que sair desta cama. Ele poderia adorar meu corpo, me deixar adorar o dele, até que finalmente sentimos como é ele empurrar dentro de mim.

Estou ocupada pensando se posso dizer que estou doente novamente quando empurro seu peito. Eu não empurro com força, mas minhas palmas contra seus peitorais definidos fazem seus lábios pararem, sua cabeça levantando.

— Então você vai ser a responsável hoje?

Eu rio, balançando a cabeça. — Aparentemente, alguém tem que ser. Você não é um workaholic? Não acredito que esteja tentando me convencer a me ausentar com você para fazermos sexo.

Droga. Ele fica bem com um sorriso. Ele é tão arrogante e seguro de si, o sorriso me faz apertar minhas coxas por causa do quanto eu amo ver a curvatura de seus lábios e o brilho em seus olhos.

— Foder você o dia inteiro parece ser a desculpa perfeita para matar aula.

Eu rolo para fora da cama para me afastar dele, meus pés mal me alcançando antes de cair de bunda. Seu corpo é muito definido, muito duro em todos os lugares certos, para permitir que fique pressionado contra mim. Se eu sentir a ondulação de seu abdômen contra o meu ou seu pau roçar na parte interna da minha coxa novamente, posso simplesmente fechar a loja inesperadamente hoje e passar as horas do dia enrolada em lençóis com ele.

— Você não é divertida, bolinho.

Lanço-lhe um olhar por cima do ombro, adorando a forma acalorada com que ele olha para o meu corpo. — Nunca na minha vida pensei que Camden Hunter me diria que não *sou* divertida. As pessoas olham para você e ficam doentes de tédio, você é tão... bem, chato — eu provoco. Tento tirar uma foto mental de como ele está neste exato momento. Os lençóis são puxados para baixo e eu rolo para fora da cama. Eles se juntam em torno de seus quadris, me dando a visão perfeita de seu corpo sem camisa. Ele se apoia no cotovelo, algumas mechas de cabelo escuro caindo em seus olhos enquanto ele lança um sorriso torto em minha direção.

— Vou puni-la mais tarde por me chamar de chato. Você não vai pensar isso de mim quando não conseguir andar direito porque eu te fodi tão bem. Você se lembrará da diversão que tivemos por dias.

Todo o meu corpo aquece porque acho que ele está falando sério. E acho que estou ansiosa por isso.

Ele deve achar divertido meu olhar, porque ele ri, passando a mão pelos cabelos na tentativa de domá-los. — É melhor você se preparar para o trabalho, bolinho. Você não pode me olhar o dia todo.

— Sabe, para você fo... — Minhas palavras são insuficientes porque não sei se posso dizer a palavra em voz alta para ele.

— Foder?

Eu rapidamente aceno com a cabeça para cima e para baixo novamente. — Sim. Isso. Para você fazer isso, eu falei sério quando disse que você tem que trabalhar para isso.

Ele balança as pernas sobre a cama, colocando os pés no meu tapete rosa fofo. Sua palma corre ao longo de sua ereção muito óbvia. — Deixe-me levá-la para um encontro, então.

Quase deixo cair a escova de cabelo que acabei de pegar com o choque de suas palavras. — Encontro?

Ele fica em pé, esticando as mãos sobre a cabeça para se esticar. Meus olhos ficam presos na trilha de cabelo escuro que corre até sua cueca. Lembro-me de meus dedos deslizando sobre ele na outra noite, me levando direto para seu pênis que me aguardava.

— Sim. Um encontro. Você, eu e onde quer que você ache que deveríamos ir nesta cidade.

— Você tem que merecer, mas sou eu quem está planejando o encontro?

Ele diminui a distância entre nós, me observando de perto enquanto passo a escova no meu cabelo emaranhado. — Não tenho nenhum problema em planejar o encontro, mas imaginei que você gostaria de decidir. Você sabe o que há de melhor aqui em Suttan.

É a maneira como ele diz Suttan em vez de dizer esta cidade ou colocar algum tipo de conotação negativa nela. Ele diz isso casualmente. Eu poderia me acostumar com ele dizendo Suttan durante uma conversa.

— Estou certo? — Ele pressiona.

— Tenho algumas ideias. — Há tantos lugares onde poderíamos ir. Minha mente está repleta de ideias, tentando decidir para onde gostaria de levá-lo.

— Eu sabia que você faria isso. Isso faz parte da sua estratégia para me fazer ver a beleza de Suttan? — Ele diz, beleza, sarcasticamente, mas não de forma condescendente. É mais lúdico.

— Acho que você terá que descobrir.

— Acho que já estou vendo o apelo. — Sua voz é rouca, seus olhos fixam-se nos meus com o que penso, ou talvez espero, ser afeto.

— Sim?

Ele me agarra pelo pescoço, juntando nossos lábios. Ele me beija preguiçosamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. O beijo para, mas ele se afasta apenas um pouco. — Eu poderia me acostumar com esta cidade. Esse lugar. *Você*. — A última palavra é dita de forma mais baixa, como se ele não tivesse certeza se deveria adicioná-la ou não.

Fico na ponta dos pés, dando outro beijo em seus lábios, dando-lhe a única resposta que posso no momento. — Tenho que me arrumar agora, ou meu novo brinquedo vai me atrasar, — brinco, meus lábios se movendo contra os dele.

— *Novo brinquedo?*

— Sim.

Ele puxa meu lábio entre os dentes, mordendo para criar a menor pontada de dor. — É melhor você começar a se preparar para o trabalho. — Ele me gira pelo ombro, me empurrando para dentro do banheiro privativo. Soltei um grito alto quando ele deu um tapa na minha bunda. — Nosso encontro é hoje à noite. Assim que você sair, você será minha.

— Vai embora agora? — Pergunto, mantendo contato visual com ele através do espelho do banheiro, observando-o vestir a camisa da noite passada.

— Não. Vamos para o trabalho juntos, você vai me preparar um café e então nós dois vamos fazer nosso trabalho antes que eu te pegue depois que o dia de trabalho terminar. Você decide o que faremos no nosso encontro.

— E depois?

Ele desliza as pernas para dentro da calça jeans, olhando para mim com um sorriso malicioso. — Até então, eu terei conquistado sua boceta, querida. Depois do nosso encontro, vou te foder a noite toda, cumprindo as punições que você ganhou.

CAPÍTULO 35

Camden



O dia se arrasta dolorosamente lento. Muito lento. É uma pena que eu realmente tenha que trabalhar, porque tudo que eu realmente quero fazer é ir até a loja ao lado e ver Pippa. Quero roubá-la, mesmo que ela esteja chutando e gritando, e puxá-la de volta para casa. Ou ela pode vir até minha casa. Eu só preciso estar perto dela novamente. Quero sentir seu corpo macio e quente dormindo ao lado do meu. Quero passar meus dedos ao longo de sua pele nua, explorando ainda mais cada centímetro de seu corpo requintado.

Quero ouvir seus gemidos suaves durante o sono quando meus dedos brincam com o cós de seu pijama. Quero ver quantos orgasmos consigo obter dela até que ela implore por uma pausa, com o corpo demasiado cansado para aguentar mais.

Quero sentar no chão da sala e conversar sobre a vida com ela. Quero saber sobre a infância dela, ouvir as histórias bobas dos problemas em que ela se meteu. Ela parecia ser uma adolescente rebelde, e quero saber cada detalhe de cada dia de sua vida, desde a primeira lembrança até o momento em que me conheceu. Estou obcecado em saber tudo o que há para saber sobre ela e tenho medo do que isso pode significar para mim.

Nunca fui assim com uma mulher. Francamente, nunca me importei com mulheres. Acabei em relacionamentos mutuamente acordados, baseados apenas em sexo. As expectativas eram claras desde o início. Os sentimentos não deveriam se envolver em nenhum momento. E se alguma vez eu sentisse que alguém não estava cumprindo sua parte no trato por não desenvolver sentimentos, eu simplesmente iria embora.

Agora, é uma constatação assustadora que quero *ficar*. Não quero reservar um voo de volta para Nova York. Não quero fugir de Pippa, mesmo quando seus olhos suavizam e ela olha para mim como se eu não pudesse fazer nada de errado. Não tenho medo de convidá-la para um encontro. Normalmente, a ideia de um encontro me desanimava. Esta manhã, preendi a respiração, esperando que Pippa me respondesse. Eu queria que ela concordasse com isso. Quero levá-la para sair, exibí-la, para que as pessoas saibam que ela está *comigo*. Que ela é minha.

E isso nunca aconteceu comigo antes. Eu não sei como lidar com isso.

Uma coisa que sei é que passaria cada segundo com ela se pudesse, e isso não é do meu feitio. Gosto do meu espaço pessoal. Eu gosto de estar sozinho. Passei dias e noites inteiros sozinho, sem ninguém falando comigo quando criança. Eu me acostumei com isso. À medida que fui ficando mais velho, tive que reiniciar minha bateria social, ficando superestimulado por estar perto de outras pessoas. Não é assim com ela. Eu estaria de melhor humor se ela estivesse ao meu lado, e não a um prédio inteiro de distância.

Pensar nela costumava me irritar. Ela costumava me irritar de uma forma que eu queria colocar estados entre nós. As coisas mudaram. De forma rápida e dramática, de uma forma que não consigo acompanhar.

Acho que tenho sentimentos reais por essa mulher.

Eu não tenho sentimentos.

Mas eu *quero ter* sentimentos se forem por ela.

Falando em sentimentos, olho para meu telefone vibrando e encontro nele o identificador de chamadas de Beck.

— Porra, — murmuro baixinho. Ele me mandou mensagens de texto mais de dez vezes desde a nossa conversa de ontem, o que não é típico dele. Ele é o amigo que me dá espaço. Ele não envia memes idiotas dia e noite nem envia vídeos estranhos que encontrou em aplicativos diferentes, como alguns de nossos amigos.

Mas ele ainda é aparentemente um filho da puta intrometido, porque mesmo que eu tenha ignorado sua primeira ligação, ele está ligando novamente.

Ele vai perguntar sobre Pippa. O que significa que ele vai saber dos meus malditos sentimentos por ela, pois por que outro motivo eu estaria na cama de uma mulher no meio da tarde? Costumávamos ser iguais até ele conhecer Margo. Ele sabe a importância daquilo que encontrou ontem.

Deslizo com raiva para atender, irritado por ele ser intuitivo. — O quê?
— Cuspo, já querendo desligar a ligação.

— Alguém está mal-humorado esta manhã. Você ficou acordado até tarde ontem à noite com aquela sua amiga local?

— Foda-se, Sinclair, — eu rosno, clicando com raiva no mouse do meu computador para ter algo para fazer.

Beck ri do outro lado da linha. — Você sabia que eu iria incomodá-lo até que você me desse detalhes.

— Não me lembro de ter me intrometido em sua vida amorosa quando você ansiava por Margo como um maldito cachorrinho perdido. Mesmo quando você falava dela o tempo todo, embora ela estivesse namorando seu irmão.

— Não precisamos envolver Carter nisso. Além disso, eu não falei muito sobre ela.

— Você falou sobre ela o tempo todo.

— Não sei por que a conversa foi direcionada a mim, mas vamos voltar e falar sobre você, meu amigo. Não pense que não perdi o fato de você ter dito vida amorosa. *O Camden Hunter* está apaixonado?

Eu grunho. Não estou apaixonado por Pippa. Não a conheço há tempo suficiente para amá-la, eu acho. Não tenho história anterior para saber como seria estar apaixonado. Mas acredito que desenvolvi sentimentos por ela. Sentimentos estranhos e alheios que nunca senti antes.

— Não, eu não me apaixonei, — respondo. — Não sei do que você está falando.

— Estou falando sobre o fato de você estar deitado voluntariamente em um par de lençóis que pareciam ter uma contagem de fios menor que o seu QI.

— Eu te disse, foi o aluguel.

— Margo ainda está me ignorando por causa do seu maldito projeto, o que significa que tenho todo o tempo do mundo agora. Então posso continuar fazendo perguntas até que você pare de evitá-las, ou você pode simplesmente me responder agora, e não teremos que ficar indo e voltando.

Meu indicador e polegar apertam a ponte do meu nariz. Dane-se ele e o fato de que ele pode me ler como um livro aberto. — Você se lembra de quando todos nós viemos para Suttan?

— Você quer dizer a vez em que me casei lá? Sim, você poderia dizer que ainda me lembro disso.

— Alguém já lhe disse que você é um idiota?

Beck ri do outro lado da linha. — É preciso conhecer outro. Continue. Mas sim, de fato me lembro do meu casamento, obrigado por perguntar.

— Bem, lembra quando alguém derramou cerveja em mim no estúpido bar turístico?

— Sim.

— E lembra quando sua fornecedora de sobremesas me atropelou e derramou cupcakes em cima de mim?

— Lembro-me de ouvir sobre isso, sim.

— Acontece que a mulher em ambos os cenários é dona do negócio vizinho ao meu. Ela é dona do café ao lado da galeria.

— E você está saindo com ela? Juro que me lembro de Margo dizendo o quanto você era um idiota com ela.

Engulo em seco porque me arrependo de ter sido horrível com Pippa. Olhando para trás, não sei qual era o meu problema, mas definitivamente não fui gentil com ela. É um milagre que ela ainda queira falar comigo, me permita levá-la para um encontro. — Sim, eu era, — eu finalmente respondo, lembrando de Beck esperando na outra linha.

— Preciso saber mais sobre como isso aconteceu.

Então, durante os próximos dez minutos, conto tudo para Beck como um casal de adolescentes fofoqueiros. Ele faz perguntas o tempo todo, aparentemente interessado na história minha e de Pippa.

No final, Beck solta um longo assobio. — Droga. Nunca pensei que veria o dia em que isso aconteceria. Sua paixão é fofa.

Se ele estivesse aqui pessoalmente, eu o rejeitaria. Eu faço isso de qualquer maneira, mesmo que ele não possa me ver. Recosto-me na cadeira do escritório, olhando para o teto branco. Mesmo depois de contar tudo a Beck e falar sobre isso em voz alta, não tenho ideia de como chamar o que está acontecendo.

— Foda-se, cara. Sou um adulto. Eu não tenho uma queda. Não sei o que é, mas não consigo tirá-la da cabeça.

— Eles são chamados de sentimentos, Camden. Divirta-se com eles.

Eu grunho . Não quero ter sentimentos por Pippa, mas também não *quero* deixar de sentir sentimentos por ela. É uma situação terrível. Uma que não consigo entender.

— Vou levá-la para nosso primeiro encontro de verdade hoje à noite, — deixo escapar. Deus, eu realmente sou uma adolescente apaixonado. Agora estou falando dos primeiros encontros com quase quarenta anos. Esta mulher está muito longe da minha cabeça, minha pele, meu tudo.

— Por favor, me diga que você tem algo romântico planejado.

— Ela está planejando isso, na verdade.

Beck solta um suspiro desapontado. — Você está fazendo ela planejar o encontro? Que diabos, cara.

— Ela adora esta cidade e todos os pequenos segredos locais sobre ela. Eu não saberia por onde começar ao planejar um bom encontro. Então, sim, idiota, eu disse a ela que ela poderia escolher onde, e ela parecia muito animada com isso, muito obrigado.

— Se você diz. — Ele ri, conseguindo me irritar ainda mais.

— Na verdade, não me lembro de ter perguntado sua opinião.

— Que pena para você, então, porque ainda vou dar para você.

— Não se eu desligar na sua cara. — Giro uma caneta na mão, precisando de algo para fazer com as mãos. Estou ficando ansioso porque a única coisa que realmente quero é esquecer tudo o que preciso fazer hoje e visitar Pippa na casa ao lado.

— Piadas à parte, estou feliz por você. Talvez você sempre tenha precisado de alguém que respondesse a você e não tivesse medo de você. Espero que as coisas deem certo entre vocês dois. — Ele ri novamente. O idiota precisa parar de achar minha vida tão cômica. — Mas não consigo imaginar você se estabelecendo em Sitten. Você vai comprar um belo par de botas de cowboy? Finalmente montou aquele touro naquele maldito bar?

— Ah, vá se foder. Ainda não tivemos um encontro. Ninguém falou em se mudar.

— Mhm, — ele cantarola, claramente não acreditando em uma palavra do que estou dizendo. — De qualquer forma. Quer ouvir minha próxima ideia?

Beck me dá uma distração bem-vinda ao expor a logística de uma nova ideia que ele tem. Não é terrível. Não que alguma de suas ideias seja realmente ruim. Detesto admitir, mas ele é demasiado inteligente para o seu próprio bem.

Ele consegue me distrair por quase uma hora antes de desligarmos e eu ficar sozinho com meus pensamentos novamente. Meus dedos se contraem ao lado do corpo enquanto olho para a tela do computador. Eu deveria estar

examinando o portfólio de um novo talento que Leo encontrou, mas não estou com disposição. Em vez disso, meus dedos coçam para ficar sujos. Quero cobri-los de argila. Sentir o peso de uma ferramenta de escultura na palma da mão. Tenho algumas bases prontas no meu estúdio em Manhattan, mas fica muito longe. Nunca pensei que ficaria aqui tempo suficiente para precisar de suprimentos.

Mas agora, eu faria qualquer coisa para ter tudo aqui para me perder fazendo alguma arte. Essa poderia ser a única coisa que me afastaria de Pippa.

Eu não tenho tanta sorte. Mas recebo um alívio quando Trisha me liga, querendo discutir o orçamento mensal.

CAPÍTULO 36

Pippa



Rosemary precisa ir embora. Deveríamos fechar em dez minutos, e ela está sentada a uma mesa com uma cesta de material de tricô na frente dela, fofocando sobre tudo o que está acontecendo em Suttan.

Normalmente adoro quando ela entra e conversa comigo enquanto fecho o café. Ela é hilária e adoro saber com quem estudei no ensino médio, sobre os amigos dos meus pais e tudo mais. Não tenho muito orgulho de admitir que sou uma pessoa extremamente intrometida. Não tenho culpa de sentir necessidade de saber tudo sobre todos a qualquer momento.

Eu gosto de fofoca. Processe-me.

É realmente um momento infeliz que ela tenha escolhido *hoje*, entre todos os malditos dias, para plantar a bunda em uma das cadeiras, esperando ficar bem depois de fechar.

— Ouvi dizer que Timothy e Marietta estão se divorciando, — comenta Rosemary, olhando para as agulhas de tricô em sua mão. Ela está trabalhando em um suéter horrível para um de seus netos, não que eu fosse dizer a ela que

o amarelo mostarda com listras verdes neon é horrível. Se ela perguntar, direi que é o suéter mais lindo do mundo.

— Não acredito nisso, — respondo ansiosamente, limpando o balcão da frente pela terceira vez. Tudo está pronto para a chegada de Camden, exceto o fato de que Rosemary está demorando.

Até o café dela está meio bebido na frente dela. Não sei como ela toma café tão tarde e ainda consegue dormir, mas isso não é da minha conta. Ela pode fazer o que quiser, desde que coloque o café em uma xícara para viagem e vá embora.

— Ouvi com muita autoridade que sim. Aparentemente, ela teve um caso com alguém de fora da cidade. — A boa autoridade de Rosemary é inútil. Eu amo Suttan. Adoro morar em uma cidade pequena. Mas os rumores podem sair do controle rapidamente.

— Acho que teremos que esperar para ver, — respondo, meus olhos voltados para a porta. A qualquer momento, Camden poderia passar por ela.

Falando sobre rumores, se Rosemary o vir entrar aqui, então Camden e eu seremos expostos a toda a cidade antes mesmo de termos a chance de começar nosso primeiro encontro.

Eu realmente não me importo se as pessoas souberem. Mas não quero que façam perguntas porque não posso dar nenhuma resposta. Camden e eu não somos namorado e namorada. Mas também não somos mais inimigos. Nunca fomos amigos de verdade. Onde isso nos deixa? Eu gostaria de descobrir isso antes que Rosemary conte isso para todas as pessoas desta cidade.

— Como está seu irmão? Ele ainda está de mau humor porque nossa doce Marigold está em Chicago?

Concordo com a cabeça enquanto limpo a máquina de café expresso. — Oh, isso eu posso realmente responder com boa autoridade. Ele está uma bagunça.

— Ele sempre a amou muito. Lembro-me de quando vocês, meninas, foram para a faculdade. Puxa vida, ele foi um desastre ardente com a ausência de vocês.

— Sim, — murmuro baixinho. Olhando para trás, eu deveria saber que algo estava acontecendo entre Cade e Mare. Ela sempre teve uma queda por ele, isso eu sabia. Eu realmente não pensei que fosse possível que ele também se apaixonasse por ela. Quando Mare e eu nos mudamos para Chicago, ela ficou muito quieta no início. Mais silenciosa que o normal. Achei que era porque ela sentia falta do pai. Senti falta de Suttten. Mas agora sei que foi porque ela e Cade estavam terminando.

Já me perguntaram muito se eu sabia que eles estavam juntos, e eu realmente não sabia. Olhando para trás, não sei como não o fiz, mas também confiei nos dois. Era meu irmão e minha melhor amiga. Achei que eles me contariam se algo estivesse acontecendo. Mas não os culpo por não me contarem. Às vezes você só quer manter as coisas privadas. Não há nada de errado com isso.

— Quando a senhorita Marigold voltará? — Suas agulhas de tricô batem umas nas outras enquanto ela trabalha duro em uma fileira do suéter feio.

— Espero que em breve. Não acho que ela conseguirá ficar longe de Suttten por muito tempo desta vez. — Ela me mandou uma mensagem ontem à noite para verificar antes de voltar para sua caverna de escrita. Do jeito que ela estava falando, eu ficaria chocada se ela não tivesse o primeiro voo de volta para o Colorado reservado no momento em que entregasse o manuscrito e terminasse todas as reuniões em que precisassem dela.

— Isso é realmente para ser... — Rosemary para no meio da frase. Sigo seu olhar até que ambas ficamos boquiabertas com Camden abrindo a porta do café.

Ele parece quente como o inferno, vestido com uma camisa de botão e uma calça cáqui. Mas não é isso que me chama a atenção. É o enorme buquê de rosas em seus braços. É o buquê mais enorme que já vi, e eles são para mim.

Rosemary engasga quando a porta se fecha atrás dele. — Eu sabia! — Ela fica boquiaberta, olhando para Camden em estado de choque. — Você está brincando com ele!

Fecho os olhos, querendo desaparecer da face do planeta. Isso não está acontecendo. Isso não pode estar acontecendo. Eu gemo, abrindo um olho para encontrar Camden olhando entre Rosemary e eu, as sobrancelhas franzidas em confusão.

— Com licença? — Ele tosse.

— Você está penetrando nossa querida e doce Pippa, não está?

Jesus. Não sei o que é pior. Ela dizendo, brincando com ele, ou usando a palavra *penetrante*. Ambas são terríveis, horríveis, e o tom rosado nas bochechas de Camden me diz que ele concorda.

As palavras de Rosemary são tão improváveis que ela está até fazendo Camden corar de maneira fria, calma e controlada.

— Bem, você vai me responder? — Rosemary pergunta. Ela abaixa os óculos pelo nariz, as sobrancelhas levantadas na testa enrugada, esperando a resposta de Camden.

Ele olha para mim, claramente sem saber o que fazer nesta situação. Pena que não tenho nada para ele. É disso que são feitos os pesadelos. Retiro tudo o que disse sobre amar viver em uma cidade pequena. Esta parte é mortificante. Ter pessoas investindo o suficiente em sua vida para se intrometer, mesmo quando não é da conta delas.

Talvez este seja o meu carma por ser intrometida.

Talvez seja ouvir Rosemary continuar a disparar perguntas em Camden em rápida sucessão, usando palavras da linguagem humana que nunca deveriam ser usadas para descrever sexo.

— Há quanto tempo vocês dois estão fornicando? Você está se certificando de embrulhar seu *willy*?

Fica cada vez pior até que eu ponho as mãos no ar. — Rosemary! Podemos não fazer isso?

Ela coloca seus materiais de tricô no colo, fixando-me com um olhar decepcionado de avó. — Só estou fazendo algumas perguntas, querida.

Olho para o relógio acima da porta. — Parece que estamos fechados agora. Que tal eu te ajudar a juntar suas coisas? Aposto que Harold está esperando por você em casa!

Ela me lança um olhar incrédulo. — Não. Você sabe muito bem que ele está dormindo em sua poltrona reclinável, fingindo assistir TV. — Ela olha de volta para Camden. — Você escute com atenção, meu jovem. — Os olhos de Camden se arregalam com a forma como a voz de Rosemary fica severa. — Se você machucar Pippa, eu posso simplesmente matar você. Tenho idade suficiente para poder passar alguns anos na prisão antes de morrer lá. Ela passou por muita coisa e não sei muito sobre vocês, nova-iorquinos. Você me entende?

— Sim, senhora. — Sua voz falha por um segundo. Ele está realmente com medo dela?

Tento esconder um sorriso, apesar da mortificação que corre em minhas veias. Isto é muito engraçado. Acho que a doce e velha Rosemary aterroriza Camden.

— Eu não vou machucá-la, — ele promete, seus olhos encontrando os meus por uma fração de segundo.

Droga. Eu realmente gosto dele. Ele é fofo agora, se atrapalhando com as palavras sob o escrutínio de Rosemary, e eu estou engolindo isso. Gosto de ver esse lado vulnerável dele.

Estou começando a gostar de muitas coisas nele. Muitas

— É melhor eu ir agora — murmura Rosemary, agindo como se fosse ideia dela ir embora, como se eu não estivesse implorando para que ela desaparecesse há dois minutos.

Tento ajudá-la, mas ela afasta minha mão. Camden permanece congelado no lugar. Esse tipo de encontro provavelmente não acontece de onde ele vem. Todo mundo está muito ocupado com sua própria vida para se preocupar com a sua. Esse não é o caso aqui em Suttan. Nem mesmo perto.

Rosemary para a meio caminho da porta, seus olhos sábios saltando entre Camden e eu. — Mais uma coisa antes de eu ir. Certifique-se de usar essa camisinha, entendeu? Ou posso perguntar ao Dr. Boone se você faz uso de anticoncepcional, Pippa?

Um rubor percorre minhas bochechas justamente quando pensei que tinha me livrado do rubor causado pela última coisa estranha que ela disse. Esta é outra coisa terrível sobre uma cidade pequena. Todos nós compartilhamos o mesmo médico, que espero não compartilhar detalhes sobre minha saúde, como meu status atual de controle de natalidade.

— Tenha uma ótima noite, — eu grito, praticamente empurrando Rosemary porta afora. Eu preferiria esquecer que esse encontro aconteceu, e que Camden também apagasse isso de sua memória.

— Boa noite, querida, — Rosemary grita por cima do ombro, completamente despreocupada.

Quando a porta se fecha atrás dela, Camden olha para mim com os olhos arregalados. — Bem, essa foi uma experiência que nunca pensei que teria.

Solto um suspiro longo e controlado. — Podemos fingir que isso nunca aconteceu?

Seus lindos sapatos fazem um som de batida no chão enquanto ele caminha até mim, segurando as flores entre nós. — Feliz primeiro encontro. — Ele diz as palavras com uma sugestão de sorriso nos lábios.

Elas são impressionantes. Há muitas delas para sequer contar. Quando tento segurá-las, são necessárias duas mãos para agarrá-las, porque o buquê é muito grande.

— Ninguém nunca me deu flores, — eu sussurro, me arrependendo no momento em que as palavras saem dos meus lábios. Ele não precisa saber que, embora eu tenha namorado, ninguém realmente tentou me tirar do chão. Certa vez, um menino me deu um dente-de-leão na quarta série, mas fora isso, não houve nenhuma entrega surpresa de flores ou flores no primeiro encontro.

— Eu teria comprado mais para você se a florista tivesse sobrado alguma.

— Você comprou rosas para a Sra. Lori?

— Eu comprei.

— Você não precisava.

Ele estende a mão e traça meu queixo com o polegar. — Eu queria.

Meu coração bate erráticamente no meu peito, como se quisesse pular para fora dele e se aninhar no dele. Aconteceu tão rápido que não penso muito nisso. As coisas mudaram rapidamente, pois passamos direto das discussões o tempo todo para as flores no primeiro encontro. Mas estou feliz neste exato momento, então não quero ficar pensando em momentos que ainda não passaram ou mesmo focar em momentos que já aconteceram.

Quero pensar aqui e agora e em qualquer coisa inesperada que esteja acontecendo com Camden.

— Eu as amo, — digo a ele, inclinando-me para seu toque.

— Pensei em você o dia todo, — ele admite, passando o polegar pelo meu lábio inferior.

— Bom.

— E você, pensou em mim? — Ele tenta se inclinar, mas as flores atrapalham. Ele solta um grunhido de desaprovação, pegando as flores da minha mão e segurando-as ao seu lado para que nada fique mais entre nós.

— Talvez eu tenha feito isso. Talvez eu não tenha feito isso.

— Meu palpite é que você fez. — Ele se inclina e dá um beijo rápido e casto em meus lábios. Parece mais especial do que os longos e acalorados que compartilhamos por algum motivo.

— Acho que você nunca saberá, — provoco, passando as mãos pelas costas dele. Seus músculos se contraem sob a camisa com o meu toque.

— Deus, você é tão frustrante. — Ele me beija novamente, desta vez passando a língua ao longo da costura dos meus lábios. — Eu adoro isso.

Sua língua acaricia a minha e, de repente, estou me fundindo com ele. Meus dedos agarram sua camisa para ficarem firmes, o poder de seu beijo me

deixando tonta. Ele sabe beijar. Habilmente. Tão bom que eu não contaria isso a ele, mas sonhei em beijá-lo o dia todo. Pensei em todas as coisas que poderiam acontecer esta noite. Eu estraguei vários pedidos de café porque não conseguia pensar em nada além dele.

Finalmente, nós dois nos afastamos para tomar um pouco de ar. Está quente no café, apesar de eu manter o ar-condicionado em temperatura baixa. Talvez seja porque minha mente pisca com as lembranças do que aconteceu aqui naquela noite - bem perto da janela atrás dele.

A mão dele que não segura as flores se abaixa para segurar a minha mão na dele. — Então, o que você planejou para nós?

CAPÍTULO 37

Camden



Pippa me dá um sorriso nervoso. Ela não deveria estar nervosa, eu ficaria animado com qualquer coisa que ela planejasse. Eu só quero passar um tempo com ela. Para conhecê-la um pouco mais. Para tentar entender o que há nessa garota que me deixa louco. Ela sempre me deixou louco. A princípio, com raiva; agora, é com outra coisa. Não consigo identificar o que exatamente, mas há algo nela. Algo diferente. Algo especial. E por causa disso, ela poderia planejar um encontro com nós dois no meio de um milharal, e eu ficaria em êxtase com isso.

Embora eu não saiba se existem campos de milho no Colorado. As temperaturas não parecem propícias a isso, mas não tenho a mínima ideia.

— Pensei em começar a noite aqui.

— Aqui?

Ela assente. — Sim. Eu quero assar algo juntos. Macarrão com algumas outras coisas que planejei. E depois quero levar você ao Pop's para sobremesa.

— Engraçado porque acho que prefiro fazer uma sobremesa com você.

Ela revira os olhos para mim, batendo no meu peito de brincadeira. — Caso você tenha esquecido, você tem que trabalhar para isso, Sr. Hunter. É melhor você começar.

Beijo sua bochecha, gesticulando para que ela me mostre o caminho. Ela puxa minha mão, me puxando para a cozinha dos fundos. — Eu realmente pensei que as rosas funcionariam a meu favor. Fiz a Sra. Lori revistar todo o estoque dela para ter certeza de que havia todas as rosas vermelhas do lugar. Na verdade, eu pedi umas cor-de-rosa, já que parece, você sabe... — Olho ao redor do café dela, que tem rosa em todas as direções. — Você realmente gosta de rosa.

Quando chegamos à sala dos fundos, encontro uma mesinha colocada no canto. Há uma vela no topo com a mesa já posta.

— Eu poderia ter feito tudo isso, — observo, sentindo falta do toque dela no momento em que ela solta minha mão. Cai desajeitadamente ao meu lado enquanto ela se dirige para um armário. Olho de volta para a mesa, chateado por ela ter tido que fazer tudo isso. Essa não foi minha intenção quando disse a ela para escolher. Só pensei que ela talvez quisesse escolher o local, e não preparar e planejar uma refeição inteira.

— Você poderia ter feito isso, mas eu queria. Para começar a noite, não queria dividir você com ninguém. Ainda há tanta coisa que não sei sobre você, e não quero ir a algum lugar público onde todo mundo vai parar na nossa mesa para bisbilhotar a cada dois segundos.

— Eu estava totalmente despreparado para o interesse das pessoas. Aquela Rosemary era outra coisa antes.

Ela ri. — Um pequeno conselho para você. Todo mundo aqui sabe tudo sobre alguém. Se você tornar isso público, e mesmo às vezes quando não o fizer, as pessoas descobrirão. Se você queria nos manter em segredo, é tarde demais. Rosemary já ligou para seus amigos de fofoca, para as senhoras do clube do livro e provavelmente para metade de seu estudo bíblico.

— Você acha que eu quero manter isso em segredo?

Ela coloca as flores em uma mesa grande e estreita no outro lado da sala, tirando-as do caminho para o que quer que ela tenha planejado. Meu coração dispara no peito, ansioso para ouvir sua resposta. Ela está protelando? Não quero manter isso em segredo. Pelo menos, não quero sair do meu caminho para esconder nada. Tenho certeza de que os homens caem aos pés dela nesta cidade. Quero que eles saibam que devem desviar o olhar. Ela é minha.

Ela é, entretanto? Ainda é muito recente para dizer isso, mas não me importo. Eu a provei, conheci as partes dela que ela não compartilha com o mundo, e a quero como minha.

Sinto-me estranho, parado no meio de sua pequena cozinha, esperando que ela me responda. Talvez eu tenha interpretado mal as coisas. Não tivemos nenhuma conversa sobre quem somos, mas pode doer um pouco descobrir que ela prefere manter em segredo o que está acontecendo entre nós nesta cidade que ela ama. Eu ficaria orgulhoso se eles soubessem que estamos nos conhecendo melhor.

Estamos?

— Você quer manter isso em segredo? — Eu pressiono. Porra. Meu coração bate tão rápido. Por que estou tão ansioso? Por que eu me importo? Isso nunca aconteceu. Parece que tudo está em jogo enquanto a observo com a respiração suspensa, percebendo plenamente que posso me importar com ela muito mais do que esperava.

— Não tenho certeza do que é isso.

— Eu também não, — confesso, coçando o queixo. Devo colocar tudo em risco agora ou manter minhas cartas perto do peito? Nunca quero ser o único a admitir como me sinto primeiro. Gosto de observar as pessoas, lê-las, para ver onde estão suas cabeças antes de lhes dar qualquer indicação do que está acontecendo em minha cabeça. É algo que faço com trabalho há anos. Nunca tive que fazer isso em um relacionamento porque nunca me importei o suficiente. Respirando fundo, tomo minha decisão. E se o tiro sair pela culatra, farei a coisa mais simples, farei as malas e voltarei para Manhattan, para nunca mais voltar a Sitten. Talvez evite o Colorado completamente. — Mas eu

quero mais disso. Mais de você. Mais de nós. E a menos que você queira, não tenho nada a esconder. Eu quero você, bolinho. De uma forma intensa e feroz, nunca quis outra pessoa. — Outra inspiração profunda. — E é realmente muito enervante.

— Bom, — ela sussurra, sua voz tão suave que quase sinto falta.

— Bom?

Ela esfrega os lábios. — Sim. *Bom*. Quero enervar você, Camden. Quero arrancar a fachada fria e controlada que você mostra para todos os outros e ver o que você esconde por baixo. Dessa forma, posso descobrir quais peças você guarda só para mim.

Balanço a cabeça, olhando para ela por alguns segundos antes de correr para diminuir a distância entre nós. Ela me ajuda a fechá-la, seu corpo catapultando-se para o meu enquanto nossos lábios se encontram em uma onda de desespero.

Nossas mãos se agarram e agarram roupas, membros, cabelos, tudo. Não nos cansamos um do outro.

Nunca terei o suficiente dela.

Pippa agarra as lapelas da minha camisa, seus dedos se atrapalhando com os botões. Ela desfaz os primeiros, pressionando a mão contra meu peito exposto. Meu coração bate de forma irregular sob seu toque, provando ainda mais as palavras que acabei de confessar.

— Seu coração está acelerado, tão rápido, — ela diz contra meus lábios, pressionando com mais força.

— Sempre acontece isso quando estou com você.

— Bom, — ela repete, sorrindo antes de se inclinar para me beijar novamente.

Eu agarro seus quadris com força. — Você acha que é muito fofa dizendo essa palavra, não é? — Não sou gentil quando puxo seu lábio entre os dentes e puxo, esticando-o levemente.

— Talvez. — Suas mãos deslizam para baixo.

Seu grito ecoa nas paredes quando eu a giro, empurrando seus quadris na borda da ilha. — Eu lhe digo que você está me deixando louco, costurando-se a cada um dos meus pensamentos, e sua resposta é *bom*?

Estendo a mão ao redor dela, desfazendo o botão e o zíper de sua calça jeans. Não perco tempo puxando o tecido pelos quadris e pelas pernas, persuadindo-a a tirar cada perna da calça antes de jogar o jeans para o lado.

Ela usa uma calcinha vermelha, da mesma cor das rosas que comprei para ela. É tão sexy, cortando suas nádegas, me provocando enquanto os globos perfeitos anseiam por atenção. Eu beijo acima do tecido de cintura alta em seus quadris, beijando ao longo do caminho que a calcinha percorre. — Eu te digo que meu coração bate mais forte, completamente contra a minha vontade, toda vez que estou perto de você, e você tem a coragem de dizer *bom*.

Mordo sua pele macia, arrancando um gemido dela. — Estou começando a odiar essa palavra, — murmuro contra ela. — Eu quero mais de você, bolinho. Eu quero tudo isso.

Seus quadris arqueiam enquanto eu deslizo minha mão entre suas coxas. Ela se afasta por vontade própria, ampliando sua postura para que eu tenha melhor acesso à sua doce boceta. — Bom. — Ela geme quando meus dedos puxam o tecido entre suas nádegas redondas e perfeitas.

Eu bato na bunda dela, o som da minha pele contra a dela soando alto no pequeno espaço. — Dois podem jogar este jogo, — digo, admirando a marca vermelha que acabei de colocar em sua pele. Faço isso de novo, meu pau enrijece com o gemido alto de Pippa. Ela dá um solavanco, derrubando uma tigela cheia de farinha, que cai no chão numa nuvem de pó branco até cobrir nós dois.

A bagunça não me incomoda. Limpo a farinha de sua bunda, irritado por ela obstruir minha visão das marcas vermelhas que deixei em suas nádegas.

— Camden, — ela geme enquanto beijo a pele levemente levantada, querendo aliviar a dor.

— Você gosta disso, não é? — observo, deixando minha mão flutuar entre suas pernas. O tecido de sua calcinha está encharcado. — Sendo punida por ser uma putinha desafiadora.

Sua cabeça cai para frente, as pontas dos dedos ficando brancas de tanto segurar a ilha. — Eu... — Suas palavras são interrompidas quando coloco um dedo por baixo do triângulo de tecido, passando-o por sua umidade.

Maldita. Ela está encharcada.

— Eu, eu... — ela gagueja, arqueando ainda mais as costas com o meu toque. — Estou tão molhada, — ela termina.

Ela não pode me ver, mas eu sorrio. — Bom. — Meu dedo desliza dentro dela, avançando dolorosamente devagar.

— Eu sei que você está sentindo o que estou sentindo, querida. — Deslizo outro dedo, saboreando a maneira como ela aperta meus dois dedos. — Você pode se sentir orgulhosa de me dar respostas de uma palavra, pensando que tem todo o poder. Vou deixar você se divertir. — Eu mordo a parte carnuda de sua bunda, deixando uma mordida de amor ao lado da impressão da palma da minha mão. — Porque seu corpo fala comigo. Isso entrega você. Estamos nisso juntos.

— Eu não sei do que você está falando, — ela morde, empurrando sua bunda em mim.

Eu balanço minha cabeça. Porra. Eu gosto quando ela responde. — Continue me respondendo, querida. Isso me excita. — Deslizo meus dedos para fora dela, um pequeno castigo por ter tido a coragem de fazer isso, a apesar da dificuldade que sinto.

Ela geme de aborrecimento, olhando por cima do ombro com raiva nos olhos. — Não pare.

Chegando ao redor dela, eu a agarro pela garganta e trago seu corpo contra o meu. Meu pau tenso empurra suas nádegas, tentando se encaixar na costura delas. Sinto-a gemer contra a palma da minha mão, o som vibrando nas pontas dos meus dedos.

— Quer saber por que parei? — Forço seu queixo para cima, meus lábios dançando em seu queixo.

— Por quê?

— Porque eu quero ouvir você dizer isso. — Minhas palmas correm ao longo de seu corpo, sua pele se arrepia, viajando até a barra de sua camisa. Eu levanto o tecido sobre sua cabeça, jogando-o atrás de mim.

Gosto de tê-la quase nua com minhas roupas ainda vestidas. É muito quente ver a diferença entre nós.

— Ouvir-me dizer o quê? — Seu corpo treme de antecipação. Ela pula quando minhas mãos a encontram novamente, meus dedos deslizando por baixo da faixa do sutiã.

— Que eu te deixo louca. Que você pensa em mim o dia todo. Que você não me odeia mais.

— Ódio é uma palavra forte. Não sei se alguma vez te odiei, — ela confessa.

— Então me diga que você sente algo mais forte por mim agora. E isso não é ódio.

Ela não responde. Na verdade, ela até parece lutar tanto que seus dentes superiores arranham o lábio inferior, como se ela estivesse tentando forçar as palavras a saírem de sua boca.

— Estou esperando. — Deslizo as alças do sutiã pelos braços, livrando-me do tecido assim que posso para poder sentir seus seios perfeitos e empinados, sem nada entre nós.

Quando ela ainda permanece em silêncio, eu belisco seu mamilo entre os dedos, esfregando meu pau contra sua bunda ao mesmo tempo em que ela solta um gemido alto e descontrolado.

— Camden. — Ela tenta se arquear para mim, mas eu empurro seus ombros com força até que sua bochecha fique pressionada contra o balcão frio da ilha.

— Fique assim, — murmuro, deixando a ponta de um dedo descer por sua espinha. Ela está toda arrepiada. Não sei se é por causa da pressão da pele dela contra a ilha fria ou se é por mim. Talvez sejam ambos.

Meu dedo para no pequeno triângulo situado bem entre as covinhas de suas costas. Puxo o tecido, puxando-o pelas pernas dela. Ela está totalmente exposta para mim agora, pronta para ser tomada.

Deixo a ponta do meu dedo deslizar ao longo da costura de suas nádegas. Ela estremece.

— Alguém já tocou em você aqui?

— Onde?

Aplico mais pressão, trilhando o caminho novamente, terminando na umidade dela. Eu empurro dentro dela novamente, deixando-a bem molhada antes de subir novamente. — Bem aqui, — eu digo, empurrando um lugar que ainda não explorei nela.

Seu rosto rola contra o balcão, sua testa pressionada enquanto ela abafa um gemido. — Não, — ela confessa. Eu não acho que ela percebe que empurra sua bunda contra mim, permitindo que meu dedo entre uma fração de centímetro dentro do buraco apertado.

— Bom. — Eu lanço a palavra de volta para ela, satisfeito comigo mesmo.

Ela não discute. Em vez disso, ela geme novamente. Coloquei minha palma contra sua pele. Um dedo desliza para brincar com seu clitóris enquanto o outro empurra um pouco mais fundo dentro dela.

— Vai ser demais.

— Bom, — repito. — Você tomou muito de mim. É hora de eu ter mais de você. — Caio de joelhos, alinhando meu rosto com sua bunda perfeita. Vou pensar nisso em meus sonhos, lembrando como parecia bom coberto de farinha, exceto pela marca vermelha da mão em sua pele delicada.

— Abra as pernas, — eu exijo. — Amplo.

Ela faz o que eu mando, abrindo-as, mas não o suficiente. Bato na parte interna de sua coxa com as costas da mão. — Mais, — continuo, afastando ainda mais seus pés.

Agarro seus pulsos, forçando-a a segurar os cantos de cada lado da ilha para se manter firme. É uma bela visão ter sua bunda à mostra, sua boceta molhada e implorando por minha total atenção. Ela observa por cima do ombro com as pálpebras semicerradas, esperando meu próximo movimento.

Com ela na posição exata que eu quero, eu me aproximo de sua doce boceta mais uma vez. Minha língua circula seu clitóris, meus olhos fechando com o quão boa ela é.

Ela tem o gosto de minha. Como se nenhum outro homem tivesse o direito de tê-la novamente.

Enquanto minha língua acaricia sua linda boceta, minhas mãos encontram cada lado de suas nádegas, espalhando-as ligeiramente para expô-la. Ela geme quando deixo a ponta do meu dedo deslizar sobre ele novamente.

— Sua garota safada, — penso, cobrindo meu dedo com sua umidade. — Você gosta quando eu brinco com sua bunda?

Ela não me responde, mas eu não esperava que ela respondesse. Aprendi o suficiente sobre ela para saber que não devo esperar uma resposta. Uma vez que sinto que meu dedo está bem molhado, minha boca sela seu clitóris mais uma vez. Minha língua e meus dedos brincam com ela, fazendo seus quadris balançarem de prazer.

Eu não desisto até que suas pernas tremem. O bom seria tê-la gozando contra minha língua. Mas não sou um homem legal. Então, quando sinto que ela está perto de gozar, eu me afasto e me levanto. Ela geme em protesto, balançando a cabeça para frente e para trás.

— Não, — ela implora, tentando encontrar atrito empurrando sua bunda contra mim.

Dou um passo para trás, maravilhado ao vê-la. Ela está molhada entre as pernas por seu próprio prazer e pela minha boca. Admiro a vista, terminando de desabotoar a camisa e tirar os braços das mangas. Ela espera que eu a toque

novamente enquanto dobro bem a camisa e a coloco no balcão mais próximo de mim.

— Não se mova, — ordeno quando ela começa a empurrar a metade superior do corpo para fora da ilha. — Deixe-me continuar olhando para você.

Ela faz o que eu mando, mas não sem balançar desafiadoramente os quadris contra a borda do balcão.

Aproveito o tempo para abrir o cinto, puxando-o das presilhas e enrolando-o bem antes de colocá-lo em cima da minha camisa dobrada. Tiro meus sapatos, calças e cueca boxer, finalmente tão nu quanto ela.

Eu aperto meu pau, precisando de alívio imediatamente enquanto tiro alguns momentos extras para olhar para ela. Ela é perfeita. Ela parece vulnerável, me observando através das pálpebras semicerradas enquanto antecipa o que está por vir.

— Sua boceta está pingando, — digo a ela, olhando para a umidade entre suas coxas. — Isso significa que trabalhei duro o suficiente para isso, querida?

Ela assente. Eu sabia que ela não seria capaz de resistir a essa coisa entre nós. Eu a tenho desde o momento em que compartilhamos neste mesmo prédio, mas não digo isso a ela. Eu a deixei acreditar que ela é quem está no controle.

— Bom, — eu digo, dando um passo mais perto. Meu pau sacode ansiosamente quando corre ao longo da linha de sua bunda.

Dou-lhe um pequeno tapa na bunda novamente, nem perto da quantidade de pressão que usei antes, mas ainda é forte o suficiente para que a farinha voe no ar ao nosso redor.

— Agora, fique exatamente assim enquanto eu te fodo até conseguir as respostas que quero. Que você se foi por mim assim como eu fui por você.

CAPÍTULO 38

Pippa



Todo o meu corpo treme de antecipação. Meus braços estão esticados o máximo que podem em uma ampla envergadura, meus dedos agarrando os cantos do balcão para me manter de pé.

Tudo o que quero fazer é me virar e puxar Camden para mim. Quero sentir seu corpo contra o meu. Para envolver minhas pernas em torno dele e cravar meus calcanhares nos músculos logo acima de seus quadris enquanto ele balança em mim. Mas não faço isso porque estou excitada pela maneira como ele me diz o que fazer. Ele é incrivelmente comandante e isso alimenta ainda mais meu desejo. Quando ele passa a ponta do seu pau pela minha umidade, solto um gemido alto, ansiosa para senti-lo deslizar para dentro.

Ele me provoca, circulando meu clitóris com seu pau, mas nunca empurrando onde eu preciso dele.

— Camden, — gemo, precisando mais dele. Precisando finalmente senti-lo dentro de mim.

— Eu quero sentir você por inteiro. — Sua voz sai forçada, como se ele estivesse falando com a mandíbula travada. Talvez esteja precisando de tudo

para mostrar o autocontrole que ele tem. — Diga-me que você está tomando pílula. Caso contrário, usarei camisinha, mas não quero colocar uma barreira entre nós.

— Eu estou. Eu também não. — Eu ofego, arqueando-me para tentar persuadi-lo dentro de mim. Não funciona, mas eu o ouço respirar fundo com a sensação.

Pelo menos não estou sozinha na pura luxúria e desespero que sinto agora.

— Bom. — Ele empurra um pouco mais, já me esticando quando apenas a cabeça do seu pau está dentro de mim. — Porra, querida, você está me apertando com tanta força.

Eu gemo, meus olhos se fechando com a sensação avassaladora dele. Ele está em todos os lugares ao mesmo tempo, com seu pau empurrando para dentro de mim, seus dedos cavando em meus quadris, me mantendo exatamente onde ele me quer. Seu peso cai sobre mim, sua frente empurrando minhas costas enquanto ele desliza para dentro.

Ele xinga baixinho novamente. É muito. Ele é muito grande. — Eu não posso, — eu ofego, mesmo que meu corpo faça o oposto, empurrando contra ele para empurrá-lo mais fundo dentro. — Você é muito grande, — termino.

Sua palma bate na minha bunda novamente. Eu me sinto apertando em torno dele de prazer com isso. Nunca tive alguém sendo rude comigo no quarto. Minha vida sexual sempre foi tão simples quanto parece. Isso não é baunilha - e nunca estive tão excitada. Adoro a mordida de sua pele contra a minha enquanto ele golpeia a pele delicada como um castigo. A maneira cuidadosa com que ele me observa depois, a palma da mão aliviando a dor enquanto ele se certifica de que não está fazendo nada que eu não queira que ele faça.

— Você vai me aceitar como a boa putinha que você é. Você entendeu? — Para provar um ponto, ele empurra todo o caminho dentro de mim, não me deixando mais me ajustar ao redor dele lentamente.

Respiro fundo, usando a leve paralisação de seus movimentos a meu favor para respirar. Isso dói. Ele é muito maior do que qualquer coisa que eu já tive, mas é incrivelmente bom. Quando ele lentamente se afasta, não posso deixar de gemer.

— Você está fazendo um trabalho tão bom pegando meu pau, baby. — Ele desliza para dentro e para fora mais algumas vezes antes de me chocar, arrancando seu corpo do meu. Ele não me deixa tempo para reclamar. Antes que eu possa fazer qualquer coisa, ele levanta meu corpo, me vira no ar e me coloca na ilha. Está frio na minha bunda, mas adoro estar cara a cara com ele novamente.

Ele mergulha para um beijo, beijando-me com tanto desespero e paixão que, por um momento, fico sem fôlego. Não sei como exalar o ar dos pulmões. Tudo o que meu corpo pode fazer é pensar em como seu beijo me possui. Nunca senti a paixão ardente que sinto por ele. Já se passaram segundos desde que ele esteve dentro de mim e já sinto falta dele. Felizmente, ele deve sentir o mesmo porque está forçando minhas pernas abertas e encaixando seus quadris estreitos entre minhas coxas.

— Você goza em volta do meu pau quando eu mandar, — ele comanda, empurrando para dentro de mim mais uma vez. — E você economiza sua energia porque planejei muito para você.

— E o encontro que planejei?

— Vou me certificar de que isso ainda aconteça. Mas não até que você goze de novo e de novo e eu diga que terminou.

Ele me puxa pela ilha até que eu me sente bem na beira dela. Suas mãos agarram meus quadris, me mantendo firme enquanto ele acelera o ritmo. Ele é muito grande e parece demais. Entre minhas coxas dói pela largura que ele me estica, quão profundo ele empurra.

É demais, mas ao mesmo tempo não chega. Não tenho certeza se alguma coisa seria suficiente. Nossa primeira vez ainda nem acabou, e sei que ele reivindicou meu corpo para sempre. Não há como outra pessoa se encaixar tão perfeitamente quanto ele.

Ele ganha velocidade até que seja um ritmo punitivo. Estou perdida observando cada reação dele. Ele está me fodendo como se tivesse perdido todo o senso de controle. Como se ele não conseguisse controlar nenhuma de suas ações e fosse seu corpo quem falasse.

Eu amo isso.

Minha cabeça cai para trás enquanto um sorriso satisfeito se espalha pelos meus lábios. Fiz Camden Hunter perder o controle. Nunca me senti mais poderosa com essa percepção, mesmo que esteja perdendo tanto controle quanto ele. A diferença é que sou sempre uma pessoa que perde o controle. Acho divertido me soltar. Camden não é a mesma coisa. É ainda mais especial vê-lo se desvendar assim. Perder-se completamente na magia que nossos corpos estão criando.

— Porra, bolinho. — Ele enterra o rosto na curva do meu pescoço. Sua respiração é quente ao longo da minha pele, seus beijos contra ela são quentes e ternos. — Você está tomando meu pau tão bem. Você está se moldando ao meu redor, seu corpo provando que sua boceta foi feita para mim e somente para mim. — Seus dentes arranham minha pele, mas ele não os afunda na carne macia. Sua boca é doce e gentil ao longo do meu pescoço. Seus quadris são o oposto. O som de pele batendo enche a sala.

Ele pega minha boca com a dele, mergulhando a língua dentro. Sentimos o gosto dos gemidos um do outro, minhas mãos circulando seu pescoço para tentar manter meu corpo firme. Ele me fode com tanta força que estou perto de cair do balcão. Não que eu ache que ele realmente deixaria isso acontecer.

Seus dedos se enroscam em meu cabelo, puxando-o para forçar minhas costas a arquearem. — Caso eu não tenha deixado claro, — acrescenta ele, desacelerando. Este novo ritmo me oprime. É lento e apaixonado, disparando tantas terminações nervosas no meu corpo.

Estou prestes a gozar. A pressão diminui em meu núcleo, ameaçando transbordar em puro êxtase.

— Camden, — imploro, lembrando-me do que ele disse sobre esperar até que ele me mandasse. Eu não acho que posso impedir que isso aconteça. É uma sensação boa e intensa demais para parar.

— Você está me apertando com tanta força. É gananciosa e sexy como o inferno.

Eu gemo novamente, minha pele formigando de prazer com o orgasmo crescente. — Eu vou...

Ele faz uma pausa, fazendo meus olhos se abrirem porque esta é a segunda vez que ele me leva direto ao limite, apenas para me arrancar dele.

Seu sorriso arrogante é quase o suficiente para me levar ao limite de qualquer maneira. Gotas de suor em sua testa devido ao esforço. Ele é tão incrivelmente lindo. Tão sexy. Mas ele seria muito mais gostoso se me deixasse gozar.

— Você é um idiota, — gemo, balançando os quadris para tentar obter fricção. Ele se mantém firme dentro de mim, não me dando o que eu quero.

— Peça com educação. — O sorriso arrogante não sai de seus lábios. Ele acelera o ritmo, mas por pouco. Apenas o suficiente para me provocar ainda mais.

— Eu preciso gozar, — eu imploro, circulando meus quadris.

O ar sibila por entre seus dentes, sua mandíbula se aperta com moderação. — Você gozará, querida. Várias vezes. Mas não até que você me peça gentilmente para deixar meu pau todo bagunçado por causa do seu gozo.

Jesus. Sua boca está suja. Sinto que preciso ir à igreja depois disso para lavar as palavras sujas da minha mente. Eu nunca faria isso. Quero me lembrar das palavras maldosas que ele proferiu. Até mesmo os palavrões são outro lembrete de como Camden, perfeito e organizado, pode perder o controle.

— Por favor, eu preciso gozar, — eu ofego, meus dedos se enroscando em seu cabelo para puxar seu rosto para o meu.

Tudo o que consigo é outro sorriso satisfeito, os cantos de sua boca virados para cima a apenas alguns centímetros dos meus lábios. — Sim, minha

garota precisa gozar. Bom trabalho pedindo isso com educação. — Ele se acomoda completamente em mim, roubando meu grito de surpresa direto da minha boca. Ele se afasta um pouco, escolhendo um ritmo que facilmente faz com que a pressão aumente novamente. — Goze no meu pau. Deixe-me sentir isso.

Suas palavras me levam ao limite. Mesmo com a língua dele na minha boca, meus gemidos ainda ecoam entre nós. São tantas sensações que as lágrimas ardem nos meus olhos. É o orgasmo mais intenso que já senti, e ainda nem acabou.

Camden explora o orgasmo com toda a força, seu ritmo nunca cedendo.

Quando meus olhos finalmente se abrem, encontro-o me observando de perto. — Essa foi a coisa mais sexy que eu já vi, — ele murmura. — Eu quero ver de novo.

CAPÍTULO 39

Camden



A boceta de Pippa tem espasmos ao meu redor. Ela me abraça com força, me mantendo trancado dentro do puro céu. Seus gemidos são altos e poderosos quando ela sai do orgasmo. Acho que fiquei viciado em fazê-la gozar. Eu poderia fazer isso de novo e de novo até que o dia inteiro passasse comigo entre as pernas dela.

Minha mão serpenteia por seu corpo até envolver sua garganta com meus dedos. Pressiono minha palma contra sua cavidade, querendo sentir cada uma de suas respirações e gemidos contra minha pele.

Diminuo a velocidade dos quadris, circulando-os levemente como uma mudança de ritmo. Ela deve gostar porque seu gemido vibra contra meus dedos calejados.

— Assim, — ela ofega, levantando os quadris para tentar me guiar.

— Você não me diz o que fazer, — eu rosno, circulando meus quadris novamente, apesar das minhas palavras.

Sua cabeça cai para trás, me dando mais de sua pele macia. Quero apertar, para ver o quão fundo ela me deixa empurrar as pontas dos dedos até que seja demais para ela.

Nossos corpos se movem um contra o outro. Está pegajoso e suado. A farinha agora está cobrindo nós dois. Bastaria eu acelerar o ritmo e bater nela, e sei que gozaria em segundos. A sensação é muito boa.

— Você foi feita para mim. — Meus lábios se movem contra sua pele, sem saber para onde ir. Eu quero tudo dela de uma vez. Eu quero tudo.

Meu aperto em sua garganta aumenta ligeiramente, testando para ver sua reação. Ela geme mais alto, apenas me fazendo apertar ainda mais. Minha mão parece tão grande comparada ao seu pescoço esbelto. Ela a envolve tão facilmente, me dando tanto poder enquanto meus dedos cravam em sua pele.

Ela me observa, seus olhos me dizendo que ela está gostando disso tanto quanto eu.

— Se todos soubessem que a doce Pippa gosta de ser fodida com força e sujeira. Que ela é uma putinha que quando eu a sufoco, sua boceta me aperta com tanta força que é quase doloroso.

Seu rosto fica vermelho, mas sei, pela respiração que faz cócegas em minhas bochechas, que ela ainda consegue respirar, não importa quão pouco seja. Eu pararia se ela não estivesse gemendo tão alto, sua boceta me tomando tão avidamente que eu sei que ela se safa com isso.

Quando não estou transando com ela, ela é tagarela e desafiadora, constantemente me provocando. Mas quando estamos assim, ela gosta de abrir mão do poder. Para ter seus limites testados.

— Cam... — Suas palavras são interrompidas quando eu empurro dentro dela.

— Você é tão sexy com minha mão em volta de sua garganta e meu pau profundamente em sua boceta. Você gosta de me sentir em todos os lugares, querida?

Lágrimas picam seus olhos, seu pulso saltando sob meus dedos. Isso a emociona, o que me faz enlouquecer. Tudo o que consigo pensar é em fodê-la com mais força, enchendo-a com mais de mim, marcando seu corpo, e talvez até mesmo seu coração, para que ela nunca esqueça como é entre nós.

— Apenas espere até eu te encher com meu esperma. Então você realmente ficará cheia de mim. E você vai adorar, não é?

Seus olhos se fecham com um gemido alto. Porra, eu preferiria arrancar mais orgasmos dela antes de gozar, mas estou muito perto. Nunca estive tão excitado como estou neste momento. Ela tem essa atração sobre mim. Estou intoxicado com cada faceta de sua existência. Não importa o quanto eu lute contra isso, sinto o aperto nas minhas bolas, os arrepios na minha espinha. Eu vou gozar, e não vou deixar isso acontecer sem sentir o espasmo dela ao meu redor mais uma vez.

— É hora de você gozar de novo, — eu exijo, puxando seus lábios nos meus. Eu ainda aperto com força suficiente para que ela fique com falta de ar, mas em vez disso, dou a ela com meus próprios pulmões. Eu bato nela com um ritmo punitivo. O som de tapas na pele enche a pequena cozinha. É tão sexy ouvir nossos corpos sacudindo um contra o outro, ouvir seus gemidos misturados aos meus. Até o beijo é tão acalorado e desleixado que você pode ouvi-lo encher a sala.

Será que algum dia me fartarei dela? Eu não acho. Nenhum outro sentimento no mundo poderia se comparar a este.

Enfio minha língua em sua boca, deleitando-me com a forma como ela se abre avidamente para mim. Estou sempre querendo mais dela, mas ela também quer mais de mim. Ela é gananciosa e carente, e eu adoro isso.

— Seja uma boa menina e goze no meu pau, — eu persisto. — Eu quero sentir você gozar com tanta força que me faça *gozar*. — O suor escorre pelas minhas costas enquanto ganho velocidade, circulando levemente meus quadris porque sei que é disso que ela gosta. Ela está pendurada no balcão neste momento, confiando no meu corpo pressionando o dela para evitar que ela escorregue.

— E eu quero que você gema tão alto que eu não apenas ouça, mas sinta isso nas pontas dos meus dedos.

Outra bomba entrando e saindo dela, os músculos das minhas costas se contraindo com o orgasmo que se aproxima. — Agora, — eu digo, sabendo que estarei gozando em segundos.

Eu sei que ela está perto quando suas coxas começam a tremer em volta da minha cintura. Momentos depois, ela me aperta, um gemido baixo vindo do fundo de sua garganta.

— Boa menina, — eu rosno antes de dar um beijo profundo.

Minha pele aquece quando gozo com ela, preenchendo-a completamente. A minha língua na boca dela, a minha mão à volta da garganta dela, o meu pau dentro dela, enchendo-a com o meu esperma.

É o momento mais quente da minha vida. A única coisa mais quente é quando nossas testas batem uma na outra, nós dois tentando recuperar o fôlego com a intensidade do que acabou de acontecer.

Estalo minha língua, libertando meu pau e descobrindo meu esperma derramando dela. — Eu disse que você estaria cheia de mim, — observo, empurrando meu esperma de volta para dentro dela. — E você vai *ficar* cheia de mim. — Ela pula quando meus dedos passam sobre seu clitóris. Deus, mesmo que ela tenha acabado de gozar, eu me pergunto se eu esbarrasse nele de novo, ela me deixaria? Eu poderia fazer com que ela gozasse novamente apenas com meus dedos?

É tentador. Incrivelmente tentador. Estou prestes a tentar quando ela finalmente fala, as mãos esfregando a garganta onde a minha mão estava. — Preciso de um minuto, — ela murmura. Seus ombros sobem e descem em rápida sucessão. O meu faz o mesmo. Esse foi o melhor treino da minha vida. Eu não teria que me encontrar com meu treinador nunca mais se pudesse fazer exercícios aeróbicos transando com Pippa pelo resto da minha vida.

Seu corpo fica mole quando sua cabeça cai no meu ombro. Ela envolve seus braços em volta de mim, me puxando para perto. Provavelmente há

milhares de violações diferentes do código de saúde que estamos violando, mas me inclino para ela, apesar da confusão entre nós.

— Isso foi... — Suas palavras desaparecem enquanto ela dá um beijo bem no topo do meu coração acelerado. É incrível porque foi o melhor sexo da minha vida - mas também porque me imagino fazendo isso com ela pelo resto da vida, e isso é uma fantasia perigosa para duas pessoas que começaram a se desprezar.

— Incrível. Alucinante... — Passo as mãos pelos cabelos dela enquanto ela dá outro beijo em meu coração palpitante. — Catastrófico, — eu sussurro.

Ela olha para mim com olhos arregalados e curiosos. Meus olhos não conseguem evitar quando eles se dirigem para a marca vermelha ao redor de sua garganta por um momento. — Por que catastrófico? — Ela pergunta.

Eu a puxo para mim, puxando-a para fora do balcão. Ela alegremente envolve suas pernas em volta de mim. Estamos perfeitamente alinhados um contra o outro novamente, a cabeça do meu pau roçando no clitóris dela.

Minhas mãos seguram suas nádegas, mantendo-a no lugar enquanto ela passa os olhos pelo meu rosto. Eu quero saber o que ela vê. É um homem diferente do que ela pensava que eu era? Ou, no fundo, ela tem sobre mim a mesma opinião que sempre existiu?

— Porque acho que quero fazer muito mais isso, por muito tempo, e nem sei se você gosta de mim, bolinho.

Suas coxas me envolvem com mais força. — Acho que estou começando a gostar mais de você, — ela responde brincando, com um sorriso irônico nos lábios.

— Você só está dizendo isso porque meu esperma está vazando de você?

Ela sorri ainda mais com a minha pergunta. *Garota suja*. Eu adoro isso. — Não. Eu estava pensando nisso antes desta noite, mas o sexo *excelente* ajudou no seu caso.

Eu a belisco de brincadeira, apertando-a contra meu peito. Quero mantê-la em meus braços para sempre, para nunca mais soltá-la. Talvez então, o

mundo real nunca nos alcançaria e nos lembraria por que uma doce garota de cidade pequena como ela e um cara frio da cidade como eu não foram feitos para durar. — Acho que é necessário um adjetivo melhor. *Excelente* não está fazendo isso por mim.

Ela desliza pelo meu corpo e eu a seguro até que seus pés estejam firmemente plantados no chão. Mesmo assim, ela mantém os braços em volta da minha cintura. Eu gosto muito disso. — O que você gostaria de ouvir, então?

— Que foi o melhor sexo da sua vida. Que você nunca deixará outro homem te ter desse jeito. Que a onda de emoções que correm por você agora são tão intensas para você quanto são para mim.

Gosto de como ela se sente confortável parada na minha frente, completamente nua. Ela dá um passo para trás, brincando com mechas de cabelo enquanto me observa de perto. — Todas as opções acima, — ela sussurra.

Não sei se já sorri tanto quanto neste exato momento. Provavelmente é bobo e ocupa muito do meu rosto, mas não consigo evitar. Estou cativado por ela e preciso saber que não sou só eu que me sinto assim.

Minha mente corre com um milhão de coisas diferentes que eu poderia dizer para ela, mas apenas uma palavra vem à mente quando dou um passo mais perto dela e dou um beijo em sua testa.

— Bom.

CAPÍTULO 40

Pippa



Estou ocupada preparando nosso jantar quando Camden olha casualmente para mim do outro lado da ilha. Eu não contei isso a ele, mas ele tem uma mancha de farinha na testa, de quando estávamos fazendo o macarrão. É muito fofo deixá-lo limpar isso. Gosto da pequena imperfeição em seu rosto. Isso o faz parecer menos frio e intimidador e mais infantil.

Ele não poderia parecer frio para mim agora de qualquer maneira. Não com o jeito que ele está olhando para mim. Tudo na maneira como ele me viu cozinhar foi iluminado com paixão. Seu olhar não é frio. Está quente, queimando minha pele mesmo do outro lado da sala. Quase pedi para ele me foder bem no meio de estender a massa para o macarrão, porque as ondulações de seus antebraços estavam me excitando demais. Mesmo quando eu pedi para ele experimentar o molho de macarrão, seus lábios sugaram o molho em sua boca de forma tão sedutora que eu imaginei os outros lugares onde sua boca esteve. Todos os lugares ao longo da minha pele ele lambeu, beijou... mordeu.

Uma pequena risada vinda do fundo de sua garganta me tira dos meus pensamentos sujos. Olho para baixo e encontro um pouco de queijo ralado demais no prato à minha frente.

— Merda, — murmuro, tentando pegar um pouco do queijo deste prato e colocá-lo no macarrão do outro. Não parece tão bom quanto deveria, mas servirá.

— Você estava lambendo os lábios como se estivesse tendo pensamentos sujos sobre mim, bolinho.

— Talvez eu estivesse.

Ele levanta as sobrancelhas, servindo mais vinho na minha taça à mesa. Ainda nem jantamos e esta noite foi o melhor encontro da minha vida. O sexo antes do encontro realmente ajudou. Mas também foi uma conversa fácil enquanto preparávamos os três pratos que planejei para aquela noite. Ele ouviu atentamente enquanto eu lhe dizia como ajudar a preparar uma salada e bolinhos de caranguejo. Ele foi um excelente aluno enquanto eu o ensinei a estender o macarrão e alimentá-lo no acessório para macarrão da minha batedeira.

Achei que as coisas ficariam estranhas depois que finalmente fizéssemos sexo. Como se talvez nós dois aprendêssemos que nossa conexão intensa era apenas física. Esta noite nos ensinou que não é. Quanto mais eu aprendo sobre ele, e quanto mais conversas aleatórias tivemos sobre qual time da NFL é o melhor - os Broncos, obviamente - e qual é o melhor filme de Adam Sandler - sua resposta de Click me chocou - mais *compatíveis* parecemos.

Tudo isso está fazendo com que eu me apaixone por ele pouco a pouco. Posso facilmente me imaginar fazendo café para ele pela manhã, antes que ele me deite e *me coma* no café da manhã.

— Há câmeras de segurança aqui? — A pergunta de Camden me traz de volta do meu devaneio.

Inclino a cabeça, limpando uma mancha de molho do canto do prato. — O quê?

Seus olhos olham para o teto, examinando o local. — Tem câmeras aqui?

— Como você sabia que tínhamos câmeras em algum lugar?

— Porque sua funcionária, Lexi, me pegou curtindo aquela sua boceta perfeita diante das câmeras.

Minha mão cai em estado de choque, batendo no canto do prato e espalhando manchas de molho de macarrão por todo lado. — Desculpe-me o quê? — Eu grito.

Não é possível que Lexi nos tenha visto. Certo? Oh meu Deus. Ela viu minha vagina?

O idiota não parece nem um pouco envergonhado com isso. Na verdade, ele parece orgulhoso enquanto continua a olhar ao redor da sala. — Sim, esqueci de mencionar isso para você. Achei que era melhor você não saber. Mas depois desta noite, eu só precisava saber se acidentalmente fizemos um filme pornô amador.

— Camden! — Eu grito, meu rosto esquentando de vergonha. Graças a Deus não há câmeras aqui. Não achei necessário - e realmente não queria investir dinheiro na compra de uma câmera adicional - então este e meu escritório, que costumava ser um armário, não têm câmeras. — Isso não é engraçado, — continuo, pensando se deveria mandar uma mensagem para Lexi pedindo desculpas por tudo o que ela viu.

Ele encolhe os ombros, subindo e descendo. — Eu não estou rindo. — Ele tosse, mentindo totalmente porque está rindo.

— Sim você está. Minha funcionária viu minhas partes! Isso é terrível. Existe algum tipo de lei contra isso? Vou ser processada?

Ele traz minha taça de vinho, entregando-a para mim. Tomo um grande gole para tentar aliviar minha mortificação. — Ela parou antes de ver qualquer coisa. Ela só estava olhando porque você esqueceu de trancar a porta e queria ter certeza de que ninguém arrombaria.

Tomo outro gole, fechando os olhos com força enquanto rezo a Deus para não ter arruinado Lexi para sempre. Vou ter que ter uma conversa muito estranha com ela e pedir desculpas pelo que quer que ela tenha visto.

— Deus, eu não posso acreditar que você não me disse isso. Nunca serei capaz de olhar para ela da mesma forma.

— Tudo bem. Ela não viu nada. E mesmo que ela fizesse isso, aposto que meu rosto cobria qualquer coisa íntima, de qualquer maneira. Eu fui muito dedicado a fazer você...

— Ok, já chega, — interrompo, não querendo imaginar isso novamente. Não quero pensar muito sobre tudo que ela poderia ter visto.

— Então, há câmeras aqui?

— Não.

Ele assobia, observando enquanto tomo outro gole do meu vinho. Neste ponto, quase engoli todo o copo em menos de um minuto. — Que pena.

Quase cuspi meu vinho com suas palavras. — O quê? — Limpo o canto da boca, onde o vinho escorre dos meus lábios por causa do choque.

— Eu olho para aquela pequena foto sua com frequência, aquela de você com uma lingerie gostosa pra caralho - que você terá que usar para mim em breve, a propósito. — Ele diz isso com tanta indiferença enquanto pega nossos pratos e os leva até a pequena mesa no canto da cozinha. — Eu meio que esperava que tivéssemos gravado tudo isso em fita. Eu não me importaria de foder você enquanto tocávamos ao fundo.

Meu queixo está aberto. Há muito para processar de uma vez. — Você olha aquela foto minha? — Eu questiono, precisando que isso seja respondido primeiro.

Ele puxa uma das cadeiras, fica atrás dela e gesticula para que eu me sente. Desamarro meu avental, puxando a alça de cima pela cabeça e colocando-o sobre o balcão. Ainda estou esperando que ele responda, enquanto me sento e o deixo empurrar minha cadeira.

Seus olhos estão fixos nos meus quando ele se senta à minha frente, servindo mais vinho na minha taça, mas um pouco menos desta vez. Ele não parece envergonhado com o que me contou. — Por que mais você acha que eu enviei para mim mesmo?

— Não sei. Para me chantagear?

Ele suspira alto, claramente não se divertindo com a minha resposta. — Não. Essa *nunca foi* minha intenção. Foi porque senti uma raiva pura e ciumenta com a ideia de alguém ver você daquele jeito. E eu lutei contra isso, mas acho que mesmo assim, eu queria você mais do que gostaria de admitir.

— Eu teria deixado você me beijar naquele dia. Na montanha, no rancho da minha família. Eu pensei que isso iria acontecer.

Suas sobrancelhas escuras estão puxadas na testa. Ele me encara em silêncio por tanto tempo que me pergunto se ele não vai reconhecer o que eu disse. Seu dedo traça o lábio superior enquanto ele pensa nas palavras.

— Eu queria, mas pensei que me odiaria se o fizesse.

Suas palavras doem um pouco, mas isso não significa que eu não as entenda. Teria sido o mesmo para mim. Ainda havia tanta incerteza entre nós – ainda existe, mas de uma maneira diferente – era melhor não nos beijarmos naquele dia.

— Isso machucou. Você ter ido embora daquela maneira.

Não sei como pensei que Camden era um homem frio e sem emoções. Sentado à minha frente agora, ele mostra muita emoção em seu rosto. É claro o quão bem ele treinou para esconder isso. Ele já me machucou antes, e há uma boa chance de que ele me machuque novamente, mas sempre me lembrarei que por algum tempo, não importa quão longo seja, ele baixou a guarda por minha causa. Que pude ver o verdadeiro Camden Hunter e não aquele que ele quer que o mundo veja. Não é filho de dois dos artistas mais famosos do nosso tempo. Não é um dos negociantes de arte mais ricos do mundo. Apenas Camden. O homem que cuida de mim quando estou doente e me traz flores no nosso primeiro encontro. Aquele que reclama do frio dos meus pés contra os dele no meio da noite, mas ainda pressiona os seus contra os meus para mantê-los aquecidos. Aquele que acordou e deixou Kitty sair de manhã cedo porque ela estava choramingando e queria que eu descansasse mais.

Eu gosto dessa versão dele. Bastante. E tudo o que posso fazer é continuar me permitindo sentir essas emoções e torcer para não me queimar no final. Ou se eu fizer isso, valerá a pena.

— O que você está pensando? — Eu sussurro. Ele não respondeu ao que eu admiti. Eu não contei isso a ele para fazê-lo se sentir mal. Eu só queria que ele soubesse que, mesmo assim, ele tinha mais influência sobre mim do que eu queria admitir, até mesmo para mim mesma.

— Que me dói saber que machuquei você.

Não há como ele não me ouvir ofegar. Suas palavras me pegam desprevenida. Elas são doces e vulneráveis e, acima de tudo, crus. Todas as coisas que nunca imaginei que Camden seria.

— Tudo bem. Foi bobagem da minha parte me sentir magoada depois disso.

— Seus sentimentos nunca são bobos, bolinho. — Sua voz falha ligeiramente. Isso faz coisas comigo. Sinto o impacto de suas palavras no fundo do meu peito.

CAPÍTULO 41

Camden



Já estive em alguns dos lugares mais extravagantes do mundo. Tive um encontro casual em um café em frente à Torre Eiffel e jantei até altas horas da noite em uma mesa em uma rua de paralelepípedos com vista para a Costa Amalfitana. Nenhum encontro se compara à noite que estou tendo com Pippa.

Ela lambe ansiosamente a casquinha de sorvete em sua mão, tentando acompanhar as gotas de sorvete derretido escorrendo por seus dedos. É a coisa mais adorável vê-la fazer isso, mas também me deixa incrivelmente excitado. Sua língua aparece para pegar um gotejamento que escorre por sua mão. Ela não consegue comer a casquinha de sorvete rápido o suficiente, mesmo depois de jurar que queria duas bolas em cima da casquinha em vez de uma. Os granulados de arco-íris continuam caindo do topo, incapazes de grudar no sorvete de biscoitos e creme derretido.

Não posso deixar de rir quando uma bola escorre de cima, caindo em cima de seu polegar.

Ela me dá um olhar maligno, lambendo-o. — Isso não é engraçado.

Agarro seu pulso, puxando-a para mais perto. Mantenho contato visual enquanto me inclino e lambo seu antebraço até sua mão.

Seus olhos se arregalam, olhando ao redor para olhar para as pessoas ao nosso redor enquanto eu faço isso novamente no lado oposto de seu braço, deixando-a bem e limpa.

— Camden, — ela repreende, tentando se soltar do meu alcance.

Meus dedos apertam. Faço questão de esperar até que ela olhe para mim, com as bochechas rosadas de vergonha, enquanto coloco a língua para fora e lambo o topo do sorvete antes que ele derreta novamente. Seu olhar esquenta quando repito, sabendo *exatamente* onde está sua cabeça. É o mesmo lugar que a minha, pensando nas coisas sujas e deliciosas que eu poderia fazer com ela em vez desta casquinha de sorvete.

— As pessoas estão olhando, — ela sussurra e grita. Seus olhos percorrem nosso entorno novamente. Eu sorrio porque há toneladas de pessoas ao nosso redor. Aparentemente, esta noite é noite para comprar sorvete na lojinha da cidade. Esperamos vinte minutos na fila só para pegar nosso sorvete. E agora, andamos pela praça da cidade com o que parece ser o resto da cidade.

— Deixe-os olhar, — respondo humildemente, lambendo uma pequena gota que escorre pelas costas da mão dela.

— Eles vão saber que nós... — Eu interrompi suas palavras, pegando seus lábios nos meus. Ela tem um gosto doce, como sorvete e biscoitos. Quando sua língua encontra a minha ansiosamente, apesar de seu argumento de que as pessoas nos observam, é fria e doce.

Nós nos perdemos no momento, nos beijando como um casal de adolescentes, sem nos importar com quem está ao nosso redor.

Pippa solta um grito, se afastando e olhando para o braço. O sorvete escorre por toda parte. Eu gostaria de poder reprimir sua risada e mantê-la para sempre. — Oh meu Deus, — ela murmura, tentando usar o único guardanapo que lhe deram para limpar a bagunça.

Ela dá alguns passos, jogando a casquinha de sorvete no lixo. Ela continua tentando usar o guardanapo para se limpar antes que eu enfie a mão

no bolso e lhe entregue uma pilha que tirei do balcão. — Peguei alguns extras. Achei que aquela informação extra que você disse ao homem que precisava poderia complicar as coisas.

Seu sorriso é brilhante e radiante quando ela os arranca da minha mão, enxugando o braço e limpando a bagunça. — O que eu faria sem você? — Ela brinca.

Espero que você nunca descubra.

Mantenho meus lábios pressionados para não dizer as palavras em voz alta. Já admiti o suficiente esta noite. Mais do que eu jamais imaginei que faria. Antes de dizer qualquer outra coisa, preciso descobrir o que se passa na minha cabeça quando se trata dela, e talvez até mesmo do meu coração estúpido, algo que eu nem sabia que tinha.

Passamos por grupos de pessoas, todas parando Pippa para tentar falar com ela. Ela responde educadamente às perguntas, mas é boa em encerrar a conversa mais cedo e seguir em frente. Não passou despercebido que não adoro como ela me apresenta como seu amigo. Eu nunca fui amigo dela, e ela está agindo como se todos aqui não tivessem olhos e simplesmente não nos vissem com a língua na garganta um do outro.

Eu mantenho minha boca fechada porque não há muito que eu possa realmente dizer. Não somos namorado e namorada. Precisaríamos ser mais sérios para isso, e não sei se é isso que ela quer. Eu sei que não pretendo nem respirar na mesma direção que outra mulher — seria inútil. Elas nunca se comparariam ao controle que Pippa tem sobre mim. Mas ela se sente da mesma maneira? Existe algum homem nesta cidade que está ansiando por ela, apenas esperando que ela olhe em sua direção? Há alguém aqui que já partiu o coração antes? Que ela está esperando desesperadamente que ele olhe para ela?

Esses são os pensamentos que me atormentam enquanto caminhamos pela calçada mal iluminada. A galeria e o café não estão muito longe de nós, mas estão na direção oposta. Não sei para onde ela está me levando, mas

apenas sigo seu exemplo, muito preocupado em me perguntar se é muito cedo para pedi-la em casamento.

Ela deve sentir que eu fico em silêncio porque ela entrelaça o braço no meu e coloca a cabeça no meu ombro. — Você não vai perguntar para onde estamos indo?

Olho para frente, sem me importar para onde vamos. Estou muito perdido pensando no que acontecerá a seguir para nós. O que eu quero? O que é realista? Mais importante ainda... o que *ela* quer?

Pippa para, virando-se para mim com as sobrancelhas levantadas. — Você está quieto. E não no normal *eu sou Camden Hunter, e sou* meio taciturno, — ela zomba, sua voz profunda em uma impressão terrível de mim. — Mas é mais como se você estivesse na sua cabeça.

Preciso tocá-la e sentir sua pele contra a minha. Sem qualquer desculpa, estendo a mão e passo o polegar ao longo de sua bochecha. Ela se inclina quase imediatamente. — Eu me perdi por um minuto. — Eu olho ao nosso redor. — Para onde você está me levando, bolinho?

Ela me lança um olhar questionador por alguns segundos antes de seu rosto se iluminar com um sorriso. Deus, meu batimento cardíaco acelera ao ver seu sorriso. Está radiante. Quero pegar meu telefone e capturá-lo para sempre, querendo sempre lembrar dela olhando para mim desse jeito.

— Estou levando você para refazer, — ela afirma com naturalidade.

Minha cabeça inclina para o lado. — Refazer?

Eu deveria estar com medo do brilho malicioso em seus olhos. Não pode ser bom para mim. Ela enfia as mãos no bolso da minha jaqueta, me puxando pelo tecido até ela. — Sim, um refazer. Nas encostas. Você vai causar uma primeira impressão melhor em mim.

— Acho que as primeiras impressões já se foram. Eu senti você gozar contra minha língua.

Seus olhos se arregalam, sua mão subindo e batendo na minha boca enquanto ela olha ao nosso redor. Não há ninguém ao alcance da voz, mas ela

verifica por precaução. Eu sorrio sob seu toque. Deus, é tão divertido irritar suas penas e fazê-la corar.

— Faça isso por mim, — ela implora, olhando para mim com olhos de cachorrinho. Acho que daria a ela tudo o que ela quisesse se ela continuasse olhando para mim com aqueles olhos arregalados e adoráveis. — Quero ir até o bar sozinha e ver você atrás de mim minutos depois. Quero que você me pague uma cerveja, uma que não seja derramada. E então, se você tiver sorte, direi sim para um baile com você.

— E se eu não dançar?

— Você fará isso por mim.

— Você não está errada.

Ela sorri para mim, dando vida ao meu peito. Eu costumava pensar que era frio, escuro e vazio onde meu coração deveria estar. A única pessoa que amei de verdade foi vovó - e talvez Beck. Mas pensei que seria uma desolação para sempre para uma mulher. Acontece que acho que estava apenas esperando por Pippa.

Antes que qualquer outra coisa seja dita, ela entrelaça os dedos nos meus e me puxa para o último lugar onde quero estar. Tentei evitar vir aqui pela primeira vez em horas. Beck não quis ouvir nada disso — mais como Margo não ouviria. Era a despedida de solteiro e a despedida de solteira deles, e Margo estava decidida a ir ao bar turístico do interior. Se alguém quisesse me interrogar, provavelmente poderia me trancar no bar por dias, e eu perderia a cabeça. Eu não danço música country e não danço música com pessoas com chapéus de cowboy cafonas. No entanto, aqui estou eu, deixando Pippa me puxar em direção ao bar sem reclamar.

Se ela quiser refazer, eu darei a ela. Seria bom para nós. Eu gostaria o tempo todo de poder retirar as coisas que disse a ela com aborrecimento na primeira vez que nos conhecemos. Eu estava sendo um idiota porque não queria estar lá e descontei nela. Desta vez, farei melhor. Vou comprar a cerveja barata e desagradável para ela porque ela quer. Vou puxá-la para a pista de dança, mesmo que a técnica clássica que aprendi quando criança não seja nada

parecida com a dança boba que estava acontecendo na última vez que estivemos aqui. Vou deixar que ela me ensine a dançar com todos os aspirantes a cowboys. Então vou tirá-la da pista de dança e colocá-la em um canto escuro e mostrar-lhe como deveria ter sido nosso primeiro encontro.

Pippa pula ansiosamente enquanto esperamos em uma pequena fila para entrar. — Precisamos comprar um chapéu de cowboy para você! — Ela declara.

Eu gemo, balançando a cabeça violentamente. — Eu traço o limite para um chapéu de cowboy.

Ela estica o lábio inferior em um beicinho. — Você não pode ir para Slopes sem um chapéu de cowboy.

— Certamente você pode. Eu já fiz isso antes. Além disso, não vejo você usando um.

Ela revira os olhos, sorrindo para alguém na nossa frente que diz o nome dela.

O argumento do chapéu de cowboy é abandonado por um momento quando entramos. Está movimentado, mas não tão movimentado como quando vim para a despedida de solteiro de Beck.

Beck *nunca* descobrirá que voltei. Ele nunca me deixaria ouvir o fim disso. Este será um segredo que levarei para o túmulo.

O sorriso no rosto de Pippa enquanto ela me leva mais fundo na agitação da noite me faz esquecer o quanto odeio esse lugar. Se ela está feliz, então estou feliz. Mesmo que cheire muito a suor e cerveja barata. Prefiro estar de volta a uma de nossas casas com o rosto enterrado entre as coxas dela.

Ela se vira para olhar para mim, com ansiedade no rosto. — Ok, vou ao bar. Em cinco minutos você vai fingir que somos estranhos e pedir uma bebida para mim.

— Se outro homem tentar falar com você nesse período, eu o matarei.

Ela empurra meu peito, revirando os olhos dramaticamente. — Ninguém vai vir até mim, Camden. Só você.

Soltei um rosnado baixo, mas não sei se ela ouve. Eu não acho que ela perceba o quão deslumbrante ela é. É claro que um homem tentará falar com ela. Basta olhar para ela.

Ela me deixa ali sozinho, observando-a caminhar até o bar. Fico encostado na parede, sem tirar os olhos dela. Ela é sexy demais para seu próprio bem. Ela está muito arrumada para o bar esta noite, nós dois estamos, o que chama ainda mais atenção para ela. Olho para todos ao redor e cerro o punho ao lado do corpo quando noto um homem olhando para ela do outro lado do bar. Ele está prestando muita atenção à minha garota para o meu gosto. Tento ignorar porque quando olho para ela, ela não o notou. Ela está perdida em seu próprio mundo, conversando com o barman. Eles parecem amigáveis, mas o homem atrás do bar com quem ela fala parece seguro. Ele olha para ela com carinho, não com atração.

Olho meu relógio e descubro que faz apenas um minuto desde que ela foi ao bar. Como diabos vou ficar aqui por mais quatro minutos? Talvez eu possa ir para lá agora. Certamente ela não sabe a hora exata em que devo encontrá-la no bar.

Estou dizendo a mim mesmo que vou esperar mais dois minutos quando um homem se aproxima dela.

Oh infernos não. Este homem não parece seguro. Ele deixa sua mão acariciar suas costas, puxando-a para um abraço que é amigável demais para o meu gosto. Eu me empurro para fora da parede, indo na direção deles. Fodam-se os cinco minutos.

Eu me forço a ficar entre eles, inclinando-me sobre o bar em ambos os pontos de vista.

— O que temos aqui? — Eu rosno, meus olhos fixos nos de Pippa.

— Ei, cara, estamos ocupados, — diz o idiota que tenta falar com Pippa.

Deixei escapar um zumbido de desaprovação, sem desviar o olhar de Pippa. — Ela não está interessada.

O cara fica boquiaberto, um som estranho saindo de sua garganta. — Você conhece esse cara, Pip?

Ela me conhece? — Eu diria que sim. Ela estava se aproximando do meu pa..

— Não, Chase, eu não o conheço, — Pippa interrompe, dando ao cara um sorriso de desculpas.

Você deve estar brincando comigo. Meu sangue ferve de raiva ciumenta. Ela me disse que queria jogar esse joguinho e fingir que não nos conhecíamos, mas isso foi antes de algum idiota do interior começar a olhar para ela como se a estivesse imaginando nua.

— Talvez devêssemos ir para outro lugar, — o cara, Chase, aparentemente, oferece, corajoso o suficiente para colocar a mão sobre a de Pippa.

Eu vejo vermelho. Envolvendo minha mão em sua cintura, eu a puxo para mais perto de mim. — Deixe-me pagar uma cerveja para você, — rosno. As palavras são raivosas, provocando um arrepio nas costas de Pippa.

— Que diabos, — chama Chase, tentando envolver Pippa mais uma vez com os dedos. Ela solta a mão dele, lutando contra suas tentativas.

Boa menina.

— Quem é você? — Eu mordo.

— O ex dela. Quem é você?

Minhas sobrancelhas se erguem quando olho para Pippa. — Ex? — Minhas palavras saem frias e cheias de veneno.

Isso ficou muito mais interessante.

CAPÍTULO 42

Pippa



— Engraçado. Ela nunca mencionou seus ex-namorados. Exceto pelo fato de que eles não conseguiram fazê-la go...

— Tudo bem, bem, vou pedir uma cerveja, — interrompo Camden, não querendo ferir os sentimentos de Chase. Ele é doce; ele simplesmente não era para mim. Não que eu fosse considerá-lo um ex. Não importa o que aconteça, não quero que ele seja intimidado por Camden porque está com ciúmes.

Ele fica muito quente quando está com ciúmes. Uma veia apareceu no meio de sua testa. Ele está todo tenso, os músculos da mandíbula se exibindo em ondulações toda vez que ele aperta a mandíbula.

— Um Miller? — Chase pergunta, tentando chamar a atenção do barman.

Sinto o rosnado profundo de Camden nas minhas costas. Tento esconder o arrepio que percorre meu corpo de excitação.

Droga. Por que eu amo tanto o ciumento Camden?

Antes que eu possa responder, Camden já chamou a atenção de outro barman e está fazendo o pedido. — Duas Stellas, — ele corta, entregando uma nota de cem dólares.

— Vou pegar o seu troco, — Linna responde. Ela era duas séries mais velha que eu no ensino médio e uma das minhas bartenders favoritas aqui no Slopes. Ela sabe como fazer uma bela dose de limoncello. Boa o suficiente para me deixar de ressaca por dias depois de alguns.

— Não se preocupe com isso. Fique com ele.

Ela olha para ele com os olhos arregalados. Essa é uma gorjeta pesada, mas mantenho minha boca fechada. Mesmo quando Chase solta um suspiro irritado do meu outro lado.

— Você nem gosta de Stella, — ele murmura baixinho.

Na verdade, eu amo Stella. Eu sempre peço a merda barata porque posso tomar duas cervejas pelo preço de uma. Meu objetivo é economizar dinheiro. Cerveja é cerveja. Mas nunca recusarei uma bebida mais saborosa e cara.

— Você pode ir agora, — Camden fala lentamente, sua mão apertando minha cintura novamente. — Ela não está interessada.

Sua mão em volta da minha cintura é possessiva. Eu me sinto mal porque menti para Chase e fiz parecer que Camden e eu somos estranhos quando não somos nada disso. Não mudo minha história porque quero fingir que Camden e eu não nos conhecemos para que possamos refazer. Chase é apenas uma vítima disso.

Chase me encara, provavelmente esperando que eu repreenda Camden. Eu não. Em vez disso, dou-lhe um sorriso amigável. — Eu te ligo mais tarde? — Eu ofereço educadamente.

— Ela não vai, — Camden responde atrás de mim. Eu dou a ele um olhar sujo. O ciúme de Camden é outra coisa.

Chase mantém contato visual por mais alguns momentos antes de recuar com os braços no ar. Eu gemo, sabendo que ele provavelmente já está mandando uma mensagem para meu irmão contando sobre esse encontro. Contudo, não creio que Cade dirá alguma coisa. Ele está muito ocupado se matando preparando as coisas para o inverno e lamentando por Mare. Mas pode ser uma conversa interessante se de alguma forma ele prestar atenção e

me perguntar o que está acontecendo entre mim e o cara que trouxe para a fazenda.

Assim que Chase desaparece, Camden puxa meu quadril e me encara na direção dele. O ciúme está estampado em seu rosto. O aperto de sua mandíbula, seus lábios retos e olhos estreitados.

— Você se divertiu? — Ele corta, acenando para Linna quando ela entrega nossas cervejas.

Evito sua pergunta por um momento, tomando um longo gole de cerveja. É deliciosa. Não admira que seja mais cara. Tem um gosto muito melhor.

— Isso é incrível, — murmuro, meus lábios se movendo contra o topo da garrafa.

— Responda a minha pergunta.

— Obrigado pela cerveja, — eu digo, batendo contra aquela que ele não tocou na mão. — Já que você me comprou uma cerveja, acho que deveria pelo menos saber seu nome.

Ele me encara, sem nenhum sinal de diversão em seu rosto. Isso é divertido.

— Você é ciumento? — Eu provoco.

Ele estende a mão livre entre nós. — Camden, — ele fala, movendo os dedos, gesticulando para que eu aperte os seus.

Coloco minha mão na dele, gritando quando ele me puxa contra seu corpo. Ele alinha a boca perto da minha orelha. Sinto arrepios no corpo quando sua respiração atinge o ponto atrás da minha orelha, o que me deixa louca.

— Seu. Isso é o que eu sou, — ele sussurra. — E você não precisa me dizer seu nome. É *minha*.

Eu gemo quando ele beija o local debaixo da minha orelha. Minha pele fica arrepiada. Seus lábios são ternos, mas possessivos. — Ah, eu sua agora?

Ele concorda. — Sim. E eu odiei cada maldito segundo dele olhando para você.

— Ele não importa, — eu admito, minhas costas arqueando enquanto seus lábios se movem pelo meu pescoço.

— Com certeza, ele não sabe.

— Ei, Camden?

— Sim, baby?

— Podemos esquecer tudo sobre aquela dança? Quero que você me leve para a cama. Estou realmente excitada depois de ver você virar um homem das cavernas. — Ele arranca os lábios do meu pescoço, me olhando como se estivesse tentando descobrir se estou falando sério ou não. — Sempre podemos voltar aqui, certo? Farei isso corretamente e forçarei você a usar chapéu de cowboy, botas e tudo mais.

— Não está acontecendo.

Eu sorrio, tomando um longo gole da minha cerveja. Não vou desperdiçar a boa cerveja. — Está absolutamente acontecendo. Mas estou muito molhada agora e preciso que você cuide disso.

Ele me dá um sorriso de lobo. Estendendo a mão, ele bate sua cerveja cheia contra a minha, um tilintar alto preenchendo o espaço entre nós. — Beba sua cerveja, bolinho. Estamos indo embora.

Faço o que me mandam, bebendo até a última gota o mais rápido que posso antes de deixá-lo me puxar do bar. Meu coração dispara em antecipação enquanto ele me leva para fora da porta. As pessoas tentam parar e falar comigo, mas não presto atenção em nenhuma delas. Entre minhas coxas está ficando cada vez mais molhado enquanto sonho com todas as maneiras que ele vai me punir por aquela coisinha com Chase.

Talvez seja por isso que deixei isso acontecer. Talvez eu quisesse deixá-lo com ciúmes para poder ver como ele agia. Não vou admitir isso para ele, mas enquanto meus pés se apressam para tentar acompanhá-lo, sei que tudo isso foi feito de propósito.

Ele não diz uma palavra enquanto me puxa pela calçada. Não devo ser rápida o suficiente para ele porque, eventualmente, ele para no meio do

caminho. Estou abrindo a boca para perguntar por que ele está parando quando estou encharcada e preciso dele imediatamente quando ele me tira do chão e agarra meu corpo contra seu peito.

— Uau! — Eu grito, passando meus braços em volta do pescoço dele. — O que você está fazendo?

— Você é muito lenta, e como não acho que você vai me deixar comer sua boceta em uma dessas ruas laterais onde qualquer pessoa em sua preciosa cidade pode encontrá-la, estou carregando você para sua casa.

— Oh, — eu sussurro, apertando minhas coxas porque, caramba, isso é quente.

Fizemos sexo há apenas algumas horas e já estou pronta para que isso aconteça novamente. Estou ansiosa para ver o que ele tem reservado para mim. Ele ainda estará com raiva quando chegarmos à minha casa, que fica a alguns quarteirões de distância? Ele vai descontar em mim? Me punir um pouco antes de finalmente me deixar gozar? Ou verei o lado suave de Camden novamente? Aquele em que ele lentamente entra e sai de mim com os olhos fixos nos meus.

— Pare de se contorcer, — ele diz com os dentes cerrados.

— Sinto muito, — murmuro.

— Não, você não sente. Você adora saber que estou duro como uma pedra, imaginando como sua calcinha deve estar encharcada agora.

Eu gemo. Por que eu tenho que ter moral? Certamente ninguém nos veria se simplesmente nos enfiássemos entre dois prédios...

— Foda-se, — comenta Camden, virando à direita e nos levando entre uma loja turística cheia de camisetas e bugigangas e a delicatessen local.

Ele nos leva para dentro do beco, me empurrando com força contra a parede de tijolos quando me coloca de pé.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, já sabendo exatamente o que ele planejou pela maneira como ele empurra o tecido do vestido que eu coloquei nas minhas coxas.

— Comendo sua boceta, — ele afirma casualmente, como se as palavras não fossem perversas e sujas e qualquer um pudesse estar andando na calçada a poucos metros de nós.

— Minha casa não fica muito longe daqui. — Olho ansiosamente para a rua. É iluminado pelas luzes da rua, pelos carros ocasionais que passam. Até agora, ninguém caminha por ela, mas isso não significa que alguém não o faça.

— É muito longe. O café fica muito longe. Tudo está muito longe. Eu preciso de você agora.

Estou ficando acostumada a ver esse homem cair de joelhos por minha causa. O cascalho embaixo dele não pode ser confortável, mas ele não age como se fosse desconfortável. Ele está muito ocupado puxando minha calcinha para baixo, olhando avidamente entre minhas pernas.

— E se alguém nos pegar?

— Então eles nos pegam, — ele responde, colocando as palmas das mãos dentro das minhas coxas para abrir minhas pernas.

Eu não deveria estar fazendo isso. Eu ficaria horrorizada se alguém visse. Mas eu preciso dele mais do que tudo. Esse ataque de ciúme me deixou desesperada por ele. E não posso mentir que a emoção de ele me comer aqui mesmo, onde qualquer um poderia nos encontrar, me excita ainda mais.

— Vou fazer isso rápido, mas fenomenal, querida. Por favor, deixe-me provar você.

Minha cabeça cai contra o tijolo depois de ouvir o desespero em sua voz. — Você acabou de implorar para me comer na rua? — Eu provoco, agarrando a saia do meu vestido para que ele não me cubra.

— Eu fiz. — Ele não olha para mim, seu foco permanece entre minhas coxas. Antes dele, eu odiava ser comida na rua, não que isso acontecesse com frequência. Agora penso que poderia habituar-me a sentir a sua boca contra o meu clitóris e a vê-lo provocar-me com a sua língua enquanto os seus dedos empurram para dentro e para fora de mim. — Agora posso fazer você gozar? Por favor?

— Sim, — eu ofego porque, puta merda, esse *por favor* pode ter sido a palavra mais sexy que já saiu de sua boca.

Ele não me aquece nem me provoca. Ele sela sua boca em minha carne macia, sua língua batendo contra meu clitóris imediatamente. Ele não deve estar satisfeito com a minha posição porque prende uma das minhas pernas por cima do ombro, permitindo-lhe enterrar o rosto mais profundamente entre as minhas coxas.

Uma das minhas mãos encontra seu ombro definido, sentindo seus músculos esculpidos mesmo abaixo da jaqueta e da camisa elegantes. O outro se enrosca em seu cabelo, agarrando-o com tanta força, certificando-se de que ele não suba para respirar até que eu chegue contra sua língua.

Ele geme enquanto eu o prendo contra mim, o que em troca me faz gemer junto com ele. É o quanto ele se diverte ao me tirar do sério. Não demora muito para ele cumprir sua palavra. Não sei se ele alguma vez vem respirar antes de eu gemer seu nome para o céu noturno, meus dedos agarrando seu cabelo enquanto eu esfrego sua boca.

Meus gemidos são amplificados pelos dois prédios de tijolos de cada lado de nós. Eles ecoam, fazendo meus gemidos de prazer parecerem muito mais altos do que eles.

Camden não move a boca até ter certeza de que tirei tudo o que era possível do orgasmo. Ele se afasta, sua boca molhada comigo. Fica ainda mais quente quando seus lábios, cobertos pela minha excitação, se abrem em um sorriso.

— Você é tão sexy, bolinho, — ele reflete, pegando minha calcinha e colocando-a no bolso. Ele a jogou no chão, não havia nenhuma maneira de eu colocá-la de volta. Faço uma nota mental para ter certeza de que vou recuperá-la dele. Ela é uma das minhas mais legais.

Eu me apoio em seus ombros enquanto ele arruma meu vestido antes de ficar em pé. Acabei de gozar, mas quero mais dele. Mais disso, mas não com a adrenalina de ser pego.

— Leve-me para casa, — eu sussurro, mordendo meu lábio de brincadeira. Ele puxa meus lábios entre os dentes, substituindo-os pelos seus.

— Com prazer. — Ele me beija, lenta e deliberadamente. Suas mãos encontram meus quadris. Estou prestes a lembrá-lo que precisamos nos apressar quando uma luz brilhante ilumina nós dois.

— Crianças! — Alguém late. — Este não é o lugar para brincar. Vão em frente.

Aperto os olhos, erguendo a mão para tentar ver além da luz que brilha em meu rosto. A figura aparece assim que me afasto de Camden.

— Pippa? — Uma voz pergunta em estado de choque. — Isso é você?

Eu gemo, colocando um sorriso falso no rosto. — Olá, xerife Phillips.

Ele franze a testa por baixo do bigode. — O que você está fazendo? — Suas palavras são cuidadosas, mas acusadoras, enquanto ele olha entre Camden e eu.

Merda. Entre Rosemary, o pequeno show no Pop's, Chase, e ser pega pelo Xerife Phillips, eu serei o assunto da cidade amanhã.

Ótimo.

— Eu tinha, uh... — Olho em volta para tentar pensar em uma desculpa boa o suficiente para dar ao homem cuja esposa costumava dar aulas na minha escola bíblica. — Uma farpa, — corro para dizer, fechando os olhos no momento em que as palavras saem da minha boca, porque elas não são nem um pouco críveis.

— Uma farpa? — Ele estreita seus olhos já pequenos para mim.

Arrisco um olhar ansioso na direção de Camden, encontrando uma sobrancelha levantada quando ele olha para mim.

— Sim, — eu digo, me comprometendo com essa história porque não tenho outra escolha.

— Na sua boca?

— Um acidente terrível, — Camden oferece antes de tentar esconder uma risada com uma tosse.

O xerife Phillips não parece acreditar em mim. Tento dar-lhe um sorriso inocente enquanto ele olha entre nós dois.

— Eu ouvi gemidos. Achei que alguém estava ferido.

Fecho os olhos, tentando lutar contra o sorriso que quer florescer em meu rosto. Isso não deveria ser nada engraçado, mas sempre ri em situações desconfortáveis — algo que herdei da minha mãe — e, no momento, não consigo evitar.

— Tudo certo. Apenas uma lasca profunda, — eu respondo, minha voz tensa porque estou tentando muito não rir. Não tenho como dizer a esse homem que, em vez de Camden me ajudar com uma farpa, ele estava me comendo e ninguém ficou ferido. O orgasmo foi tão bom.

O xerife Phillips parece não acreditar em mim, mas não diz nada. Ele apenas segura a lanterna entre Camden e eu e dá um passo para trás.

— Bem, conserte sua farpa na privacidade da sua casa, — ele repreende.

— Sim, senhor, — respondo, minhas bochechas doem de tentar lutar contra o sorriso.

Ele se vira e vai embora. Consigo segurar a risada por mais dois segundos antes que ela borbulhe do fundo do meu peito.

Eu me dobro, rindo muito porque estava a poucos minutos do xerife me pegar com Camden entre minhas coxas.

— Que bom que você achou isso hilário. Eu só precisava falar com aquele homem com tesão, — reclama Camden.

CAPÍTULO 43

Pippa



Meu telefone vibrando na mesa de cabeceira me acorda. Eu gemo, me repreendendo por não ter colocado o não perturbe na noite passada. Jurei que tinha feito isso antes de Camden e fui para a terceira rodada da noite, mas ele pode ter me distraído antes que eu pudesse fazer isso.

Ignoro meu telefone, abrindo um olho para encontrar Camden dormindo profundamente ao meu lado. Ele está deitado de costas, o lençol mal protegendo seu corpo nu. Ele cai sobre seus quadris, me dando uma visão perfeita de seu abdômen esculpido. Lembro-me de prestar muita atenção neles ontem à noite, traçando as fendas com a língua entre os músculos que ele teve que trabalhar duro para manter.

Bem, agora que estou acordada...

Eu tenho o dia de folga. Eu poderia tecnicamente começar a manhã com o pau de Camden na minha garganta, vendo quanto tempo eu poderia tocá-lo até que ele acordasse. Estou lambendo os lábios, me preparando para deslizar a mão pelos seus músculos, quando meu telefone toca novamente.

Tiro-o da mesa de cabeceira e encontro o nome do meu irmão na tela. Deslizo para atender, tentando manter a voz baixa para não acordar Camden.

— Tudo certo? — Eu pergunto, minha voz embargada por não ter sido usada esta manhã. Ou talvez seja porque passei metade da noite gemendo o nome de Camden, deixando minha garganta rouca esta manhã.

— Vou para o aeroporto — Cade diz, suas palavras me fazendo levantar na cama.

— O quê? — Eu pergunto, chocada.

— Vou para Chicago ver Mare. Para dizer a ela que vou me mudar para lá ou fazer o que for preciso para estar com ela. Sinto falta dela, Pip. Eu tenho que vê-la.

Respiro fundo. — Ok, bem, para começar, já era hora.

Ele não deve achar engraçado porque não responde.

— Ela está animada para ver você? — Pergunto, feliz porque talvez finalmente ele a veja e pare de ficar deprimido. Estou pronta para ter o Cade normal de volta. Ele sempre foi taciturno, mas é mais tolerável quando Mare está por perto.

— Essa é a coisa. Estou surpreendendo ela.

— Oh, — eu respondo, sabendo que Mare não é muito boa com surpresas. Não digo isso a ele porque estou feliz que ele esteja indo lá e fazendo um grande gesto por ela. É fofo.

— É uma ideia idiota? — Ele pergunta, sua voz nervosa.

— De jeito nenhum. É romântico. Ela vai adorar.

— Eu só preciso vê-la, Pip. Tudo dói porque sinto muita falta dela.

— Então é bom que você vá vê-la. As meninas gostam de gestos grandes e românticos — acrescento, olhando para Camden adormecido. Exceto que ele não está mais dormindo. Ele está acordado e olhando diretamente para mim.

— Papai e eu conversamos ontem à noite. Não estou tomando nenhuma decisão precipitada agora, a não ser ir vê-la. Mas farei o que for preciso para

estar com ela. Mesmo que isso signifique mudar para Chicago, se for disso que ela precisa.

Engulo em seco porque não consigo imaginar como seria não ter Cade ou Mare aqui. Eu sentiria muita falta dos dois. Grande parte da minha vida se entrelaçou com a deles ao longo dos anos. Mas não digo nada porque, mais do que tudo, quero que eles sejam felizes. Além disso, se eu sei alguma coisa sobre Mare, sei que o coração dela realmente pertence a Suttten.

— Tudo bem? — Ele parece tão inseguro que faz meu coração doer.

— Claro, Cade, — respondo, não querendo imaginar como seria Suttten sem ele, Mare ou mamãe. — Vá buscar nossa garota, — acrescento, tentando aliviar o clima.

Ele ri. — Espero que ela não me veja novamente e questione por que ela se apaixonou por mim.

— Até parece, — eu digo, balançando a cabeça, mesmo que ele não consiga ver nada. — Ela é obcecada por você desde que éramos crianças. Ela te ama, Cade. Estou animada para que vocês dois voltem a ficar juntos. Você estava ficando um pouco mal-humorado... mesmo para os seus padrões.

Não preciso vê-lo para saber que ele está revirando os olhos para mim agora. Eu sorrio, animada para saber como vai ser.

— Me avise quando chegar aí, ok? Mantenha-me atualizada.

— Eu vou. Te amo, Pip.

— Amo você, — respondo antes de desligar o telefone e colocá-lo de volta na mesa de cabeceira mais uma vez.

Camden me dá um sorriso sonolento, abrindo bem os braços. — Venha deitar comigo. — Sua voz é rouca e sexy. Eu ouço, colocando meu rosto em seu peito e apreciando a maneira como ele me envolve em um abraço caloroso.

— Eu voto para voltarmos a dormir um pouco, — ele murmura contra meu cabelo. — Vamos descansar um pouco mais antes de eu lhe dar um bom dia adequado.

Eu sorrio em seu peito. — Ou eu *lhe dou* um bom dia adequado, — provoco, aconchegando-me mais profundamente nele.

Ele puxa o cobertor sobre nós dois. — Eu também não me importaria com isso. Mas primeiro, você precisa dormir mais.

— E por que isto?

— Porque eu mantive você acordada até tarde, querida. Sem arrependimentos. Mas durma mais um pouco. — Ele suavemente passa os dedos pelo meu cabelo. Fecho os olhos, amando a sensação. Ele facilmente me faz voltar a dormir.



Acordo com o sol batendo no meu rosto. Minhas pernas se esticam debaixo do cobertor, roçando suavemente as de Camden. Abro os olhos e o encontro já acordado.

— Dormiu bem? — Ele pergunta, segurando minha bochecha.

— Você estava certo. Aquele sono extra era necessário, — admito. Eu nem me lembro a que horas Cade ligou, mas sei que já era de manhã cedo quando Camden e eu adormecemos.

Você poderia dizer que foi um primeiro encontro *muito bom*.

— Você dormiu? — Eu pergunto, deixando meus dedos vagarem ao longo de seu abdômen. Eles apertam sob meu toque. Ele realmente é tão perfeito quanto a arte que cria. Com o tempo, quero memorizar a forma como cada um de seus músculos ondula sob meu beijo.

— Não, mas estou acostumado a não dormir muito. Tudo parte do show.

Concordo com a cabeça, deixando meus dedos traçarem seus músculos oblíquos grossos e pronunciados. — Sinto muito por mantê-lo acordado até tarde.

Ele sorri, dando um pequeno beijo no meu nariz. — Foi tudo culpa sua eu ter passado tanto tempo punindo, e dando prazer a você, por aquela pequena façanha que você fez no Skis.

— Slopes, — eu corrijo com uma risada.

— Meu ponto ainda permanece. — Ele respira fundo quando as costas dos meus dedos flutuam contra seu pau já duro. — Eu conheço uma maneira de você se desculpar comigo.

— Deite-se, — eu instruo, empurrando a palma da mão contra seu peito e usando a alavanca para empurrar meu corpo para longe do dele.

Ele me observa com atenção, fogo queimando em seus olhos. Estou molhada de vê-lo me olhar assim. Meus olhos deixam os dele, viajando pelo seu corpo.

— Tenho muitas desculpas a pedir, — sugiro, inclinando-me para beijar seu abdômen. Eu os lambo, querendo memorizar a sensação deles contra a minha língua.

Meus lábios continuam a percorrer seu corpo, sem pressa. Afasto o lençol, querendo vê-lo inteiro. Ele está pronto, seu pau grosso e duro, esperando por atenção. Eu o agarro, ajustando meus dedos ao redor de sua cintura.

— Porra, — ele respira, movendo levemente os quadris.

— Eu nem fiz nada ainda, — eu provoco, falando bem perto da ponta dele.

— Não importa. Tudo o que você faz me desfaz, bolinho. Você não vê isso? — Ele geme quando minha língua aparece e lambe levemente sua veia grossa.

Suas palavras alimentam meu desejo de fazê-lo se sentir bem. Para continuar a desfazê-lo até que ele não tenha escolha a não ser quebrar — e que ele precise de mim lá para juntar as peças novamente.

— Bom, — eu ofereço antes de envolver minha boca em torno dele e persuadir seu comprimento duro bem fundo.

— Puta merda. — Seus dedos encontram meu cabelo, mas desta vez ele me deixa me divertir. Ele apenas os mantém lá levemente, deixando-os apertar no meu cabelo emaranhado apenas o suficiente para lhe dar algo em que se segurar.

— É tão difícil colocar você na minha boca, — observo, colocando minha mão na base dele para tentar fazer com que ele se sinta bem o máximo possível.

— Você consegue, — ele incentiva.

Eu tento, abrindo mais a boca enquanto empurro mais dele em minha garganta desta vez. Seus gemidos me guiam, mesmo quando minhas bochechas queimam de tanto abrir.

Estou ocupada subindo e descendo, adorando o jeito que ele geme meu nome quando meu telefone vibra na mesa de cabeceira. Eu não presto atenção no começo, muito ocupada querendo que ele desça pela minha garganta novamente. Estivemos juntos várias vezes desde aquela primeira noite no Wake and Bake e depois na galeria dele, mas não fui capaz de tê-lo assim desde então, e estou ansiosa para senti-lo apertar todo o corpo entre meus lábios mais uma vez. Senti-lo descer pela minha garganta, manter contato visual enquanto engulo até a última gota dele.

Meu telefone vibra novamente, chamando minha atenção um pouco mais desta vez. Camden também deve ter ouvido, porque assim que começa a vibrar pela terceira vez, ele solta um grunhido irritado. — Ignore isso, — ele exige.

Eu saio, subindo na cama. — Eu só preciso ter certeza de que está tudo bem com meu irmão, — explico. — E se algo acontecesse?

Olho para meu identificador de chamadas e encontro o rosto de Mare lá. Estou prestes a ignorar, pensando que talvez ela esteja ligando para me contar que descobriu a surpresa, quando vejo que ela me mandou uma mensagem, dizendo para ligar para ela imediatamente.

— Não se atreva a fazer o que eu acho que você está fazendo, — Camden avisa, apertando seu pau.

— Um segundo, — digo a ele, levantando um dedo antes de deslizar para responder.

Sua cabeça cai para trás no travesseiro com um baque suave. — Você só pode estar brincando comigo.

CAPÍTULO 44

Camden



— Você não pode estar falando sério. — Minhas mãos descansam em meus quadris enquanto Pippa joga minhas calças da noite passada na cama.

— Eu disse que sinto muito! — Pippa diz, enfiando os braços nas mangas do moletom. — Se fosse qualquer outra coisa, eu teria dito que não poderia ajudar. Mas estes são meu irmão e minha melhor amiga, Camden.

Meu pau lateja. Tento passar as mãos nele para obter algum tipo de alívio, mas não adianta. Vou ficar desanimado e não há nada que eu possa dizer. Ela está determinada a ajudar as pessoas que ama, algo que eu admiraria se não estivesse duro como uma pedra por ela, meu pau ainda molhado com sua saliva.

— Você não precisa vir comigo. Você pode ficar aqui e esperar, e eu voltarei e... — Seus olhos se dirigem para meu pau. — Terminar o que comecei.

— Com certeza, terminaremos isso mais tarde, — rosno, com raiva vestindo minha cueca boxer.

— Você não tem pessoas que você ama? Pessoas para quem você deixaria coisas?

Eu largaria qualquer coisa por você.

Eu fecho meus lábios, não estou pronto para admitir isso. Tudo o que faço é vestir a roupa e lançar um olhar sujo em sua direção sempre que ela olha para mim. Eu odeio que ela seja uma boa pessoa. Eu não, na verdade não. Mas é realmente inconveniente no momento.

— Isso não estaria acontecendo se eles pudessem se comunicar melhor, — eu cuspo, seguindo-a até o banheiro.

Ela ri, passando uma escova no cabelo. É uma bagunça emaranhada da noite passada, por ter meus dedos entrelaçados enquanto eu a fodia. Eu estava realmente ansioso para puxar os longos fios de seu cabelo enquanto fodia seu rosto. Em vez disso, posso bancar o maldito cupido com ela para seu irmão e melhor amiga, que aparentemente não sabe usar um telefone.

— Provavelmente, — ela brinca. — Mas ambos são teimosos como o inferno. Eles queriam surpreender um ao outro. Eu acho que é fofo, mesmo que tenha falhado em ambos os lados.

— Por que não reservo um jato particular para sua amiga pegar um voo de volta para Chicago? Eu poderia mexer alguns pauzinhos e chegar lá rapidamente.

— Você alugaria um jato particular para a minha melhor amiga para que eu pudesse voltar a fazer um boquete em você?

Minha carranca se transforma em um sorriso. — Sim.

Ela diminui a distância entre nós, passando os braços em volta da minha cintura e olhando para mim com um sorriso. — Essa é a coisa mais doce que você já me disse, — ela brinca.

Reviro os olhos porque sei que disse coisas muito mais românticas. Coisas que me perguntei se deveria ter admitido ou não. — Isso é um sim? — Pego meu telefone e o seguro entre nós. — Vou fazer a ligação agora mesmo.

Ela empurra meu telefone. — Não. Saio em dois minutos. Se você vem comigo, você precisa estar pronto.

— O que acontece se eu não for? — Já decidi que irei com ela. Na minha cabeça, eu a tinha só para mim o dia todo. Não quero perder mais tempo com ela, mesmo que grande parte dele seja tragicamente gasto com outras pessoas.

— Então não considerarei você um romântico incurável. Isso o tornará muito menos atraente. Uma mini viagem vai ser divertida, — acrescenta ela, espremendo-se pela porta do banheiro.

— Mais um minuto, Camden! — ela chama de seu corredor. Olho para Kitty, que me encara com grandes olhos de cachorrinho. Seu rabo balança com entusiasmo, fazendo um som forte ao atingir a porta do banheiro.

Não tenho gel de cabelo aqui, o que é uma pena porque meu cabelo está uma bagunça. Molhei as mãos, tentando domesticá-lo da melhor maneira possível. Estou prestes a cortar o cabelo, mas não vou fazê-lo em Suttan. Da próxima vez que voltar a Manhattan, terei que marcar algo com meu barbeiro. A água não funciona tão bem quanto eu pensava. Meus olhos examinam o balcão do banheiro, tentando ver se ela tem alguma coisa que eu possa usar. Eu caio em uma lata vermelha gigante de spray de cabelo. Dando de ombros, tiro a tampa e borrifo meu cabelo, quase me atingindo nos olhos no processo.

— O que você está fazendo? — Pippa pergunta atrás de mim, um sorriso brincando em seus lábios.

A lata cai na pia, fazendo um barulho alto ao atingir o mármore. — Não tenho ideia do que você está falando. — Tenho certeza de que pareço culpado pra caralho, minhas mãos cruzadas sobre o peito enquanto tento agir de forma discreta.

Ela ri, as chaves tilintando em sua mão enquanto ela tenta disfarçar o sorriso. — Eu nunca vou deixar você esquecer isso. Só para você saber, era shampoo seco. *Não é* spray de cabelo.

Soltei um suspiro descontente, passando por ela e caminhando em direção à cozinha. Seus passos me seguem pelo corredor. Abro a porta, deixando Kitty sair para o quintal antes de sairmos.

Quando me viro, encontro Pippa ainda sorrindo para mim. — Meu cabelo parecia uma merda porque *alguém* puxou ele a noite toda. Você não tinha gel. A água não fez merda nenhuma. Era minha única opção.

Seus lábios se contraem. — Você é muito fofo quando está nervoso.

Reviro os olhos. — Perfeito. Em vez de descer pela sua garganta esta manhã, posso ouvir você me chamar de fofo. É exatamente assim que eu queria que a manhã fosse — resmungo, abrindo a porta dos fundos e deixando Kitty voltar. Dou algumas coçadinhas na orelha dela antes de Pippa bater palmas.

— Ok! Temos que ir. Esqueci que minha caminhonete precisava de gasolina, então teremos que pegar a van, mas será divertido. Talvez eu precise acelerar um pouco para não perdermos Cade.

— Kitty, tudo isso poderia ser resolvido se as pessoas soubessem como enviar mensagens de texto, — digo à cadela, dando-lhe uma última coçadinha no queixo. Acho que estou até me apegando a cachorra da Pippa.

Sigo Pippa pela porta da frente, esperando que ela a tranque antes de segui-la pela entrada. Passamos por sua caminhonete e paramos em sua van rosa brilhante. Lembro-me vividamente do casamento de Beck e Margo, da lembrança do glacê espalhado por todo o terno que me custou três mil dólares.

— Essa é a coisa *mais você* que eu já vi, — eu corto, subindo no banco do passageiro. Fecho a porta com um pouco de força demais, deixando óbvios meus pensamentos sobre nossa pequena viagem de campo atual.

Prefiro ter o meu pau na sua boca perfeita e quente neste momento. Ou neste momento, eu já estaria batendo nela por trás enquanto ela me observava transando com ela através do espelho em sua cômoda.

Ou eu poderia estar preparando o café da manhã para ela na cama, fazendo algo doce, porque ela me dá vontade de fazer coisas assim. Em vez disso, podemos bancar os casamenteiros de duas pessoas que poderiam resolver todos os seus problemas com um simples telefonema.

Pippa senta no banco do motorista, liga o carro e sai de ré rápido demais para que eu me sinta seguro. Eu agarro a alça acima da minha cabeça para salvar minha vida.

Ela olha para mim, balançando a cabeça. — Isso é um *pouco* dramático.

Acontece que não estou sendo dramático demais porque ela tem que pisar no freio antes de quase esbarrar no pobre carteiro.

Ela acena com a mão pela janela para ele. — Sinto muito, Joel! Estamos com pressa!

Ele dá a ela um aceno de desdém. Ela não espera muito por mais nada, pisa no pedal e sai correndo de seu bairro tranquilo. Eu fecho meus olhos. Não sou um homem religioso de forma alguma, mas rezo para que ela não nos mate antes mesmo de chegarmos até a amiga dela.

CAPÍTULO 45

Pippa



— Ok, então tentei me concentrar apenas em chegar até Cade, mas preciso perguntar. Como isso aconteceu? — Mare pergunta, olhando para mim com uma expressão ilegível no rosto. Ela fica olhando por cima do ombro para Camden, como se estivesse verificando se ele é real ou não.

Encontro os olhos de Camden através do meu espelho retrovisor. Ficou silencioso durante a maior parte da viagem de carro, mas ainda temos algum tempo até chegarmos ao aeroporto. Aparentemente, Mare quer passar esse tempo falando de mim, mesmo quando é ela quem está fazendo um grande e elaborado gesto de amor.

— Pip, você está namorando o turista idiota? — Mare pressiona, sua voz cheia de choque. Ela morde o lábio ansiosamente, seus olhos indo de Camden para mim e vice-versa.

— Sim, Pip, você está namorando o turista idiota? — Camden pergunta sarcasticamente de seu pequeno assento no fundo. Seria muito mais engraçado ver seu corpo alto e atlético espremido no assento pequeno demais para ele se eu não estivesse recebendo um tratamento de terceiro grau da minha melhor amiga.

Suspiro, arriscando olhar para Mare. — Você está fazendo muitas perguntas. Não podemos simplesmente conversar sobre o que você vai dizer ao Cade quando chegarmos ao aeroporto?

Ela balança a cabeça, um pequeno sorriso florescendo em seu rosto. *Vadia*. Não estou me intrometendo no que está acontecendo entre ela e Cade, embora tenha muitas perguntas.

— Já sei o que vou dizer a ele. Estamos falando de você. — Ela olha por cima do ombro novamente. — E como você acabou ficando com esse idiota.

Camden assobia. — Um tanto quanto severo, considerando que você nem me conheceu até hoje.

— Tecnicamente, conheci você no casamento do seu amigo.

— Eu dificilmente chamaria isso de reunião.

Mare cantarola. — Não importa. Eu sei coisas.

— E que tipo de coisas são essas?

— Coisas. — Ela bufa, olhando para mim em busca de ajuda. Não digo nada porque não sei o que dizer. Eu não estava preparada para que minha melhor amiga conhecesse meu... Camden. Não sei mais como chamá-lo. Namorado? Amante? Talvez seja hora de eu e Camden conversarmos sobre o que é isso.

— Bem, essas coisas que lhe disseram estavam erradas. Na verdade, se você a ver andando um pouco estranha hoje, é minha culpa.

— Camden! — Eu grito, querendo desaparecer. Mare apenas fica boquiaberta, com o queixo aberto.

Minhas bochechas devem estar tão vermelhas quanto os tomates que minha mãe cultivava em seu jardim. Eu não estou preparada para isso. Minha única graça salvadora é o fato de Cade não estar aqui também. Então eu realmente morreria de vergonha.

— Ela começou, — Camden reclama por trás. Não tenho coragem de encontrar seus olhos através do espelho, embora possa senti-lo me

observando. Ele vai ficar chateado quando deixarmos Mare, eu já sei disso. Eu me contorço, pensando no que isso pode significar para mim mais tarde.

— Então você está apenas namorando? — Mare estimula. — Afinal, o que você está fazendo em Suttan? — Ela pergunta, voltando-se para Camden.

— Sou dono da galeria ao lado da padaria dela.

— Aquele que os Richardsons possuíam, — acrescento. Pelo menos essa é uma resposta que posso dar no momento.

Mare pisca, claramente ainda confusa. — Ok, então você comprou a galeria ao lado, e isso levou a vocês dois... você sabe...

— Foder? — Camden termina.

Não preciso olhar para saber que Mare também está corando. Camden e aquela boca dele.

Eu rio. — Sabe, Mare, você escreve livros *muito* sujos para não conseguir dizer a palavra *foder*

— Cale a boca, — ela avisa. — Não estamos falando de mim. Estamos falando de você.

— Bem, eu também não quero falar sobre mim, — respondo.

— Talvez eu queira falar sobre nós, — Camden fala do banco de trás. *Traidor.*

— Provavelmente não é a hora, — sugiro, arriscando uma olhada para ele pelo espelho.

Ele sorri, mas não há humor em seu rosto. Eu sei que ele está fervendo lá atrás, apenas esperando que Mare vá embora. Talvez tudo isso tenha sido um grande erro. Eu não deveria tê-lo trazido conosco.

Ou eu não deveria ter atendido meu telefone.

Vou cem por cento me arrepender disso.

— Diga a ela o que somos, bolinho, — ele empurra, inclinando-se para frente para colocar os braços em volta de nossos assentos. Sua respiração faz cócegas em meu pescoço, fazendo-me me mexer no assento.

— Bolinho? Que tipo de apelido é esse?

Eu olho para ela. — Engraçado você estar dizendo isso, *Goldie*, — enfatizo, levantando as sobrancelhas quando olho brevemente para ela.

— Eu não tenho que explicar o significado por trás disso para você, — Camden fala lentamente, seu corpo ainda próximo ao meu.

— Há significado? — Pergunto, incapaz de resistir.

Ele beija minha bochecha. Ele não pode estar tão chateado comigo se está fazendo isso. Certo?

— Não tenho palavras, — adverte Mare.

Tentando mudar de assunto, dou um tapa no peito de Camden. — Sente-se. E aperte o cinto de segurança.

— Não há cinto de segurança, — ele rebate.

Bom ponto.

Fica em silêncio por um minuto ou dois. Minha mente corre com o que eu poderia dizer. Não sinto que preciso explicar tudo para Mare. Não é como se ela tivesse me informado de toda a sua vida amorosa antes - não que eu quisesse saber todos os detalhes porque, eca, é meu irmão - mas também estou animada por tê-la de volta e não quero agir como se estivesse escondendo segredos dela. Eu realmente não sei o que Camden e eu somos. Tem sido divertido e bom não colocar pressão nisso. Apenas para ver o que acontece.

— Eu queria provar a Camden o quão bom Suttan era. Como tínhamos talento aqui mesmo em nossa adorável cidade e ele não precisava trazer babacas ricos de Nova York. Uma coisa levou a outra e agora estamos aqui. Ele é meio molenga por baixo dessa personalidade idiota.

Camden ri. — Eu não sou um molenga.

Eu sorrio. — Você totalmente é.

Quando Mare não diz nada, olho para ela. Eu a encontro olhando diretamente para mim, um leve sorriso brincando em seus lábios. Normalmente, Mare não pergunta sobre assuntos de outras pessoas. Ela é quieta e reservada. Não sei por que ela escolheu o dia de hoje para se

aprofundar na minha vida. Talvez seja para se distrair e não pensar se chegará ao aeroporto a tempo.

Fica quieto por um tempo antes de Mare falar. — Só não machuque minha melhor amiga, ok? Não quero ter que escapar impune de um assassinato.

Eu bufo, quase perdendo o suspiro profundo de Camden com o som.

— O que há com as pessoas em Suttan e o assassinato?

Mare me dá uma olhada.

Eu sorrio. — Rosemary já o pegou, — explico.

Isso a faz cair na gargalhada. — Meu Deus. Sinto falta daquela mulher.

— A cidade inteira sente sua falta, Mare. Você acha que voltará por um tempo?

— Espero voltar para sempre, — ela responde imediatamente.

Piso no acelerador, fazendo Camden voar para trás. Tento não rir da torrente de maldições dele. — Opa, — consigo dizer antes de rir.

Mare se junta a nós. Ele resmunga lá atrás enquanto eu acelero para o aeroporto.

— Tudo bem, Mare, vamos buscar o seu homem! — Grito, ligando o pisca e voando para a faixa da direita antes de perder a saída.

— Isso se você não matar todos nós primeiro, — brinca Camden.

CAPÍTULO 46

Camden



— Bom dia, bolinho, — digo, entrando no Wake and Bake em uma manhã de sexta-feira. Acabei de sair de uma teleconferência que durou mais de duas horas e estou pronto para ver minha garota. Como se eu não tivesse passado a manhã entre suas coxas, comendo-a na mesa do café da manhã enquanto ela tentava comer seus cereais.

Passei todas as manhãs com a boca em alguma parte dela durante a última semana. Já se passou uma semana desde o nosso encontro – e nossa pequena aventura para reunir o irmão dela e a namorada dele – e tem sido a semana mais mundana e incrível da minha vida.

Gosto das manhãs com ela. Gosto de vê-la tomar seu primeiro gole de café todas as manhãs, observá-la se preocupando em arrumar o cabelo e finalmente jogá-lo no topo da cabeça. Gosto de caminhar ou pegar carona para trabalhar com ela. Fazendo coisas normais juntos. Fazemos nosso intervalo para almoço juntos sempre que podemos e voltamos para a casa dela de mãos dadas todas as noites.

É incrível. Eu amo isso. E eu nunca me imaginei fazendo isso todos os dias pelo resto da minha vida – especialmente em uma pequena cidade do Colorado da qual nunca tinha ouvido falar – até ela.

Pippa olha para mim, a luz não alcançando seus olhos enquanto ela se concentra em um pedaço de papel que tem na mão. — Não é tarde neste momento? — Ela pergunta, seu coração não está realmente interessado. Seu foco ainda está em tudo o que ela segura.

Encolho os ombros, diminuindo a distância entre nós e dando um beijo em seu cabelo. — Bem, bom seja o que for, bolinho, — eu corrijo. — O que é isso? — Aponto para o pedaço de papel que ela não para de olhar.

Ela finalmente olha para mim. — Uma carta que acabamos de receber pelo correio. É um aviso de que o aluguel pode aumentar aqui, em mais de mil por mês. — Ela parece estressada e eu odeio isso.

— Posso? — Pergunto, apontando para o papel. Ela o entrega e eu deixo meus olhos examiná-lo. É do mesmo grupo imobiliário de quem comprei meu espaço. Achei que eles eram donos daquele espaço, mas, aparentemente, é mais do que apenas o que comprei.

— Achei que você fosse o dona do espaço? — Eu pergunto, meus olhos ainda rastreando a carta. Não sei quem é esse grupo imobiliário, mas dizem que a faixa corre o risco de ser vendida a um novo comprador terceirizado interessado.

— Não, eu gostaria. Eu alugo. Eu seria a dona se alguém me deixasse, mas nunca fui capaz.

— Posso investigar isso para você, — ofereço. Não há razão para que o aluguel dela suba mil dólares a cada mês. Não há razão para ela não ser dona do lugar, se quiser.

— Você não precisa fazer isso, — ela argumenta, com a voz exausta. Ela pressiona as palmas das mãos na testa, respirando longa e trêmula.

— Eu quero.

Ela solta o ar lentamente. — Só não sou eu, sabe? São todos no quarteirão. Estaremos todos em perigo porque alguém de fora da cidade que não sabe nada sobre Suttten está chegando e ficando ganancioso. Talvez eu precise falar com os Livingstons.

Ignoro a crítica que ela dá às opiniões de pessoas de fora da cidade, embora, a certa altura, tenha sido exatamente isso que eu fiz. — Quem são eles? — Pergunto, não querendo me aproximar da primeira parte da frase.

— Eles são uma das famílias mais antigas de Suttten. Acho que devo me lembrar que seu tataravô, talvez até mais alguns, foi um dos fundadores desta cidade. Eles possuem muitos imóveis aqui. Muitos dos terrenos residenciais são deles, mas sei que eles também possuem propriedades comerciais. De alguma forma, fiquei com a pior parte e aluguei no *único quarteirão* da cidade que, de alguma forma, não pertence a eles.

— Nós vamos consertar isso, — eu prometo, colocando seu rosto em minhas mãos. Meus polegares roçam suas bochechas enquanto tento pensar em uma maneira de confortá-la.

— Esperançosamente. — Ela suspira, virando a cabeça para dar um beijo em uma das minhas mãos. — De qualquer forma. Como foi sua manhã?

— Bem, na verdade eu estava vindo aqui para te perguntar uma coisa.

— Você não apareceu apenas para estar perto da minha personalidade incrível?

Eu balanço minha cabeça. — Isso é um dado adquirido. Vim aqui perguntar se você já esteve em Nova York.

Seus olhos se estreitam em mim. Não solto suas bochechas, adorando sentir sua pele pressionada contra a ponta dos meus dedos. — Eu não estive. Por quê?

— Você gostaria de vir para Manhattan comigo? — Meu coração dispara por baixo do suéter. Ficou mais frio aqui em Suttten. A temperatura pareceu realmente cair na última semana, provando que o verão já passou e o outono está chegando.

— Quando?

— Agora mesmo. — Eu quero tanto que ela diga sim. Quero levá-la para o lugar onde cresci, para a única cidade que realmente chamei de lar. Imaginei tê-la em meu espaço, mostrando-lhe minha galeria – meu estúdio de arte pessoal. É fácil imaginar-nos num encontro duplo com Beck e Margo. Inferno, posso até imaginar que ela se dá bem com Emma, mesmo que esse pensamento me apavore.

— Sim, deixe-me estalar os dedos e acabar em Nova York com você, — ela responde sarcasticamente.

— Bem, não seria tão fácil. Mas tenho um jato esperando no pequeno aeroporto não muito longe daqui. Há uma festa de gala amanhã à noite. Eu adoraria levar você como meu par.

— Eu? Seu encontro?

— Tenho certeza de que não levarei mais ninguém.

Isso a faz sorrir. Seus dentes cravam em seus lábios enquanto ela balança a cabeça para mim. — Não posso ir para Nova York com você, Camden. Eu não tenho nada para vestir. Não posso deixar o Wake and Bake no fim de semana. E não tenho ninguém para cuidar de Kitty.

— Vou comprar cem opções para você até encontrar algo perfeito para amanhã. Seus funcionários são incríveis e podem cuidar das coisas sozinhos aqui. E já falei com Marigold. Ela e seu irmão cuidarão de Kitty.

Seus olhos se transformam em fendas. — Achei que você e Mare se odiavam.

— Ela está muito bem agora que não está me interrogando como se estivesse no FBI. Ela até disse que ela e Cade poderiam passar por aqui amanhã para ter certeza de que tudo está funcionando bem aqui. Venha para Nova York comigo, bolinho. Deixe-me mostrar meu mundo.

— E se eu não me encaixar? — Ela pergunta nervosamente.

— É disso que se trata? — Dou um beijo em seus lábios, só agora lembrando que não a beijei quando entrei pela primeira vez.

Ela encolhe os ombros, olhando para o teto como se não quisesse admitir.

— Bolinho, você brilha mais do que qualquer outra pessoa que já conheci. Você não precisa se encaixar porque você supera todos os outros. É uma coisa notável.

— Se alguém tivesse me dito meses atrás que você diz coisas tão doces, eu teria dito que eles perderam a cabeça.

Uma pequena risada irrompe do meu peito.

Ela agarra a gola da minha camisa, aproximando meu rosto do dela. — Não, sério, — ela continua. — Quem diria que esse homem frio e implacável não é tão frio assim.

— Eu só sou assim porque estou com *você*. Ninguém mais entende esse meu lado.

Ela sorri, ficando na ponta dos pés para dar um beijo em meus lábios. Tento aprofundar, mas ela se afasta antes que eu possa.

— Essa ideia é uma loucura, — ela ressalta, seus olhos examinando meu rosto. — Você não parece ser o tipo de cara impulsivo, mas aqui está você.

— O que posso dizer? Você traz à tona o que há de pior em mim, bolinho.

— Acho que é o melhor.

Beijo a ponta do seu nariz. — Sim, eu também.

Dou beijos em suas bochechas, puxando seu corpo totalmente contra o meu, prendendo seus braços entre nós. — Então isso é um sim? — Pergunto contra sua bochecha antes de mover meus lábios para sua testa. Não paro de dar beijos em seu rosto até que ela finalmente responde.

— Ok, eu farei isso! — ela grita, tentando me afastar. — Camden, você tem que parar. E se um cliente entrar?

— Houve momentos em que eles poderiam ter nos encontrado em posições muito mais comprometedoras, — aponto.

Ela passa os braços em volta da minha cintura, deslizando as mãos frias no cóis da minha calça. — Você me ouviu dizer que eu iria?

Eu sorrio. — Eu ouvi. Mas eu gostaria de ouvir você dizer isso de novo.

— Eu irei para Nova York com você.

— Bom. — Dou um tapa na bunda dela pouco antes de Lexi sair da sala dos fundos, carregando uma panela grande de doces. — Hora de fazer as malas.

CAPÍTULO 47

Pippa



— Isso é tudo para eu experimentar? — Pergunto, olhando para cinco cabides de roupas que ocupam um dos quartos de hóspedes de Camden.

Ele está atrás de mim, com as mãos nos meus braços e os lábios pressionando meu ombro. — Com certeza é. Eu disse ao estilista que não tinha certeza de que tipo de look você estava procurando, então queria que você tivesse opções.

Olho para a montanha de lantejoulas, borlas e seda à minha frente. É esmagador. Aterrissamos em Nova York há algumas horas e minha cabeça está girando desde então. Estudei em Chicago e, embora não seja Manhattan, ainda é movimentada e totalmente oposta a Sitten. Este tem sido um mundo totalmente diferente. Eu deveria saber desde o momento em que o jato particular nos pegou que nada poderia ter me preparado para o mundo em que Camden vive.

Ele tem motoristas, um chef particular e funcionários da casa que nos receberam quando chegamos em sua cobertura. E, aparentemente, ele tem estilistas que aparecem com vestidos que provavelmente custam mais do que minha hipoteca.

— Não sei o que dizer, — sussurro.

— Não surte. — Ele pressiona os lábios no meu pescoço, como se percebesse que estou ficando sobrecarregada.

— Eu sabia que nossas vidas eram diferentes, — começo. — Eu não sou burra. Mas isso é apenas... muito.

— Se for demais, podemos pular a festa de gala amanhã. Podemos ficar aqui ou ir a algum lugar discreto da cidade.

Balanço a cabeça, virando-me para encará-lo. — Não, eu queria vir e experimentar o seu mundo. Quero ver sua galeria amanhã e quero ir à gala. Quero ver tudo sobre sua vida aqui. Eu simplesmente não sabia que as pessoas tinham estilistas pessoais, só isso.

— Ela só me ajuda com eventos elaborados.

Suspiro, inclinando-me para seu toque. — Isso não é pressão alguma.

— Você está radiante, lembra? Você poderia usar o que está vestindo agora e ainda chamaria a atenção de todos amanhã à noite. Não se preocupe com um vestido. Se for demais, podemos simplesmente ir às compras amanhã.

— Eu só queria ter Mare ou uma namorada aqui para me ajudar.

— Sobre isso... — Ele olha para o lado como se estivesse nervoso com o que está prestes a dizer.

— O quê? — pressiono, tremendo porque a cobertura dele é muito mais fria do que imaginei que seria.

— Posso ter convidado Beck e Margo. Achei que Margo poderia te ajudar. Ela já faz isso há algum tempo com Beck. Mas eles entenderão se eu disser que não importa.

Eu franzo meus lábios. Falei apenas brevemente com Margo no dia do casamento dela; a maioria das minhas conversas foi com seu planejador. Não tivemos oportunidade de falar na inauguração da galeria de Camden. Mas ela parece legal. E se ela souber mais sobre essa vida chique em Nova York, eu precisaria da ajuda dela.

— Acho que gostaria disso. — Eu aceno, decidindo ainda mais. — Além disso, se ela estiver lá amanhã à noite, seria bom ter outro rosto familiar.

— Meu rosto não é bom o suficiente?

Eu traço suas maçãs do rosto. — Seu rosto é perfeito.

Ele morde meus dedos. — Boa menina. — Ele dá um beijo em meus lábios. — E estou feliz que você disse sim, porque acho que eles estão subindo.

— Você estava muito confiante de que eu diria sim.

— Margo é persistente. Ela queria conhecer você oficialmente. Beck também queria. Ele não acredita que nenhuma mulher me aturaria tanto tempo.

— É realmente uma tarefa árdua, — provoco, mentindo completamente. É fácil estar com ele. Quase fácil demais. Estou esperando a bola cair, para descobrir onde isso deu errado.

— Vou avisar você agora mesmo, há uma boa chance de Margo ter trazido Emma. E talvez até Winnie. As três costumam ser um pacote.

Fico um pouco nervosa se for mais do que Margo. Se as três são tão próximas, elas vão falar comigo? Já me sinto deslocada. Isso pode até piorar as coisas. Ou talvez elas melhorem as coisas. Preciso tentar ser otimista.

Respiro fundo, sentindo-me incrivelmente sobrecarregada. Quando ele me pediu para ir a Nova York com ele, imaginei que visitávamos a Times Square juntos. Talvez passando em uma barraca para comprar uma camiseta “I <3 NYC.” Ele me levaria para sua galeria antes de nos prepararmos para a gala. Eu não estava prevendo estilistas e grupos de amigos e festas de gala tão chiques que é preciso um vestido de noite para comparecer.

O vestido mais bonito que já usei foi meu vestido de baile de formatura que comprei em uma loja de departamentos. Não estou acostumada com coisas tão legais. Crescemos com dinheiro em comparação com outras pessoas em nossa pequena cidade. A fazenda era lucrativa. Mas não estava nem perto dos Livingstons. Ou qualquer coisa próxima do mundo em que Camden vive.

— Idiota, — uma voz chama de algum outro lugar na cobertura. É tanto espaço aberto que a voz ecoa nos pisos e paredes de mármore. — *Yooohooooo*, — ela chama novamente. — Procurando pelo Sr. Imbecil Irritado.

A cabeça de Camden cai para trás, sua garganta balançando com um longo gole. — Por favor, não dê ouvidos a nada do que ela diz, ok?

— Essa é a Margo?

— Não. *Essa* seria Emma.

Uma cabeça aparece na porta. Ela é maravilhosa. Seu cabelo é um loiro perfeito. Eu realmente não sei dizer se é natural ou se ela tinge dessa cor. — Oh meu Deus, você está aqui! — A garota grita, correndo para a sala e me abraçando.

Meus olhos se arregalam quando olho para Camden por cima do ombro dela. Ela é mais baixa que eu, me dando uma visão perfeita de um Camden sorridente. Ele olha de nós para mais duas figuras que aparecem na porta.

— Ok, Emma, deixe-a ir. Você vai assustá-la antes mesmo de passarmos algum tempo com ela, — diz uma voz que não reconheço.

A loira me dá um último aperto antes de se afastar. — Desculpe. Eu adoro abraços e, para ser sincera, fiquei me perguntando se Camden estava inventando você quando continuou falando sobre você.

— Oi, — eu digo, dando-lhe um sorriso amigável. — Ele fala muito sobre mim? — Eu empurro, olhando para ele com uma piscadela.

Ele me dá um sorriso brincalhão e encolhe os ombros.

A garota, Emma, solta um longo suspiro. — O tempo todo, na verdade. Achei que ele devia estar inventando você. Quero dizer, quem iria querer tolerá-lo? — Ela lança um olhar para ele, ao qual ele a rejeita.

— Meu nome é Margo, — diz uma garota de cabelos escuros. — E eu também gosto muito de abraçar, mas podemos apertar as mãos também, se a Emma te deixar sobrecarregada.

Não posso deixar de rir, esticando os braços para um abraço. — Eu sou Pippa. Eu meio que vi você em Suttan na inauguração da galeria. Meu café fazia a comida.

Os olhos de Margo se arregalam e ela olha para Emma, que deve chegar à mesma conclusão que ela porque fica sem fôlego. — Camden! Você está namorando a pobre mulher com quem você foi um idiota no meu casamento?

— Seria eu, — admito, finalizando o abraço com Margo.

— Diga-me que você infernizou muito ele antes que ele caísse em suas boas graças, — Margo reflete.

— Oh, eu *realmente* tive que trabalhar para cair nas boas graças dela, — Camden fala atrás de Emma e Margo.

— Tenho certeza que sim, — comenta um homem ao lado dele. Eu sei que é Beckham Sinclair, ou Beck, como Camden o chama, porque há muitas fotos deles juntos na internet.

— Eu sou Beck, — o homem oferece, estendendo a mão em um aperto de mão muito profissional. — E o que Emma disse. Eu ouvi muito sobre você.

— Não acredito que foi você quem fez a sobremesa do nosso casamento. Ainda temos gente falando sobre como foi tudo uma delícia! Deus, para começar, me sinto uma vadia por não ter reconhecido você! — Acrescenta Margo.

Eu golpeio o ar. — Está tudo bem, realmente. Sou péssima com nomes e rostos, então entendo perfeitamente. É ótimo conhecer todos vocês. Ou conhecer vocês oficialmente, eu diria.

Emma balança a cabeça, olhando para mim como se eu fosse um fantasma. — Eu me lembro de como ele era uma droga para você. Ele deve ter tido que trabalhar muito para isso.

Tudo o que faço é sorrir, porque não vou contar a eles todas as maneiras pelas quais ele compensou isso. Muito disso é íntimo demais para eu contar a pessoas que são basicamente estranhas para mim.

— Digamos apenas que muita *coisa* mudou desde então, — respondo.

— Estou chocado que você não tenha sua terceira roda com você, — Camden observa, caminhando até mim e me puxando para seu peito. Gosto que, mesmo com os amigos por perto, ele pareça confortável com o carinho público. — Onde está Winnie?

Emma revira os olhos, andando até as prateleiras de roupas e vasculhando os vestidos. — Ela está atrasada e não atende minhas ligações. O que é lamentável porque ela tem mais experiência em galas do que todos nós juntos. — Ela olha para Beck e Camden. — Bem, a maioria de nós. Esses dois também cresceram com aquela linda colher de prata na boca.

— Winnie estará aqui em breve, Em, — Margo oferece, caminhando até onde Emma está. — Mas não precisamos que ela faça Pippa começar a experimentar vestidos. — Ela se vira para mim, com um enorme sorriso no rosto. Lembro-me de pensar, quando conversamos brevemente em seu casamento, que ela era uma das pessoas mais lindas que já conheci. Eram seus impressionantes olhos verdes e a maneira como ela realmente olhava para você quando falava com você. — Está tudo bem com você? — Margo acrescenta no último minuto.

Eu concordo. — Vou ser honesta. Eu cresci em um rancho. Eu realmente não uso roupas elegantes. — Meus olhos examinam todos os vestidos. — Eu nem sei por onde começar com tudo isso.

— É por isso que estamos aqui, — Emma diz energicamente, puxando um vestido laranja-clementina das prateleiras. — Ok, bem, isso é um não imediato, — ela observa, empurrando-o de volta para a montanha de seda e tule.

Margo se vira para os rapazes. — Ok, vocês dois podem ir. Tornem-se uteis e preparem um jantar para nós.

Camden inclina a cabeça para o lado. — Eu imaginei levar Pippa para algum lugar hoje à noite. Há alguns lugares que quero mostrar a ela.

Margo balança a cabeça. — Não. Ela viajou o dia todo; há um evento amanhã. Dê um pouco de paz à garota e deixe-a relaxar aqui esta noite. Há muito tempo para mostrar a ela a melhor cidade do mundo amanhã.

— Agora, vá fazer alguma comida para nós. Vocês dois, xô! — Emma bate palmas, descartando-as sem qualquer tipo de reflexão enquanto se volta para o cabide de roupas. Margo se junta a ela, olhando os vestidos do lado dela.

— Você está bem? — Camden pergunta, inclinando-se para dar um beijo em meus lábios.

Eu concordo. — Estamos bem aqui. Vá fazer comida para mim.

— Vejo você daqui a pouco, bolinho, — ele diz humildemente, me dando uma piscadela antes de seguir Beck porta afora.

Quando me viro para Margo e Emma, encontro as duas sorrindo de orelha a orelha, olhando para mim.

— O quê? — Eu pergunto, confusa sobre por que ambas estão olhando para mim.

— Oh, ele está *tão* apaixonado por você, — Emma brinca.

CAPÍTULO 48

Camden



— Como você se sente em relação às surpresas? — Pergunto a Pippa enquanto a levo para o elevador. Aterrissamos ontem em Nova York e quero mostrar a ela o máximo que puder antes de voltarmos para Sitten amanhã.

Ela me dá um sorriso doce, colocando uma mecha de cabelo cacheado atrás da orelha. — Depende de qual será a surpresa, — ela responde, moldando seu corpo ao meu no momento em que as portas do elevador da cobertura se fecham.

Envolvo minhas mãos em sua nuca, saboreando o momento com ela. Gostei de acordar com ela na minha cama. Gostei de nós dois sentados na ilha da cozinha enquanto Kiley, uma de minhas chefs pessoais, preparava o café da manhã para nós. Ontem à noite, gostei de relaxar à mesa até tarde da noite, enquanto passávamos um tempo com meus amigos. Pippa se encaixou perfeitamente com eles, e fui para a cama pensando como era fácil imaginá-la na minha vida aqui. Como seria simples ir e voltar juntos entre nossas duas casas, como seria incrível a vida juntos.

Os olhos de Pippa percorrem meu rosto enquanto meus polegares roçam suas bochechas. Ela espera que eu responda, mas, por um momento, estou muito interessado em perguntar o que somos. As palavras para pedi-la em namoro estão na ponta da língua, mas quero fazer isso de uma forma romântica e não em um elevador vazio em uma manhã de sábado.

— Há alguém que eu gostaria que você conhecesse, — confesso.

— E quem é essa?

Eu brinco com uma de suas mechas de cabelo enroladas. Eu nunca a vi demorar tanto para se arrumar de manhã, mas ela passou quase uma hora enrolando cuidadosamente o cabelo e aplicando maquiagem. É algo que eu não a tinha visto fazer antes. Sentei-me na beira da banheira, respondendo aos e-mails de trabalho enquanto ela se arrumava, não querendo ficar muito longe dela. O tempo todo, eu queria dizer a ela que ela não precisava mudar nada para se encaixar aqui. Não havia necessidade de ela colocar mais maquiagem do que o normal ou pentear o cabelo de maneira diferente do que normalmente faria, mas mantive minha boca fechada. Se ela quisesse acordar e se arrumar antes do nosso dia, eu esperaria o tempo que ela precisasse.

— Camden? — Ela pressiona, estendendo a mão para passar os dedos pelo meu cabelo. — Você está aí? — Ela ri.

Concordo com a cabeça, dando um beijo na parte interna de seu pulso. — Eu adoraria apresentar você à minha avó.

Suas feições suavizam, um sorriso tímido se formando em seus lábios. — Eu adoraria conhecê-la.

— Sim? — Meu coração bate forte dentro do peito, alto como um tambor. No silêncio do elevador, tenho certeza de que ela consegue ouvir. Não importa para mim se ela fizer isso. Quero que ela saiba o quanto estou animado para que as duas pessoas mais importantes da minha vida se conheçam.

— Quero dizer, se você quiser, mas não quero que sinta que preciso conhecê-la. Sempre posso esperar se não for alguma coisa...

Eu a interrompo colocando meus lábios contra os dela. Ela ansiosamente me beija de volta, permitindo-me roubar tudo o que ela estava prestes a dizer.

Assim que o beijo diminui, eu me afasto o suficiente para poder falar. — Não há nada que eu queira mais, — respondo, com uma pequena risada escapando da minha garganta. — Embora me apavore você conhecê-la.

A porta toca antes de abrir, revelando o saguão do meu prédio. Pippa envolve a mão na minha, seus dedos frios apertando os meus. — Estou mais do que pronta.



Fazer com que Pippa conhecesse vovó foi uma *péssima* ideia. As duas riem como um bando de colegiais fofoqueiras, lançando olhares em minha direção enquanto sussurram uma para a outra do outro lado da sala de estar.

— Devo me preocupar com o que vocês duas estão falando? — Pergunto, olhando para as duas no topo de um jornal. Tentei conversar com elas por quase uma hora antes de perceber que não adiantava. Elas são duas ervilhas na mesma vagem, e eu sou apenas um estranho cuja presença elas não precisam.

— Ela está me contando sobre aquela vez que você chorou no topo da Estátua da Liberdade.

Meus olhos se estreitam em uma vovó completamente imperturbável. Ela me dá um sorriso malicioso, sentindo-se satisfeita por revelar todos os meus segredos de infância. — Ele estava petrificado lá em cima. Eu não conseguia tirar o garoto de cima de mim nem para tentar nos levar de volta ao chão.

Viro a página do meu jornal, sem me divertir com o que estão falando. — Ninguém conta como ela balança, — observo, lembrando-me da primeira e última vez que fui à atração turística.

— Você chorou por uma hora mesmo depois de nossos pés estarem firmemente plantados no chão.

— Eu era uma criança. Foi assustador.

— Você tinha treze anos.

Coloco o jornal no colo e me inclino para olhar Pippa. — Acho que vovó está ficando um pouco cansada. Você está pronta para ir, bolinho? — O apelido sai da minha boca antes que eu possa pensar melhor. O que faz vovó abrir um enorme sorriso.

— *Bolinho?* — Ela reflete, me dando um olhar astuto.

Minhas bochechas começam a esquentar. — Você parece exausta, — digo apressadamente, levantando-me e diminuindo a distância até ela.

Vovó dá um tapa no meu braço. — Não estou nem um pouco cansada. Pare de pairar. — Tento agarrá-la novamente, mas ela me empurra. Mesmo na velhice, ela é teimosa como o inferno.

— Camden, você está corando? — Pippa entra na conversa, estendendo a mão e pressionando a mão na minha bochecha corada.

— Não, — eu corto, totalmente confiante de que estou, de fato, corando.

Vovó olha para Pippa, uma expressão séria surgindo em seu rosto. — Ele te chama de bolinho com frequência? — Ela pergunta baixinho.

Esta foi uma ideia *horrível*. Não sei o que estava pensando.

Os olhos de Pippa saltam entre mim e vovó. — Ele está me chamando assim desde que nos conhecemos.

Fecho os olhos porque sei o que vai acontecer. Eu sei que vovó está atrás de mim.

— Ele chama?

— Sim, — Pippa responde, seu tom inseguro. — Estou perdendo alguma coisa aqui?

— O bolinho de morango era seu favorito quando criança, — vovó oferece, me revelando totalmente. — Ele me implorava para fazer isso para ele o tempo todo. Foi a única sobremesa que ele realmente gostou. Todo o resto ele não se importaria. Mas bolinho? O garoto adorou. Mesmo quando ele vinha da faculdade, ele me implorava para fazer isso para ele. Todo aniversário e comemoração sempre tinha bolo de morango.

Pippa segura meus olhos. Eu gostaria de poder entrar em sua mente e descobrir cada pensamento que passa por ela. Vovó não está mentindo. O bolinho de morango sempre foi meu ponto fraco, uma indulgência que não pude negar. Quando Pippa voltou à minha vida naquele dia na galeria, o nome escorregou da minha boca e parecia certo.

Vovó dá uma cotovelada ossuda na lateral de Pippa. — Eu sei que ele é duro por fora e às vezes é terrível de se aturar, mas não deixe que ele te engane, doce menina. Acho que ele pode estar louco por você.

Eu não achei que fosse possível para minha avó me envergonhar quando eu fosse um adulto, mas deixei que vovó encontrasse um jeito. Eu deveria desaparecer e fingir que vovó não acabou de revelar o apelido que ficou para Pippa, mas para fazer isso, eu teria que quebrar o contato visual com Pippa, algo que não consigo fazer.

— Acontece que eu faço um bolo de morango incrível. Fica ainda melhor como cupcake. Meu cupcake favorito de fazer, — admite Pippa, com a voz baixa. Ela não quebra o contato visual comigo, e eu daria qualquer coisa para entrar naquela linda mente dela e descobrir se ela pensa diferente sobre mim agora.

Pelo canto do olho, vejo vovó cruzar os braços sobre o peito com um suspiro de satisfação. — Parece que vocês dois são uma combinação perfeita.



CAPÍTULO 49

Pippa



Abraço vovó com força, saboreando o cheiro de seu perfume caro. Tive uma ótima manhã conhecendo a única pessoa que demonstrou amor por Camden quando criança.

— Certifique-se de voltar e me visitar, entendeu? — Vovó diz na curva do meu pescoço. Dou-lhe um grande aperto, tentando não segurar seus ombros ossudos com muita força. Eu sinto que um abraço muito intenso poderia quebrá-la ao meio.

Afastando-me, aceno para ela, sentindo-me emocionada por deixar essa mulher, mesmo que tenhamos acabado de nos conhecer. Talvez seja porque sua personalidade impetuosa me lembrou da minha mãe. Talvez seja o conhecimento de que ela é a única memória positiva que Camden tem de sua infância, ou talvez seja algo que eu não consigo identificar. Seja o que for, sinto que vovó é alguém que quero como figura constante em minha vida. — Talvez você venha visitar Suttan? — Eu ofereço, agarrando suas mãos porque não quero perder contato com ela. — Quero saber a sua receita de bolo de morango, — acrescento, com um grande sorriso no rosto.

Saber o significado do apelido que Camden me deu fez algo comigo. Pode ser bobagem, mas depois de saber o que vovó me contou, não posso deixar de repensar tudo o que aconteceu entre Camden e eu. Ele estava pensando em mim mais cedo do que eu pensava? Ele sentiu a atração entre nós desde o momento em que nos encontramos novamente em sua galeria?

Tenho tantas perguntas que quero fazer a ele no momento em que estivermos sozinhos. Por enquanto, ele está em uma ligação importante. Ele tentou ignorar o toque do telefone algumas vezes enquanto nos despedimos, mas depois do terceiro telefonema de Daly, ele teve que pedir licença por um momento.

— Talvez eu vá no aniversário de Camden, — ela oferece. — Camden me disse que seus aniversários estão próximos. Eu adoraria celebrar com vocês dois, se não se importarem.

— Ele te contou isso?

Ela sorri, me dando um aceno de cabeça. — Oh, ele me contou muito *sobre* você, querida. Nunca pensei que veria esse dia, mas acredito que meu doce menino está apaixonado por você.

Meus olhos se arregalam. Balanço a cabeça, olhando por cima do ombro para ter certeza de que ele não está escutando. — Não, — insisto, sentindo minha garganta entupida. No momento em que vi todo o seu comportamento mudar quando ele disse olá para a avó, percebi que estava me apaixonando por ele. Foi a maneira como ele se agachou para abraçar seu corpo minúsculo, preocupado com o fato de estar muito frio na casa dela antes de jogar um cobertor sobre o colo dela enquanto ela discutia com ele. Foi doce - até terno - e enquanto eu observava de lado, sem saber se deveria me apresentar ou deixá-los discutir por um momento, percebi que estava entregando meu coração a ele. Foi um tipo de sentimento que eu nunca havia sentido antes. Parecia um peso no meu peito, me dizendo que seria uma sensação que se instalaria profundamente em meus ossos.

Eu tentei afastar a compreensão. Camden e eu ainda somos tão novos - tão diferentes. Eu não deveria me apaixonar por ele. Ainda nem discutimos como nos chamar oficialmente, mas nada disso importa.

Em algum momento entre as discussões acaloradas, as noites apaixonadas e os momentos de ternura, comecei a me apaixonar por um homem que jurei que não suportaria.

— Parece que você viu um fantasma. — A voz da vovó me tira dos meus pensamentos.

— Eu simplesmente não sei o que...

Ela dá um tapa no ar. — Você não precisa dizer nada. Prefiro que você não faça isso, para que eu possa dizer o que quero dizer antes de Camden voltar.

Concordo com a cabeça, ansiosa para ouvir o que quer que a tenha feito ficar séria.

— Para o mundo, Camden teve uma infância linda, cheia de amor e aventura, mas isso está mais longe da verdade. Ele nasceu de duas pessoas incrivelmente egoístas. Aqueles que o mantiveram trancado longe do mundo até que o considerassem útil. Tentei fazer o que pude por ele, mas até eu sei que falhei com ele. Eu nunca deveria tê-lo deixado voltar para aquela casa fria e vazia. Você entraria e saberia que estava vazio de amor.

— Ele te ama muito, — interrompo, precisando que ela saiba que ele a idolatra. — Ele me disse muitas vezes que o seu amor foi a única coisa que o ajudou a superar isso.

Seus olhos brilham - algo que sinto que os meus fazem ao imaginar Camden triste e solitário quando criança. — Eu poderia ter feito mais. Eu *deveria ter* feito mais. Mas não o fiz. E sempre tive medo do tipo de pessoa que Camden se tornaria. Às vezes, ele se parecia igual ao pai, algo que nunca lhe contei. Ele parecia frio e desapegado do mundo. Eu estava preocupada que ninguém fosse capaz de ver além da máscara que ele colocou, com medo de ser rejeitado do jeito que foi por seus pais. E então você apareceu.

Eu engulo porque não sei como responder. Ela não me dá a chance de dizer nada de qualquer maneira. — Ele me ligou um dia para me contar como essa mulher *irritante*... — Ela ri da palavra. — ...a palavra exata dele, aliás, como aquela mulher irritante preparou um chá de ervas para ele naquela manhã. O homem passou dois minutos me contando sobre isso, mas não fazia diferença para mim que tipo de chá ele estava bebendo. Mas eu poderia dizer que era importante para ele. E deixe-me lhe dizer uma coisa. Pouca coisa é importante para Camden.

— Não foi nada.

— Para ele, era alguma coisa. Na verdade, acho que foi o começo de tudo. Você é a pessoa mais importante da vida dele. Ele ama você, embora eu saiba que provavelmente não lhe disse isso. Posso ver isso escrito em seu rosto.

Tudo o que posso fazer é encolher os ombros porque realmente não sei como responder. — Não tenho certeza, — respondo honestamente, porque realmente não sei como Camden se sente. Ele é difícil de ler. É difícil saber onde está a cabeça dele.

— Agora, tenho que lhe contar uma coisa que você talvez não queira ouvir, — admite vovó, com a voz triste.

Meu estômago embrulha porque não gosto da expressão no rosto dela.

— Camden não sabe como ser amado. Ele não sabe amar. E desde criança teve que enfrentar sozinho o mundo cruel. Ele provavelmente irá afastar você. Ele pode até se fechar porque tem medo de amar alguém do jeito que amou seus pais e não receber amor de volta. Seus pais o rejeitaram, e acho que ele passará o resto da vida se perguntando se alguém que ele ama também o rejeitará.

Lágrimas caem pelo meu rosto. Estou triste por Camden quando criança. Aquele que só precisava de demonstração de amor. Eu choro pelo homem em que aquela criança se transformou. Aquele que acredita que ninguém poderia realmente amá-lo.

Enxugo as lágrimas imediatamente, usando a manga do suéter para enxugar o rosto. Eu apliquei maquiagem meticulosamente esta manhã - algo

que normalmente não faço - e agora estou estragando tudo enquanto choro nos braços de sua pobre avó.

Vovó agarra minhas bochechas com amor, seus olhos enrugando nos cantos enquanto ela sorri para mim. Não digo a ela que suas mãos estão frias ou que quero chorar de novo porque minha mãe fazia a mesma coisa para me confortar. Tudo que faço é colocar minhas mãos sobre as dela e tentar conter as lágrimas.

— Seja boa com ele, doce menina. Espero que ele deixe você amá-lo do jeito que eu sei que você quer.

— Eu também, — eu resmungo, tentando soltar um suspiro trêmulo.

— Agora, vamos parar de chorar antes que ele venha aqui e nos pegue?

Eu rio, balançando a cabeça antes de puxá-la para um último abraço.

As coisas nunca foram tão claras. Assim que terminarmos a festa de gala e voltarmos a Suttan, tenho que dizer a Camden que estou me apaixonando por ele. Ele precisa saber que é amado. Caberá a ele decidir o que fazer com essa informação.

CAPÍTULO 50

Camden



— Você está quieto, — Pippa observa quando paramos em frente à minha galeria.

— Eu poderia dizer a mesma coisa para você, — respondo, pensando em nossa caminhada até aqui. Eu comprei propositalmente um lugar para vovó perto da minha galeria anos atrás. Ela não queria morar perto da minha cobertura, mas não se importava em ficar mais perto da galeria. De qualquer forma, funcionou a meu favor, já que não fico muito em casa. O prédio que surge à nossa frente é mais um lar para mim.

Desde o momento em que desliguei o telefone, de repente de péssimo humor por causa da conversa que tive com Daly, e me despedi da vovó, Pippa ficou quieta. Mas ela não está errada, eu também fiquei quieto, muito na minha cabeça, sobre as merdas que Daly acabou de empilhar em mim para manter uma conversa.

— Então é isso. — Pippa se vira para o prédio da galeria, olhando para a estrutura iridescente. — Galeria de Camden Hunter. Aquela que foi visitada pelos ricos e famosos.

Eu balanço minha cabeça. — Você está tirando sarro do meu trabalho?

Ela esfrega os lábios na tentativa de esconder um sorriso. — Não. Eu apenas pensei que seria maior.

Eu a pego em meus braços, todo o drama do telefonema sendo empurrado para o fundo da minha mente enquanto eu aperto seus lados e faço cócegas nela. — Eu sei que você não acabou de dizer isso, — eu aviso, cravando as pontas dos dedos no local que a faz gritar de tanto rir.

Ela se dobra, suas pequenas mãos tentando afastar as minhas enquanto seu corpo treme de tanto rir. — É meio pequena, — ela diz entre acessos de riso.

Eu giro seu corpo, forçando-a a me encarar e dando-lhe um tempo. Seu rosto inteiro está vermelho de tanto rir, seus cabelos bem cacheados grudados no brilho labial. Afasto as mechas de cabelo de seus lábios, ganhando um sorriso.

— Para que você saiba, ela tem o maior número de metros quadrados de qualquer galeria independente da região.

— Isso deveria me impressionar? — Ela brinca, ficando na ponta dos pés para aproximar seus lábios dos meus.

Eu me inclino, prendendo seus lábios nos meus por um momento. Ela tem gosto de morango, me lembrando da nossa conversa anterior com vovó. Seu sabonete, seu cabelo, seus lábios sempre tiveram gosto de morango e baunilha. Agora ela sabe por que isso me deixou louco desde o momento em que foi catapultada de volta para minha vida.

— Sim, — respondo com nossos lábios ainda pressionados um contra o outro. — Era para impressionar você.

— Por que você não me leva para dentro? Quero ver esse estúdio secreto onde você cria magia. Agora, isso é algo que vai me impressionar.

Balanço a cabeça, pegando sua mão para levá-la para dentro. A galeria está vazia hoje, algo que eu queria de propósito. Houve um cliente particular

esta manhã, mas Leo cuidou dele. Eu queria poder mostrar a Pippa algo em que dediquei meu coração e alma, sem ninguém por perto.

Eu egoisticamente preciso dela só para mim por um tempo. Eu a compartilhei com vovó esta manhã, e terei que compartilhá-la na festa de gala hoje à noite. À tarde, quero que sejamos apenas nós dois.

E há uma coisa iminente que tenho para contar a ela depois do meu telefonema com Daly.

Isso pode esperar. Quero aproveitar o dia de hoje e me dar tempo para descobrir as coisas. Pela primeira vez na minha vida, quero compartilhar com alguém aquilo que realmente me apaixona: minha arte. Não a arte de outras pessoas. Não é minha galeria. Mas a coisa escondida atrás com a arte na qual passei horas.

Encosto-me na parede branca de uma das salas da galeria, com as mãos enfiadas nos bolsos. Pippa fica bem no meio da exposição, com a cabeça girando enquanto observa a arte emoldurada nas paredes.

— Margo fez tudo isso? — Ela pergunta maravilhada, aproximando-se de uma peça criada por Margo.

— Sim, — respondo, parado. Eu gosto de observá-la aqui. Ela presta muita atenção aos detalhes de tudo o que está em exibição. Ela é o sonho de uma artista, completamente apaixonada por cada peça e dando a atenção que merecem.

— Eu não posso acreditar que você a encontrou. Ela é tão talentosa.

— Ela me encontrou, — eu admito. — Um dia apareceu e me convenceu a deixá-la me mostrar seu trabalho.

— Não é assim que normalmente funciona?

Eu solto uma risada. — De jeito nenhum. Mas estou feliz que tenha acontecido.

— Adorei ver tudo isso, — começa Pippa, caminhando em minha direção.

— Mas eu quero ver *o seu* espaço. Mostre-me seu trabalho, Camden.

Eu a agarro pela mão, lutando contra a vontade de dizer que vou mostrar a ela tudo o que ela quiser, se ela apenas mantiver a mão firmemente plantada na minha.

Ela fica quieta enquanto eu a conduzo pelos fundos até a porta que mantenho trancada o tempo todo. Eu digito o código da chave, mantendo a porta aberta enquanto ela dá um passo para dentro.

Ela engasga no momento em que entra. Deixo a porta se fechar atrás de nós enquanto seus olhos se arregalam. Sua boca perfeita está ligeiramente aberta.

Minha pele arrepia com o calor, o nervosismo dela vendo meu trabalho duro se espalhando por todo o meu corpo. Sinto uma necessidade intensa de que ela ame as esculturas bem organizadas nas prateleiras. Que ela observe e pense que sou talentoso da mesma forma que ela pensava que Margo era.

Eu quero provar meu valor para ela. E nunca quis provar meu valor para ninguém no que diz respeito à minha arte.

— Diga-me o que você pensa, — eu digo, meu tom suplicante. Eu ficaria de joelhos se ela me perguntasse, se isso fosse necessário para saber cada um de seus pensamentos.

Ela se vira para mim, seus olhos encontrando os meus. Ela me olha tão profundamente que parece que está olhando para dentro de mim e descobrindo cada coisa que mantenho escondida. Respirando fundo, ela me dá um sorriso tímido. — Acho que você é a pessoa mais talentosa que conheço.

Eu acho que estou apaixonado por você.

Meus olhos se arregalam com o pensamento. Isso surgiu em minha mente inesperadamente, mas, ao mesmo tempo, parece algo que eu já sabia. É quase como se minha cabeça estivesse aceitando o que meu coração já sabia: estou apaixonado por Pippa Jennings. Meu bolinho. *Minha.*

— Não minta para mim, — eu resmungo, minha voz ficando rouca de emoção. Quero desesperadamente que suas palavras sejam verdadeiras, mas estou cheio de dúvidas, o que me faz acreditar que não há como ela estar me dizendo a verdade.

Pippa passa os dedos por uma das minhas peças. — Eu não estou, Camden. Estas são encantadoras.

— *Você é encantadora.*

Seus olhos imediatamente encontram os meus. Ela continua andando pelas prateleiras, olhando com calma todas as peças que guardo aqui.

— Há tantas, — ela murmura.

— São anos e anos de trabalho, — admito, minhas mãos encontrando meus bolsos.

— Elas merecem estar em exibição.

Levanto um ombro. Ela está certa. Como alguém que precisa ter olho para arte, sei que elas são boas. Mas há algo que me impede de dá-las ao mundo. É assustador expor seu trabalho duro para outras pessoas criticarem. Não preciso de dinheiro para vendê-las. Mas, eventualmente, acho que gostaria que elas fossem apreciadas.

Sigo Pippa pelas prateleiras depois que ela desaparece de vista. Quando a encontro na fileira ao lado, ela está sem o suéter que usava.

Ela está com um sorriso largo enquanto eu lhe dou um olhar questionador. — Não está frio aqui?

— Está incrivelmente frio, — ela responde, puxando o cinto na cintura. Quando ela desfaz o nó, as laterais do vestido se abrem totalmente, expondo seu corpo perfeito.

Engulo lentamente, apreciando a vista à minha frente. — O que você está fazendo?

— Mostrando meu corpo para você. Talvez você se inspire para esculpir o meu em argila se eu lhe mostrar cada centímetro de mim.

Ela morde o lábio de brincadeira, andando para trás enquanto alcança as costas para desabotoar o sutiã.

— Primeiro eu preciso fazer um esboço seu para poder criar uma base para a peça.

Os olhos de Pippa viajam para o canto do meu estúdio. Há uma mesa com suprimentos alinhados no topo, com uma cadeira colocada ao lado, caso eu queira sentar. — Parece-me que você tem um bloco de desenho. Aposto que você pode encontrar um lápis em algum lugar.

Ela mantém contato visual enquanto se inclina, puxando a calcinha pelas pernas até ficar completamente nua no meu espaço de trabalho.

Estou tão excitado. Meu pau fica tenso em meu jeans, doendo para ser tocado por ela. Eu não tinha mostrado a ela esta parte da galeria pensando em transar com ela aqui, mas, caramba, eu adoraria transar com ela em cima da minha mesa de desenho.

— Pippa... — O nome dela sai como um aviso.

— Desenhe-me, Camden, — ela sugere, sabendo exatamente o que está fazendo ao passar a mão pela pele nua. Seus dedos apertam seus mamilos enquanto ela acaricia seus seios fartos.

— Eu não gosto de desenhar.

— Você acabou de dizer que precisa fazer isso antes de fazer qualquer coisa com argila.

— Sim, — respondo, deixando meus olhos percorrerem seu corpo. Suas pernas cruzam nos tornozelos, não me dando uma visão de sua boceta. Não preciso vê-la para saber que ela já está molhada para mim. É algo que adoro nela, o quão reativa ela é comigo.

Pippa olha em volta, seus olhos brilhando quando ela se concentra na mesa. Seus quadris balançam em um ritmo sexy enquanto ela caminha até a grande mesa de madeira. Quero perguntar o que ela está fazendo, mas sigo seu exemplo, observando-a com olhos famintos enquanto ela sobe na mesa.

Foda-se o esboço. Quero pular para a parte em que abro suas pernas e saboreio sua boceta doce e perfeita.

Pippa ajeita o corpo na mesa, mantendo os olhos fixos em mim o tempo todo.

— Sente-se, — ela instrui, seus olhos apontando para minha cadeira. Ela pega um bloco de desenho e um lápis de um dos meus copos de utensílios, deslizando-os pela mesa para mim.

— Já conversamos sobre isso antes, — rosno, indo até ela. — Você não me diz o que fazer.

— Assuma o controle, então, — ela sugere, ficando de joelhos. Ela passa as mãos pelo corpo, traçando as curvas que meus dedos desejam dar vida no papel e depois na argila.

— Leva tempo para desenvolver um esboço. — Sento-me, a cadeira gemendo sob o meu peso.

Ela abre as coxas, os joelhos deslizando ao longo da madeira enquanto ela joga o cabelo por cima do ombro. — Eu posso ser paciente.

Pego o bloco de desenho, colocando-o no colo antes de pegar o lápis que ela estendeu. — Desde quando você é paciente, bolinho?

Seus dentes cravam em seu lábio inferior enquanto ela luta contra um sorriso. — Eu posso aprender. — Seus dedos roçam seu clitóris. Ela está mostrando moderação ao não brincar consigo mesma em um esforço para continuar a me provocar.

Suspirando, abro uma página em branco do livro. Sempre odiei esse processo de desenvolvimento. No momento em que seguro um lápis na mão, sou transportado para os tempos em que minha mãe travava minhas aulas particulares. Ela ficava pairando sobre minhas tarefas, observando cada traço meu para ver se eu representava alguma coisa.

Eu erraria de propósito, não querendo dar aos meus pais a satisfação de saber que eu era exatamente quem eles queriam que eu fosse.

Mesmo na idade adulta, essa parte é sempre a que menos gosto. Eu sei que tenho talento e odeio isso. Mas com os olhos semicerrados de Pippa me observando começar, me pergunto se ela pode me fazer apreciar esta etapa do processo.

— Vá ao trabalho, — ela exige, deixando as coxas se abrirem um pouco mais.

Eu posso ver ela inteira.

Seu clitóris, rosado e inchado de prazer. Sua excitação, já fazendo sua boceta brilhar. Posso até ver marcas de mordidas na parte interna das coxas da noite passada.

— Não é você quem está fazendo exigências, — respondo, ficando confortável na minha cadeira.

— Eu meio que acho que sim.

Eu olho para ela por cima do bloco de desenho, mantendo seu olhar fixo.

— Toque-se, — eu exijo.

Seus olhos se arregalam, seus dedos contornando a pele sensível entre suas coxas. — Mas você está...

— Estou desenhando você, querida. Mantenha-se ocupada enquanto eu faço isso. Vai demorar um pouco.

Seus quadris balançam para frente e para trás. Não sei se ela percebe que está fazendo isso, mas enquanto balança para frente, ela deixa os dedos deslizarem sobre o clitóris.

— Bem desse jeito. — Eu gemo, desejando que fossem meus dedos correndo por sua umidade. — Foda-se com os dedos, querida.

Seus olhos se fecham enquanto ela desliza um dos dedos em sua boceta à espera. Ela solta um longo gemido enquanto ganha velocidade, inclinando-se totalmente para o que estou dizendo a ela para fazer.

— Dois dedos. — Minha voz não deixa espaço para discussão. É alta e imponente a paixão que sinto por ela assumir o controle.

Minha mão direita se move rapidamente ao longo do pedaço de papel enquanto começo a traçar a base do meu esboço. O objetivo desses desenhos é apenas para que eu possa acertar a fiação da base. Não precisa ser vividamente detalhado, mas eu poderia ser persuadido a torná-lo o mais detalhado possível se eu pudesse observá-la se tocando o tempo todo.

Quando olho para cima, encontro Pippa enfiando dois dedos em sua boceta, exatamente como eu disse a ela. — Boa garota, — eu elogio, passando a mão ao longo do meu pau tenso. Eu poderia facilmente jogar meu bloco de desenho para o lado e substituir a mão de Pippa pela minha língua, mas luto contra o desejo.

Ela é sexy como o inferno se divertindo. Quero sentar e vê-la gozar. Estudarei cada movimento dela para poder aprender coisas novas sobre o que lhe traz prazer.

— Deus, veja como você se fode avidamente. Você está empurrando os dedos o máximo que pode, querida. Você está sentindo falta do meu pau?

— Sim. — Ela geme. — Estou imaginando que é você.

— Que parte de mim?

O seu polegar corre sobre o seu clitóris enquanto os seus dedos empurram para dentro e para fora dela. — Qualquer parte de você, — ela responde.

— Imagine que seus dedos são meu pau. Monte-os com força, como você montaria em mim.

Ela salta para cima e para baixo, seus seios balançando. Ela faz exatamente o que lhe foi dito, montando sua mão como se estivesse montando meu pau.

Eu a deixei se divertir, saboreando cada gemido que sai de seus lábios enquanto traço a curva de sua coluna no papel. Eu quero lembrar dela assim. Suas costas arqueadas, suas coxas abertas e sua cabeça jogada para trás de prazer.

Já sei, sem dúvida alguma, que darei vida a essa foto. Passarei inúmeras horas formando seus seios redondos e perfeitos com argila. Dedicarei tempo para criar uma peça que tente fazer justiça ao seu corpo majestoso.

Respiro fundo, tentando lutar contra meu pau e minhas bolas doloridas. Tudo o que meu corpo quer fazer é diminuir a distância entre nós e enfiar em sua boceta encharcada.

— Você está perto de gozar?

Ela balança a cabeça para cima e para baixo, suas mechas de cabelo enroladas dançando ao longo do topo da mesa, devido ao quão longe sua cabeça está jogada para trás.

— Goze para mim como uma boa putinha. Deixe-me ver seu gozo escorrer de você, e então talvez eu te encha com o meu.

Nunca a ouvi gemer tão alto, os seus dedos trabalhando mais rápido.

Coloquei o bloco de desenho de lado. Eu tenho o que precisava. Eu não deixaria de assistir isso por nada. Sentando-me para frente, deixo uma mão desabotoar minha calça jeans enquanto a outra segura o braço para me manter sentado.

— Deixe seu gozo escorrer sobre a mesa, — eu exijo, minha voz rouca de luxúria. — Dessa forma, posso pensar em você sempre que estou aqui.

Se ela me ouve, ela não dá nenhuma indicação disso. Ela está muito ocupada montando sua mão, movendo os quadris para frente e para trás até que seus gemidos ecoem alto por toda a sala. Não consigo resistir a libertar o meu pau, deixando os meus dedos envolverem o meu comprimento enquanto me acaricio para cima e para baixo.

— Você é maravilhosa quando goza, — eu reflito, minha voz se misturando com seus gemidos. — Você com as bochechas coradas e as coxas abertas para mim é a maior obra-prima que já vi.

— Deus... — Ela geme, seus dedos ainda empurrando para dentro e para fora dela.

Eu estalo minha língua, me levantando e andando até ela. — Deus não está aqui, querida. Você não é a prostituta suja dele, você é minha.

Seus olhos se arregalam quando ela me encontra parado bem na sua frente. — Foda-me, — ela implora, puxando os dedos de si mesma. Ela vai limpá-los na coxa, mas eu agarro seu pulso antes que ela possa fazer isso. Eu o mantenho em minhas mãos, guiando seus dedos molhados para mim. Mantemos contato visual enquanto eu coloco seus dedos cobertos de gozo em

minha boca. Minha língua os circunda, meus olhos se fechando com o gosto de sua boceta enchendo minha boca.

Deixei meus dentes rasparem nas pontas de seus dedos, ganhando outro gemido dela. Isso se mistura com meu próprio gemido ao saboreá-la. Minhas bochechas ficam vazias, limpando seus dedos de sua excitação.

— Camden, — ela implora, tentando estender a mão e agarrar meu pau.
— Foda-me. Agora mesmo.

Dou um passo para trás, tirando rapidamente minhas roupas. — Só porque você disse *meu* nome.

Ela sorri, seus dentes brancos mordendo o lábio inferior. — Ou porque você está morrendo de vontade de me foder. — Ela aponta para meu pau tenso, a ponta já molhada com pré-goço.

— Não seja tagarela comigo, — eu exijo.

— Então me foda.

Agarro seu tornozelo com força, puxando-a para a beirada da mesa. Ela grita, suas mãos batendo contra a madeira para se equilibrar. Meu braço a envolve, girando-a para que ela fique de quatro. Com a sua posição sobre a mesa, deparo-me com a vista da sua boceta encharcada e do seu cu apertado. Corro meu dedo de seu clitóris e subo, circulando o buraco enrugado. Ela geme alto, a parte superior de seu corpo caindo sobre a mesa. Com suas costas arqueadas para mim, estou tentado a me deliciar com sua boceta - e sua bunda.

Eu faço exatamente isso, aquecendo-a e preparando-a novamente. Minha língua desliza para cima e para baixo, acariciando as partes mais íntimas dela.

— Você disse que iria me foder. — Ela geme, empurrando sua bunda contra meu rosto, apesar de suas palavras.

— Eu vou, baby, — eu digo entre lambidas. — Mas um gostinho de sua boceta e eu não pude deixar de sentir você gozar contra minha língua. — Com

minhas palavras a distraíndo, empurro meu dedo em seu buraco enrugado, meu pau se contorcendo com o gemido alto que ela solta.

— Você é tão suja, — eu penso, minha língua sacudindo seu clitóris. — Minha garota safada gosta de ter sua boceta lambida e sua bunda tocada.

— Camden, — ela implora. Empurro meu dedo mais fundo dentro dela, esperando que ela perca o controle e goze novamente.

— Eu sei que você quer que eu te foda, baby, e eu vou. Mas primeiro, você vai gozar na minha boca. Eu quero provar. Depois de fazer isso, você terá conquistado meu pau.

Ela tem espasmos ao meu redor, seu corpo tremendo enquanto um orgasmo toma conta de todo o seu corpo. Não paro até ter certeza de que aproveitei todo o valor do orgasmo. Uma vez que seu corpo relaxa, eu a viro, sem ser gentil com ela.

Eu a puxo para baixo da mesa até que sua bunda fique pendurada na borda, colocando-a na posição perfeita para pegar meu pau. Seu peito sobe e desce em respirações rápidas enquanto ela se recupera do orgasmo.

— É isto o que você queria? — Pergunto, passando a ponta do meu pau pela umidade dela.

— Sim, — ela responde, seu corpo sacudindo quando começo a entrar.

— Bom. Agora, pegue esse pau como a vagabunda suja que você é.

CAPÍTULO 51

Pippa



Nunca imaginei ir ao meu primeiro evento extravagante com esperma vazando de mim. Cruzo as pernas na traseira de uma limusine, bem ciente de que o pedaço de renda entre minhas pernas está encharcado tanto com meu esperma quanto com o de Camden.

Quando finalmente saímos de sua galeria, um pouco atrasados após invadir seu espaço de trabalho, tivemos que correr para voltar para sua cobertura e nos preparar para o evento. Eu pretendia apenas tomar um banho rápido para me limpar, mas então descobri o sabonete da Srta. Mary no chuveiro de Camden e fiquei excitada novamente.

Os lábios encontram a concha da minha orelha, movendo-se contra a minha pele sensível enquanto fico arrepiada. — No que você está pensando, bolinho? — A voz de Camden é baixa e sexy, seus dedos subindo pela minha perna desde a fenda do meu vestido.

— Sabonete, — eu respondo honestamente, minha mente vai descobrir que Camden está usando o mesmo sabonete que eu.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é? — Seus lábios se movem para o meu pescoço. De repente, estou agradecida por ele ter negado ter ido ao evento com Beck e Margo, para que pudéssemos ter algum tempo só para nós dois.

Eu sorrio, virando meu rosto para o dele para ficarmos olho no olho. — Eu estava pensando o quanto me excitou saber que você levou o sabonete de Suttan até Manhattan.

Seus dentes arranham minha garganta. — Eu me odiei por comprá-lo. Por embalá-lo em minhas malas. Mas isso me lembrou de você. Cada vez que tomava banho com ele, imaginava que você estava lá comigo. Eu daria um soco no meu pau, pensando em você.

Seus dedos flutuam perigosamente perto da umidade entre minhas pernas. Aperto minhas coxas. A equipe de cabelo e maquiagem passou duas horas me preparando para esta noite; Não vou deixar ele estragar tudo. Mesmo que seja tentador...

— Camden, — gemo enquanto ele aperta minha coxa. — Seu esperma literalmente ainda vaza de mim desde que você interrompeu meu banho enquanto a equipe de glamour esperava por mim. Espere até hoje à noite.

Ele ri, o som causando arrepios na minha espinha. — Se bem me lembro, foi você quem caiu de joelhos por mim no momento em que entrei no chuveiro. Eu só estava tentando ficar limpo para o evento.

Minhas bochechas coram porque ele está certo. Eu não pude evitar. Ele me fodeu até minhas pernas ficarem dormentes na galeria, mas vendo o sabonete, sabendo o que significava, precisei dele novamente.

Tenho medo de sempre me sentir assim, não importa o que aconteça entre nós. Camden Hunter é uma força da natureza e acho que nunca me fartarei dele.

— Não vai dizer nada sobre isso? — Ele continua, sua língua acariciando a base do meu pescoço.

— Você pode me culpar? Foi sexy saber que mesmo quando você estava fora, você estava pensando em mim.

— Pensamentos sobre você atormentaram minha mente por muito tempo. Estou sempre pensando em você. Também tenho o sabonete na minha casa em Suttan. E a loção, — acrescenta.

A limusine diminui a velocidade. Tento olhar pela janela, mas ela está escura demais para ver alguma coisa. Posso distinguir faróis atrás de nós, quase como se estivéssemos em uma fila de carros esperando.

— Eu preferiria abandoná-los, — continua Camden, seus dedos encontrando meu queixo. Ele guia meu rosto para olhar para o dele. — E apenas ter você comigo o tempo todo.

Meu coração bate forte no peito com a mistura não apenas de suas palavras, mas da maneira intensa como ele olha para mim. — Você tem que me levar para pelo menos mais quatro encontros antes de me pedir para passar todas as noites com você.

— Eu preciso saber que você é minha. Só minha. — Suas palavras saem apressadas, como se ele nem tivesse tempo de adivinhá-las antes de saírem de seus lábios.

Minhas costas se endireitam, meus dedos apertando as lapelas de seu smoking preto. — Isso soou como uma exigência e não uma pergunta.

Ele sorri, seu polegar roçando meu lábio. — É uma exigência, mas também um apelo. Você já é meu tudo, bolinho. Agora só preciso saber que você é toda minha. *Por favor.*

Se eu já não soubesse que estava me apaixonando por ele, teria certeza pela pura vulnerabilidade em seu tom. Na maneira como seus olhos percorrem meu rosto, tentando ler minha reação. Na verdade, este pode ser o momento em que percebo que já não me apaixonei por ele. Eu cai.

— Palavras, — Camden resmunga. — Preciso de palavras para saber onde está sua cabeça.

Estou muito ocupada pensando se deveria deixar escapar que me apaixonei por ele. Está na ponta da minha língua, desesperado para ser exposto. Mas estou com muito medo de que meus sentimentos tenham se desenvolvido muito rápido e possam assustá-lo. Que a avó dele estava errada

quando me disse que ele estava apaixonado por mim. Então eu os mantenho trancados lá dentro, fundindo meus lábios aos dele para me distrair.

Ele me beija avidamente por um momento antes de se afastar. Seus dedos permanecem presos em minhas bochechas enquanto seu olhar azul-gelo me encara profundamente. — Sou seu. Todo seu. *Você é minha?*

— Sim, — eu respondo imediatamente, olhando para seus lábios.

— Realmente? — Sua voz está repleta de vulnerabilidade e excitação, fazendo algo ao meu coração.

Eu esfrego meu nariz contra o dele. — Isso é uma pergunta? Você é rico, dá orgasmos fenomenais e é um molenga por baixo daquela fachada mal-humorada. Claro que sou sua.

— Mal posso esperar para apresentá-la no tapete vermelho como minha.

Minha cabeça recua. — Tapete vermelho?

Seus lábios se contraem enquanto um sorriso brinca em seus lábios. — Sim. Esta gala é enorme. Haverá celebridades e pessoas de poder de vários setores presentes esta noite. E cada um deles saberá que você é *minha*.

Olho para o vestido que Emma e Margo me ajudaram a escolher. A cor rosa blush era uma que eu não poderia dizer não. Quando Emma me convenceu a experimentá-lo, eu soube imediatamente que era esse. A parte superior do espartilho abraçava meu corpo perfeitamente, acentuando meus seios e a cintura estreita. Na cintura, ele dobra antes que o tecido de seda caia até meus pés. É sexy, mas elegante, com uma fenda que sobe pela perna e mangas fora dos ombros.

Nunca me senti tão bonita como quando saí da sala em que me arrumei e encontrei Camden olhando diretamente para mim. Seus ombros se acalmaram, como se eu realmente tivesse tirado seu fôlego com o vestido justo e os cachos imaculados que caíam pelas minhas costas.

Agora estou questionando tudo, sabendo que teremos que andar no tapete vermelho.

— Haverá câmeras? — Pergunto ansiosamente, agarrando-o com mais força quando o carro para.

— Sim. Muitas delas. Mas estarei com você o tempo todo.

— Não sei se consigo fazer isso, — admito.

Sua mão encontra a minha no mesmo momento em que sua porta se abre. — Estou com você, bolinho.

E antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele sai. No momento em que sai do carro, ele se vira para mim e estende a mão. Eu a agarro, respirando fundo e deixando que ele me conduza para seu mundo.

CAPÍTULO 52

Camden



— Acho que minhas bochechas doem de tanto sorrir, — Pippa chora ao meu lado antes de tomar um grande gole da taça de champanhe em sua mão. Ficamos ao lado da pista de dança, esperando que Beck e Margo nos encontrem antes de encontrar nossa mesa.

Meus olhos examinam a sala em busca de rostos familiares. Sinto um desconforto no estômago enquanto procuro Daly. Precisamos conversar, mas preciso encontrar um jeito de fazer isso sem que Pippa ouça. O buraco no estômago também pode ser devido à ideia de meus pais estarem aqui. Depende do humor deles se eles comparecerem a esses eventos, e espero que esta noite seja uma noite em que eu possa evitá-los.

Não quero apresentá-los à Pippa. Eles não merecem conhecer a mulher que amo.

— Se mais uma pessoa perguntar se estou grávida, posso dar um soco na garganta dela, — Margo reclama, caminhando até nós com Beck e Emma logo atrás.

— Quer isso? — Pippa oferece, estendendo sua taça de champanhe pela metade.

Margo arranca-a da mão dela. — Obrigada. Vou precisar de umas cinco dessas para evitar as perguntas do bebê a noite toda.

— Da próxima vez que alguém perguntar se você está grávida, você deve responder a pergunta, — sugere Pippa, com um sorriso travesso no rosto.

Margo e Beck riem enquanto Emma se afasta para chamar um garçom com uma bandeja cheia de mais champanhe.

— Posso realmente fazer isso da próxima vez. — Seu sorriso vacila por um momento quando ela olha para Beck. — Não há nada que eu queira mais do que contar às pessoas que vamos ter um filho, mas isso ainda não aconteceu. E mesmo que estivéssemos, não me sinto confortável em contar às pessoas até sairmos do primeiro trimestre.

Pippa estende a mão e aperta a mão de Margo. — Você não deve explicação a ninguém. Não é da conta de ninguém. Lamento que eles estejam perguntando a você.

— Eu disse que poderíamos evitar a imprensa, — Beck oferece, passando o braço em volta da esposa.

Margo sorri para ele. — Não me importo com a imprensa quando pergunta sobre nosso trabalho ou quanto dinheiro achamos que será arrecadado para caridade esta noite. Eu simplesmente sinto que as perguntas sobre o bebê estão fora de controle.

— Segure o champanhe a noite toda e as pessoas vão parar de perguntar, — acrescenta Pippa.

Emma retorna com as mãos cheias de várias taças de champanhe. Ela os estende para o nosso pequeno círculo, cada um de nós pegando uma. — Talvez devêssemos apenas fazer você beber uma garrafa na frente de todos. Isso os fará parar.

Todo mundo ri. Levanto minha taça de champanhe para fazer um brinde. — Para os idiotas que pensam que têm direito ao nosso negócio.

— E aos meus amigos ricos que me colocam nesse tipo de coisa, — Emma acrescenta rindo. — Saúde!

Fica quieto por um momento enquanto cada um de nós toma um gole. O champanhe é borbulhante e doce enquanto desce pela minha garganta.

Margo termina sua bebida, virando-se para mim e Pippa. — Falando em perguntas, como foi seu primeiro tapete vermelho, Pippa?

Os olhos de Pippa se arregalam enquanto ela respira lentamente. A pele exposta de seus seios se move com a respiração, me fazendo querer estender a mão e libertar um de seus mamilos perfeitos. Pena que há muitas pessoas, e ela está me fazendo esperar para devorá-la até que esta noite acabe.

— Foi realmente assustador, — responde Pippa com um suspiro resignado. — Eles ficavam perguntando o nome do meu restaurante como se algum deles tivesse alguma ideia sobre Wake and Bake.

— Puta merda! — Emma chama, as costas da mão atingindo Beck no estômago com seu movimento repentino.

— Que diabos, Emma, — Beck reclama, olhando para ela. Ela não percebe; ela está muito ocupada olhando para a grande escadaria que leva ao salão de baile.

Sigo sua visão, percebendo o que ela vê no mesmo momento que todos os outros.

— Essa é a Winnie? — Margo pergunta, completamente chocada.

Aperto os olhos, olhando da amiga das meninas para Beck. — Esse é Archer Moore?

Beck observa os dois com as sobrancelhas franzidas na testa. — Definitivamente é.

Olhamos com os olhos arregalados para Winnie, de braços dados com Archer Moore — alguém com quem Beck e eu estudamos. E alguém que pensei que a família da Winnie odiava.

Pippa se aproxima de mim, aproximando-se. — Eu reconheço sua amiga Winnie. Não sabíamos que ela tinha namorado?

Emma solta um assobio baixo e longo. — Eu sabia que ela tinha um. Da última vez que ela confidenciou em mim, ela não estava com *ele*.

— Eu não sabia que ela estava com alguém, — observa Margo, olhando para sua melhor amiga.

Dizem que há décadas atrás houve um acordo comercial que deu errado entre os Moores e os Bishops. Eles deveriam ser parceiros de negócios antes que o avô de Winnie se retirasse, esfaqueando a família de Archer pelas costas no processo.

Todos nós olhamos para eles enquanto eles vêm em nossa direção. Archer parece estar quase arrastando Winnie até nós. Seus dedos estão tão apertados em torno de seu bíceps que posso ver as pequenas marcas em seu traje por causa da pressão.

Archer para na nossa frente, dando a Beck e a mim um sorriso frio. — Sinclair. Hunter. Que bom ver vocês dois.

Ele aperta nossas mãos, seu aperto de mão é firme.

— Achei que eventos como esse nunca fossem sua praia, — comenta Beck, dando a Archer e Winnie um sorriso educado. Archer era um ano mais novo que nós na escola, mas sempre evitava festas a todo custo. Mesmo depois de todos nós nos formarmos e seguirmos em frente com nossas vidas, ele raramente aparecia em eventos organizados pela elite de Nova York.

— Eu tive que vir comemorar, — responde Archer, seus olhos indo para Winnie ao seu lado.

Ela sempre fica quieta quando a vejo com Margo e Emma, mas ela parece estranhamente quieta esta noite.

Emma tenta chamar a atenção de Winnie, mas ela não diz nada. Ela olha o perfil de Archer como se sua vida dependesse disso.

— Comemorar o quê, exatamente? — Beck pergunta, olhando para mim, confuso.

Archer levanta a mão de Winnie, um anel de diamante gigante em sua mão enluvada brilhando sob os lustres.

— O quê? — Emma grita, arrancando a mão de Winnie do aperto de Archer. Margo também se aproxima, inspecionando o que parece ser um anel de noivado.

Minha cabeça inclina por um momento, mas antes que eu possa fazer as perguntas que passam pela minha mente, Archer puxa a mão de Winnie do aperto de Emma e dá um beijo no diamante brilhante no dedo de Winnie. — Não poderíamos deixar passar a oportunidade do nosso primeiro evento como marido e mulher.

— Acho que posso desmaiar, — comenta Emma, suas palavras saindo trêmulas.

— Do que ele está falando? — Margo pressiona, dando um passo mais perto de Winnie.

Winnie olha para cima com um sorriso suave. — Temos algumas coisas para colocar em dia.

Margo envolve o braço de Pippa, algo que aprecio porque não quero que Pippa se sinta excluída, embora ela claramente não tenha ideia do impacto do que está acontecendo à nossa frente.

— Preciso ir ao banheiro feminino, — diz Margo, puxando Pippa com ela. Ela usa a outra mão para agarrar Winnie, tendo que arrancar Winnie das mãos de Archer. — Você também vem, Win.

Winnie não discute, embora os lábios de Archer formem uma linha reta de descontentamento.

— Você está bem com isso? — Pergunto a Pippa, querendo ter certeza de que ela se sente confortável.

Ela sorri. — Sim.

Margo não perde mais tempo. Ela puxa Pippa e Winnie, gesticulando para que Emma a siga.

Nós três os observamos partir, ninguém falando até que seus corpos desaparecem no grupo de convidados.

Depois que elas vão embora, viro-me para Archer. — Parece que parabéns estão em ordem.

Archer dá um breve aceno de cabeça. — Obrigado, Hunter.

— Perdemos um convite? — Meus olhos voam para Beck. Normalmente, sou eu quem é o idiota entre nós dois.

— Ela queria algo pequeno, — responde Archer, seus olhos vasculhando a sala.

Beck e eu trocamos um olhar. Algo parece diferente nisso, mas não cabe a mim dizer nada. Meus olhos se fixam em Daly conversando com um grupo de pessoas do outro lado da sala.

— Eu já volto, — digo aos dois, me dispensando. Por mais divertido que fosse ouvir tudo sobre como Winnie acabou casada com ele, há coisas mais urgentes para eu resolver.

Entro e saio dos corpos das pessoas até encontrar Daly. Seus olhos encontram os meus imediatamente. Ele pede licença da conversa e para na minha frente.

Não perco tempo indo direto ao assunto. — Diga-me que você tem mais respostas.

Só pela forma como seu rosto se contrai, sei que ele não tem boas notícias para mim.

— A papelada ainda não foi totalmente processada, mas o grupo imobiliário disse que a venda está sob contrato.

— Eles disseram com quem?

Daly balança a cabeça. — Não. Tudo o que disseram foi que eram todas as propriedades do seu quarteirão, menos a sua, e que era um comprador de Nova York.

— Porra. — Eu ferveo, minha mente pensando em quem poderia ser.

Eu pedi a Daly para me ajudar a descobrir o aviso que Pippa recebeu. Se o grupo imobiliário quisesse vender, eu compraria com prazer todas as propriedades para que o aluguel não subisse ou não fosse vendido a outra

peessoa. Ou pelo menos dar a Pippa a oportunidade de comprar a parte dela, como ela disse que queria. Não faz sentido porque, de repente, alguém de fora da cidade apareceu para comprar um imóvel em Suttén. Foi um choque para a maioria o que fiz. Não entendo que negócios alguém tem com essas propriedades.

— Neste ponto, talvez tenhamos que esperar até que a venda seja finalizada e, então, se você quiser, poderá ir até quem comprou e dar-lhe um número.

Passo a mão pela boca, meus olhos examinando a sala para ver se Pippa e as meninas já voltaram. — Você acha que os conhecemos?

Daly suspira. — Parece coincidência demais para nós não o conhecermos, mas não sei. Estou tentando pensar em alguém que possa lucrar com esses espaços.

Eu franzo a testa, olhando através da multidão, me perguntando se eles estão aqui agora. — Preciso descobrir antes que isso aconteça. Não posso deixar que Pippa saiba que o local comercial pelo qual ela trabalhou tanto pode ter sido comprado logo abaixo dela.

— Ela pode conseguir um espaço diferente? Eu não olhei em volta.

Lanço-lhe um olhar mordaz. — Não vou nem colocar energia na sua pergunta estúpida.

Suas bochechas incham enquanto ele olha para qualquer coisa, menos para mim. Ele terminou a conversa, o que é bom. Ele não é útil para mim no momento, de qualquer maneira.

Em vez disso, olho para a multidão das pessoas mais ricas de Nova Iorque. Alguém aqui precisa ter respostas. Eu só tenho que encontrá-los.

CAPÍTULO 53

Pippa



Peço licença da conversa entre Margo, Winnie e Emma. Elas foram muito gentis em me incluir, mas enquanto se amontoam no banheiro mais chique que já vi na vida, percebo que sou apenas um espectador do que parece ser uma conversa muito *particular*.

Eu me afasto enquanto Emma dispara pergunta após pergunta para Winnie, sem sequer lhe dar tempo para responder antes de perguntar outra. Nenhuma delas percebe minha saída, o que eu prefiro. Eu as encontrarei mais tarde esta noite, depois que elas resolverem a conversa.

Demoro alguns momentos para voltar ao elegante salão de baile. Continuo me perdendo em pequenas salas cheias de gente se misturando. Quando concordei em ir à gala, imaginei algo completamente diferente do que realmente é. Eu sabia que Camden tinha dinheiro, mas simplesmente não o imaginava nessas situações luxuosas.

Estou tentando me espremer perto de um grupo de mulheres conversando profundamente quando ouço o nome de Camden de uma de suas bocas. — Você viu quem Camden Hunter trouxe esta noite?

Meus passos param por um momento. Eu sei que não deveria ouvir, mas não consigo evitar. Quero saber o que mais eles dirão.

— Eu não entendo. Ele namorou muito mais bonitas. Por que trazê-la?

— Porque ele provavelmente achou engraçado, — uma mulher oferece com uma risada estridente. — Ou pensou que seria uma ótima publicidade para sua mais nova galeria se ele trouxesse alguém daquela cidade minúscula e de merda. Ele vai usá-la e depois descartá-la quando ficar entediado. — Há uma pausa por um momento, ou talvez seja o sangue correndo pelos meus ouvidos que me impede de ouvir mais alguma coisa. Independentemente disso, não ouço nada até que a mesma voz acrescenta: — Isso é o que ele faz com todas as mulheres. Neste país ninguém será diferente.

Meu rosto fica vermelho de vergonha. Parte de mim quer ir até elas e dizer-lhes para não serem tão descuidadas com suas palavras. Para dizer a elas que sou uma humana com sentimentos e que Suttan é na verdade uma cidade incrível e não merece o ódio que elas estão dando a ela. A outra parte de mim se concentra no que elas disseram sobre Camden, deixando dúvidas surgirem em minha mente quando sei que não deveriam.

Saio correndo antes que possa dizer algo de que me arrependa. Camden deixou claro para qualquer um que perguntasse no tapete vermelho que eu era dele. Ele não parece estar escondendo nada, mas ainda não definimos verdadeiramente o que somos. Enquanto caminho para o salão de baile em busca de Camden, não posso deixar de me perguntar se as palavras deles soam verdadeiras. Quais foram as razões dele para querer que eu viesse esta noite?

A princípio não consigo encontrá-lo em lugar nenhum, circulando completamente pela sala, procurando seus familiares ombros largos e seu olhar gelado. Finalmente, eu o localizo, parecendo estar em uma discussão acalorada com o idiota em quem derramei uma bebida na inauguração de sua galeria. Jack, eu acho? Ou talvez Jasão?

Camden está com as costas retas como uma tábua, as mãos cruzadas sobre o peito em uma posição quase defensiva. Paro, me perguntando o que devo fazer. Se eu me aproximar mais alguns passos, talvez consiga ouvir a

conversa deles, mas não sei se é algo que ele gostaria que eu participasse ou não.

Alguém esbarra em mim, me empurrando um pouco mais para perto deles, permitindo-me ouvir trechos da conversa deles.

— Não vejo razão para nada disso. — Camden ferve, o veneno em sua voz me faz parar. Nunca o ouvi tão zangado, mesmo que sua raiva tenha sido dirigida a mim antes.

— Esse é um comentário bobo, considerando que foi você quem me deu a ideia, — Jason responde. — Sem você, nada disso seria possível.

— Eu não entendo.

— Se você não tivesse comprado a galeria Suttan e não tivesse convidado a todos nós, eu não teria conhecido o lucrativo mercado imobiliário de Suttan Mountain.

— Meu espaço estava à venda quando o comprei, — sibila Camden.

— O meu também estava, uma vez que dei o preço certo e conversei com as pessoas certas. Por que você está agindo assim, Hunter? Aquela camponesa que lhe dá um sexo tão bom que não faz você pensar com clareza?

— Você é uma desgraça, — Camden cospe.

Estou tão atordoada com a conversa que não consigo me mover, minha mente tentando entender o que eles poderiam estar falando.

— Jason, diga-me o preço e eu compro de você.

Só consigo ver um pedaço do rosto de Jason, mas vejo um sorriso se formar. — Eu teria que gostar que você fizesse isso, e não esqueci como você me envergonhou. Prefiro aumentar cada vez mais o aluguel dos inquilinos existentes, até que eles não possam mais pagar. Então eles não terão escolha a não ser ir embora, e posso trazer pessoas que conhecemos para alugar os espaços. Nós tomaremos conta daquela cidade de merda que os turistas parecem adorar, e tudo será porque *você* começou.

Não posso mais ficar para trás. Ando até que meus dedos envolvam o bíceps de Camden, puxando-o até forçá-lo a olhar para mim. — O que está

acontecendo? — Eu pergunto, meus olhos procurando desesperadamente seu rosto para descobrir o que está acontecendo.

Jason me dá um sorriso sinistro. Isso faz minha pele arrepiar. Odeio que Camden conheça pessoas como ele. Basta olhar para o homem e fica evidente que ele é uma pessoa terrível. — Olha quem é, a putinha que não aprendeu boas maneiras.

— Cuidado com a porra da sua boca, — Camden retruca, sua voz estrondosa. É tão alto que chama a atenção de outras pessoas ao nosso redor.

Eu nem me importo com o que Jason me chamou; Ainda estou tentando processar o que ele disse antes.

— Camden? — Pergunto, com a voz trêmula, embora eu odeie isso. — O que está acontecendo?

— Acho que ele queria esconder isso de você, mas posso ir direto ao ponto e dizer que sou seu novo senhorio.

Meu coração afunda. Dói ainda mais quando os olhos de Camden não encontram os meus. Em vez disso, sua mandíbula se aperta enquanto ele olha para os sapatos. Quero que ele olhe para cima, olhe para mim e explique o que está acontecendo.

Ele não faz nenhuma das duas coisas.

Em vez disso, fico com o zombeteiro Jason, seus olhos redondos olhando alegremente para mim como se toda a sua noite tivesse sido feita compartilhando essa informação.

— Estou confusa, — gaguejo, tentando fazer com que minha mente se atualize. Nada disso faz sentido. Por que ele seria meu senhorio? Por que ele teria alguma coisa a ver com Suten?

— Estou comprando o local da sua empresa, junto com os outros no quarteirão. Todos eles serão meus quando tudo passar. E então, você me pagará ou sairá para abrir espaço para pessoas que realmente podem pagar.

Sinto-me doente. O mundo parece ficar confuso ao meu redor enquanto penso no que ele acabou de dizer.

— Por quê? — Eu grito, minha voz soando mansa e tímida. Odeio tudo que está relacionado a isso.

Ele olha para Camden, e eu faço a mesma coisa, finalmente encontrando seus olhos em mim. Tudo o que posso ver é arrependimento neles. Dói meu coração porque eu nem entendo completamente por que ele está me olhando daquele jeito.

Jason solta uma risada baixa. Isso causa arrepios na minha pele porque é estranho e assustador, e me sinto desconfortável mesmo estando na presença dele.

— Porque Camden me mostrou como o mercado está crescendo em sua pequena cidade. As pessoas migram para lá, e eu nem sequer visitei durante sua alta temporada. Imagine os lucros que poderíamos obter em lojas específicas durante a temporada de esqui. Não é pessoal. — Ele olha para Camden, que se recusa a desviar o olhar de mim. — Ou talvez seja. De qualquer forma, você encontrará uma maneira de me pagar muito, ou substituirei sua loja por alguém que o faça.

— Os proprietários não estavam vendendo, — observo, olhando para Camden em busca de esclarecimentos.

— Jason apareceu e os convenceu. — Ele estende a mão para me agarrar, mas eu levanto as mãos para impedi-lo. Não posso permitir que ele me toque agora, não quando ele pode ser a razão pela qual tudo pelo que trabalhei pegou fogo.

— Eu vou consertar isso, — Camden acrescenta, sua voz baixa o suficiente para que apenas eu ouça. — Eu só preciso de tempo. Eu tive Daly nisso o dia todo.

Meus olhos se arregalam quando um nó se forma na minha garganta. Isso não pode estar acontecendo. — Você... você sabia? — Eu odeio como minha voz trêmula trai cada uma das minhas emoções.

Pareço fraca agora e não consigo nem começar a me importar porque, principalmente, me sinto traída pelo homem por quem me apaixonei. A culpa está estampada em seu rosto. Na maneira como ele franze a testa, um vinco

aparece em sua testa enquanto seus olhos se afastam dos meus por apenas uma fração de segundo, praticamente uma admissão de culpa.

— Eu descobri mais cedo, mas não queria contar a você até saber mais.

— Por que você não me contou no momento em que descobriu que esse idiota estava tentando se livrar de tudo pelo que trabalhei?

— Eu não sabia que era ele, — rebate Camden. — Eu simplesmente sabia que o bloco estava sob contrato e fiz negócios suficientes para saber as intenções quando grandes grupos imobiliários comprem imóveis menores.

— Porque você é um deles. — Tudo desaba de uma vez. Minha realidade fica confusa quando percebo que Camden é exatamente quem eu pensava que ele era - não quem eu esperava que ele fosse. O que infelizmente significa que ele pertence ao mundo deles — não ao meu.

Camden estremece como se minhas palavras realmente o machucassem. — Não diga isso, — ele murmura. — Eu vou consertar isso.

Balanço a cabeça para frente e para trás lentamente, meus olhos ardendo com lágrimas não derramadas.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, Jason fala. — Vou deixar vocês dois cuidarem disso. Estou ansioso para falar mais com você, Pippy. O acordo deve ser finalizado em breve. Fique atenta ao aumento do aluguel.

— É Pippa, — Camden fumeça, lançando um olhar na direção de Jason. — E você falará comigo *mais* cedo porque isso ainda não acabou.

Jason dá um sorriso satisfeito. — Desista, Hunter. Você deveria me agradecer. Isso só pode levar você a obter clientes com salários mais altos.

Ele vai embora e tudo que quero dizer fica preso na minha garganta. Estou em choque e lidando com muita dor para falar. Não com meu mundo desabando ao meu redor com a percepção de que o mundo de Camden e o meu são muito diferentes para funcionar.

— Eu vou consertar isso, — Camden promete, tentando pegar minha mão. Puxo a minha para trás, não querendo sentir sua pele contra a minha. Se eu deixar ele me tocar, minha cabeça ficará confusa de novo, e não posso

permitir isso agora. Preciso pensar com clareza. Eu tenho que descobrir uma maneira de parar isso.

— Podemos conversar em algum lugar privado? — Pergunto, olhando para os festeiros que nos olham por cima dos ombros.

— Podemos conversar onde você quiser. Só por favor não se desligue de mim. Eu vou consertar isso.

Tudo o que posso fazer é concordar porque o nó na minha garganta é muito grande. Quero acreditar nele com todas as partes de mim, mas para ele consertar isso, ele teria que ir contra o único mundo que conheceu.

Ele coloca a mão nas minhas costas, guiando-me entre as pessoas até sairmos para a brisa fria da noite. Há um frio no ar do outono, fazendo minha pele ficar arrepiada.

Camden começa a tirar a jaqueta. — Pegue minha jaqueta, — ele insiste, libertando o segundo braço.

Eu balanço minha cabeça. — Estou bem.

Seus olhos escurecem, suas íris azul-gelo ficam escuras e tempestuosas. — Você está esfregando os braços como se estivesse com frio. Pegue. Agora.

Não discuto quando ele a coloca em meus ombros, mesmo sabendo que é uma má ideia. Estou envolvida em seu cheiro, um perfume que se tornou muito reconfortante para mim. Um perfume ao qual me acostumei demais quando sabia no fundo da minha mente que um dia teria que deixá-lo ir.

Eu odeio isso, mas não posso deixar de me perguntar se hoje é esse dia.

Camden não dá um passo para trás. Suas mãos permanecem em meus ombros enquanto seus olhos procuram meu rosto. — Eu preciso que você fale comigo. Preciso saber que vamos resolver isso juntos.

Desviei meu olhar do dele, incapaz de olhá-lo nos olhos. Dói muito. — Talvez seja melhor não fazermos isso.

Seu corpo estremece como se eu tivesse batido nele. — Nada será o melhor para mim se não for com você.

Minhas pernas tremem e percebo que talvez não seja o ar frio que me faz tremer. Talvez seja o peso da realidade do nosso final que finalmente me atingiu. — Meu mundo inteiro é aquele café, Camden. — Minha voz treme, mas continuo falando porque não me importo se ele me ver desmoronar. — É tudo que eu sempre quis. Tudo pelo que trabalhei duro.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Ele tenta estender a mão e enxugá-las, mas viro a cabeça para evitá-lo. — Minha mãe me ajudou a escolher tudo lá. Passamos horas na loja de ferragens selecionando o tom perfeito de rosa. Ela me ajudou a desenhar um logotipo e foi comigo a inúmeros brechós para ajudar a decorar o local. Entro naquele prédio todas as manhãs e a sinto comigo. Ela está em todo lugar. E algum idiota rico de terno quer tirar isso de mim. — Minha cabeça balança para frente e para trás enquanto meus olhos se fecham. Não consigo ver nada através das lágrimas. — Não posso perder essa coisa que ainda tenho dela.

Ele hesitantemente agarra meu queixo. Quando ele tenta persuadi-lo, eu luto com ele, não querendo olhar para ele. Ele suspira, sem forçar minha cabeça para cima, mesmo sabendo que ele quer.

— Eu disse que vou consertar isso. Eu mantenho minha palavra. Você não vai perder isso, querida. Deixe-me consertar isso para você.

Soltei um suspiro instável. — Você não teria que consertar isso se não tivesse tentado consertar Suttin em primeiro lugar. — Sei que minhas palavras são duras, que ele não as merece, mas há uma parte irracional em mim que pensa que são verdadeiras. Se ele não tivesse tentado fazer de Suttin algo que não era, então empresários como Jason nunca teriam ameaçado tudo pelo que trabalhei.

— Eu nunca poderia imaginar que ele faria isso. — Sua voz fica cheia de emoção. — Você tem que acreditar em mim nisso.

Finalmente olho para ele. Não consigo evitar e me arrependo no momento em que nossos olhos se conectam. Porque eu sei que ele está falando sério e me odeio por ter pensado em culpá-lo por isso. Não é culpa dele, mas estou perdida e com medo, e odeio estar atacando ele.

— Preciso voltar para Suttan, — digo a ele, com a voz trêmula.

— Iremos juntos.

Eu balanço minha cabeça. — Acho que deveria ir para casa sozinha.



CAPÍTULO 54

Camden



Parece que meu coração está sendo partido ao meio. Pippa olha para mim com uma expressão vazia. Costumava haver luz – e talvez até amor – em seus olhos quando seus olhos encontravam os meus. Agora, não há nada além de lágrimas. Quero destruir o mundo depois de vê-la assim, vê-la tão chateada.

— Você não precisa fazer isso sozinha, — digo a ela, enxugando uma lágrima de seu rosto. Não adianta fazer isso; segundos depois de limpá-la, outra segue o exemplo.

— O que você está fazendo aqui? — Pippa pergunta. Até a voz dela está vazia de emoção. Ela está se afastando de mim. Posso sentir isso e não sei o que fazer. Nunca tive que lutar por alguém. Nunca me importei com alguém o suficiente para estar nesta posição.

— Estamos aqui porque queria mostrar meu mundo para vocês. Já vi muito seu em Suttan, só queria ter você aqui e exibi-la para todo mundo. Mas podemos voltar para casa se você quiser. Eu só vou...

Pippa coloca a mão no meu peito. — Não, não aqui fisicamente. Mas aqui em geral. — Seus olhos se voltam para o prédio ao nosso lado. — Eu queria

amar esta parte da sua vida, Camden. Eu realmente queria. Mas esta não sou eu. Eu não quero isso e nunca vou me encaixar nesta vida.

Meu coração martela dentro do peito devido ao pânico de perdê-la. — Até Jason, eu pensei que você estava se divertindo.

Ela solta uma risada triste. — Você sabia que quando eu estava procurando por você, ouvi essas mulheres falando sobre você? Acho que uma delas era alguém que você costumava ver. Elas também estavam falando de mim. Sobre como eu não pertencço. Sobre como não pertencemos um ao outro e que não há razão para você me trazer aqui, a menos que esteja me usando.

Minha pulsação martela em meus ouvidos com raiva. Aperto a mandíbula, tentando lutar contra a raiva que corre em minhas veias. — Você não acha que estou usando você, acha?

Ela balança a cabeça. — Não. Não acho que você esteja me usando. — Sinto um pequeno momento de alívio até que ela continua falando. — Mas isso me fez pensar que elas poderiam ter razão. Nós não funcionamos, Camden. Nossas vidas são diferentes. Muito diferente. Nenhuma parte de mim quer caber aqui. Não quando as mulheres falam mal umas das outras pelas costas e os homens com dinheiro compram negócios com a intenção de expulsar as pessoas boas que trabalharam duro para estar lá. Eu não quero me encaixar aqui, e você não quer se encaixar em Suttan. — Ela respira novamente. — Então o que estamos fazendo aqui?

Eu fico olhando para ela, parecendo que meu mundo está desabando ao meu redor ao mesmo tempo. Eu não tinha ideia de que ela se sentia assim. Eu realmente pensei antes de Jason arruinar a noite que ela estava se divertindo. Foi tudo fingimento? Ou eu estava cego demais para ver que ela não estava confortável?

— O que você está dizendo? — O sentimento em meu peito é a razão pela qual as pessoas nunca se apaixonam. É a razão pela qual nunca me permiti me preocupar com outro humano dessa maneira, porque dói demais colocar seu coração nas mãos de outra pessoa e fazer com que ela o devolva a você.

— Acho que a realidade finalmente nos alcançou. Nossas vidas são muito diferentes para fazer isso funcionar.

Meu queixo aperta enquanto tento pensar no que dizer a ela. Estou com raiva. Zangado com Jason. Irritado com nossas circunstâncias. E com raiva dela por querer desistir tão facilmente.

— Eu te amo. — Minha voz treme, não fazendo nada para esconder a vulnerabilidade nela.

Ela soluça, manchas pretas escorrendo pelo seu rosto com lágrimas. Ela está em silêncio. Estou acostumado com ela falando o que pensa. Seu silêncio é enervante. Ou talvez seja o olhar derrotado no rosto dela. Nunca disse a uma mulher que estava apaixonado por ela. Nunca estive apaixonado, mas não imaginei dizer aquelas palavras e fazer com que a mulher que é dona do meu coração olhasse para mim como se desejasse que eu nunca as tivesse dito.

Respiro fundo, organizando meus pensamentos antes de falar. — Eu não conhecia o amor até conhecer você. E estou tentando descobrir porque quero fazer melhor, ser melhor, por você. Mas não posso fazer isso se você não deixar. Não há nada que eu possa dizer se você quiser desistir assim que as coisas ficarem difíceis. Mas eu amo você. Eu te amo de uma forma que me consome. Você é cada pensamento meu, cada sonho, todo o meu ser. Eu te amo tanto que dói você pensar que eu não faria nada, desistiria de *nada*, para nos fazer funcionar.

Seu lábio inferior treme. Eu odeio ver isso. Eu odeio tudo isso. Quero voltar a esta manhã, quando acordamos e estávamos felizes. Quando as coisas não pareciam estar desmoronando.

— Eu te amo. — Suas três palavras acalmam meu coração acelerado. Posso descobrir qualquer coisa daqui, desde que saiba que ela me ama. — E estou com medo.

Concordo com a cabeça, puxando seu corpo para o meu. Ela derrete contra mim, seu corpo moldando-se ao meu. Respiro fundo, apertando a nuca dela contra meu peito. Eu me agarro a ela com toda a minha vida, temendo que se eu a soltar, mesmo que por um segundo, ela vá embora. — Estou com

muito medo, — eu resmungo. — Nunca me senti assim. Mas, por favor, deixe-me descobrir as coisas. Vamos *descobrir* isso. Não há nada que eu não faria para te fazer feliz. Para manter você. Jason não vai conseguir Wake and Bake. Eu prometo.

Ela balança a cabeça contra meu peito, seus ombros tremendo enquanto ela chora em minha camisa. Eu a seguro enquanto ela chora, sua bochecha pressionada contra meu coração acelerado. As pessoas passam por nós, provavelmente nos achando um espetáculo. Não presto atenção a nenhuma delas; tudo o que faço é agarrá-la a mim, apenas soltando-a o tempo suficiente para levá-la para a parte de trás da limusine e levá-la para casa.

Ela não fala comigo durante todo o trajeto para casa. Depois de dez minutos de silêncio, não importa as perguntas que eu faça, recorro a ligar para quem posso. Não parece que nós dois confessamos nosso amor. Nada parece feliz, e sei que a sensação de aperto no estômago era justificada quando acordo de manhã cedo e encontro o lado dela da cama vazio. A única coisa que resta em seu lugar é um bilhete bem dobrado.

Camden,

Eu não consegui dormir. Mesmo depois que você parou de se mexer e se virar, fiquei acordada olhando para o teto, com um buraco no fundo do estômago enquanto pensava em tudo que estava em perigo em Suttan.

Enquanto me sentia sem esperança sobre o que fazer, minha mente voltou-se para você. Para pensamentos sobre você. Pensamentos sobre nós e como seria a vida entre nós dois. Tentei me imaginar aqui, neste mundo que você ama, e não consegui. Eu nunca me encaixaria aqui. E não quero fazer você escolher entre esta vida e eu. Eu sei que você não se imagina em Suttan. Se aprendi alguma coisa sobre você, é que Suttan nunca terá seu coração como teve o meu.

Quero que funcionemos. Fiquei acordada por horas tentando encontrar uma solução que não acabasse com nossos corações partidos, e não consegui nada.

Não permitirei que você me escolha porque me escolher seria escolher Suttin, e sei que essa não é uma escolha que você possa fazer. As pessoas em seu mundo são a razão pela qual posso perder o que é mais importante para mim no meu. Não posso pedir que você vá contra eles e comprometa tudo pelo que trabalhou duro.

Sinto muito por ir embora. Mas sou fraca e sabia que se te olhasse nos olhos, nunca iria embora.

Por favor, saiba que isso não tem nada a ver com você. Você foi a pessoa mais fácil de se apaixonar. Você merece uma linda história de amor, Camden Hunter. Quero que seja eu e você, mas não posso entregar meu coração completamente a você até saber que não perdi o último pedaço que tenho da minha mãe.

Tenho que voltar para Suttin. Tenho que encontrar uma maneira de manter o Wake and Bake. Por favor, me perdoe por ir embora. Tenho que consertar isso e não posso pedir que você ponha tudo em risco por mim.

Eu te amo. Nunca se esqueça disso. Vou valorizar seu amor para sempre. Foi divertido tentar o destino com você, mesmo que nosso destino não seja o que esperávamos.

Se você me ama, me dê tempo para consertar isso.

Sua,

Pippa

Eu li isso tantas vezes que ele ficou permanentemente gravado em minha mente, e depois que eu o guardei na memória com raiva, eu o joguei de lado.

Pela primeira vez na minha vida, vou colocar outra pessoa antes de mim. Vou provar a Pippa que não há nada que eu não faria para mantê-la na minha vida para sempre.

CAPÍTULO 55

Pippa



— Acho que meus dedos podem cair, — Lexi reclama ao meu lado enquanto torce a parte superior de outro saco de confeitaria.

— Só temos mais seis dúzias para congelar e pronto.

Mare choraminga do meu outro lado, acidentalmente apertando sua bolsa com muita força, e a cobertura cai no cupcake em uma bola gigante. — Nunca mais quero olhar para outro cupcake, — ela anuncia, tentando cobrir a bola de glacê com ainda mais glacê.

— O mesmo, — Cade fala do outro lado do balcão. Ele provou ser péssimo em cobrir cupcakes dezenas e dezenas de cupcakes atrás, então, em vez disso, ele recebeu a tarefa de organizá-los ordenadamente em caixas para apresentação. — E normalmente adoro os cupcakes da Pip, — acrescenta.

— Estamos quase terminando, — asseguro, parando um momento para apreciar todos eles aparecendo para me ajudar. Eu cheguei em Sitten de manhã cedo ontem, e a única hora que dormi foi no caminho de volta do aeroporto, quando Cade e Mare me pegaram.

Passei toda a viagem de avião pensando em maneiras de tentar salvar não apenas Wake and Bake, mas todo o nosso quarteirão. Tudo começou com uma venda de bolos para arrecadar fundos para conseguir o máximo de dinheiro possível para levá-lo às pessoas que vendem nosso bloco. Mas uma coisa levou a outra e, eventualmente, acabou com todos nós nos unindo para criar uma grande arrecadação de fundos com todos doando itens para vender e simplesmente doando dinheiro para a causa. Pessoas de toda a cidade doaram itens e serviços, tentando ajudar de alguma forma para nos ajudar a arrecadar o máximo de dinheiro possível.

Nossa cidade foi unida de maneiras que nunca imaginei. Todos em Suttan realmente se uniram a nós quando mamãe morreu, mas fizeram tudo de novo com isso.

Meus olhos ficam brilhantes quando penso em todo o trabalho duro que todos fizeram no último dia. A feira de fornecedores é amanhã, e esperamos receber a visita de muitas pessoas do rodeio que está acontecendo a duas cidades de distância.

O sino toca para Wake and Bake. Lexi aparece com o som, deixando seu saco de confeitiro cair ao lado da prateleira de cupcakes resfriados. — Vou ver quem é! — Ela comemora, tentando usar qualquer desculpa para fazer uma pausa.

Ela se afasta por um momento antes de abrir a porta, o contorno de um homem em um terno caro aparecendo atrás dela.

Meu coração dá um pulo quando me pergunto se é Camden. Eu sei que disse a ele para não voltar, mas por um breve momento, tive esperança de que ele voltasse e que de alguma forma ele encontrasse uma solução que terminasse com nós dois felizes e juntos.

Não é Camden, e odeio a maneira como meu estômago embrulha de decepção. Eu deveria ter pensado melhor antes de me envolver. Eu deveria ter pensado em como éramos diferentes e nunca deixá-lo me beijar. Porque no momento em que seus lábios tocaram os meus, meu coração estava destinado a ser dele. Não adiantava lutar contra isso. Não se importava que não éramos

compatíveis, que éramos tão opostos quanto duas pessoas poderiam ser. Ele o queria de qualquer maneira. E agora nós dois ficamos com uma dor no peito por causa disso.

Talvez quando eu souber que não vou perder esta empresa que trabalhei tanto para criar, serei capaz de resolver as coisas com Camden. Mas até que não seja ameaçada por alguém do mundo dele, não consigo nem pensar nisso. Não adianta.

— Senhor Livingston está aqui para ajudá-la, — Lexi anuncia, dando um passo para o lado para revelar Dean Livingston. Ele ainda é alto, moreno e bonito. Mas é a figura errada, o rosto errado. O homem errado. E a decepção percorre meus ossos quando percebo o quanto esperava que fosse Camden.

A criança segurando a mão de Dean teria sido minha próxima pista de que não era Camden que estava aqui para me ver. Clara coloca a cabeça pela porta, seus olhos brilhando quando ela vê o arco-íris de cupcakes forrando toda a minha cozinha.

— Papai! Bolos de copo! — Ela grita, tentando fugir. Ele segura a mão dela, não a deixando ir muito longe.

— Olá a todos, — diz ele enquanto se abaixa para levantar a filha. Ela tem o mesmo cabelo escuro e olhos castanhos. Seus olhos estão arregalados de alegria enquanto ela não presta atenção a nenhum de nós e olha em volta para todos os cupcakes. — Clara não deveria trabalhar comigo hoje, mas mamãe não pôde cuidar dela, e estou entre babás. — Seus olhos encontram os meus por um momento. — Espero que você não se importe.

Eu sorrio largamente, largando meu saco de confeitaria por um momento para poder dizer oi. — Eu nunca me importaria. Adoro ver a doce Clara, — asseguro-lhe, aproximando-me para pegá-la de seus braços.

Ele dá um sorriso forçado. Há bolsas sob seus olhos e pouca cor em seu rosto. Ele parece exausto, mas não posso dizer muito mais porque provavelmente pareço o mesmo. — Estou aqui porque tenho o que pode parecer uma boa notícia.

Meus braços apertam Clara, apoiando-a no meu quadril. — Sim? — Estou bem ciente de quão esperançosa minha voz soa.

— Haverá um leilão para as propriedades.

Eu suspiro, olhando para todos na sala. Pela primeira vez desde que conversei com Jason em Nova York, sinto-me esperançosa e, no momento, isso é bom o suficiente para mim.

— Então isso significa que o contrato fracassou?

Dean assente. — Tipo isso. Tive alguma ajuda, mas consegui convencer o grupo imobiliário de que eles poderiam conseguir muito mais se levassem o imóvel a leilão.

— Obrigada. — Olho para Clara e a vejo ainda olhando para os cupcakes. — Seu pai pode ter acabado de salvar o dia. Ficaremos devendo muito a ele.

Dean alisa o cabelo de Clara, olhando-a com carinho. — Não fui só eu. E não será barato. Não acho que esse Jason Vincent vá cair sem lutar. Mas há uma chance. Estou tentando falar com papai para ver se podemos entrar no leilão. Ele está tentando se tornar mais residencial, mas não há nada que ele ame mais do que esta cidade. Temos uma chance, Pippa.

Meus olhos se fecham de alívio. Tudo que preciso é de uma chance, não importa quão pequena seja. É o bastante.

— Não sei como agradecer, — começo, colocando Clara no chão quando ela começa a mexer as pernas.

Ele mantém os olhos nela. — Não me agradeça ainda. Não sabemos o que vai acontecer. Mas entre a cidade se reunindo para a arrecadação de fundos amanhã e o leilão em dois dias, talvez possamos fazer isso acontecer.

— Eu quero um, — declara Clara, apontando o dedo gordinho para uma caixa cheia de cupcakes rosa e roxos. Seus olhos castanhos encontram os de seu pai. — Papai, por favor?

Ele suspira. — Você nem almoçou ainda.

— Temos sanduíches na geladeira. Posso levá-la para comer um antes de um cupcake, se estiver tudo bem para você? — Lexi oferece.

Dean parece nervoso por alguns segundos. Seus olhos saltam de Lexi para Clara e vice-versa. — Eu não quero fazer você observá-la. Ela pode sair comigo enquanto Pippa e eu conversamos um pouco mais.

Eu sorrio. — Lexi é incrível com as crianças que sempre chegam. Além disso, acho que ela está procurando uma desculpa para sair da cobertura de cupcakes.

Lexi ri, encolhendo os ombros. — Você me pegou.

— Por favor, papai? — Clara pergunta, puxando a perna da calça de Dean. — Eu quero brincar com alguém novo.

— Você está cansada de mim? — Ele brinca com a filha.

Exceto que ela sorri para ele e lhe dá um sorriso confiante. — Sim.

Cade cai na gargalhada atrás de nós. Não demora muito para todos nós cairmos na gargalhada, graças a Clara.

— Falando nisso, se estiver tudo bem para você, levarei Clara para a frente. Lexi pega a mão de Clara e a leva até a porta.

Dean não diz nada, mas mantém os olhos fixos em Lexi e Clara até que elas desapareçam de vista. Finalmente, ele se volta para mim. — Eu posso confiar nela, certo? — Sua voz é cautelosa. É fofo. Eu nunca teria esperado que o rosto da realza Livingston parecesse tão vulnerável, mas ele sempre foi assim quando se trata de sua filha.

— Ela é ótima. Clara está em ótimas mãos, eu prometo.

Mare bate palmas com entusiasmo, lambendo a cobertura do dedo assim que termina seu último cupcake. — Todos voltam ao jogo. Temos uma pequena cidade para salvar!

CAPÍTULO 56

Camden



Os últimos dias foram os mais longos da minha vida. Estar em Suttan e não estar perto da mulher que amo tem sido uma tortura, mas da próxima vez que a vir, vou me certificar de que estou em posição de dar a ela tudo e qualquer coisa com que ela sempre sonhou. Começando por garantir que ela e as pessoas que ela ama não percam seu trabalho duro para um idiota como Jason Vincent.

Fiquei me escondendo no meu apartamento alugado, com medo de encontrar Pippa se passasse muito tempo na galeria. Eu não queria que ela soubesse que eu estava de volta. Eu não queria que ela soubesse que eu estava fazendo tudo ao meu alcance para consertar isso antes de realmente consertar. Ela não merece promessas vazias. Ela merece grandes gestos e fatos. E estou determinado a dar isso a ela.

— Você tem uma visita, — Trisha me diz, entrando com um copo do Starbucks. O café é uma merda. O de Pippa é muito melhor, mas eu não queria que Trisha estragasse nosso disfarce indo ao Wake and Bake, então optei por um café que sempre tem gosto de queimado. E é uma merda. O que é ainda pior é acordar numa cama vazia. Eu me acostumei demais a acordar com o

corpo dela sobre o meu. Depois de corrigir esse erro, direi a ela que ela dormirá ao meu lado todas as noites pelo resto de nossas vidas. Não há outra opção. Eu não dou a mínima para onde fica a cama; Eu só tenho que estar com ela.

— Camden? — Trisha cutuca, dando um passo mais fundo na sala alugada que se tornou meu escritório.

Balanço a cabeça, sentando-me mais ereto na cadeira. — Desculpe. — Com prazer pego a xícara de café de sua mão estendida, mesmo sabendo que é uma droga. Eu mostro isso para ela. — Claramente, eu preciso disso.

Trisha sorri, olhando por cima do ombro. — Posso enviar o Sr. Livingston na sua direção?

Tomo um gole de café. — Qual deles?

Eu ouço uma risada baixa atrás de Trisha, Dean aparecendo na porta. — O melhor, — ele insiste, dando um sorriso confiante para Trisha. — Aquele que vem com boas notícias.

— Sim? — Pergunto, gesticulando para que ele se sente. Achei que seria difícil entrar em contato com ele na manhã em que descobri que Pippa havia saído da minha cama, mas, para minha surpresa, ele respondeu. Bem, a secretária dele fez isso, mas logo depois eu chamei o próprio Dean. Descobrimos que Pippa já havia entrado em contato com ele pedindo ajuda.

Dean desabotoa o paletó e se senta em frente à minha mesa. — Eu não tenho muito tempo. Minha filha está com Pippa e sua equipe, se divertindo muito enquanto eu lhes contei que tinha uma reunião. Se eu demorar muito, temo que eles possam alimentar minha filha com cupcakes suficientes para que ela fique quicando nas paredes a noite toda.

Eu rio. Conheci a filha dele brevemente ontem à noite. Ela era tão fofa quanto pode ser. Foi cômico ver como ele estava envolvido em seu dedo. Nós só nos conhecemos por tempo suficiente para que Dean e eu analisássemos alguns papéis para levar ao grupo imobiliário que estava vendendo as propriedades antes que ele tivesse que ir. — Ela provavelmente comeu três cupcakes nos dez minutos que você levou para chegar até aqui.

Ele grunhe, pegando uma caneta da minha mesa e torcendo-a entre os dedos. — Espero não me arrepender de tê-la deixado com eles. Eu me sinto mal, ela não passa muito tempo com mulheres. Minha mãe a observa um pouco, mas ela passa muito tempo comigo. Não pude dizer não às lágrimas dela quando eles se ofereceram para observá-la em minha próxima reunião.

— Como está Pippa? — A pergunta sai da minha boca antes que eu possa pensar melhor. É quase instintivo, meu desejo de saber como ela está. Sei que ela deve estar magoada, cansada e preocupada, e odeio isso. Esperançosamente, em dois dias, tudo isso estará no nosso passado, e ela acreditará na minha palavra quando eu disser que estou totalmente com ela - para o resto da minha vida.

Dean me observa de perto. Eu mal conheço o cara, apenas o suficiente para saber que ele foi gentil o suficiente para me ajudar a mexer os pauzinhos para tentar fazer com que o bloco de negócios fosse a leilão. Discutimos maneiras de ajudá-lo também, é claro. Ele ainda é um empresário. Mas ele também parece um ser humano decente. Alguém que se preocupa com a cidade onde cresceu, e eu o respeito por isso. Finalmente, ele suspira, ainda girando a caneta entre os dedos. — Ela parece cansada, mas esperançosa. Ela se iluminou quando eu disse a ela que recebi a confirmação de que eles iriam leiloar o bloco.

Quase engasguei com o gole de café que estava tomando. — Foi aprovado? — Eu resmungo, tentando falar através da queimação na minha garganta.

Dean assente. — Nosso plano funcionou. Eu disse a eles que seriam tolos se não ouvissem outras ofertas.

— Isso não é ouvir outras ofertas. Este é apenas um leilão, correto?

Ele sorri. — Exatamente. Eu os fiz sentir que foi ideia *deles* ir a leilão. Por que ouvir ofertas quando as pessoas podem brigar por dinheiro? Sua ideia foi genial. Vai custar muito mais do que o seu amigo idiota e arrogante ofereceu.

— Ele não é um amigo.

— De qualquer forma, o que me impede de superar o lance de vocês dois no leilão? De qualquer forma, minha família é dona da maior parte dos empreendimentos em Suttén. O bloqueio de Pippa foi a única parte que foi para um parceiro do meu avô anos e anos atrás.

Eu engulo. Gosto do cara, mas não quero que ele ou qualquer outra pessoa seja dono do espaço de Pippa. Quero que Pippa e apenas Pippa sejam donas dele. — Porque Pippa merece ser dona do espaço. Vou comprá-lo e imediatamente colocarei no nome dela.

— E as outras propriedades? Há boas pessoas com negócios que são seu sustento e que também estão em perigo.

— Não tenho vontade de lidar com inquilinos e tudo mais. Eles podem comprar seus locais. Ou você pode assumi-los, farei o que eles preferirem. Eu só quero que Pippa seja dona daquilo pelo que ela trabalhou tanto e não quero que os outros sejam aproveitados.

Dean me observa de perto, seus lábios perfeitamente retos enquanto pensa em minhas palavras. Eu não me acovardo sob seu olhar. Não tenho nada a esconder, quero dizer, cada palavra que estou dizendo a ele.

— E eu deveria apenas acreditar em você nisso?

— Sim, mas se você ainda não acha que sou um homem de palavra, você é bem-vindo para se juntar à guerra de lances.

Ele abre outro sorriso, seus olhos castanhos percorrendo meu rosto. — Eu sabia que gostava de você.

— Por que isso?

— Porque você não faz rodeios. Você vai direto ao ponto. É refrescante.

— As pessoas aqui não falam o que pensam?

— Não como você. Há muito mais negócios pelas costas e golpes pelas costas. Você é uma boa adição para Suttén, Hunter.

— Você é tolerável, — provoco, brincando com minha xícara de café. — E não digo isso sobre muitas pessoas.

Ele se senta para frente, batendo no bloco de notas na minha frente. — Vamos revisar o plano do leilão. Quero ter certeza de que as boas pessoas da minha cidade não terão que lidar com essa merda por mais tempo do que o necessário. Você está preparado para gastar muito dinheiro? Não será barato.

— Eu ficaria feliz em gastar até o último centavo meu por ela.

Ele assobia. — Espero que você tenha bolsos para sustentar isso.

Isso me faz rir. Ele está acostumado com dinheiro antigo. Pessoas com dinheiro antigo não entendem o dinheiro novo. Minha família pode ter feito seu nome, mas não há uma longa linhagem de Hunters com dinheiro de prestígio como há para a família dele. Mas sou bom no que faço. Ganhei muito dinheiro, muito mais do que Jason jamais ganhou. Não há como Jason me superar o lance. — Não se preocupe com essa parte, Livingston. Você apenas mantém o ouvido atento para garantir que isso aconteça. E me diga se tiver notícias de Pippa.

— Você poderia simplesmente ir falar com ela. Conte a ela seu plano.

Eu balanço minha cabeça. — Não. Estou respeitando os limites dela até que esse problema seja resolvido.

— Ela e toda a cidade acham que podem arrecadar dinheiro suficiente para recomprar o quarteirão.

Eu franzo a testa. Não quero que ela fique desapontada quando perceber que não há como eles conseguirem arrecadar o suficiente para superar o lance de Jason. Ele é narcisista e rico – uma combinação horrível. Ele não vai cair sem lutar. Uma campanha de arrecadação de fundos nunca conseguiria arrecadar o dinheiro necessário, mas me apaixonei ainda mais por ela por tentar. Minha mulher teimosa e magnífica. Mal posso esperar para tê-la em meus braços novamente.

— Deixe-os ter esperança, — eu falo. — É bom para eles.

Dean sustenta meu olhar por mais um tempo antes de empurrar a cadeira e se levantar. — Vejo você no leilão, então.

— Obrigado por ajudar. Eu agradeço.

Dean olha para minha mão estendida, pegando-a na sua. — Eu ajudei você por Pippa e pelo resto das pessoas boas desta cidade. Normalmente não gosto de pessoas de fora da cidade. Você será a exceção.

— Agradeço a ajuda, independentemente.

— Sim, bem, quando tudo isso estiver dito e feito, vou me certificar de que você faça o que é certo com as outras pessoas do quarteirão.

Ambas as nossas mãos caem, mas eu aceno para ele. — Você tem minha palavra.

CAPÍTULO 57

Pippa



Estou enjoada de nervosismo. Reapliquei ansiosamente o brilho labial tantas vezes que meus lábios praticamente grudam devido ao número de camadas que coloquei neles.

— Respire, — Mare me diz, estendendo a mão para agarrar minha mão. Ela dá um grande aperto, mantendo-o firme em suas mãos. — Isso vai funcionar, — ela reafirma, olhando para meu irmão.

Cade assente. — Não vamos decepcionar você, Pip. Nós vamos descobrir isso hoje. Apenas respire fundo.

Fecho os olhos, querendo encontrar algo para limpar meus lábios. Estamos sentados em uma fileira de cadeiras dobráveis, esperando o leilão começar. Meu baile de formatura e minha festa de aniversário de dezesseis anos aconteceram nesta sala de recreação. Nunca imaginei que também estaria lutando pela chance de manter meu negócio aqui também.

— E se não arrecadarmos o suficiente? — Eu sussurro, meu estômago pesado de nervosismo. Eu realmente não dormi nos últimos dias. Entre a preparação para a arrecadação de fundos e a preparação para hoje, não havia

como dormir em paz. Pelo menos é isso que continuo dizendo a mim mesma, em vez de admitir que minha cama parecia vazia demais sem o corpo quente de Camden ao meu lado.

— Abra os olhos, — meu pai instrui do meu lado. Não escuto, com medo de que, se abrir os olhos, possa chorar de preocupação. Tentei manter a coragem desde o momento em que voltei para Suttan, mas estou chegando ao fim. Não serei capaz de lidar com isso se perder o Wake and Bake hoje. Porque perder para Jason será isso — ele mesmo disse isso. Não tenho como pagar o aluguel que ele espera. Ele vai me forçar a sair, e o sonho em que trabalhei durante anos virará fumaça.

— Pippa Linda Jennings, — meu pai quase rosna. — Abra seus olhos.

Sou uma adulta, mas meus olhos nunca se abriram tão rápido. Sua voz estrondosa me assustava quando criança, embora ele nunca a falasse para Cade e para mim. Neste momento não é diferente.

— Isso vai dar certo, — ele me garante, com voz confiante. Ele estende a mão e alisa meu cabelo.

— Você não sabe disso, pai. — Minha voz treme, as lágrimas acumuladas em minhas pálpebras ameaçam transbordar.

— Eu sei. Eu posso sentir isso.

Soltei uma risada triste, revirando os olhos. — Você não pode sentir esse tipo de coisa.

Ele faz uma careta para mim. — Não me diga o que sinto, querida. Sua mãe está aqui conosco. Ela não vai deixar você perder a loja. Posso garantir isso.

À menção de mamãe, não consigo conter as lágrimas nem por mais um segundo. Elas escorrem livremente pelo meu rosto, estragando o pouco de maquiagem que consegui colocar esta manhã.

— Ela ficaria tão desapontada se eu perdesse Wake and Bake, — eu resmungo.

— Ela *nunca poderia* ficar desapontada com você, — ele responde, com a voz cheia de convicção.

Mare aperta minha mão, me lembrando que ela nunca a soltou. Não olho para ela, mas saber que ela está ali ao meu lado é o suficiente para me fazer respirar fundo na tentativa de acalmar meus nervos.

— Ela ficou muito orgulhosa de mim quando consegui o lugar. E agora posso perdê-lo.

As pessoas começam a se aglomerar ao nosso lado, me pegando de surpresa. Vejo tantos rostos familiares, o povo de Suttan aparecendo para nos apoiar. Lágrimas caem novamente, meu estômago dá um nó.

Agora, eu poderia decepcionar todos eles se não conseguirmos dar o lance mais alto para o bloco.

Desvio o olhar de Rosemary, que carrega seu neto com o suéter horrível que ela tricotou, e olho de volta para meu pai. Tudo está nebuloso através das lágrimas em meus olhos, mas mesmo através das lágrimas, posso ver suas feições suavizarem. Ele me puxa para ele.

— Sua mãe ficava orgulhosa de *tudo* que você fazia, Pippa. Você não poderia fazer nada de errado aos olhos dela. Posso senti-la comigo agora - conosco - e sei com tudo o que sou que ela está incrivelmente orgulhosa de você. Você me escuta?

Aceno com a cabeça contra seu peito, respirando fundo.

— Então você também sabe que se ela estivesse aqui agora, ela diria para você respirar fundo e se recompor. Acredite em você, Pippa. Porque se você acreditar em si mesma apenas metade do que ela acreditou em você, eu sei que tudo isso vai dar certo e o café continuará sendo seu.

Uma mão cobre os dedos entrelaçados de Mare e meus. Quando me afasto, encontro o de Cade se sobrepondo à nossa.

— Aquele Jack deveria estar com muito medo de você, Pip, — Cade diz, tentando aliviar o clima.

Funciona - solto uma risada, enxugando debaixo dos olhos. — É Jason, e se ele deveria ter medo de alguém, é Rosemary, que está lá atrás. Ela é um canhão solto.

Todos nós rimos e isso faz algo na minha alma. Isso acalma. E quando deixo meus olhos se fecharem, por um momento, sinto minha mãe. Sinto sua presença calmante. Isso me dá confiança para endireitar a coluna e pegar meu remo de leilão do chão. Agarro-o com força, esperando que todos apareçam para que isso possa começar.

Não preciso esperar muito. Apenas mais algumas camadas ansiosas de brilho labial depois, um representante do grupo imobiliário está no pódio, explicando como funcionará o processo.

Arrisco-me a olhar para Jason. Ele tem dois homens sentados na fila com ele, mas fora isso, todos os outros na sala são moradores de Suttan. São todas as pessoas que trabalharam incansavelmente comigo nos últimos dias para me dar a chance de lutar pelo meu negócio.

— Bom dia, — comenta o homem, limpando a garganta. Seus olhos percorrem ansiosamente todos nós sentados na multidão. Ele não mantém contato visual por muito tempo antes de olhar para o pedaço de papel à sua frente.

— Hoje estamos aqui para leiloar as cinco propriedades ao longo do quarteirão da Main com a Birch. Cada negócio tem cerca de mil pés quadrados. Optamos por vender as propriedades em conjunto em vez de individualmente. Todas as propriedades têm inquilinos que pagam aluguel. É o quarteirão inteiro, exceto um prédio.

Minha mente vai para Camden. A única pessoa que possui seu espaço. A única pessoa que não foi ameaçada por Jason e seu terrível plano para expulsar os moradores locais.

— O lance inicial será de um milhão.

Dean me preparou para onde tudo provavelmente começaria, mas ainda faz meu estômago revirar. Esse número já é muito do que arrecadamos com a arrecadação de fundos. Tivemos vários doadores que doaram grandes somas

de dinheiro, mas ainda tenho medo de que não seja suficiente. Mesmo com o cheque que meu pai me deu esta manhã – dinheiro que eu sabia que ele deveria usar para o rancho – a sensação arrepiante de que nada é suficiente para competir com Jason toma conta de mim.

O homem dá um passo para longe do pódio e Clyde toma seu lugar. Já vi Clyde subir neste pódio em várias ocasiões. Eu ia constantemente a leilões com meu pai quando criança. Comprávamos cavalos, feno, ração e tantas coisas do homem que estava na minha frente. Nunca pensei que ele estaria leiloando aquilo pelo que trabalhei mais arduamente na vida.

— Vou direto ao assunto — anuncia Clyde, passando a mão pela boca. Ele parece incrivelmente desconfortável lá em cima, e pelo abraço que me deu ontem na arrecadação de fundos, sei que esta é a última coisa que ele quer fazer agora.

— Eu tenho um milhão e um? — Jason e eu levantamos nossos remos.

— Um milhão e três?

Minha raquete permanece no ar, não importa o pavor que corre em minhas veias. Estamos chegando perigosamente perto do ponto em que não teremos mais nada.

— Dois milhões, — Jason grita, embora ainda não fosse hora de pagar essa quantia.

Engulo em seco, arriscando olhar para meu pai. Ele me observa, rugas marcando toda a sua testa. Seus olhos parecem tristes e odeio a decepção que está estampada em suas feições.

— Não posso, — murmuro para meu pai. — Nós não temos isso.

Meus olhos ardem com lágrimas não derramadas. Eu odeio isso. Odeio a sensação de saber que tentei tudo o que pude fazer não apenas para manter o Wake and Bake, mas também os negócios ao lado, e ainda assim não foi suficiente.

— Dois milhões, — uma voz chama atrás de mim. Olho três fileiras atrás para onde Dean Livingston está sentado com um remo levantado. Seu pai está sentado do outro lado dele, olhando para o filho com os olhos arregalados.

— Dois milhões e um, — Jason rebate, olhando com raiva para Dean.

— Dois milhões e dois, — Dean continua, olhando furiosamente para Jason.

Rosemary agarra meu ombro e se inclina para frente na cadeira. — Temos mais alguma coisa?

Eu balanço minha cabeça. — Não posso competir com isso, — respondo com tristeza. — Está nas mãos de Dean agora.

— Dois e meio. — Jason ferve.

— Três, — Dean rebate imediatamente.

Observo Dean esperançosamente, meu coração batendo forte no peito. Não depende mais de mim; cabe a Dean. E estou petrificada que até mesmo Dean tenha um número que ele não usará para comprar cinco propriedades simples que não deveriam custar tanto.

Dean e Jason vão e voltam algumas vezes, e os números são tão altos que me dá vontade de vomitar. O mundo ao meu redor começa a ficar confuso e escuro com a percepção catastrófica de que nosso plano está fracassando. Tudo pelo que trabalhei está escapando dos meus dedos e não há nada que eu possa fazer.

Olho para a fileira atrás de mim, onde a Sra. Lori está sentada com o marido. Eles investiram todas as suas economias para tentar comprar de volta sua floricultura, mas ainda assim não foi suficiente. Ou Ty, dono da Livraria BlueBird, que está sentado do outro lado e ofereceu seu dinheiro de aposentadoria para nos ajudar a ter fundos para tentar hoje. Todos no quarteirão ofereceram tudo o que tinham. E mesmo aqueles que não têm nada a ganhar e não possuem negócios deram mais do que poderíamos esperar.

E tudo está pegando fogo agora. Tudo pelo que trabalhámos está a desaparecer numa nuvem de fumo.

— Dez milhões, — uma voz troveja do fundo da sala.

Todo o meu corpo começa a tremer. Eu reconheceria a voz em qualquer lugar. Em qualquer lugar, em qualquer multidão, eu o reconheceria.

CAPÍTULO 58

Camden



Minha mão, que não segura a raquete de lances, permanece firmemente no bolso. Estou com medo de que se eu retirá-la, as pessoas possam vê-la tremendo de nervosismo. Não se trata de dinheiro ou atenção; é o fato de que estou aqui para colocar meu coração em risco, sem ter ideia se Pippa vai falar comigo.

É assustador. Nada me assustou mais do que vê-la novamente com medo de me perguntar se ela me permitirá amá-la do jeito que sonho.

Eu gostaria de poder olhar em sua mente ou que ela mostrasse suas emoções na manga para que eu pudesse saber o que ela estava pensando. Ela está com raiva por eu estar aqui? Feliz? Aliviada? Não consigo entender pelo olhar dela.

A única esperança que tenho é o fato de ela não desviar o olhar de mim. Seu peito sobe em respirações pesadas enquanto seus olhos percorrem meu rosto.

— Oi, — eu murmuro, bem ciente de que há muitos olhos em nós para que eu me sinta confortável. Eu bloqueio todos eles, focando apenas na mulher que é dona do meu coração.

— Tudo bem, — diz o leiloeiro atrás de Pippa. Ele limpa a garganta sem jeito. — Eu tenho dez milhões...

— Não podemos passar de três para dez, — Jason balbucia. A raiva em sua voz me pega de surpresa, meu olhar se desvia de Pippa para encontrar Jason se levantando da cadeira com raiva. Seu rosto está vermelho como uma beterraba enquanto ele olha entre Clyde e eu.

— Você tem uma contraproposta? — Clyde pergunta. Não é exatamente um protocolo, mas não digo nada. Eu sei que Jason não atenderá minha oferta.

— Estou fora, — Dean anuncia, aderindo ao nosso plano. Daríamos esperança a Jason por um momento antes de eu aparecer com um número que ele nunca seria capaz de superar.

Parece funcionar porque seus olhos quase saltam das órbitas enquanto ele grita com o leiloeiro. — Esse preço para cinco propriedades é ridículo!

— Dez milhões dou-lhe uma...

Os olhos redondos de Jason focam em mim. Ele chuta a cadeira, quase atingindo um de seus associados enquanto se aproxima de mim. — Você vai se arrepender disso, Hunter, — ele sussurra, enfiando o dedo no meu peito.

Eu não reajo. Não é da minha natureza mostrar qualquer tipo de reação. Ele não merece mais um segundo do meu tempo.

— Dou-lhe duas...

— Este não é o fim disso, — Jason retruca. Não me preocupo em esconder minha risada. Ele já disse a todos em Manhattan que a venda foi concretizada. Ele prometeu a seus amigos que alugariam os espaços para seus negócios. Ele voltará para Manhattan envergonhado, tendo que admitir que não tinha recursos para fechar o negócio.

— Vendido! — O leiloeiro grita.

Jason não se move. Soltei um suspiro longo e irritado. Homens como ele nunca entenderão quando cortar suas perdas. Eles ficarão ainda mais envergonhados para sempre, em vez de sair com pelo menos um pouco de compostura intacta.

Dou um passo mais perto dele, deixando meu ombro bater no dele. Inclino minha cabeça para baixo devido à grande diferença de altura entre nós. — Vou dizer isso uma vez, então ouça com atenção. — Minha voz é letal. Não me preocupo em esconder o desdém que sinto por essa desculpa patética de homem. — Você sairá desta cidade no primeiro voo de volta e nunca mais retornará. Você perdeu. É embaraçoso. Se eu ouvir você murmurar a palavra Suttén, não terei nenhum problema em dizer a cada pessoa que conheço o quão rasos são seus bolsos.

A sala inteira explode em aplausos.

Os olhos de Jason se arregalam. Ontem à noite, fiz com que meu pessoal se aprofundasse nas finanças dele. Tudo fazia sentido por que ele estava tentando comprar essas propriedades baratas. Ele está prestes a falir e esta era sua última esperança de tentar obter algum fluxo de caixa. Ele tenta se afastar, mas eu o agarro pelo bíceps, mantendo-o no lugar.

— Eu não terminei, — eu digo.

Ele não diz nada, mas não precisa. Continuo, querendo deixar meu ponto bem claro. — Diga uma coisa ruim sobre Pippa ou qualquer outra pessoa nesta cidade novamente e eu comprarei suas empresas debaixo de você só porque posso. Não fale sobre *minha* garota e não fale sobre esta cidade. Entendido?

Meus dedos se soltam em torno de seu braço. Ele não demora nem mais um segundo. Ele sai correndo porta afora, seus dois associados o seguindo de perto.

Não há como Jason retornar para Suttén Mountain. Mas se ele tentar, estou totalmente preparado para derrubá-lo por tudo o que fez. Não serei generoso duas vezes. Não quero lidar com ele agora porque meu maior objetivo é fazer Pippa feliz. Mas se ele reaparecer, vou acabar com ele.

Meus olhos encontram Pippa novamente, mas ela está muito ocupada abraçando o pai, com o rosto enfiado no peito dele, para me encontrar olhando para ela. Se ela apenas olhasse para mim de novo, talvez ela desse algum tipo de indicação de como ela se sentia por eu estar aqui. Ela ficará brava por eu ter comprado as propriedades? Eu só fiz isso para que ela nunca mais tivesse medo de alguém tirar isso dela novamente.

Fiz isso porque estou perdidamente apaixonado por ela e faria qualquer coisa que ela me pedisse.

Uma mão bate no meu ombro. Dean fica na minha frente, com um sorriso arrogante nos lábios. — Dez milhões? Achei que tínhamos decidido cinco.

— Eu queria acabar com isso. Não havia como ele conseguir competir com esse número.

Dean assobia, balançando a cabeça com humor. — Você é outra coisa. Fiquei preocupado por um momento com a possibilidade de ser eu quem desembolsaria o dinheiro pelas propriedades.

— Você sabe que eu não teria deixado. Pippa não pagará ninguém pelo seu espaço. É dela.

— E todo mundo?

— É deles.

Ele me encara, avaliando silenciosamente o que eu disse. Ele deve saber que neste momento sou um homem de palavra. Depois de alguns segundos, ele estende a mão. Eu agito, agarrando seu antebraço.

— Estou ansioso para ver você por aí, Hunter.

— Obrigado por ajudar. — Ele acena com a cabeça, afastando-se para se juntar a um grupo de moradores locais conversando em círculo.

Sem o corpo dele, consigo ver Pippa caminhando em minha direção, com o braço entrelaçado ao do pai.

Eles param na minha frente e por um segundo me preocupo com a possibilidade de que possam ouvir meu batimento cardíaco acelerado. Estou

tão ansioso. Ela está tão perto que eu poderia estender a mão e tocá-la. Ela me deixaria? Eu não tento. Não pode ser um bom sinal que ela trouxe o pai com ela. Se ela ainda não estivesse chateada, viria aqui sozinha e me daria tempo para contar como me apaixonei por esta pequena cidade porque me apaixonei por *ela*.

— Camden, — começa Pippa. Meu coração acelera ao ouvir meu nome vindo de seus lábios.

— Oi, — eu resmungo. *Olá?* Há um milhão e uma coisa que eu quero dizer para ela, e a única coisa que sai da minha boca é porra de *oi*.

Estremeço, olhando para o pai dela para ver se ele está ciente de quão ansiosa estou agora.

— Gostaria que você conhecesse meu pai, Jasper Jennings.

Ele estende a mão. Presumo que não tenho certeza de onde isso vai dar.

— Pai, este é meu namorado, Camden Hunter.

— Prazer em conhecer... — Minhas palavras falham quando minha mente registra o que exatamente ela acabou de dizer.

Namorado?

Devo parecer hilário, com os olhos arregalados e a boca aberta enquanto tiro os olhos do pai dela e olho para Pippa.

O pai dela batendo palmas sobre a minha é a única coisa que me traz de volta ao fato de que ele e eu ainda estamos apertando as mãos. Suas sobrancelhas estão levantadas enquanto ele olha entre mim e Pippa. Se ele tiver alguma dúvida, ele não pergunta. Quase gostaria que ele fizesse isso; dessa forma, eu também poderia ter clareza sobre o que está acontecendo.

Algo que parece muito com esperança se desenvolve em meu peito. É uma sensação perigosa saber que a qualquer momento ela poderia me esmagar com uma frase.

— Prazer em conhecê-lo, filho, — Jasper diz, puxando sua mão da minha.

Balanço a cabeça, tentando me recompor. Pippa está me apresentando ao pai dela, e aqui estou eu, confuso com meus pensamentos. — Prazer,

senhor, — eu digo, enfiando as mãos de volta nos bolsos porque não sei mais o que fazer com elas.

— Obrigado pelo que você fez lá atrás. Espero que suas intenções sejam puras para o que você fará com essas propriedades.

— Elas são. — Eu limpo minha garganta. — Não estou tentando fazer nada obscuro.

Ele me avalia por alguns momentos antes de se virar para Pippa. Ele a puxa para outro abraço, sussurrando algo em seu cabelo que não consigo ouvir. Assim que terminam, ele se vira para mim mais uma vez. — Conversaremos mais.

E então ele vai embora, me deixando sozinha no fundo da sala com Pippa.

Ela é a coisa mais deslumbrante que já vi. Eu sei, sem sombra de dúvida, que faria qualquer coisa ao meu alcance para que isso funcionasse com ela. Preciso dela mais do que dinheiro, arte, qualquer coisa. Ela se tornou meu tudo, e enquanto meu coração bate forte contra meu peito, faço um apelo silencioso para que ela sinta o mesmo.

— Namorado? — Eu pergunto, minha voz saindo muito mais insegura do que eu imaginava.

Ela está na minha frente com uma saia branca com babados, uma camisa bege e um par de botas de cowboy. Ela é de tirar o fôlego, seus fios de cabelo bronzeados caindo pelos ombros. Eu sei que mesmo que ela me diga que as coisas nunca funcionariam entre nós, eu nunca a esqueceria. Tento não pensar nisso, concentrando-me em ela me apresentar ao pai como seu namorado.

— Podemos conversar lá fora? — Ela pergunta, um rubor subindo por suas bochechas enquanto ela olha para suas botas.

— Sim, — respondo, estendendo a mão para pegar a dela. Provavelmente há papelada que preciso assinar e coisas para fazer agora que ganhei o leilão, mas eles podem esperar.

Primeiro, há algumas coisas que preciso contar a ela.



Tempt
OUR
FATE

CAPÍTULO 59

Pippa



Senti falta do toque dele. Eu tinha esquecido como minha mão se encaixava perfeitamente na dele. O quanto eu amo o jeito confiante com que ele se move e o jeito que seu polegar traça a parte superior da minha mão, mesmo quando acho que ele não percebe que está fazendo isso.

Ele me conduz pelo prédio com uma facilidade segura de si, embora eu tenha certeza de que esta é a primeira vez que ele vem aqui. Em vez de nos levar pelas portas principais da frente, ele nos leva na direção oposta, pelas portas dos fundos.

Ao fundo, há uma laje de concreto com árvores plantadas em todo o perímetro. As folhas adquiriram tons vibrantes de dourado e vermelho, pintando um quadro deslumbrante à medida que entramos no ar frio.

O frio do ar passa pela minha pele, deixando um rastro de arrepios. Estremeço, sinto frio por apenas alguns segundos antes de Camden colocar sua jaqueta sobre meus ombros.

— Obrigada, — murmuro, de repente nervosa por estar parada na frente dele. Memórias da última vez que conversamos passam pela minha mente.

Lembro-me de vê-lo deitado na cama, dormindo pacificamente enquanto eu chorava ao lado dele, escrevendo um bilhete que partiu meu coração em pedaços.

— Eu não queria que você sentisse frio, — ele responde, seus olhos percorrendo meu rosto. Faz apenas alguns dias desde que o vi e senti falta de seu olhar gelado. A maneira como seus cílios longos e escuros tremulam contra as maçãs do rosto fortes toda vez que ele pisca.

Eu realmente senti falta *dele* e percebi, quando o vi no leilão, que não pensei em todas as maneiras como éramos diferentes ou em todas as coisas que ainda temos que descobrir. Tudo o que pensei foi no quanto eu o amava e no quanto sentia falta dele e em como eu realmente queria me jogar do outro lado da sala e cair em seus braços.

— Eu não estava falando sobre a jaqueta. — Puxo as laterais, puxando o tecido para mais perto de mim. Não escondo a forma como respiro fundo, inalando o cheiro quente e reconfortante dele. — Obrigado por enfrentar Jason. Por recuperar nossas propriedades. Por salvar o dia.

Ele limpa a garganta, estendendo a mão para passar os nós dos dedos pela minha bochecha. Eu me inclino em seu toque, acolhendo a sensação de sua pele contra a minha.

Deus, eu senti falta desse homem. Agora que o estresse de ter que lutar com Jason para manter Wake and Bake passou, percebi que estou disposta a tentar qualquer coisa para fazer isso funcionar entre nós. Ele se tornou importante demais para eu deixá-lo ir.

— Eu disse que iria consertar isso. — Sua voz é profunda e rouca, causando arrepios na minha espinha.

— Você consertou, — eu respondo. — Eu deveria ter acreditado em você. Eu estava tão preocupada em perder tudo, em perder o único pedaço que ainda tinha da minha mãe, que descontei em você. Sinto muito por ir embora. Eu não estava pensando direito. Eu não estava pensando em nada além de encontrar uma maneira de salvar Wake and Bake.

Ele concorda. — Sinto muito por tudo que fiz para fazer você pensar que não colocaria você acima de nada nem de ninguém. Sei que há cicatrizes do nosso passado e que nem sempre fui um homem merecedor do seu amor. Mas você me faz melhorar, Pippa. Sei pouco ou nada sobre o amor. Tudo o que sei sobre isso, você me ensinou. Mas sou um excelente aluno e quero passar o resto da minha vida aprendendo novas maneiras de amar você do jeito que você merece.

Eu disse a mim mesmo que não iria chorar. Que chorei o suficiente nos últimos dias do que em toda a vida, mas uma lágrima cai sozinha pelo meu rosto. Não consigo controlar isso e nem tento pará-la. Eu deixo cair, meu coração inchando com o amor intenso que sinto pelo homem que está na minha frente.

— Eu te amo, — digo, minha voz tremendo de emoção. — Eu te amo e sinto muito por acreditar por um segundo que esse amor não foi suficiente para superar quaisquer diferenças ou distância entre nós.

Seu silêncio me enerva. Parece uma eternidade que ele não diz nada. É tempo suficiente para que meu pulso acelere de nervosismo. Eventualmente, ele dá um passo à frente, pressionando nossos corpos juntos. Suas grandes mãos se erguem para gentilmente segurar meu rosto.

— Você se lembra de quando me forçou a passar o dia com você em Suttan?

Eu sorrio. Não há como esquecer o dia que mudou o equilíbrio entre nós. Foi fácil passar de odiá-lo a sentir por ele. — Como eu poderia esquecer?

— Houve algo que você me perguntou naquele dia que realmente ficou comigo.

— O que é que foi isso?

— Você me perguntou em que grupo de pessoas eu gostaria de pertencer. Era algo em que eu não conseguia parar de pensar. Eu me encontrava deitado na cama no meio da noite com respostas para a pergunta que me atormentava, mantendo-me acordado a noite toda. Veja, até você me perguntar isso, eu pensei que sempre desejaria estar no único grupo que já conheci. Nunca me

imaginei num lugar como Sutzen. Até você. E quanto mais eu pensava sobre isso, quanto mais ainda penso sobre isso, percebi que não me importo em que grupo estou. Contanto que seja o mesmo grupo que você.

— Camden, — eu respiro, nenhuma outra palavra vindo à mente. Ele me pegou de surpresa.

— Eu te amo, bolinho, — ele continua, aparentemente inconsciente do que suas palavras fizeram comigo. — Eu estava tão ocupado me apaixonando por você que nem percebi que também havia me apaixonado por esta cidade. Eu nunca pediria que você desistisse da sua vida em Sutzen. Tudo o que peço é que você me receba em sua vida para que possamos criar uma vida aqui juntos.

Um soluço alto sai da minha garganta. Minha mão chega à boca enquanto olho para ele, incrédula. — É isso que você quer dizer? Você estaria aqui comigo?

Ele se inclina, seus lábios se movendo contra os meus. — Eu estaria em qualquer lugar com você. O que mais preciso fazer para provar que não sou nada sem você?

— Nada, — eu sussurro, precisando beijá-lo por um momento antes de continuar. — Eu te amo, Camden Hunter.

— Não tanto quanto eu amo você.

— Vamos discutir sobre isso também?

— Provavelmente. — Seus lábios se curvam em um sorriso arrogante. — Mas eu sempre adorei brigar com você.

— Eu sei de outra coisa pela qual vamos brigar, — ofereço, envolvendo suas mãos em sua cintura.

— E o que é isso?

— Eu tenho que retribuir pelo que você fez hoje. Não tenho *tanto* dinheiro, mas arrecadamos algum e quero dar a você.

Seus lábios se pressionam em uma linha dura, o músculo de sua mandíbula se contrai com raiva. Ele não precisa dizer uma palavra para eu saber que está chateado.

— Não vamos brigar por isso.

Minha cabeça inclina para o lado. — Você vai me deixar?

Ele ri. — Absolutamente não. No primeiro momento que puder, a propriedade será transferida para você como sempre deveria ser. Vou transferir a galeria para você também, para que você possa expandir como sempre imaginou.

Meu queixo está aberto. — Não podemos. E a galeria?

Ele morde meu nariz de brincadeira. — Eu preferiria que Wake and Bake tivesse mais espaço. Eu só quero mostrar o talento local. Acho que seria muito especial criarmos algo juntos onde as pessoas pudessem celebrar a arte e tomar café.

Demoro um momento para formar palavras. Minha garganta parece entupida, me oprimindo completamente. Como ele é tão perfeito? Como posso ter certeza de mantê-lo para sempre?

— É demais, — eu finalmente digo.

— Muito nunca seria suficiente para você, bolinho.

E então ele me beija. É longo e doce, como se ele soubesse que tem o resto de nossas vidas para me beijar exatamente assim. Eu o beijo de volta do mesmo jeito. Meses atrás, pensei que esse homem seria a ruína da minha existência. Queria que ele saísse de Suttan o mais rápido possível.

Agora, minha mente está repleta de todas as possibilidades de tê-lo aqui comigo.

Achei que sempre odiaria Camden Hunter e definitivamente nunca me imaginei apaixonada por ele. Mas sempre fui um pouco rebelde, e enquanto suas mãos sobem pela minha perna, seus dedos vagam por baixo da bainha do meu vestido, estou ansiosa para mostrar a ele mais de Suttan.

Quero levá-lo ao topo do Pico Quatro durante a temporada de esqui e apontar para onde você pode ver o rancho do topo. Quero levá-lo ao Show de Luzes de Natal que acontece na Praça da Cidade. Quero testar minhas novas receitas com ele e fazê-lo participar do Annual Suttan Chili Cook-Off comigo.

— Eu te amo, — digo a ele, me afastando porque preciso que ele saiba. Acho que nunca vou me cansar de dizer essas três palavras para ele. — E passarei todos os dias garantindo que você saiba como é fácil amar você. E como me sinto querida por ter o seu amor.

Seu corpo estremece, me fazendo querer envolver meu corpo ao redor do dele. Eu faço exatamente isso, abraçando o homem lindo e quebrado que é dono do meu coração. Nunca vou entender por que ele nunca recebeu o amor que merece, mas de agora e para sempre, vou garantir que ele saiba como é fácil amá-lo.

EPÍLOGO

Camden



— Não posso acreditar que o dia finalmente chegou, — diz Pippa do lado do passageiro do nosso SUV. Ela encosta a testa na janela, tentando ter uma ideia antecipada do acontecimento.

— Você não estava esperando pacientemente por isso, — eu provoco, ligando o pisca para entrar no estacionamento. Já está lotado, embora o evento só comece daqui a uma hora. Procuro no estacionamento, finalmente encontrando um lugar que fica bem ao lado de um caminhão do Rancho Jennings.

Bom. Mare me disse que iria garantir que ela, Cade e Jasper chegassem cedo. Estou trabalhando nessa surpresa para Pippa há meses e agora que o dia finalmente chegou, estou extremamente nervoso.

— Ainda não consigo acreditar que isso seja real, — ela murmura, olhando para o espaço ao longe.

— Está prestes a se tornar muito mais real, — digo a ela, estacionando o carro. Minha mão enfia a mão no bolso do meu terno, certificando-me de que a caixinha enfiada no bolso interno ainda esteja lá.

— Espere, — diz Pippa quando abro a porta do passageiro. Ela se vira no assento, olhando para mim com olhos ansiosos. — Antes de entrarmos lá, só quero agradecer novamente por isso. Eu sei que estou prestes a me tornar uma bagunça e, antes de ver o projeto concluído, preciso que você saiba o quanto isso significa não apenas para mim, mas para minha família e, honestamente, para o resto de Suttten.

Abro suas pernas, deixando meus dedos percorrerem a saia de seu vestido. Há pequenas flores azuis por toda parte. Estou ansioso para empurrá-lo para cima e ter uma visão melhor de suas coxas bronzeadas. Estamos no meio do verão, quase um ano desde que abri a galeria em Suttten pela primeira vez, e me apeguei ao brilho dourado de sua pele por passar tanto tempo fora.

Quando sinto que ela está perto o suficiente, agarro-a pelos quadris e puxo-a um pouco mais para perto de mim, porque posso.

Ela fala antes de eu responder a ela. — Eu sei que poderíamos ter feito muito com o dinheiro, mas significa muito para mim que você decidiu fazer isso.

Discutimos muito sobre o dinheiro que Pippa e o resto da cidade arrecadaram com a arrecadação de fundos. Todos os proprietários do quarteirão queriam que eu ficasse com o dinheiro, num esforço para me reembolsar pela compra. Eu não ouviria isso. Assim que pude, coloquei todas as propriedades em seus respectivos nomes. Eu não estava mentindo quando disse que nunca foi minha intenção alugá-lo para eles. Conheci cada um deles nos meses desde que me mudei permanentemente para Suttten. Eles são todos incrivelmente trabalhadores e merecem possuir o espaço ao qual dedicaram suas vidas.

Não caiu bem para nenhum deles — incluindo Pippa. Depois de muitas brigas por causa disso, decidimos aplicar o dinheiro em algo para a cidade.

Foi minha ideia criar um espaço para a comunidade se reunir. E assim, o Centro Comunitário Linda Jennings foi formado. Foi um trabalho de amor criar e concretizar, mas sua inauguração hoje é algo que esperávamos ansiosamente.

Em mais de um aspecto.

— Você me assusta quando está quieto, — brinca Pippa, mexendo na minha gravata. — Você não está duvidando disso, está?

Eu zombo, minhas mãos percorrendo sua pele nua por baixo do vestido. Agarro sua bunda, balançando seus quadris para frente e para trás. — Eu deveria puni-la por pensar isso, — eu sibilo. — Esta é uma das coisas mais especiais das quais já participei. Estou animado para ver tudo isso acontecendo. Meu único arrependimento é nunca ter conhecido a mulher que está homenageando.

Ela sorri.

Mordo seu pescoço, me perguntando se poderíamos reservar cinco minutos para subir no banco de trás do SUV para que eu pudesse cumprir minhas ameaças. Não temos tempo, e estou ansioso com a forma como suas mãos percorrem meu corpo, e ela está prestes a esbarrar na caixa escondida em minha jaqueta.

— Ela teria adorado você, Camden, — Pippa murmura enquanto eu me afasto. Estendo minha mão, ajudando-a a se levantar.

— Espero, — respondo honestamente. Sempre desejarei ter conhecido a mulher que fez de Pippa quem ela é. Já ouvi inúmeras histórias sobre Linda, não apenas de Pippa, mas de Jasper, Cade, Mare e do resto da cidade. Eu sei que ela teria sido uma pessoa que eu amei imediatamente. Só espero que este centro comunitário acabe sendo um lembrete positivo para a comunidade do incrível ser humano que Linda Jennings parecia ser.

Pippa e eu caminhamos de mãos dadas em direção ao prédio. Não é enorme, mas o espaço interno é grande o suficiente para acomodar quatro quadras de basquete, um ginásio e cinco grandes salas que receberão aulas semanais para a comunidade. Uma delas é a escultura, ensinada por mim mesmo agora que tenho muito mais tempo disponível. A galeria funciona praticamente em Manhattan. E ajudo a preencher vagas com a arte no Wake and Bake, agora ampliado, mas principalmente tenho tempo para criar minha própria arte.

Chegamos a uma bifurcação na calçada. Um caminho leva às portas da frente do centro comunitário, enquanto o outro leva ao espaço exterior do centro. Puxo a mão de Pippa, levando-a para os fundos do prédio, onde uma surpresa nos espera.

— Por que estamos indo por aqui? — Ela pergunta, deixando-me mostrar o caminho.

Meu coração começa a martelar no peito quando percebo que ela está prestes a ver no que passei horas e horas nos últimos meses. Tem sido o segredo mais difícil da minha vida esconder dela, e só espero que ela ame quando vir isso.

Caminhamos até a horta comunitária. Existem fileiras de caixas de jardim para qualquer pessoa usar na colheita. E atrás dele há um espaço repleto de lindas flores, com cadeiras de balanço voltadas para a vista da montanha. Pippa e sua família sempre conversavam sobre o quanto Linda adorava sentar-se em uma cadeira de balanço e observar as montanhas à noite. Queríamos trazer o amor dela por isso aqui, criando um espaço onde qualquer pessoa pudesse se reunir e passar tempo juntos.

Pippa lança um olhar hesitante em minha direção quando viramos a esquina, e a multidão de pessoas esperando do lado de fora aparece.

— O que é isso? — Pippa pergunta, seus olhos percorrendo todos que sorriem para nós. Faço contato visual com as pessoas que me receberam de braços abertos no último ano. Nunca pensei que seria alguém que criaria vínculos com tantas pessoas, mas ao olhar para elas enquanto caminhamos até o fim do caminho, penso em como minha vida é muito mais feliz agora que tenho todos eles nela.

— Continue andando, — eu digo a ela, meus olhos pousando no final, onde Jasper, Cade e Mare estão todos na frente de um grande pedaço de papelão tão alto quanto Cade.

— O que está acontecendo? — Ela pressiona, sua mão apertando a minha. Se ela sentir minhas mãos começarem a tremer, ela não diz nada.

— Tem mais uma surpresa, — digo, parando na frente da família dela e do pedaço de papelão. Eu a puxo de volta para minha frente, envolvendo meus braços em volta de sua cintura. Inclinando-me, alinho minha boca perto de sua orelha. — Eu tenho guardado um segredo de você, bolinho. E é hora de eu confessar tudo.

Ela olha por cima do ombro para mim com um sorriso hesitante. — Camden...— ela começa, olhando para todos ao nosso redor. — Não sei o que está acontecendo.

Nunca pensei que faria isso com tantos olhos voltados para nós, mas não parecia certo ficarmos sozinhos naquele momento. Grande parte da nossa história está emaranhada na vida das pessoas ao nosso redor, pareceu certo tê-los todos aqui para compartilhar o momento.

Dou um beijo em sua bochecha antes de acenar para Cade. Ele olha para o pai, os dois entendendo a dica e agarrando cada lado do papelão.

Ela deve sentir meu batimento cardíaco acelerado em suas costas quando coloco meu queixo em seu ombro, abraçando-a enquanto respiro fundo. — Apreendi tantas coisas maravilhosas e incríveis sobre sua mãe com inúmeras pessoas, — começo, no momento falando com ela e somente com ela. — E sempre desejarei ter conhecido a mulher que criou você. Mas mesmo que eu nunca tenha tido a chance de conhecê-la, eu a amo. Eu a amo por quem ela ajudou você a se tornar e por quem ela foi para cada pessoa nesta cidade. Ao planejar este lugar de comunidade em homenagem a ela, sempre parecia faltar uma coisa.

Eu concordo. Cade começa a andar para trás, seu pai seguindo seu exemplo enquanto eles puxam o pedaço de papelão para o lado.

Pippa engasga, suas mãos indo para a boca enquanto ela se curva com um soluço quando seus olhos pousam no que está atrás.

Eu a sigo, agachando-me com ela e segurando-a enquanto soluços poderosos tomam conta de seu corpo. — Eu queria homenagear sua mãe para sempre. Eu sei que ela mesma fez isso no coração de todos em Sitten —

incluindo o meu através das histórias que as pessoas contaram – mas parecia certo criar isso também.

Dou-lhe um momento, olhando para a estátua real à nossa frente. Passei incontáveis horas aperfeiçoando a estrutura e as características de sua mãe em pedra. Eu me debrucei sobre imagem após imagem dela, querendo ter certeza de que faria essa homenagem a ela absolutamente perfeita.

— Oh meu Deus, — Pippa chora, uma mão estendida para o chão para se equilibrar. — Eu não posso acreditar que você fez isso. — Eu a deixei absorver, até mesmo permitindo que ela se aproximasse alguns passos e traçasse as características de sua mãe que eu reproduzi.

— Como eu me saí? — Eu pergunto ansiosamente.

Tudo que consigo ver são suas costas enquanto ela presta muita atenção em cada detalhe da estátua. Aproveito a oportunidade para me ajoelhar e puxar a caixa de veludo do paletó.

Por alguns momentos, fico preso na posição enquanto ela não se vira para mim. Todos ao nosso redor ficam quietos até que finalmente ela se vira.

Há manchas de rímel em suas bochechas. — O quê? — Ela engasga, deixando escapar um soluço alto.

Suas pernas parecem tremer quando ela dá dois passos de volta para mim.

— Pippa Jennings, sempre pensei que era um homem que precisava de estrutura e ordem em minha vida, — começo. Ela envolve as mãos em volta da minha mão estendida segurando a caixa do anel, impedindo-a de tremer de nervosismo. — Mas acontece que a estrutura que eu achava que desejava era totalmente errada para mim. Você entrou caoticamente na minha vida e me surpreendeu a cada passo da nossa história. Mesmo quando pensei que te odiava, eu estava lhe dando pedaços de mim mesmo. E não demorei muito para perceber que o sentimento que sentia por você em meu coração era amor.

— Camden, — ela grita. Quero estender a mão e enxugar as lágrimas, mas não consigo me mover. Estou muito envolvido no momento entre nós. Preciso tirar essas palavras do meu peito.

Preciso do meu anel no dedo dela, para solidificar que ela é minha para sempre.

— Você me ensinou tudo que sei sobre o amor, e todos os dias acordo querendo ser um homem melhor para você. Você me transformou no homem que quero ser, não na casca do homem que eu costumava ser. Desde o momento em que disse que te amava, soube que queria que você fosse minha esposa, mas queria lhe dar tempo. Eu queria *nos* dar tempo. E embora eu desejasse com tudo que há em mim que sua mãe estivesse aqui conosco para me ver pedir para você ser minha esposa, pensei que talvez se eu fizesse isso aqui, com todas as pessoas que a amavam ao nosso redor, seria a próxima melhor coisa.

Ela solta outro soluço, fechando os olhos por um momento antes de abri-los novamente. — Ela está aqui. Eu posso sentir isso.

Eu concordo. — Eu sei, Baby. Eu também posso sentir isso. — Só agora percebo que estou ficando emocionado. Minhas lágrimas brotam com a emoção avassaladora do momento.

— Nunca tive tanta certeza de nada em minha vida que quisesse ser seu marido. Eu quero que você seja minha esposa. Quero fazer um casamento grande e elaborado aqui, se é isso que você quer, e depois levá-lo em lua de mel para a França e visitar todas as pâtisseries francesas que pudermos encontrar. Quero tomar café com você todas as manhãs e ter filhos com você e realmente envelhecer com você. Passarei o resto da minha vida provando que sou o homem que você pensa que sou.

Abro a caixa, deixando-a ver o anel personalizado que passei horas desenhando com o joalheiro. Ela engasga, seus olhos se arregalando ao ver o diamante rosa com lapidação almofadada em uma faixa de diamantes menores.

— Pippa Jennings, você quer se casar comigo? — As palavras mal saem da minha boca antes que ela catapulte seu corpo para o meu, seus braços envolvendo meu pescoço.

— Sim! — ela grita, chorando em meu pescoço. — Sim, sim, sim, — ela continua, com todo o corpo tremendo.

Uma sensação avassaladora de paz toma conta de nós. Envolver meus braços em volta dela ainda mais apertado.

— Você sente aquilo? — Pippa diz na curva do meu pescoço.

— Sim, — eu respondo.

— É minha mãe. Eu só sei que é. Ela aprova, — ela sussurra.

Eu rio. — Graças a Deus.

As pessoas ao nosso redor comemoram enquanto eu aperto o amor da minha vida contra o peito. Parece que tudo fica mais lento à medida que ambos abraçamos o momento. Ela chora, e acho que posso chorar também, pela magnitude da felicidade que me domina.

Pelo resto da minha vida, serei grato por esta pequena cidade ter unido Pippa e eu. E que nós dois nos abrimos o suficiente um para o outro para tentar o nosso destino.

EPÍLOGO ESTENDIDO

PIPA E CAMDEN

PRIMEIRA PARTE

Pippa



A sensação de lábios percorrendo minha omoplata me acorda. Eu gemo, contorcendo-me nos lençóis ao ser tirado de um sono profundo. A barba por fazer arranha minha pele sensível enquanto lábios quentes pressionam minha nuca.

Minhas pálpebras se abrem, encontrando as portas francesas da varanda abertas, o tecido ondulado das cortinas soprando com o vento.

Um hálito quente faz cócegas em minha bochecha quando Camden dá outro beijo em minha pele, dessa vez seus lábios pousam logo atrás da minha orelha. — Bom dia, Sra. Hunter, — ele murmura, com a voz sexy e rouca depois de uma noite longa. — Ou eu deveria dizer *boa tarde*? — É o nosso primeiro dia em Paris para a nossa lua de mel e, embora eu pudesse culpar o jet-lag pelo motivo de ficarmos acordados até as primeiras horas da manhã, era mais porque não conseguíamos tirar as mãos um do outro. Meu corpo estava

exausto por causa do casamento e da viagem a Paris, mas isso não importava. Mal havíamos chegado ao nosso quarto no Shangri-La Hotel e já estávamos tirando nossas roupas e testando a cama da caríssima suíte que Camden escolheu para nossa viagem.

— Diga de novo, — insisto, balançando os quadris lentamente, encontrando-o já duro.

— Dizer o quê?

Eu retraio um sorriso, olhando para ele por cima do ombro. — Diga-me bom dia novamente.

— Bom dia, — ele repete, tirando o cabelo das minhas costas. Não quero nem saber como está meu cabelo agora. Estava uma bagunça depois do nosso casamento e da recepção, mas tentei arrumá-lo antes do nosso voo matinal de ontem. Ele não parece notar enquanto seus dedos percorrem os fios.

— Não essa parte... — Eu sorrio, virando a cabeça ligeiramente para que eu possa encontrar seu olhar completamente.

— Você quer que eu a chame de Sra. Hunter novamente? — Ele pergunta, a covinha pela qual sou obcecada aparecendo em sua bochecha enquanto ele me dá um sorriso arrogante.

Eu aceno com a cabeça, soltando um gemido suave quando seus dedos brincam com a bainha de seda da minha camisola.

Camden se inclina, dando um beijo suave em meus lábios. Minha boca se abre avidamente, achando que ele vai aprofundar o beijo. Mas ele não o faz. Em vez disso, ele deposita beijos leves ao longo de meus lábios e bochechas.

— Boa tarde, *Sra. Hunter*. Como está hoje, *Sra. Hunter*? Estou tão apaixonado por você, *Sra. Hunter*, — ele declara, pressionando os lábios em diferentes pontos da minha pele exposta entre cada frase.

— Assim? — Ele pergunta, colocando meu cabelo atrás da orelha enquanto me olha de cima a baixo. Ele apoia o corpo nos cotovelos, com o bíceps saliente a cada movimento do braço enquanto acaricia meu rosto.

— Adoro o som disso, — confesso, ainda tentando entender o fato de *estarmos casados*. Parece que não faz muito tempo que fiquei furiosa ao descobrir que ele era dono da galeria ao lado da Wake and Bake, e agora não consigo imaginar minha vida sem o homem olhando para mim.

— Nunca me cansarei de chamá-la de minha esposa, Sra. Hunter, — diz Camden, com a voz baixa. Minhas coxas se contraem com a possessividade de seu tom.

Estou tão loucamente apaixonada por esse homem. Meu homem. Meu marido.

Parecia que o dia do nosso casamento nunca chegaria, mesmo com todo o planejamento cuidadoso que fizemos. Parecia que eu tinha piscado e, de repente, estava no braço do meu pai enquanto ele me levava até o altar para o homem que é dono do meu coração. O casamento foi mais perfeito do que eu poderia ter imaginado. A única coisa que faltou foi não ter minha mãe comigo, mas eu a senti o dia inteiro. Eu não podia vê-la, mas sabia que ela estava lá comigo.

Sei que ela estava torcendo por mim enquanto eu entrava no próximo capítulo da minha vida, aquele em que Camden e eu somos marido e mulher.

— Adoro poder chamá-lo de meu marido, — eu disse a ele. "Agora todos saberão que você é todo *meu*."

Ele ri, o som vindo do fundo de seu peito. — Bolinho, todo mundo sabe que sou seu desde o momento em que gastei dez milhões de dólares para dizer ao Jason para se foder.

Isso me faz sorrir. — É verdade. Mas agora é real. Firmamos um contrato legalmente vinculante - e fizemos nossos votos na frente de toda a Suttan. Você está preso a mim pelo resto da vida.

— Não se trata de ficar preso quando isso é tudo o que eu poderia querer.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, olhando um nos olhos do outro. Não consigo imaginar uma manhã - ou talvez uma tarde - mais perfeita do que esta aqui. Uma aliança de ouro adorna o dedo de Camden enquanto ele acaricia preguiçosamente minha bochecha. As janelas do nosso quarto se

abrem, com a vista deslumbrante da Torre Eiffel bem em frente à nossa varanda.

— Que horas são? — Pergunto, minhas costas se arqueando enquanto seus dedos percorrem minha coxa.

— Uma da tarde, horário de Paris, ele me diz, seus lábios percorrendo meu pescoço. Ele mordisca minha pele já sensível, sem dúvida o início de um chupão que se formou em minha pele na noite anterior. Eu lhe disse há semanas que ele não podia se aproximar do meu pescoço, devido ao seu hábito de deixar marcas no meu pescoço no calor do momento. Duas semanas antes do casamento, meu pai me surpreendeu dando-me o vestido de noiva de mamãe para usar na recepção. Mare o ajudou a restaurá-lo para que pudesse ser atualizado e usado novamente, mas eles mantiveram a estrutura do vestido em sua maior parte. O vestido antigo de minha mãe tinha decotes baixos que mostravam muita pele em meu peito e pescoço. A última coisa que eu queria era que a cidade inteira visse os chupões de Camden enquanto estávamos na mesma igreja em que meus pais e avós se casaram.

— Não acredito que dormi tanto tempo. Há quanto tempo você está acordado?

Outro gemido sai de meus lábios quando ele empurra o tecido de minha camisola para cima, seus dedos subindo cada vez mais em minha coxa. — Estou acordado desde as dez.

— Você não está cansado? Deveria ter dormido mais.

O ar bate em minha bochecha enquanto ele ri. — Não, baby, estou bem. Tive que atender uma ligação.

Longas mechas de seu cabelo preto caem em seus olhos enquanto ele me encara. Eu o convenci a deixá-lo um pouco mais comprido do que o normal para o nosso casamento. Adoro quando as mechas são longas o suficiente para que eu possa passar meus dedos por elas, puxando os fios enquanto ele passa o tempo com a boca entre minhas coxas. — Foi uma boa decisão? — Pergunto, levantando os quadris para tentar guiar sua mão para onde eu quero.

Isso o faz sorrir. Como se não pudesse evitar, ele se inclina e me beija novamente. Desta vez, não é suave. É possessivo, sua língua se encontra com a minha quase que imediatamente. Por um momento, nos perdemos no beijo. O único som que preenche o cômodo é o do vento balançando as cortinas da janela aberta.

Sou eu quem interrompe o beijo, afastando meus lábios dos dele para que eu possa encontrar seu olhar. — A maneira como você me beijou me diz que foi uma boa decisão.

— Era o Theo Driver ligando...

Minhas sobrancelhas se erguem. Não há ninguém que Camden respeite mais no mundo da arte do que Theodore Driver. Suas galerias estão espalhadas por toda a Europa, mas ele só faz uma exposição cuidadosamente escolhida por ano em sua sede em Londres. Ele entrou em contato com Camden há duas semanas, quando estávamos no processo de acertar os preparativos de última hora para o casamento. Ele queria discutir a inclusão da arte de Camden em uma dessas exposições.

— E? — Eu insisto, com a esperança florescendo no fundo do meu peito. Às vezes, eu me pergunto se Camden está feliz com tudo o que ele abriu mão para começar uma vida comigo em Suttten. A galeria mudou totalmente em relação à visão original que ele tinha dela. E, embora ele tenha mudado a vida de muitos artistas novos, e nosso empreendimento conjunto nos mantenha muito ocupados com a quantidade de turistas que passam por lá, sempre me perguntei se era assim que ele queria que sua carreira se desenvolvesse. Agora, ele passa seus dias gerenciando a galeria de Manhattan - embora, a essa altura, o lugar quase se administre sozinho - e criando arte ele mesmo.

— E... — Camden começa, provocando-me com um sorriso em vez de continuar seu pensamento.

Certa noite, depois de ficarmos noivos, ele me disse que nunca se sentiu realmente importante até vir para a Suttten. Não foi apenas por ter me conhecido, mas porque o tempo que passou na pequena cidade que eu amo permitiu que ele descobrisse quem realmente era. E, no final das contas,

depois que ele desfez todas as besteiras que seus pais o fizeram passar, ele queria ser um artista. Ele queria que sua arte fosse admirada por muitos, e não havia nada que eu desejasse mais para ele do que conseguir isso.

— Desembuche, Camden. O que ele disse? — Eu me sento sobre os cotovelos, concentrada demais no que foi dito para sequer pensar no traçado de seus dedos sobre a parte interna de minha coxa.

— No final do ano que vem, ele quer fazer uma exposição do meu trabalho. Vinte peças.

Quase caio do colchão de excitação. Os lençóis se torcem em minhas pernas quando me sento completamente. — O quê? — Eu grito. — Isso é incrível!

Meu corpo se lança contra o dele, meus braços envolvem seu pescoço. Ele me agarra facilmente, puxando-me contra ele até que eu fique em seu colo.

Ele é mais bonito do que qualquer obra de arte quando sorri para mim. — Quando lhe enviei exemplos de meu trabalho, não pensei que isso aconteceria. Mas o favorito dele foi o mais recente que fiz de você...

Sinto um calor intenso em minhas bochechas quando penso em ser modelo para sua última escultura. Ele moldou meu corpo em argila inúmeras vezes, mas nada superaria a primeira vez que percebi que ele havia esculpido meu corpo para uma de suas peças. Ele me surpreendeu com ela no meu aniversário. Era baseada em um esboço que ele fez de mim na primeira vez que fui a Nova York com ele. Eu perguntei se ele iria expô-la em algum lugar, mas ele descartou a ideia rapidamente. Eu sorri, chamando sua atenção.

— Uh oh, — ele pensa, traçando meu lábio inferior com a ponta do polegar. — O que está passando por essa sua linda mente?

PARTE DOIS

Camden



Os dentes de Pippa cravam em seu lábio inferior enquanto ela me encara com o sorriso mais deslumbrante que já vi. Sempre penso isso quando estou perto dela. Já ganhei inúmeros sorrisos desde que nos conhecemos, mas cada um deles ainda faz meu coração bater mais forte. Há momentos em que me surpreendo com o fato de essa mulher linda e incrível ter me escolhido para passar o resto de sua vida comigo. Não há nada que eu não faria para que ela sorrisse para mim desse jeito pelo resto de nossas vidas.

— Bolinho... — Eu aviso, meu pênis enrijece quando seus lábios se separam ao redor da ponta do meu polegar. Eu tinha tantos planos para o nosso primeiro dia aqui em Paris e, de repente, todos eles saem da minha mente com a ideia de mantê-la presa neste quarto o dia todo enquanto eu a fodo em todas as superfícies. — Eu deveria estar preocupado com o que você está pensando?

Ela continua a trabalhar o lábio inferior entre os dentes enquanto balança a cabeça. — Você disse a minha escultura e eu pensei na primeira que você fez de mim. Não pude deixar de pensar na sua reação quando perguntei onde ela seria exposta...

Meu corpo se aquece de ciúme quando minha mente vai para a mesma lembrança que a dela. Um grunhido baixo escapa de minha garganta ao pensar que alguém, além de mim, poderia ver a peça que passei inúmeras horas aperfeiçoando. É, de longe, minha peça favorita que já criei, mas de jeito nenhum eu deixaria que outra pessoa a visse. Eu me certifiquei de criá-la exatamente como ela estava naquele momento. Completamente nua, com os dedos entre as coxas e a cabeça jogada para trás de prazer. Demorou mais tempo do que qualquer outra coisa que já fiz para torná-lo perfeito. E, embora seja meu melhor trabalho, nem por meu cadáver alguém veria o corpo de minha esposa - em argila ou não.

Mas o corpo dela deve ser apreciado, por isso criei outros que apresentam as deliciosas curvas e depressões de seu corpo. Mas eles nunca estão nus.

E foi isso que mostrei a Theo quando ele pediu para ver o que eu achava que era meu melhor trabalho. É um segundo próximo. Esse trabalho era uma foto dela sentada, com os braços em volta das pernas. Seu queixo está apoiado nos joelhos enquanto ela olha para a frente, que por acaso era bem na minha direção quando eu estava desenhando. Eu dizia a ela para parar de trocar de posição e, finalmente, ela o fez, ficando na posição do produto final. Depois disso, abri suas coxas e me coloquei entre elas para poder fazer amor com a mulher que roubou meu coração.

— Você também está pensando nisso, — aponta Pippa, com as bochechas coradas. Ela move os quadris levemente, esfregando-se contra o meu pau duro.

— É claro que estou pensando nisso, baby. — Minha mão encontra sua garganta, meus dedos cravando em sua pele macia. "Como eu poderia não estar? Eu me diverti muito esculpindo seu corpo perfeito e nu em argila. Esculpindo seus dedos enquanto eles passavam entre suas pernas? Um sonho do caralho. — Eu me inclino, agindo como se fosse beijar seus lábios, mas no último segundo vou para a pele exposta de sua garganta acima de meus dedos.

— Ela não recebe a apreciação que merece, escondida em seu estúdio.

Eu sorrio contra sua pele. — Certamente recebe a atenção que merece, querida. Não se preocupe com isso.

Ela ri, seus quadris se levantam da cama. Ela se mexe, tentando direcionar minha mão para onde ela quer.

— Estou orgulhosa de você, — murmura ela, com a voz entrecortada de necessidade.

Meus dentes batem na cavidade de sua garganta. — Tenho orgulho de ser seu. Eu não sou nada sem você, bolinho. — Ainda não consigo acreditar que ela é minha esposa, que pudemos fazer nossos votos na frente de todas as pessoas que nos apoiaram. A cidade de Suttan me recebeu de braços abertos como um dos seus. Eles até abraçaram meus amigos da cidade de Nova York. Todos os motivos em minha vida que me deixam incrivelmente feliz são por causa da mulher que está ao meu lado.

Minha esposa. Meu começo e meu fim. Meu para sempre.

Meu bolinho.

— Pare de me olhar assim, Sra. Hunter, — eu rosno, meus dedos aplicando mais pressão em sua garganta para observar sua reação. Ela move os quadris, tentando encontrar atrito.

— Como estou olhando para você?

— Como se você quisesse ser fodida.

— E se eu quiser?

— Então eu lhe diria que temos vinte minutos até o momento em que deveríamos encontrar nosso motorista lá embaixo. Tenho um dia inteiro planejado para o primeiro dia de nossa lua de mel, e tentei deixá-la dormir depois que você abocanhou meu pênis avidamente na noite passada, mas agora estamos correndo contra o tempo para que eu possa transar com você e ainda chegar a tempo para nossos planos.

Ela me dá um sorriso vertiginoso, balançando os quadris novamente. — Parece que é melhor você me foder rápido.

Eu me inclino, agarro seu lábio inferior entre meus dentes e o puxo. Ela geme, suas pálpebras se fecham. — Quem sou eu para negar minha esposa quando ela quer ser fodida rápido e com força? — Eu quase rosnei, minhas duas mãos agarrando a lateral do rosto dela enquanto nossas bocas se chocavam.

Ela deveria ter se preparado com calma. Ela passou horas no FaceTime com suas amigas tentando decidir o que levar na lua de mel. Mare votou em vestidos de verão. Emma disse que não precisaria de muito além de lingerie. Margo a incentivou a levar o que a deixasse mais confortável, e Winnie a surpreendeu com algumas saias plissadas e cardigãs chiques para usar enquanto nos aventurávamos pela cidade. Eu estava totalmente preparado para deitar na cama e deixar que ela decidisse qual roupa escolheria - ela tinha muitas opções com as duas malas grandes feitas só para ela.

Quando ela estivesse pronta, eu lhe diria que ela teria uma aula particular com o melhor chef de confeitaria do mundo. Ele não dá aulas particulares há mais de uma década, mas está me devendo um favor. Depois que ela passar a tarde aprendendo com ele, temos um jantar particular planejado com a vista perfeita da Torre Eiffel.

Vamos nos atrasar para tudo isso se eu não enterrar meu pênis dentro dela imediatamente.

Minha língua luta contra a dela. É algo que eu adoro em nós. Eu a amo com tudo o que sou, mas são momentos como esse, quando ela me beija como se ainda me odiasse, que fazem meu pênis pulsar.

Antes que ela possa realmente reagir, eu a coloquei de costas no colchão, com as pernas bem abertas para que eu pudesse encaixar meu corpo entre elas.

— Mantenha seus pés plantados bem aqui, — eu exijo. A posição em que a coloquei a mantém aberta e bem aberta para mim. Admiro a vista e vejo que sua boceta já está molhada de necessidade.

Estalo minha língua enquanto desabotoo minha calça. Eu já havia me preparado para o dia. Minha intenção era realmente dar um tempo para que

ela não fosse fodida esta manhã. Em vez disso, planejei devorá-la esta noite. Mas ela é insaciável, e quem sou eu para negar todos os desejos e necessidades de minha esposa?

— Sua boceta está pingando, — digo a ela, deslizando para fora da cama para poder tirar a calça. Ela me observa com avidez enquanto uma das minhas mãos trabalha no meu pênis e a outra tira meu suéter e o joga para o lado.

— Parece algo com que você deveria se preocupar, — ela responde, levando a camisola de seda para cima da barriga, de modo que sua buceta fique totalmente à mostra.

Eu me arrasto para a cama. Quero sentir o gosto de sua boceta, que ela goze em minha língua antes de eu colocar meu pênis dentro dela, mas não temos tempo.

— É uma pena que eu não possa provar sua boceta, — pensei, passando a ponta do meu pênis em seu clitóris. Ela se sacode, um gemido alto sai de seus lábios.

— É uma pena que você ainda não esteja me fodendo.

A única resposta que dou a ela é me enfiar totalmente dentro dela, sem lhe dar tempo para se ajustar a mim. Se ela vai ficar com a boca aberta, dois podem jogar esse jogo.

Sei que ela deve estar dolorida por causa de todas as formas como a fodi na noite passada, mas se estiver, ela não age como se estivesse. Sua boceta se aperta avidamente em torno de mim enquanto eu bato nela várias vezes. Pippa adora que eu faça amor com ela apaixonadamente, mas eu sei que a maneira de realmente fazê-la se soltar é fodê-la com força e brutalidade. As palmas das mãos dela pressionam a cabeceira da cama enquanto eu continuo com o meu ritmo de punição. A maneira como ela se segura é a única razão pela qual sua cabeça não está batendo na cabeceira da cama por causa das minhas investidas profundas.

— Foda-se, baby... — grunhi, empurrando-a o mais fundo possível. Estou muito excitado com o fato de que não a preparei para me aceitar e ela está incrivelmente molhada e me abraça com força.

Eu me inclino para beijá-la e me deleito com a sensação de um orgasmo crescente. Pippa geme em minha boca, seus dedos encontram meu cabelo e o puxam. Eu a penetro mais algumas vezes antes de virá-la, o que faz com que ela dê um grito alto em resposta.

— Camden, — ela implora, arqueando as costas para me dar uma visão perfeita de sua bunda arredondada.

Eu sorrio, sabendo que ela está furiosa comigo por eu ter tirado logo quando ela estava prestes a gozar.

Inclino-me para frente, pressionando minha frente contra suas costas para poder sussurrar em seu ouvido. Enquanto meus lábios se alinham com o ponto delicado atrás de sua orelha, deixo a cabeça do meu pênis provocar a costura de sua bunda. — Você está batendo a cabeça, querida, — digo a ela, adorando o modo como ela geme quando a provoco. — Eu não podia deixar isso acontecer.

— Foda-me, Camden, — ela implora, deixando sua bochecha cair no travesseiro. É a posição mais bonita para ela, com as costas arqueadas, a bunda para cima e o rosto cravado no travesseiro. Minha mão percorre sua coluna vertebral, encontrando seu pescoço. Eu a pressiono ainda mais contra o travesseiro, forçando-a a se arquear ainda mais contra mim.

Soltamos um gemido sincronizado quando me coloco todo dentro dela novamente. No início, vou devagar, mas não demora muito para que eu esteja bombeando dentro dela com investidas rápidas.

— Venha em cima do meu pau, bolinho, — exijo, passando os dedos pelos seus cabelos. Ela não terá tempo de domá-lo antes de termos de sair, mas não dou a mínima. Ele já está desgrenhado desde a noite anterior, e eu quero a vantagem de emaranhar meus dedos entre os fios enquanto a enfio em uma velocidade que sei que nos fará gozar a qualquer momento.

— Estou tão perto... — Ela geme, movimentando os quadris para obter a fricção que deseja.

— Eu também, baby, — digo a ela, sentindo minhas bolas se contraírem de prazer.

Eu me coloco entre suas pernas, circulando seu clitóris para lhe dar o que ela precisa.

— Estou prestes a gozar e é melhor você estar bem aí comigo, — ordeno, sabendo que estou incrivelmente perto. Minhas palavras a fazem gemer e, no momento em que a sinto se contrair em torno de mim, sei que ela está chegando ao limite.

Nós nos unimos, trancados em puro êxtase um com o outro. Nós dois ficamos abraçados na cama por alguns minutos, saboreando a felicidade de recém-casados.

Finalmente chegamos à aula particular, com apenas dez minutos de atraso. Pippa já fez uma lista das coisas novas que aprendeu e as adicionou ao menu Wake and Bake. Durante todo o tempo em que passeamos por Paris, parando para tomar um café em mesinhas nas calçadas, ela fala sobre como Paris é melhor do que ela poderia imaginar. Tudo o que faço é sorrir, sabendo que tudo é melhor do que eu imaginava quando estou com ela. Essa foi a primeira vez que fui a Paris, mas é de longe a minha favorita com ela ao meu lado.

E naquela noite, enquanto observamos a Torre Eiffel se iluminar, eu beijo minha esposa longa e intensamente e faço amor com ela em nossa varanda. Ficamos na varanda até as primeiras horas da manhã, conversando sobre tudo e qualquer coisa.

Enquanto a observo falar sobre seus planos de começar a tentar ter um bebê nos próximos meses, fico emocionado ao pensar no fato de que a mulher ao meu lado é toda minha. Que, apesar de todas as outras pessoas no mundo, ela me escolheu para passar o resto de sua vida comigo.

Apaixonar-me por ela é tudo o que eu poderia ter desejado.

Casar com ela foi um sonho que se tornou realidade.

Vê-la se tornar a mãe de nossos futuros filhos, sem dúvida, fará com que eu me apaixone por ela mais uma vez.

E sob as luzes cintilantes da Torre Eiffel e do céu de Paris, faço uma promessa ao universo de que, até meu último suspiro, farei com que ela saiba

que é a pessoa mais incrível do mundo. E que ninguém jamais amará outra pessoa da maneira como eu a amo.



EPÍLOGO ESTENDIDO

MARE E CADE

UM

Mare



— Depressa, mamãe, — minha filha implora, puxando a saia do meu vestido com um leve puxão. Eu rio dela enquanto aperto os cantos do saco de pipoca entre meus dedos. Divido cuidadosamente o último saco de pipoca estourado entre as tigelas alinhadas no balcão da cozinha.

— Estou indo o mais rápido que posso, Lindy June, — digo a ela, olhando-a com um leve sorriso.

Ela estufou as bochechas rechonchudas, soltando um suspiro de frustração. Por ter apenas três anos de idade, ela tem o atrevimento de uma garota de treze anos. É uma piada que sua personalidade fogosa é idêntica à de sua tia Pippa.

— Você não pode ir mais rápido? Não quero perder o filme! — Lindy reclama, puxando minha saia mais uma vez.

— Precisa de uma mãozinha aqui? — Uma voz familiar diz de trás de mim. Sorrio, olhando por cima do ombro e vejo meu marido parado na porta dos fundos.

— Papai! — Lindy grita, seus pequenos dedos soltam meu vestido antes de atravessar a grande cozinha em direção ao seu pai.

Cade se agacha, pega Lindy em seus braços e a puxa contra seu peito largo. — Você esteve aqui ajudando sua mãe, Lindy Bug?

Pego uma pilha de guardanapos de papel em um dos armários, já sabendo que meus filhos terão manteiga e chocolate nos dedos antes de o filme realmente começar.

— Estou tentando ajudar, mas a mamãe está indo muito devagar, — declara Lindy. Ela pega o boné de beisebol de Cade da cabeça dele e o coloca na dela. Sua risada aquece meu coração quando o boné cai sobre seus olhos, pois é grande demais para sua cabeça pequena.

Cade suspira, brincando e tentando arrancá-lo de sua cabeça. Ela grita. — Papai, não! É meu.

— Fica mais bonito em você, — ele admite, passando a mão pelo cabelo do chapéu.

Lindy sorri largamente. Ele me lembra o sorriso da minha mãe. Lindy June - nomeada em homenagem a ambas as nossas mães - tem muito de todas as pessoas que amo nela. Ela tem os mesmos cabelos escuros do Cade, o sorriso familiar com covinhas da minha mãe e um monte de sardas no rosto, como eu.

Cade se inclina e dá beijos nas sardas de suas bochechas. Lindy dá uma risadinha, com as mãos gordinhas de criança empurrando o peito dele. Ele aproveita a oportunidade para tirar o chapéu da cabeça dela e colocá-lo de volta na dele.

Nesse momento, nosso filho mais velho, Wyatt, entra pela porta dos fundos. — Vamos perder o filme.

Lindy acena com a cabeça nos braços de Cade, concordando silenciosamente com seu irmão mais velho. Soltei um longo suspiro, empilhando cuidadosamente as tigelas em minhas mãos. — O bom das noites de cinema em nosso quintal é que controlamos quando o filme começa.

— Talvez, se você ajudar a mamãe a pegar alguns dos lanches, possamos voltar para fora mais rápido, — oferece Cade.

Wyatt acena com a cabeça, correndo em minha direção e pegando alguns dos alimentos do balcão. Ele tenta empilhar outra tigela em seus braços, mas eu me antecipo a ele. — Agora tenho sete anos, — diz ele. — Posso carregar essa também, mamãe.

— Eu pego, querido. — Olho para ele com carinho, ainda sem acreditar que ele fez sete anos na semana passada. Parece que foi na semana passada que eu estava jogando um teste de gravidez positivo para Cade no momento em que ele entrava pela porta depois das tarefas matinais. Foi necessário mais de um ano de tentativas para que duas linhas cor-de-rosa aparecessem no teste e, embora eu tivesse todas essas visões de como lhe contaria, eu estava muito animada para fazer qualquer coisa além de jogá-lo para ele.

Wyatt lidera a saída pela porta. Nosso filho do meio, Hayes, parece não se incomodar com o fato de ser deixado sozinho do lado de fora. Ele tem uma pilha de travesseiros para se apoiar. Ele tem apenas cinco anos, mas o garoto nunca está sem um livro. Ele é quieto como o pai, mas herdou de mim o amor pelos livros.

— Hayes! — Wyatt grita, equilibrando cuidadosamente as tigelas de salgadinhos em suas mãos enquanto corre em direção ao irmão. — Coloque o livro no chão, o filme está prestes a começar.

Hayes espia por cima de seu livro, mantendo-o aberto apesar do comentário do irmão mais velho. — Acabei de chegar à parte boa.

Wyatt se senta ao lado do irmão, deixando um lugar livre para Lindy ocupar entre eles. Ela desce dos braços de Cade e se acomoda entre os irmãos.

Eles a tomam como bebê, mas eu não gostaria que fosse de outra forma. Eles a amam loucamente e meu coração se aquece ao ver os três juntos.

Olho para o Wyatt, que se parece exatamente com o Cade. Ele tem cabelos escuros e olhos cor de cobre, assim como seu pai. O universo disse "copiar e colar" quando se tratava de Cade e Wyatt. Hayes, por outro lado, é mais parecido comigo. Ele é o único dos meus filhos que tem a mesma cor de cabelo que a minha. Quando ele nasceu, seu cabelo era tão claro que era quase branco. Com o passar dos anos, ficou um pouco mais escuro, mas agora que ele está um pouco mais velho, está da mesma cor que o meu.

Cade pega as tigelas restantes da minha mão, colocando-as sobre a colcha antes de me ajudar a sentar. No ano passado, Cade nos surpreendeu com uma enorme tela de cinema inflável. Ele também comprou um projetor portátil que nos permite ter uma tela de cinema onde quisermos. Agora, essa é uma espécie de nossa característica como família. Assim que o tempo fica bom, montamos essa tela no meio do nosso campo de calêndulas e assistimos a um filme.

— Venha cá, Goldie, — instrui Cade, passando o braço em volta de mim e me puxando contra seu peito.

Soltei um suspiro feliz ao me aconchegar em seu peito. Já se passaram mais de dez anos desde que voltei para Suttan e, todas as manhãs, quando acordo, me pergunto como consegui ficar longe da cidadezinha por tanto tempo. Como se pudesse ler minha mente, Cade se inclina para frente, alinhando seus lábios com minha orelha. — Onde está sua cabeça?

Eu me aconchego nele, confortada por sua presença. Olho para os nossos filhos, os outros amores da minha vida, e sinto uma enorme sensação de amor e orgulho pela vida que Cade e eu criamos. — O quanto eu amo nossa vida.

Cade olha para nossos filhos, com um leve sorriso se formando em seus lábios. — Sim. — Ele engole, puxando-me contra ele. — Eu realmente amo a vida que criamos, Goldie.

Como se fosse a deixa, Lindy olha para nós. Uma mecha escura cai em seu rosto. Ela tenta afastá-la, mas acaba espalhando chocolate derretido em seu rosto. Hayes ri, limpando a bochecha para ela.

— Será que vamos começar o filme? — Pergunta Lindy, enfiando um punhado de pipoca na boca. Ela não se incomoda nem um pouco com o fato de Hayes ficar passando a mão em sua bochecha para tentar ajudá-la.

— Estamos muito mandões hoje, Lindy June, — provoca Cade. Ele se afasta de mim apenas o tempo suficiente para pegar o laptop que está ao seu lado. Não demora muito para que o mais novo filme de animação apareça na tela.

Os créditos iniciais começam quando Lindy descansa a bochecha no ombro de Wyatt. Ele abaixa um pouco o corpo sobre os travesseiros, permitindo que ela fique ainda mais confortável.

Nossos filhos ficam em silêncio quando o filme começa. O sol já começou a se pôr, criando o mais belo brilho atrás da tela. O laranja do céu combina com o laranja dos malmequeres que nos cercam.

Todo ano, Cade planta mais e mais calêndulas, não importa quanto tempo ele leve para fazer isso. A maior parte do nosso quintal é preenchida com os tons mais vibrantes de laranja e amarelo a cada verão. Acordo todas as manhãs e tomo meu café no deck dos fundos que ele construiu para nós, completamente admirada com o esforço que ele faz para demonstrar seu amor por mim.

Fico olhando para a tela à nossa frente, mas não consigo dizer nada do que está acontecendo no filme. Estou muito perdido em minha mente, muito preso a esse sentimento avassalador de gratidão por esta ser a minha vida. Quando me mudei de Suttan, anos atrás, nunca imaginei que estaria de volta aqui, sentado no mesmo lugar em que Cade e eu planejávamos um futuro juntos quando éramos crianças.

Os dedos de Cade sobem por minha perna. Minha pele se arrepia quando seus dedos calejados passam sobre a pele nua sob meu vestido. Eu me

aconchego no cobertor grosso, puxando-o do meu colo e colocando-o sob meu queixo.

— Quanto tempo você acha que leva para a Lindy pegar no sono? — Sua voz é baixa e grave perto do meu ouvido.

Eu ri. — Dou a ela quinze minutos.

— Ela é igualzinha à minha mãe, — observa Cade. — Ela dorme durante todos os filmes. Não acho que ela fique acordada por mais de cinco minutos.

DOIS

Cade



— Ela continuou dormindo? — Mare me pergunta enquanto joga travesseiros da nossa cama para a otomana ao pé da cama.

— A criança estava totalmente fora de si. — Eu ri, arrumando os travesseiros de forma organizada sobre a otomana.

Mare puxa o rabo de cavalo no alto da cabeça. Seus cabelos loiros caem imediatamente pelos ombros. Ela decidiu cortar tudo ao acaso logo depois de ter Hayes e se arrependeu imediatamente. Levou anos, mas os fios voltaram ao comprimento que tinham quando ela retornou à Montanha Suttan.

— Ela dorme como uma pedra. — Há humor em sua voz quando ela puxa um dos braços da manga do vestido. — Assim como a Pippa.

Diminuo a distância entre Mare e eu, puxando-a contra meu corpo. — Lembro-me vividamente de como a Pippa dormia duro, o que foi usado a nosso favor naquela época.

Minhas mãos se erguem para segurar cada uma de suas bochechas. Eu me inclino para baixo, beijando as sardas ao longo da ponte de seu nariz. Ela

passou quase o dia todo ao ar livre com Pippa e as crianças. Suas bochechas estão bronzeadas pelo sol, com novas sardas surgindo ao longo da pele rosada.

— Parece que foi há séculos, — responde Mare.

Meus lábios se movem de suas sardas para sua mandíbula. — Isso é porque foi há muito tempo.

— Achei que você fosse me beijar naquela primeira noite. No meu aniversário de dezesseis anos. A noite em que Pippa não acordou, embora tivéssemos planos.

Alinho meus lábios com os dela, persuadindo-a a se separar com a ponta da minha língua. Não uso palavras. Em vez disso, fecho nossas bocas. Mare se abre para mim avidamente, sua língua encontra a minha. Ela tem o gosto da água com gás que estava bebendo durante o filme. A doçura de sua língua se mistura com a menta da minha.

Quando minhas mãos encontram seus quadris, ela geme. Seu corpo fica frouxo contra mim. Eu a seguro, aprofundando nosso beijo. Enfio o tecido de seu vestido em minhas mãos, puxando-o para baixo para expor seus seios nus para mim.

— Cade. — Ela geme quando meu polegar acaricia a parte de baixo de seu seio.

— Goldie, — respondo, minha voz baixa de excitação. Estou exausto, mas não há melhor maneira de terminar meu dia do que estar enterrado dentro do amor da minha vida - minha esposa.

— Eu estava indo tomar um banho.

Eu sorrio, puxando seu lábio inferior entre meus dentes. O gemido que sai de seus lábios vai direto para o meu pênis. — Perfeito. Vou me juntar a você.

Estou loucamente apaixonado pela mulher em meus braços há anos e anos, mas juro por Deus que me apaixono de novo quando o menor sorriso aparece em seus lábios perfeitos e cheios. Mare dá um passo para trás. Seu

vestido longo e esvoaçante se enrola nos quadris. Seus seios são cheios e pesados, seus mamilos perfeitos aparecem e imploram por atenção.

Tudo o que quero fazer é diminuir a distância entre nós mais uma vez e pegar seu mamilo com a boca. Eles estão implorando para serem mordiscados e chupados, merecendo toda a atenção do mundo da minha parte.

— Eu estava planejando tomar um banho longo e quente sozinha, Cade Jennings. — Sua voz é sensual e cheia de necessidade. Ela pode tentar fingir com suas palavras que não quer isso agora, mas a luxúria em sua voz - em seus olhos - diz o contrário. Se eu tirasse a peça de roupa dela, sei que meus dedos se deparariam com a umidade entre suas coxas.

Passo a palma da mão ao longo do comprimento do meu pênis enquanto ela desliza o vestido pelos quadris. Ela levanta um pé do tecido e depois o outro. Ela está completamente nua, exceto por sua calcinha fina de renda. O material cobre grande parte de sua pele, mas não deixa muito à imaginação por causa de sua maciez.

E, como eu esperava, minha esposa está molhada e pronta para mim. Sua boceta está implorando por minha atenção e, nos anos em que estamos juntos, nunca fui capaz de recusá-la.

Solto um grunhido quando a alcanço e ela balança a cabeça. — Uma ducha quente e longa só para mim. Lembra?

Ela recua em direção ao nosso banheiro principal, com um sorriso sensual e brincalhão ainda nos lábios. Rapidamente, me esforço para tirar minha camisa. — Oh, eu pretendo que o banho seja longo e agradável, Goldie. Tempo suficiente para que sua água quente fique fria. — Meus olhos percorrem seu corpo. Ela se vira, curvando-se lentamente antes de deslizar a calcinha pelas pernas.

Eu gemo. — Mas você não estará sozinha. Tenho muitos planos para você.

Seus cabelos loiros caem sobre suas costas nuas. Ela caminha em direção ao chuveiro, olhando por cima do ombro com um sorriso provocante. — Planos? — Ela liga a água. — Eu gosto de planos.

Não olhamos para nenhum outro lugar, a não ser um para o outro, enquanto eu rapidamente desabotoo o cinto em meus quadris. Com destreza, abro o botão da calça e empurro a peça e a cueca boxer pelos quadris. Isso já parece uma perda de tempo. Pelo modo como meu pênis está atento, ansiando pelo menor toque de Mare, sei que ele concorda.

Meus passos são pesados quando vou em direção a ela. Ela grita quando eu a puxo para mim, conquistando sua boca com a minha. Meu pênis pressiona contra seu estômago enquanto nossas línguas se tocam. O beijo é quente, o ar ao nosso redor também queima com o vapor que sai da porta do chuveiro.

Tiro minhas mãos de seu corpo por tempo suficiente para abrir a porta do chuveiro. O vapor se espalha ao nosso redor enquanto eu a puxo comigo para a água quente em cascata. Paro nossos corpos diretamente embaixo de um dos chuveiros. Tenho que afastar os fios de cabelo molhados de seus lábios antes de pressionar os meus contra os dela mais uma vez.

— Cade. — Ela geme, com as costas arqueadas enquanto minha mão percorre sua coluna vertebral. Traço a curva de sua bunda, apreciando a forma como seu corpo reage ao meu toque. A água que se derrama sobre nós é quente, quente o suficiente para deixar nossa pele vermelha, mas arrepios surgem por toda a pele dela.

Mordo sua orelha. — Diga-me novamente que você quer ficar sozinha aqui, Goldie.

Sua única resposta é um gemido longo e prolongado. O som é música para meus ouvidos. Meu pênis se contorce de expectativa com o som. Eu a recompensando passando as pontas dos meus dedos em seu clitóris sensível. Ela me recompensa com outro gemido alto e sem remorso.

— Estou esperando, — eu digo.

Sua cabeça cai para trás quando pego seu mamilo entre meus dentes. Mordo e chupo seus seios fartos enquanto seus dedos se enroscam em meu cabelo. Ele está mais comprido do que costumava ser, algo que ela pediu. Os fios de cabelo mais longos permitem que ela segure bem minha cabeça. Ela me

mantém alinhado com seus seios, arqueando as costas para enfiar seus seios pesados em minha boca.

Eu mordo, mas não alivio a dor lambendo a pele sensível. Quando me afasto, faço uma careta para ela. — Goldie... — Eu a aviso.

— Sim?

— Ainda quer tomar banho sozinha?

Eu me levanto até a minha altura máxima, encurralando-a e fazendo-a recuar até que suas costas batam no azulejo frio das paredes do chuveiro. Seus olhos se aquecem enquanto eu circundo seu clitóris com a cabeça do meu pênis. — Não, — ela sussurra. Eu mal ouço sob o som da água ao nosso redor.

Repito o movimento. Minhas bolas estão doendo. Tudo o que eu teria de fazer é empurrar e estaria transando com ela, dando ao meu pênis o alívio pelo qual ele está implorando. Luto contra a sensação, querendo prolongar isso. Puni-la um pouco por ter dito que preferia tomar banho sozinha. — O que foi isso? — Eu provoco, deslizando em uma fração de centímetro. — Eu não consegui ouvir você.

Ela geme novamente, mas não me responde. Eu deslizo para fora, certificando-me de colocar distância entre a ponta do meu pênis e sua boceta molhada.

Seus olhos se abrem, as pupilas dilatadas pela luxúria. — Não, querido. — Ela fala baixo. — Tomar banho com você... fazer isso... é sempre melhor.

TRÊS

Mare



Sinto que poderia entrar em combustão com uma necessidade pura e desesperada.

Um simples roçar do pênis de Cade entre minhas coxas e estou dolorida para que ele empurre todo o caminho dentro de mim. A propósito, os olhos escuros de Cade me observam, sei que ele deve estar sentindo o mesmo.

— Foda-me, — eu imploro. Eu o quero tanto que não hesito em implorar por isso. Eu coloquei as crianças na cama mais cedo, completamente exausta do dia, só querendo tomar banho e ir para a cama com um livro. Estou entre o lançamento de livros agora, permitindo mais tempo livre para ler por diversão, em vez de passar as noites debruçado sobre meu laptop.

— Eu pretendo foder você, — Cade responde, sua voz tensa de necessidade. — Mas há tantas coisas que quero fazer com você primeiro. — Ele passa o dedo indicador pela minha umidade, me fazendo gemer. O pequeno toque me deixa ansioso por mais. — Há tantas coisas que quero que você faça comigo. — Ele coloca o dedo na boca, sugando sua pele para libertar-se da minha excitação.

— Oh meu Deus... — Minha cabeça cai para trás, batendo no ladrilho frio e duro atrás de mim.

— Cade, — ele termina antes de se agachar. No momento em que seus joelhos tocam o chão do chuveiro, ele separa minhas coxas. Ele os força a abrir tanto que eu deslizo pela parede até que o banco embutido do chuveiro me proteja da queda. Se ele está arrependido por forçar tanto minhas coxas que quase caí, ele não age assim.

— Sua boceta está implorando para que eu dê atenção a ela, Goldie. — Seus polegares deslizam pelos dois lados do meu clitóris. Ele repete o movimento mais uma vez antes de me abrir totalmente. Gemo de prazer, amando a forma como seus olhos escurecem de luxúria ao ver o quanto de mim está exposto para ele.

— Agora deixe-me mostrar por que tomar banho comigo é uma opção muito melhor, querida.

Cade não me dá tempo para responder. Ele mergulha, sua língua deslizando pela minha umidade com movimentos longos e deliberados. É como se ele estivesse beijando minha boceta. Sua língua tem um ritmo, acariciando e deslizando contra os pontos que ele sabe que me deixam louca. Meus olhos se abrem, encontrando-o olhando para mim entre minhas coxas, apesar da água espirrando em seu rosto.

Minhas mãos deslizam pela pedra fria ao meu lado enquanto tento encontrar algo para me agarrar. Uma mão encontra a borda que contém todos os nossos suprimentos de chuveiro. Eu o agarro, segurando o mais forte que posso enquanto dois de seus dedos grossos empurram dentro de mim. Ele entrelaça os dedos no mesmo momento em que puxa meu clitóris entre os dentes.

Meu corpo estremece. Uma mão segura seu cabelo enquanto a outra acidentalmente derruba um frasco de sabonete. Cade se afasta de mim, seus dedos ainda entrando e saindo de mim, mesmo com a perda de sua boca. — Cuidado, — ele avisa, empurrando os dedos ainda mais fundo. — Derrube mais coisas e você poderá acordar nossos filhos. — Outro empurrão para dentro e

para fora. “E eu não estou nem perto de terminar com você para ser interrompido.

Tudo o que posso fazer é balançar a cabeça para cima e para baixo. Eu poderia gozar a qualquer momento, cada centímetro do meu corpo hipersensível a qualquer toque dele. — Vou ficar quieta, — consigo dizer.

Ele ri, sua respiração batendo entre minhas coxas. — Não, você não vai.

Provo ainda mais seu ponto de vista no momento em que sua língua circunda meu clitóris. Meu gemido é alto, ecoando nas paredes de pedra. Não demora muito até que meus quadris estejam contra seu rosto, um orgasmo ricocheteando pelo meu corpo.

Cade extrai até a última gota de prazer do orgasmo. Sua boca e seus dedos não param até que meu corpo relaxe. Ele olha por entre minhas coxas, um leve sorriso nos lábios. — Que tal irmos para outro?

Eu balanço minha cabeça. A água atinge o lado do meu rosto quando me inclino para frente e faço sinal para ele se levantar. Ele segue minha direção e se levanta. Seus grandes antebraços encontram cada lado do meu rosto enquanto ele pressiona as palmas das mãos contra a parede do chuveiro. — Você está me dizendo que não quer gozar no meu pau?

Eu alcanço entre nós, envolvendo minhas mãos em torno da base de seu comprimento. Ele sibila entre os dentes enquanto suga o ar. Meu polegar traça a veia grossa que sobe por seu eixo. Eu observo fascinada, maravilhada com a maneira como os músculos fortes de sua mandíbula se movem ao longo de sua mandíbula.

— Não tenho dúvidas de que farei isso mais tarde, — digo a ele. Deslizo da borda, caindo de joelhos. — Mas primeiro, quero deixar você pronto...

Sua cabeça cai para trás, exibindo seu pomo de adão proeminente, enquanto coloco a ponta de seu pênis entre meus lábios. Um gemido suave vem do fundo de sua garganta enquanto eu o encaixo cada vez mais fundo em minha boca. A água bate nas minhas costas, mas agradeço a forte pressão. Isso alivia a tensão nas minhas costas, um alívio bem-vindo enquanto me concentro em não engasgar com seu pau tão fundo na minha garganta.

— Estou sempre pronto para você, Goldie, — diz Cade, me lembrando do que estávamos conversando. — Isso não é necessário... — suas palavras fazem uma pausa enquanto eu alcanço suas bolas em minha mão, querendo dar-lhe ainda mais prazer, — mas porra, isso é tão bom.

Cade me permite me divertir um pouco. Não sei quanto tempo passa enquanto minha boca sobe e desce ao longo de seu comprimento. Eventualmente, ele puxa os fios molhados do meu cabelo. Antes que eu possa protestar, ele me agarra por baixo dos braços e me levanta.

Abro a boca para dizer a ele que não terminei de me divertir, mas seus lábios se chocam contra os meus, roubando qualquer argumento direto da minha boca. O beijo é apressado, cheio de tesão e promessas de tudo que ainda está por vir.

Ele se afasta. Sua língua aparece para lambe a água de seus lábios. Suas mãos encontram meus quadris enquanto ele me levanta do chão. Envolver minhas pernas em volta dele, permitindo que ele me pressione contra a parede. A cabeça de seu pau roça a costura da minha bunda. Tento esconder o gemido que sai dos meus lábios com a sensação, mas o sorriso arrogante em seus lábios me permite saber que ele ouviu.

Seu peito me prende contra a parede, uma de suas mãos espalhada na minha bunda para ajudar a me segurar. Ele usa a mão livre para guiar minhas mãos até seus ombros. Agarro os músculos fortes, tentando ajudar a segurar meu peso.

— Segure-se firme em mim, Goldie. — Gemo novamente quando Cade me balança para cima e para baixo novamente. — Estou muito excitado para ser gentil.

Ele cumpre sua promessa. Quando ele se enfia completamente dentro de mim, ele não faz isso devagar. Ele mergulha o mais fundo que pode instantaneamente. Minhas pernas apertam ao redor dele de prazer. Mesmo depois de todos esses anos, ainda sinto meu corpo tentando se ajustar ao tamanho dele. Ele testa meus limites, tentando se sentar totalmente dentro da minha boceta. Não funciona, mas é tão bom senti-lo tentar.

Seus quadris punem a parte interna das minhas coxas enquanto nossa pele se bate com cada impulso de seu corpo. A água batendo em nós torna difícil segurar seu corpo molhado e quente, mas eu tento o meu melhor. As pontas dos dedos dele cravam na minha pele enquanto ele me segura, mas adoro a pulsação surda que o aperto intenso causa.

A pressão diminui, a pulsação entre minhas pernas fica ainda mais intensa. A testa de Cade cai em meu ombro enquanto ele mantém o ritmo punitivo. Ele beija minha clavícula, seus dentes arranhando minha pele pelo mesmo caminho. — Foda-se Goldie, adoro ver você tomar meu pau avidamente.

— Cade, — eu gemo, minhas coxas apertando sua cintura. — Eu vou...

— Eu também baby. — De alguma forma, suas coxas bateram contra mim ainda mais forte. O som dos nossos corpos molhados batendo um no outro preenche o espaço ao nosso redor.

Fui enviado ao limite. Cade me beija para abafar meus gemidos. Eu sei o momento exato em que ele ultrapassou seu próprio limite. Eu roubo o gemido de sua boca, minhas costas arqueiam enquanto prolongo o orgasmo o máximo possível.

Nossos peitos se agitam em sincronia. Cade se afasta um pouco de mim, apenas o suficiente para deixar meus pés caírem no chão. Ele me segura para ajudar a me manter de pé. Minhas pernas tremem da posição em que estávamos — ou talvez seja o resultado da intensidade do orgasmo.

De qualquer forma, estou feliz que ele me segure com força para me ajudar a ficar de pé. Seus ombros largos ajudam a bloquear a água do chuveiro. O calor do seu corpo é a única coisa que me mantém aquecida no momento.

Eu sorrio, sabendo que devo parecer uma bagunça. O cabelo molhado gruda no meu rosto, e eu sei que minhas bochechas devem estar coradas depois do sexo que acabamos de fazer. — Você é linda, — Cade diz, como se pudesse ler minha mente.

— E você esqueceu de sair, — eu o lembro.

Ele dá de ombros. — Nós dois sabemos o quanto eu amo você grávida. —
Sua mão percorre a lateral do meu corpo.

— Eu adoraria ter outro. Eu criaria um time de futebol inteiro com você.
Quanto mais mãos puderem ajudar nas trilhas melhor.

Eu ri. — Veremos sobre isso.

Cade se inclina e me beija. Desta vez nosso beijo é lento e gentil. Lento o
suficiente para que Cade cumprisse sua promessa, a água esfriou.